

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RANDAS GABRIEL AGUIAR FREITAS

**“TEM XIRIRICA NA BIXANXA”: MOVIMENTAÇÕES DE LÉSBICAS, GAYS,
BISSEXUAIS E TRAVESTIS NO ESPÍRITO SANTO ENTRE 1960 E 1989**

VITÓRIA

2022

RANDAS GABRIEL AGUIAR FREITAS

“TEM XIRIRICA NA BIXANXA”: MOVIMENTAÇÕES DE LÉSBICAS, GAYS,
BISSEXUAIS E TRAVESTIS NO ESPÍRITO SANTO ENTRE 1960 E 1989

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito à obtenção do título de Mestre em História (área de concentração em História Social das Relações Políticas).

Linha de Pesquisa: Estado e Políticas Públicas

Orientação: Luiz Cláudio Moisés Ribeiro

Coorientação: Carlos Eugênio Soares de Lemos

Financiamento: FAPES

VITÓRIA

2022

RANDAS GABRIEL AGUIAR FREITAS

**“TEM XIRIRICA NA BIXANXA”: MOVIMENTAÇÕES DE LÉSBICAS, GAYS,
BISSEXUAIS E TRAVESTIS NO ESPÍRITO SANTO ENTRE 1960 E 1989**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito à obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Aprovada em: 12 de agosto de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Moisés Ribeiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Eugênio Soares de Lemos
Universidade Federal Fluminense

Membro interno: Prof.^a Dr.^a Livia de Azevedo Silveira Rangel
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro externo: Prof. Dr. Jésio Zamboni
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro externo: Prof. Dr. Rafael França Gonçalves dos Santos
Secretaria Municipal de Educação Campos dos Goytacazes

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F862d Freitas, Randas Gabriel Aguiar, 1994-
”Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989 / Randas Gabriel Aguiar Freitas. - 2022. 264 f. : il.

Orientador: Luiz Cláudio Moisés Ribeiro.

Coorientador: Carlos Eugênio Soares de Lemos.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. História do Espírito Santo. 2. Movimento LGBTQIA+. 3. Ditadura Militar. 4. Triângulo Rosa pela Dignidade Humana. 5. Aids. I. Ribeiro, Luiz Cláudio Moisés. II. Lemos, Carlos Eugênio Soares de. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 93/99

As políticas para LGBT vêm enfraquecendo agora. Com certeza elas estão enfraquecidas. Como que eu vou lá brigar se não tem Conselho Nacional mais? Eles estão querendo mais. Hoje é muito mais luta do que antes. Como eu te falei no início, quando eu tinha meus 18 ou 19 anos — na minha juventude, na minha puberdade, aquela coisa — nós pensávamos que em 20 a 30 anos depois seria diferente. Mas não, apesar de alguns ganhos, nós sofremos retrocessos. Ainda mais agora com esse governo louco.

Tina Moreira

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Cláudio Moisés Ribeiro por ter acolhido a mim e a essa pesquisa. Foi um prazer enorme produzir um trabalho voltado para a História do Espírito Santo e do Brasil ao lado de um especialista no assunto. Obrigado pela leitura atenta, pelas críticas, dicas e orientações. Além disso, agradeço a empatia demonstrada — na forma da diligente atenção às minhas dificuldades — nos últimos e turbulentos meses de pesquisa.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Carlos Eugênio Soares de Lemos, agradeço os apontamentos, as críticas e, especialmente, a empolgação com minha pesquisa e com o texto que compõe esta dissertação. Obrigado por ter me auxiliado nessa trajetória e por toda simpatia exalada.

Irlan Cotrim, querido, te agradeço por todas as vezes em que me ajudou: projeto de mestrado para inscrição no processo seletivo, projeto de mestrado para Seminário de Pesquisa, e qualificação. Mesmo agora, nos agradecimentos, estou com o seu texto aberto para me inspirar. Brinco contigo que minha dissertação é uma espécie de plágio da sua, visto que passei a pesquisa toda copiando a estrutura do seu maravilhoso trabalho. Me inspiro em você porque vejo o futuro da historiografia em você! Você é um *baita* pesquisador: voe, voe, voe bem alto!

Agradeço ao meu grupo de *Whatsapp*, Fofoqueiras 2020/1, composto por Irlan Cotrim, Joana Carniel e Pablo Gatt, criado com a intenção de mexericar durante as aulas *online*, mas que no final foi o desafogo desses 2 anos de pandemia. Foram muitos risos, dramas e, principalmente, fofocas que não podem vir a público.

Agradeço às minhas amigas Júlia Benfica e Luana Vieira por todo suporte emocional nesses dois anos de mestrado. A pandemia e a vida pós-universidade — vulgo trabalho e outros projetos — nos afastou, mas nada que nosso grupo Livro do Arraso: Reunited não resolva. Amigas, obrigado por escutarem meus desabafos e por estarem comigo desde o início da construção dessa pesquisa. Foram muitas reuniões sentados na grama em frente à Biblioteca Central, muitos aniversários, muitas mesas de bar, muitos choros e lágrimas (da parte de vocês, porque sabem que eu não choro). Preciso de um psicólogo urgente!

Agradeço à minha companheira de pandemia, Andreza Offredi. Foi um ano e meio fugindo para sua casa até que começamos a morar juntos e estamos aqui: quase um ano

aturando Bill (cachorro dela) e Maricón (minha gata) fazendo dessa casa o que bem querem. Maratonamos todas as temporadas de *RuPaul Drag Race* e *RuPaul Drag Race: All Stars*, fizemos muitas Quintas MasterChef. Brigamos, discutimos, bebemos, vomitamos, amamos, fomos amados, brigamos de novo, mas estamos aqui, firmes e fortes, nessa amizade de mais de 15 anos. Muitas Whitney Houston e Jão rolaram!

Agradeço ao meu amigo William Offredi por estar comigo nessa trajetória, em uma amizade que já passa dos 15 anos. Agradeço à Lívia da Hora por namorar a Andreza e me aturar como cunhadinho. Quero meu chocolate!

Aos meus amigos de voleibol, um esporte que descobri tardiamente, mas que hoje é minha paixão. Dos Amigos do Vôlei, agradeço ao Paulo, Leo, Kilder, Richard, Luanny, Daniel, Sarah, Gabriel e Hudson. Da Família do Vôlei, agradeço à Andressa, Higor, Baiana (Alan), Augusto, Liffá, Thalles, Taninha, Hadson, Tatá, Carlinhos, Jenifer, Matheus, William, Thiago, Geovana, Davi, Pedro e Luizinho. Do Volei BR: Nova Era, agradeço ao William, Thiarly, André, Cássio, Vinicius, Hebert, Marcus, Paulo (meu psolista favorito), Huiner, Daniel, Maynara e Vinnicius. Peço desculpas por não citar todos, mas são tantos grupos e tantas pessoas que me aturam por todos esses anos que a produção de uma lista completa configura uma tarefa impossível. De qualquer forma: agradeço a todos aqueles e aquelas cujos nomes não foram citados, mas que tanto me ajudaram.

Agradeço à minha família pelo suporte e apoio ao longo de toda minha vida. À minha mãe e pai Herondina de Freitas e José de Freitas, à minha mãe e pai Penha Aguiar e Sérgio de Freitas. Agradeço aos meus irmãos Clarice Freitas, Thaisa Freitas e Cláudio Freitas; aos meus irmãos Marcela Aguiar e Augusto Aguiar. Agradeço aos meus sobrinhos Thallyson, Sarah, Liza, Kayo, Samira, Heitor, Isadora (*em memória*); e aos meus sobrinhos Bernardo e Heitor.

Agradeço à equipe do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo pelo suporte durante toda essa pesquisa: Tiago de Matos Alves, Ivana de Araújo, Lucas Rodrigues Barreto, Sergio Oliveira Dias, Kimberlly Victoria de Mattos Reis.

Agradeço aos amigos que fizeram parte dessa caminhada: Gabriela Loureiro, João Pedro Rodrigues e Ariel Chexes. Obrigado por tirarem minhas dúvidas e me auxiliarem na construção desse trabalho.

RESUMO

TÍTULO: “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989.

RESUMO: No presente trabalho analisamos as movimentações de gays, lésbicas, bissexuais e travestis no Estado do Espírito Santo entre os anos de 1960 e 1989. Por meio de reportagens da imprensa oficial, alternativa e homossexual, entrevistas com Tina Moreira, Edson Ferreira e Claudino de Jesus, e documentos produzidos pelos órgãos de censura, controle e repressão do Estado brasileiro durante a Ditadura Militar (1964-1985) e o período da Redemocratização, investigamos como homossexuais e travestis se apropriaram do território da Grande Vitória e de cidades do interior, como Colatina, produzindo uma “cidade possível” de ser vivida. Ademais, indagamos quais *representações* e *descontinuidades* discursivas foram produzidas por e sobre esses sujeitos e como estas atuavam no *processo de subjetivação*, na conformidade e na tentativa de construir uma “unidade de grupo”. Além disso, examinamos a conjuntura de emergência do primeiro grupo capixaba em defesa da dignidade de gays, lésbicas, bissexuais e travestis, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana (TRpDH), criado logo após o início da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo, em 1987. Nos questionamos: Quais fatores atuaram na emergência do TRpDH? A entidade surgiu como uma resposta à epidemia de HIV/Aids? Por que no início da década de 1980 não se formou um grupo no Espírito Santo, visto que grupos de ativismo nos estados circunvizinhos já se faziam presentes? Acreditamos que o caminho para pensarmos essas questões passa por compreender o cenário local e as singularidades de homossexuais e travestis no contexto capixaba. Analisamos, portanto, o *corpus* documental — bem como revisamos a literatura sobre o tema em questão — com o auxílio do arcabouço teórico da História Cultural. Nos amparamos, nesta pesquisa, nos conceitos de *representação*, *dispositivo de sexualidade* e *sujeito*, *sistema de sexo-gênero*, *performance*, *política sexual*, *desejo de nação*, e *dispositivo da AIDS*, respectivamente cunhados por Roger Chartier, Michel Foucault, Gayle Rubin, Judith Butler, Renan Quinalha, Richard Miskolci, e Nestor Perlongher. O método utilizado para análise das fontes é a *análise do discurso* foucaultiana, que privilegia investigar tanto o discurso no momento de sua fala, quanto suas descontinuidades, sem prender-se à “origem do discurso”.

Palavras-chave: História do Espírito Santo; Movimento LGBTQIA+; Ditadura Militar; Triângulo Rosa pela Dignidade Humana; HIV/Aids.

ABSTRACT

TITLE: “Tem xiririca na bixanxa”: movements of gays, lesbians, bisexuals and transvestites in Espírito Santo between 1960 and 1989

ABSTRACT: This research analyses the movements of gays, lesbians, bisexuals, and transvestites in the state of Espírito Santo between the 1960s to the year of 1989. The empirical data consist of articles from the official press, an alternative left press, and a type of homosexual media. In addition, the interviews of Tina Moreira, Edson Ferreira and Claudino de Jesus will also be discussed. Then, the documents produced by the competent bodies for the censorship, controllability and repression of the Brazilian State during the military dictatorship (1964-1985) to the Redemocratization are part of the main sources found. Through those documents, we present a study of how homosexuals and transvestites appropriated the urban area, such as the Grande Vitória, and the countryside cities, as Colatina, producing a “possible place” to live in. Moreover, the research inquires which were the representations and discursive discontinuities made by and about the groups analyzed. Besides that, we seek to investigate how homosexuals and transvestites act in the process of subjectivation, conformity, and the effort to build a “group unit” in this period. Furthermore, we inspect the context where the *Triângulo Rosa pela Dignidade Humana* (TRpDH) has arisen as the first local group defending the dignity of gays, lesbians, bisexuals, and transvestites. The TRpDH was created right after the beginning of the National Campaign against Aids in the state of Espírito Santo, in 1987. Have we questioned: Which were the factors that act in the arise of the TRpDH? Did the agency emerge as an answer to the SIDA/Aids epidemic? Why, at the beginning of the 1980s, the state of Espírito Santo still did not have a group like the TRpDH, considering that there were already activist groups in the adjacent states? We believe that the possible way to reflect upon these questions is to perceive the local context and singularities of homosexuals and transvestites in the capixaba context. To show that, we investigate the corpus documental - as well as review the literature about the theme - through the lens of the theoretical Cultural History texts. We sustain the research by taking part in the concepts of representation, sexuality dispositive and subject, sex-gender system, performance, sexual politics, the desire of a nation, and Aids dispositive, respectively elaborated by Roger Chartier, Michel Foucault, Gayle Rubin, Judith Butler, Renan Quinalha, Richard Miskolci, and Nestor Perlongher. The methodological framework of the sources is placed in Foucault’s discourse analyses, which prime the investigation of

both the discourses in the moments they are made, as the discontinuities, without holding on to the “origin of the discourse”.

Key-words: Espírito Santo history; LGBTQIA+ movement; military dictatorship; Triângulo Rosa pela Dignidade Humana; SIDA/Aids.

SIGLAS

AA – Amylton de Almeida

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

APEES – Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

ARJ - Agência Regional do Rio de Janeiro

ASP - Agência Regional de São Paulo

CIM - Centro de Integração da Mulher

DCDP - Divisão de Censura de Diversões Públicas

DCT - Diretoria dos Correios e Telégrafos

DEC/ES - Departamento Estadual de Cultura do Espírito Santo

DOPS/ES - Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

EBHO - Encontro Brasileiro de Homossexuais

EGHO - Encontro de Grupos Homossexuais Organizados

FCES - Fundação Cultural do Espírito Santo

GALF – Grupo de Ação Lésbica-Feminina

GAPA - Grupo de Apoio e Prevenção à Aids

GGB – Grupo Gay da Bahia

GOLD - Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

IAPI - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários

INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PT - Partido dos Trabalhadores

SCDP - Serviço de Censura de Diversões Públicas

SESA/ES – Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo

SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional

SOMOS – Somos - Grupo de Afirmação Homossexual

TRpDH – Triângulo Rosa pela Dignidade Humana

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

IMAGENS

Figura 1: Travestis e transformistas em curso realizado no Espírito Santo. Segundo Lucas Bragança são “algumas delas: Suzy, Badu, Adriana, Walesca, Joana, Andreia Zé 50, Valéria, Paula Pam, [...] Sissi, Vanessa e Viviane”.

Figura 2: Milson Henriques na peça *Vitória, de Setembro à setembrino*, estreada em 1969.

Figura 3: Charge de Milson Henriques publicado na revista alternativa *A Ilha* em 1973.

Figura 4: Logotipo do grupo Triângulo Rosa pela Dignidade Humana publicada na capa do jornal *A Gazeta* na edição de 12 de março 1987.

TABELA

Tabela 1: Filmes brasileiros exibidos nas salas dos cinemas do Espírito Santo entre 1970 e 1985 que exploram o homoerotismo e/ou com personagens homossexuais e travestis.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| 1. SUJEITOS, CIRCUITOS E TROCAS..... | 37 |
| 1.1 “o sujeito que resiste a tais normas é habilitado, quando não produzido, pelas mesmas normas” - Judith Butler..... | 38 |
| 1.2 “a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’” – Michel Foucault | 42 |
| 1.3 “movimento homossexual, que pressupunha a igualdade de todos os seus membros, esbarra em outros ideais menos explícitos” – Edward MacRae | 47 |
| 1.4 “Este ano no carnaval capixaba as nossas bonecas tiveram que desfilar pelo meio das ruas e com muita coragem” - Babette | 52 |
| 1.5 “estes espaços funcionaram, para algumas travestis, como o espaço público mais democrático da cidade” – Elias Veras..... | 58 |
| 1.6 “Pra gente entrar ali era assim, tinha que entrar escondido, ninguém podia te ver” – Tina Moreira | 63 |
| 1.7 “E pensar que Vitória com tantas bonecas, ainda não existe uma cronista para falar sobre as fofocas das capixabas” - Babette..... | 68 |
| 1.8 “a cidade não evoluiu bastante nas últimas décadas para ser palco de um concurso de gays” – A Gazeta..... | 73 |
| 1.9 “A partir da próxima semana estará à venda nas bancas de Vitória o jornal ‘Lampião’” - Posição..... | 76 |
| 2. AFIRMAÇÃO, POLÍTICA SEXUAL E DEBATES..... | 85 |
| 2.1 “não fez de seus livros panfletos de afirmação de identidade homossexual, até porque a época não permitia” – Francisco Ribeiro..... | 86 |
| 2.2 “aquilo não fazia parte do espetáculo: o cadeirante levanta e sai correndo o palco inteiro ‘bem bicha’” – Claudino de Jesus | 96 |
| 2.3 “discurso pejorativo e gestualidade estereotipada” – Antônio Moreno | 104 |
| 2.4 “grandes humoristas” – Milson Henriques | 109 |
| 2.5 “O problema é que o autor era eu” – Milson Henriques | 115 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 2.6 | “Ia preso por pederastia” – Edson Ferreira | 121 |
| 2.7 | “de frente ou de ré, vote em Atharé!” – Atharé de Castro | 125 |
| 2.8 | “Essa história de homossexual, travesti, é papo furado. Nós somos todos sexuais” – Maria Padilha | 130 |
| 2.9 | “A opressão que ousa dizer seu nome” – Amylton de Almeida..... | 131 |
| 3. | A AIDS E O TRIÂNGULO ROSA PELA DIGNIDADE HUMANA..... | 140 |
| 3.1 | “A Aids antes da Aids” — Hebert Daniel e Richard Parker | 142 |
| 3.2 | “Os novos judeus e a Aids” – Amylton de Almeida | 147 |
| 3.3 | “Homossexuais denunciam o aumento do preconceito” – Sylvio Costa..... | 152 |
| 3.4 | “‘Triângulo Rosa’: defenderá direitos” – A Gazeta | 157 |
| 3.5 | “Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis” – A Gazeta. | 165 |
| 3.6 | “Medo e violência. É a Aids” – Linda Kogure..... | 167 |
| 3.7 | “Travestis lutam contra time de futebol de areia” – A Gazeta | 175 |
| 3.8 | “Em 1987, funda o Triângulo Rosa, entidade voltada para a defesa da dignidade dos homossexuais” – Jeanne Bilich..... | 177 |
| 3.9 | “o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana não surgiu como uma resposta a epidemia de HIV/Aids em si, mas como uma resposta à Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo” – Randas Freitas | 185 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 190 |
| | REFERÊNCIAS | 195 |
| | FONTES | 195 |
| | BIBLIOGRAFIA | 201 |
| | ANEXO I – EDSON FERREIRA | 207 |
| | ANEXO II – ANTÔNIO CLAUDINO DE JESUS..... | 222 |
| | ANEXO III – CRISTINA MOREIRA | 232 |
| | ANEXO IV – FREDERICO MOROTHIN | 248 |

INTRODUÇÃO

No decorrer de minha infância e adolescência recebi muitos apelidos com conotação pejorativa. O primeiro deles foi “Cristininha”, em referência à Cristina, uma pessoa dona de um bar localizado na esquina da rua de minha casa. O corpo e a estética de Cristina reúnem os signos que teoricamente compõem determinada noção de *homem*. Magra, calva, voz suave, usa roupas *masculinas*, mas todos a chamam de Cristina: como ela gosta de ser chamada. Desde que me entendo por gente, Cristina tem esse bar e é conhecida por todos os moradores antigos de Jacaraípe. Lembro que no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, ainda em minha infância, Cristina organizava uma grande festa do Dia das Crianças, com pula-pulas infláveis, balas e doces que eram jogados do segundo andar de sua casa/bar, fliperama liberado, trio elétrico e *drag queens*. Lá eu dancei muito “Segure o Tchan”, “Dança da mãozinha” e “Onda Onda (Olha a onda)”. Assim como os outros que a conhecem, nunca tratei Cristina no gênero gramatical masculino.

Certa vez, em 2020 (antes da pandemia), um vizinho nosso nos perguntou onde poderia comprar cerveja. De cara, o meu pai respondeu que na esquina da rua de trás ele encontraria o bar de Cristina. Meu vizinho comprou a cerveja e, quando voltou, afirmou que quem o atendeu foi um *homem*. Meu pai falou que era a Cristina. Ao escutar o nome *Cristina* sem ter recebido nenhuma outra informação ou descrição, meu vizinho construiu a imagem de uma mulher cisgênero. Dessa forma, quando se encontrou com Cristina sem saber que ela, que carregava uma estética *masculina*, recebia um nome *feminino*, meu vizinho não assimilou que aquele *homem* teria um nome “de mulher”. Contudo, sem aparente “contradição”, no final de semana seguinte, quando esse vizinho veio participar de um churrasco em minha casa, ele falou: “vou buscar uma cerveja lá *na* Cristina”. Lida como um *homem*, Cristina reivindica ser chamada por um nome “de mulher” — e assim o é, sem nenhuma contradição. Não conheço ninguém que more na grande Jacaraípe que chama a Cristina de “ele” ou a trata no masculino.

Por ser uma *criança viada* recebi o apelido de “Cristina” ou “Cristininha”, e por muito tempo ser “a Cristina” foi um fantasma na minha juventude, pois não compreendia que a sociedade já havia determinado que meus comportamentos e os meios por meio dos quais eu me expressava eram trejeitos disformes em relação ao gênero que me foi atribuído e, conseqüentemente — apesar de ainda nos recusarmos a falar da sexualidade de crianças

e adolescentes —, aqueles maneirismos projetavam uma possível sexualidade “desviante”: a homossexualidade.

Nesse sentido, o tema, a teoria e a metodologia desta dissertação se inscrevem em um mundo onde o corpo foi significado numa linha binária entre masculino-homem e feminino-mulher. Quaisquer fugas, desvios, dissidências nos comportamentos, trejeitos, práticas sexuais e *performances* que escapem à *cisheteronormatividade*¹ são consideradas abjetas. Para Judith Butler, ao ser “qualificado” pela marca do gênero, o corpo é humanizado, sendo os corpos que não se encaixam nas regras e regulações de gênero abjetos e desumanizados². O fato de Cristina ser tratada pela forma que ela quer ser chamada não significa que ela é respeitada como um ser humano em sua completude. Para muitos, Cristina é um corpo descartável. Isso porque ela faz parte do que hoje é entendido como comunidade LGBTQIA+³; comunidade que é composta por pessoas cujas afetividades, práticas sexuais, corpos e desejos não se enquadram no padrão cisheteronormativo, que é a presunção de que apenas a relação sexual, afetiva e de desejos entre corpos-masculinos-pênis e corpos-femininos-vagina são naturais.

Essa investigação nasceu de uma proposta de projeto de monografia cujo objetivo era estudar o surgimento do movimento LGBTQIA+ no Brasil. Todavia, durante o processo de pesquisa, optamos pelo recorte espacial do estado do Espírito Santo. Essa pesquisa resultou em um trabalho de conclusão de curso que teve como fonte uma entrevista oral. Surgiram, desde lá, muitos indícios de possíveis fontes e eventos históricos passíveis de investigação. Nesse trajeto ocorreram visitas constantes aos acervos digitais e/ou físicos

¹ Podemos destrinchar o termo *cisheteronormatividade* em duas partes: cisnormatividade e heteronormatividade. A heteronormatividade parte do princípio de que a heterossexualidade é a base de qualquer sociedade, sendo a relação homem-pênis e mulher-vagina tida como natural e possível. Esse discurso heterocentrado atua como uma tecnologia social que através do sistema de significação, entende a heterossexualidade como natural, única e instintiva, e a coloca no centro do pensamento. Isso produz um pensamento heterossexista, um dispositivo social que produz “verdades” sobre o que é feminino e masculino, que divide e fragmenta o corpo. Tais preceitos constroem a heteronormatividade, que regula e produz corpo-homem e corpo-mulher, estabelecendo performances, prazeres e desejos aos corpos sexuais (PRECIADO, 2014; WITTIG, 1980). A heteronormatividade presume que os corpos são cisgêneros, ou seja, que os atos de gênero historicamente compelidos e atribuídos como masculinos e femininos correspondem a corpos-pênis e corpos-vagina, respectivamente. Então, a *cisheteronormatividade* atua como um sistema de regulação dos corpos baseado na presunção de que a cisgêneridade é natural e a heterossexualidade é instintiva (ROSA, 2020; PRECIADO, 2014;2011).

² BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 157.

³ As nomenclaturas dadas ao agrupamento de pessoas que não se enquadram no comportamento dito cisheteronormativo está em constante movimento. Optamos pelo termo LGBTQIA+ quando falamos do tempo presente (hoje), pois este consegue englobar uma gama de sujeitos que se entendem como membros da comunidade. A sigla representa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais. O “+” agrupa uma pluralidade de identidades não especificadas.

do Arquivo Nacional, da Hemeroteca, do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, do Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp), das bibliotecas e dos sebos existentes na Região Metropolitana da Grande Vitória.

Após levantamento e classificação do *corpus* documental que tematiza lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo, optamos pelo recorte temporal de 1960 a 1989. Parece presunçoso em nível de dissertação um recorte de trinta anos em um período da história do tempo presente, cujas fontes — em termos de quantidade e qualidade — são teoricamente mais acessíveis. Entretanto, é pelo silêncio e a invisibilidade que cerca a história de homossexuais e travestis, falta de acervos específicos, dificuldade de acesso a informações e até mesmo pela proposta “inaugural” da pesquisa, que as fontes levantadas são fragmentadas e dispersas.

Nessa investigação, como será descrito nas próximas páginas, não trabalhamos com fontes seriais que nos permitem tratar sobre um evento histórico de forma cronológica, mas sim com um conjunto de fatos e acontecimentos que são referenciados de maneira breve e pouco descritiva em fontes de diferentes naturezas. Temos, como exemplo, a temática dos locais de sociabilidade de homossexuais, que chamaremos de *circuitos de homossexuais e travestis*. Informações acerca desses locais estão presentes em: comentários sobre os carnavais de Vitória na coluna Colatina em Hi-Fi (1965-1968), do Jornal *O Snob*; no roteiro gay de Vitória (1979), do *Jornal do Gay*; em um roteiro de Vitória (1980), do *Lampião da Esquina*; na crônica *Vitor ou Vitória?* (1983), de Fernando Tatagiba; e em livros dissertações e teses.

Considerando essa situação do *corpus* documental, em vez de trabalharmos com uma cronologia linear — o que é problemático, pois sugere uma ideia de eventos em cadeia —, optamos por construir uma narrativa com base temática. Para isso, categorizamos as fontes em grupos temáticos, tais como: circuitos de homossexuais e travestis, conexões culturais, afirmação nas artes (literatura, teatro e cinema), censura, controle e repressão, debates, epidemia de HIV/Aids, e o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

Feita a defesa do recorte temporal tendo como base a situação que enfrentamos em relação às fontes, a escolha por finalizar em 1989 se justifica pela verificação do tempo de existência e atuação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, primeiro grupo capixaba em defesa da dignidade homossexual, fundado em 1987. Bruno Quintão de Souza destacou que a mobilização do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana foi breve, com

cerca de um ano de existência⁴. Por outro lado, Lucas Bragança e Maria Carolina afirmam que o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana se tornou o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa/ES) e atuou durante boa parte da década de 1990⁵.

O recorte geográfico é o estado do Espírito Santo, pois apesar de parcela significativa das fontes tratarem da capital Vitória, o analisamos seguindo o objetivo de nos atentarmos para os contatos, trocas, migrações intermunicipais e interestaduais, ou seja: pensamos as movimentações de homossexuais e travestis no Espírito Santo a partir de um sistema de rede, onde esses sujeitos se apropriam a todo o instante dos mais diversos territórios — e produzem, assim, subjetividades outras.

Nesse sentido, esta dissertação se propõe a investigar as movimentações de lésbicas, gays bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. Atualmente já não é possível pensar em “uma história do Movimento Homossexual Brasileiro” sem que se caia em generalizações, ou mesmo que se analise uma conjuntura local à luz de histórias mais “consolidadas” de grupos como o Somos, Grupo Gay da Bahia, Triângulo Rosa do Rio de Janeiro, Grupo de Ação Lésbica-Feminista ou de estados como São Paulo e Rio de Janeiro. Por acreditarmos ser necessário produzir uma história das movimentações de LGBTQIA+ sem se limitar aos movimentos organizados, nos preocupamos em falar das movimentações de sujeitos que, espontaneamente ou não, agitaram o cenário capixaba e contribuíram para a visibilidade, luta e emancipação do que hoje compreendemos como comunidade LGBTQIA+.

Investigamos essas movimentações porque acreditamos que “tem xiririca na bixanxa”⁶. Essa expressão, presente na peça de mesmo nome, tinha como proposta ser “**aparentemente sacana, e [sic] também não significando nada**”, uma comédia sobre a política e história capixaba⁷. Por que não chamamos essa dissertação de uma

⁴ SOUZA, Bruno Quintão de. **Interações entre o movimento LGBTI e o governo do Estado do Espírito Santo**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. p. 56.

⁵ BRAGANÇA, Lucas; CAROLINA, Maria. **Movimento LGBT+ Capixaba: fragmentos de uma história de luta por afirmação, direito e dignidade**. Vitória: Edição Independente, 2020. p. 95.

⁶ “Tem xiririca na bixanxa” foi uma peça produzida por Milson Henriques, Amylton de Almeida e Marcos Alencar e interpretada pelo grupo Ponto de Partida nos anos de 1981. Dívida em dois atos: um primeiro que se passava na cidade de Cachoeiro de Itapemirim na década de 1950 e o segundo em Vitória nas décadas de 1970 e 1980

⁷ ALMEIDA, Amylton; HENRIQUES, Milson; ALENCAR, Marcos. **Tem xiririca na bixanxa**. Vitória: SBAT, 1982.

investigação sobre as xiriricas das bixanxas? Ou, uma análise das bixanxadas e xiriricadas? Teve muita xiririca na bixanxa no Espírito Santo entre 1960 e 1989.

A conjuntura é a que se inscreve no período da Ditadura civil-militar (1964-85), caracterizada pelo recrudescimento dos aparelhos repressivos do Estado, que foram utilizados para moldarem um ideal de brasilidade à sombra da máxima do anticomunismo. Sob esse mantra, tal projeto ideológico buscou controlar os ideais de pensamentos emancipatórios dos sujeitos, como trabalhadores, negros, mulheres, indígenas, homossexuais, ambientalistas, artistas, estudantes, isto é: tudo aquilo que questionava ou afrontava o pensamento liberal-capitalista e os valores da família branca-cis-hetero-burguesa-cristã tradicional brasileira.

Esse também foi o contexto em que a sociedade clamou por democracia e produziu a constituição de 1988, que consumiu tanto dos valores contestatórios que questionavam o autoritarismo, assim como atuou na manutenção dos aparatos de controle e vigilância do regime ditatorial — fato notável com a permanência da Lei de Segurança Nacional. É preciso destacar que nesse mesmo momento eclodiu uma pandemia de HIV/Aids, que ao longo de toda a década de 1980 foi utilizada por setores políticos conservadores como “ponta de bala” contra a revolução sexual e a mudança nos costumes que estavam em movimento desde os anos 1950-60. Com o uso político da epidemia de HIV/Aids, a doença foi caracterizada como “câncer gay” ou “peste gay”, e foi utilizada por diversos setores para reafirmar uma moralidade nos costumes e um ideário de corpos saudáveis para a nação.

Ainda nessa conjuntura, os discursos que categorizavam gays, lésbicas, bissexuais e travestis como doentes, depravados e pecadores passaram a ser questionados em termos políticos, sociais e culturais. Entretanto, o que se mostrava como um discurso contestatório acabou por afirmar alguns sujeitos enquanto excluía outros, produzindo com isso identidades gays e lésbicas “limpas” para serem “aceitas” pela cisheteronormatividade ao passo em que bichas, bissexuais e travestis eram apagados(as), silenciados(as) e hierarquizados(as) como sujeitos secundários.

Pensar as movimentações de homossexuais e travestis no Brasil, especificamente no Espírito Santo, passa pela compreensão de que a conjuntura nacional foi diferente de

outros países — dado que não havia, como nos Estados Unidos⁸, leis que criminalizavam as relações homoafetiva-sexuais e nem estabeleciam normas de padrão de sexo-gênero⁹. Deve-se mencionar, contudo, a existência de portarias e leis, nos âmbitos municipal e estadual — como a Lei da Vadiagem, por exemplo — que embasavam o controle e a repressão contra gays, lésbicas, bissexuais e travestis¹⁰. Em 1964, com o golpe civil-militar, a relação do Estado com homossexuais e travestis adquiriu características mais repressivas, visto que a ditadura promoveu uma *política sexual* em defesa “da moral e dos bons costumes”¹¹.

Foi questionando esse caráter repressivo do Regime civil-militar que, em 1978, fundaram em São Paulo o *SOMOS* — Grupo de Afirmação Homossexual, que foi seguido pela formação de diversos grupos em outros estados brasileiros com o objetivo de denunciar os excessos do Regime civil-militar, lutar por direitos e defender a cidadania das travestis e dos homossexuais¹². Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia tornaram-se núcleos para encontros de grupos coordenados e organização de concursos de miss gay e travestis. Além disso, foram palco do surgimento das primeiras revistas e jornais que se direcionavam ao público homossexual, agindo também como um forte ponto de ativismo contra a carga ideológica presente na Campanha contra a Aids promovida pela Governo Federal.

Com pouco mais de quatro décadas, historiadores e ativistas têm se preocupado em construir a história do movimento LGBTQIA+ no Brasil. Atualmente, existem diversas obras produzidas por ativistas que buscam narrar essa história, dentre as quais podemos

⁸ Nos anos 1960 vários estados estadunidenses possuíam leis que criminalizavam relações homoafetivo-sexuais. Na cidade de Nova Iorque os bares eram proibidos, por lei, de vender bebidas alcoólicas a homossexuais, o que tornava o bar em si um espaço ilegal para homossexuais. Também existiram leis que obrigavam as pessoas usarem roupas em consonância com o seu “sexo biológico”. O resultado dessas leis foram agressões policiais constantes a pessoas cujas identidades de gênero e de sexualidade fugiam da norma heterossexual. Em um desses casos de agressões policiais ocorrida no bar Stonewall Inn, travestis, gays, lésbicas e *drag queens* que o frequentavam revidaram aos ataques e iniciaram uma série de manifestações que duraram 6 dias. Esse acontecimento iniciado em 28 de junho de 1969, ficou conhecido como a Revolta de *Stonewall*. CARTER, David. *Stonewall: The riots that sparked the gay revolution*. New York: St. Martin’s Press, 2004.

⁹ MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Unicamp, 1990.

¹⁰ MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 53-82.

¹¹ QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

¹² GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

citar: *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*, de 1986, do João Silvério Trevisan; *A construção da igualdade: Identidade sexual no Brasil da Abertura*, de 1990, do Edward MacRae, e *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de 2000, do James Naylor Green.

Na última década, surgiu a coletânea *Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*, de 2015, organizada por James Green e Renan Honório Quinalha; e a mais recente *História do Movimento LGBTQ+ no Brasil*, de 2018, organizada por Marisa Fernandes, Marcio Caetano, James Green e Renan Quinalha, com textos de mais de 30 pesquisadores, ativistas e historiadores brasileiros. Essas obras ampliam as percepções sobre como o Regime civil-militar — e mesmo os governos democráticos brasileiros — lidaram com homossexuais e travestis através de um aparelho estatal de disciplina e controle.

Com outros questionamentos, novas pesquisas surgem e colocam outros atores e atrizes LGBTQIA+ no centro do debate. Um bom exemplo é a tese doutoral de Elias Veras, que originou o livro *Travestis: carne, tinta e papel*. Publicado em 2019, o livro historiciza as narrativas sobre travestis presentes em jornais, revistas e textos literários pensando em como estes construíram as subjetividades travestis. Destaca-se também a coletânea *História e Teoria Queer*, organizada por Miguel Rodrigues de Sousa Neto e Aguinaldo Rodrigues Gomes, que reúne diversos historiadores brasileiros que produziram e produzem pesquisas — tangenciadas pela teoria *queer* — sobre corpo, sexo, gênero, sexualidade e desejos. Ressaltamos, além dessas obras mencionadas, o livro *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+*, organizado por Elias Veras, Rita Colaço e Benito Schmidt, com textos apresentados no XXX Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História.

Também existem pesquisas em desenvolvimento que trazem (velhos) sujeitos, como o projeto doutoral de Izabel Rizzi, intitulada *Biopolítica, resistências e (bi)sexualidades: entre a artificialidade e o bios (1990 – 2002)*, que evidencia a bissexualidade como objeto histórico, tema que tem sido silenciado e inviabilizado dentro da historiografia LGBTQIA+. Sublinhamos também o trabalho de Marisa Fernandes, que tematiza a história do movimento de lésbicas no Brasil com o artigo *O movimento de mulheres lésbicas feministas no Brasil*, e o capítulo de livro *Ações Lésbicas* — textos que evidenciam as pautas, subjetividades e invisibilidades das mulheres lésbicas brasileiras.

Uma parcela significativa das produções acerca de sexualidades e gêneros dissidentes no Brasil, em especial às coletâneas e livros “gerais” citados, tendem a criar uma narrativa de que o eixo Rio-São Paulo foram os produtores de uma cultura e ativismo homossexual no Brasil. Entendendo o Brasil como um país de território continental é necessário que nos desprendamos de uma narrativa em formato de arquipélago, onde cada estado viveu a sua experiência, e os estados demograficamente maiores e que tiveram um ativismo mais visível foram produtores enquanto todos os outros foram seus consumidores. Precisamos nos desvincular de uma “História do Movimento LGBTQIA+ brasileiro” e pensar em “Histórias dos movimentos e das movimentações LGBTQIA+ no Brasil”, objetivando pluralizar e enfatizar tanto a diversidade de grupos de atuação, quanto sujeitos envolvidos na luta por direito e dignidade.

Para isso, como já foi dito, pensamos esta dissertação dentro de uma perspectiva de rede, isto é: em uma história regional/local, onde reconhecemos as singularidades das movimentações de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transformistas no Espírito Santo, mas compreendemos que a todo momento estes dialogavam por meio de viagens, migrações, imprensa, teatro, literatura, cinema, debates, e outros processos que ocorriam em outros estados.

Por esse motivo, este trabalho se inscreve em uma análise conjuntural das subjetividades de gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas, no processo histórico que antecede e dá surgimento ao primeiro grupo homossexual organizado do Espírito Santo. A compreensão de que, desde os anos 1960 e 1970, havia uma movimentação cultural, social e política de homossexuais masculinos e femininos; assim como a identificação sobre quem foram esses sujeitos históricos; tudo isso nos fornece uma base para que pensemos como foi formado o primeiro grupo local e quais as ideias eles defendiam. É nessa relação que a historiografia cultural nos auxilia como aporte teórico, pois nos permite perceber as construções de ideias, valores e relações entre sujeitos estigmatizados por sexualidade e gênero.

Na historiografia ocidental — especialmente a europeia — os ditos excluídos, marginalizados e minorias ganham atenção dos historiadores em meados dos anos 1970, resultado de um diálogo e embate da história com as novas e “velhas” ciências que passavam por remodelações teórico-metodológicas — como a antropologia, psicologia,

literatura, ciências sociais e filosofia — que permitiram uma repaginação do conceito de cultura.

Roger Chartier considera tal movimento como uma “distância tomada, nas próprias práticas de pesquisa, em relação aos princípios de inteligibilidade que haviam governado o método histórico nos últimos [...] anos”¹³. Ou seja, não apenas novos temas passaram a compor o arcabouço de pesquisa histórica, mas houve uma mudança no fazer histórico. Peter Burke, que entende essa conjuntura como uma virada cultural, salienta que antes a compreensão de cultura pela história se referia à alta cultura, e entre 1960 e 1990, a história cultural passa a investigar o que é cotidiano, analisando as práticas, os valores, os modos de vida e os costumes¹⁴ de dada sociedade. É nesse contexto que a sexualidade entra como objeto de investigação histórica.

Para Foucault,

muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no real e lhe ordenam dizer a verdade; todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer¹⁵.

O sexo, então, analisado sob uma perspectiva cultural, adquire o caráter de objeto de uma construção, que segundo Michel Foucault foi alvo de *vontade de verdade*. Para Foucault, investigar a sexualidade sob a perspectiva histórica é analisar as “relações históricas entre o poder e o discurso sobre o sexo”¹⁶. Assim, o filósofo e historiador francês compreende que uma rede de saberes, discursos, poderes e prazeres atua como um dispositivo, que é

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos¹⁷.

A compreensão foucaultiana acerca da sexualidade considera que, nos últimos quatro séculos, os discursos produzidos sobre o sexo promoveram interditos, proibições e

¹³ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Florianópolis: UFRGS, 2002. p. 65.

¹⁴ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 32.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 69

¹⁶ Foucault, 1988, p. 86.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2004. p. 138.

estímulos envoltos de verdades. Isso resultou em uma solidificação de compreensões sobre o sexo. Foucault também destaca que tais discursos preocupavam-se com aberrações, perversões e dissidências, ou seja, uma cientificidade subordinada aos valores morais¹⁸.

Além da sexualidade, outro campo de estudos históricos que conquistou destaque nesse movimento da história cultural nos anos 1970 foram os estudos de gênero, protagonizados por historiadoras feministas. Inicialmente, o gênero era um termo defendido por historiadoras que pesquisavam história das mulheres. Segundo Joan Scott “as pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente”¹⁹.

Uma das formulações sobre gênero se ancora na “diferença sexual”, uma preposição baseada na binaridade relacional e interdependente entre dois sexos (masculino e feminino). Tal compreensão engloba o gênero como algo cultural e o sexo como algo natural, concedendo ao sexo um caráter pré-discursivo e irreduzível.

Teresa Lauretis tece uma crítica à teoria da sexualidade de Foucault, por este não “levar em consideração os apelos diferenciados de sujeitos masculinos e femininos, e cuja teoria, ao ignorar os investimentos conflitantes de homens e mulheres nos discursos e nas práticas da sexualidade, de fato exclui, embora não inviabilize, a consideração sobre o gênero”²⁰. Apesar disso, Lauretis propõe que pensemos o gênero a partir de uma ótica similar à compreensão de sexualidade, isto é, como “produto e processo de um certo número de tecnologias sociais ou aparatos biomédicos”²¹.

Teresa Lauretis também questiona a relação já mencionada entre sexo e gênero, que produz uma concepção cultural de que masculino e feminino são categorias que se excluem e se complementam. Lauretis se apropria do conceito de sistema de sexo-gênero proposto por Gayle Rubin, que o entende como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade

¹⁸ Foucault, 1988, p. 53.

¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. p. 74.

²⁰ LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 209.

²¹ Lauretis, 1994, p. 209.

humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”²². Em consonância com Gayle Rubin e acrescentando o caráter semiótico, Teresa Lauretis destaca que o sistema de sexo-gênero

é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade²³.

Questionar o sistema de sexo-gênero que produz um caráter irreduzível ao sexo permitiu outras compreensões acerca do gênero que fogem do binarismo excludente, interdependente e complementar das categorias de masculino e feminino. Em uma perspectiva que busca migrar a forma de entendimento do gênero, Judith Butler propõe que ele seja pensado enquanto *performance*. Essa concepção, partida de um viés pós-estruturalista, em evidente diálogo entre os estudos culturais, feministas e *queer*, apreende que a aparência de unidade — e, por conseguinte, a naturalidade do *ser* homem e *ser* mulher — foi “constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas”²⁴. Para Judith Butler, os

atos, gestos e desejos produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos²⁵.

Butler salienta que a *performance* de gênero é regida por convenções sociais que são punitivas e reguladoras, ou seja: “a performance torna explícitas as leis sociais”²⁶. Por meio da repetição estilizada dos atos de gênero que gera uma aparência de unidade, ou melhor dizendo, uma identidade, tal repetição é uma “reatuação e uma reexperimentação de um conjunto de significados socialmente estabelecidos; é a forma cotidiana e ritualizada de sua legitimação”²⁷.

²² RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “Economia Política” do sexo. **Tradução de Christine Rufino Dabat**. Recife: SOS Corpo, 1993.

²³ Lauretis, 1994, p. 212.

²⁴ Butler, 2003, p. 8.

²⁵ Butler, 2003, p. 195.

²⁶ BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leitura**, n. 78, p. 1-16, 2018. p. 11.

²⁷ Butler, 2018, p. 11.

Paul Preciado, em diálogo com Judith Butler, aponta que a identidade sexual não é uma matéria “solta” de discurso ou pré-discursiva, mas sim “um efeito de reinscrição das práticas de gênero no corpo”²⁸. Questionando a ideia de gênero como simplesmente *performativo*, Paul Preciado acrescenta que este é protético, se produz na materialidade dos corpos, ou seja, “é puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico”²⁹. Isto é, em Butler e Preciado podemos entender que o gênero foge da dicotomia matéria-construção: ele é produzido a partir de práticas culturais, mas ao mesmo tempo se inscreve no corpo.

As compreensões de sexualidade, gênero e corpo aqui colocadas atuam como base das ideias dos estudos *queer*. Tais estudos fazem parte de movimentos que buscam desnaturalizar a tríade corpo-gênero-sexualidade, colocando-os como historicamente produzidos³⁰. De forma sucinta, Berenice Bento dita alguns pressupostos dos estudos *queer*: “a sexualidade como um dispositivo; o caráter performativo das identidades de gênero; o alcance subversivo das performances e das sexualidades fora das normas de gênero; o corpo como um biopoder, fabricado por tecnologias precisas”³¹. É com base na história cultural e nos estudos feministas, de gênero e *queer*, que olhamos para as nossas fontes.

O *corpus* documental desta dissertação possui pelo menos três naturezas diferentes, tematizando de alguma forma homossexuais e travestis no Espírito Santo. São eles: documentos oficiais de órgãos do governo, reportagens e notícias de jornais da imprensa oficial, alternativa e homossexual e, enfim, entrevistas orais. Os documentos oficiais foram pesquisados no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) por meio de palavras-chave como nome de personalidades (Amylton de Almeida, Cristina Moreira, Ednamara, Milson Henrique e Vera Viana) e/ou nome de lugares, bairros, cidades ou do estado (Canoa Velha, Britz Bar, Clube Vitória, Centro de Vitória, São Sebastião, Carapeba, Vitória, Serra, Cariacica, Espírito Santo etc.) e/ou identidades sexuais e de gênero e termos pejorativos (gay, bicha, boneca, travesti, transformista, pederasta, bissexual, transviado, lésbica, mulher-macho, fanchona).

²⁸ PAUL, Preciado. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. p. 29.

²⁹ Preciado, 2014, p. 29.

³⁰ BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 82.

³¹ Bento, 2006, p. 81.

Nesse levantamento foi encontrado um relatório de informações sobre personalidades capixabas, como Milson Henriques, que é categorizado como “pederasta passivo”; censura ao debate sobre literatura capixaba; notícias e reportagens de jornais da imprensa oficial e alternativa que cita homossexuais, travestis, bissexuais ou espaços de sociabilização, que se encontram dentro de dossiês; peças de teatro censuradas; relatórios do Ministério da Saúde sobre os casos de HIV/Aids, entre outros. Com exceção dos relatórios do Ministério da Saúde, todos foram produzidos por órgãos ligados ao controle, censura e repressão da Ditadura civil-militar, como o Serviço Nacional de Informação (SNI), Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP) e Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo (DOPS-ES).

As fontes provindas da imprensa podem ser distribuídas em dois grupos: a imprensa alternativa-homossexual e a imprensa oficial. O primeiro, por meio do jornal carioca *O Snob*, que continha um colaborador capixaba que assinava pelo pseudônimo Babette e escrevia a coluna *Colatina em Hi-Fi*. A coluna foi reproduzida em ida ao Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas. O jornal *Lampião da Esquina* está disponível no *site* do Grupo Dignidade, onde Amylton de Almeida era colaborador. Uma das fontes que provêm da imprensa homossexual, mas não foi consultado o acervo, é uma reportagem do *Jornal do Gay*, que está dentro de um dossiê do fundo da Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça.

Na imprensa oficial, utilizamos notícias e reportagens do jornal *A Gazeta* e *A Tribuna*. Pelo extenso recorte temporal e os limites de uma pesquisa de mestrado, apenas foram consultados eventos e datas específicas, como: evento *Literatura e Marginalidade*, ocorrido em agosto de 1981, meses que ocorriam os concursos Miss Gay Espírito Santo; e por fim, o período de 1987 a 1989, em que o primeiro grupo capixaba homossexual, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, atuou no estado. O recorte temático desse levantamento focou em reportagens que tratassem de gays, lésbicas, bissexuais e travestis, como também sobre a epidemia de Aids, visto que o Triângulo Rosa tinha como finalidade combater o estigma e promover informações sobre a Aids.

Nas fontes orais³², privilegiamos entrevistar pessoas que viveram no Espírito Santo durante sua adolescência e fase adulta no recorte temporal da pesquisa, entre 1960 e 1989.

³² O projeto de entrevista foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo e foi aprovado. As entrevistas se encontram em acervo pessoal do pesquisador devidamente autorizadas por carta de cessão.

Entrevistamos Tina Moreira, Edson Ferreira e Claudino de Jesus. A metodologia utilizada foi a história oral temática, contando também com alguns componentes da história de vida. Preparamos um questionário geral com base na estrutura e nos objetivos da dissertação, e em cada questionário acrescentaram-se perguntas específicas para as identidades sexuais e gêneros experienciados pelos(as) entrevistados(as) nas décadas de 70 e 80.

Edson Ferreira³³ nasceu em 30 de julho de 1957 em um quilombo no povoado de Água Limpa, no município de São Mateus. Mudou-se para Vitória em 1970, onde estudou na escola Irmã Maria Horta, e fez curso de torneiro mecânico no Senai. Em 1978 desfilou como destaque no enredo *Levante dos Queimados* na escola de samba Amigos da Gurigica. Entre as décadas de 1970 e 1980 transitou de gênero e viveu como a travesti Ednamara, realizando apresentações e shows, época em que também se prostituiu. Edson Ferreira nos conta que nos anos 1980 fez um levantamento das travestis existentes na Grande Vitória, mas o documento não chegou a ser usado para algum fim³⁴. Foi membro do Conselho Municipal de Saúde de Vitória e do Conselho Municipal do Mucane.

Cristina Moreira (Tina), nascida em 28 de setembro de 1964 no município de Vitória, residiu por toda sua vida no município de Cariacica. Mulher cisgênero, negra e espírita, foi filiada ao Partido dos Trabalhadores logo após a sua fundação, no período de abertura política. Trabalhou em comércio, mas se firmou na radiodifusão na Ratibum Produções, onde atuou como palhaça e foi a primeira mulher locutora do carnaval de Vitória. No teatro interpretou a personagem Waleska, uma homenagem à travesti capixaba Waleska Franklin, na peça *A noite das longas facas*, em 1985, escrita por Amylton de Almeida. É Coordenadora de Políticas de Promoção de Diversidade Sexual no município de Cariacica desde 2013.

Antônio Claudino de Jesus nasceu em 18 de março de 1951 no município de Barra de São Francisco. Homem, branco, católico, foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Claudino destaca que não gosta de se definir, afirmando que se apaixona pela pessoa.

³³ Edson Ferreira vive socialmente como um *homem*. Ele entende que deixou de ser a travesti Ednamara quando retirou o peito e optou por ser chamado de Edson Ferreira. É necessário destacar que essa opção não é unânime entre as pessoas que tiveram experiência parecida, isto é, que transitaram de gênero em algum momento de suas vidas. Esse debate é feito por Elias Veras em *Travestis: carne, tinta e papel*. Respeitando sua identificação, enquanto entrevistado o trataremos como Edson Ferreira. Quando a referência for em relação ao seu passado usaremos o nome Ednamara.

³⁴ Não tivemos acesso ao documento.

Mudou-se em 1969 para o município de Vila Velha, e iniciou o curso de Medicina na Universidade Federal do Espírito Santo em 1973, formando-se em 1979. Foi Diretor Cultural do Diretório Acadêmico de Medicina, membro do Cineclube do Centro de Estudos Gerais, e presidente do Conselho Nacional de Cineclubes. Além disso, auxiliou na criação da Federação de Cineclubes do Espírito Santo e atuou como ativista ambiental e artístico-cultural. Ao longo da vida trabalhou com teatro, dança, música e audiovisual, tendo sido também escritor, produtor, professor universitário do Centro Biomédico (atual Centro de Ciências da Saúde) da Ufes, atuando principalmente no Curso de Medicina (1988-2011). Foi também Sub-Reitor Comunitário da Ufes (1988-2002), e Secretário Municipal de Turismo e Cultura (1984-1986) do município de Vila Velha.

Para examinar tais fontes utilizamos a análise do discurso como aporte metodológico, pois ela nos permite entender características da experiência de gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas na conjuntura das décadas de 1960 a 1980 de forma diretamente relacionada com um pensamento mais amplo sobre homossexuais e travestis no contexto brasileiro e ocidental. O método de análise do discurso optado foi o proposto por Michel Foucault, que compreende que “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”³⁵. Ou seja, tal método nos permite investigar os discursos sobre os homossexuais e travestis no contexto analisado. Para Foucault,

a análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui³⁶.

O método de análise do discurso foucaultiano estabelece alguns procedimentos que produzem o discurso, as suas continuidades e transformações. Foucault entende que o *poder* se liga a determinados discursos com objetivo de produzir verdades e é nesse ponto que focamos essa investigação. Para o filósofo, existe no discurso uma característica dispersa, descontínua e regular — que dialoga com a variedade de fontes desta dissertação — que nos permite perceber e verificar as regularidades discursivas nas diversas esferas da sociedade, como a família, o trabalho, a igreja, o Estado, as instituições e os saberes científicos ou não³⁷. De acordo com Foucault, numerosos discursos se unem formando

³⁵ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 28.

³⁶ Foucault, 2008, p. 36.

³⁷ Foucault, 2008, p. 24.

uma rede condicionada por uma episteme — isto é, um conjunto de condições — que, por sua vez, molda as práticas discursivas e não discursivas e encontram no *poder* a sua condição de existência. Tais redes produzem sínteses discursivas que são aceitas pela sociedade como algo natural.

Para Michel Foucault, existem sistemas de exclusão externos e internos que atuam no discurso. No campo externo destacam-se três sistemas: a *interdição*, que equivale ao controle de quem pode falar, o que pode ser dito e em que circunstância é permitido fazê-lo; a *separação e rejeição*, que produz a diferença e despreza o que o Outro tem a dizer; e, enfim, a *vontade de verdade*, que atua como rédea para os outros dois citados, isto é, produz o saber definindo as formas, os campos, os objetos e as estratégias na produção de discurso, guiando uma produção de verdade. Dentro do domínio dos complexos internos temos pelo menos quatro procedimentos: o *comentário*, que torna uma nota parte do próprio discurso; o *princípio de agrupamento*, que produz unidades no discurso e agrega coerência; a *disciplina*, que é um corpo de ideias consideradas verdadeiras, o qual através de técnicas, métodos e instrumentos executa noções de verdade; e as *rarefações*, que buscam limitar através de protocolos quem pode entrar na ordem discursiva³⁸.

Nesta dissertação nos apoiamos na metodologia de história oral proposta por Verena Alberti. Entrevistamos sujeitos que viveram o período que demarca nosso recorte temporal, ainda que suas experiências não apareçam com tanta evidência nas fontes levantadas. Para Alberti, a

história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo³⁹.

Entendemos que as fontes orais são documentos históricos produzidos intencionalmente⁴⁰. De igual forma, como as fontes documentais são produzidas e possuem problemas metodológicos e éticos, as fontes orais passam por problematizações que pensam seus limites, usos e abusos. Lembrar de um acontecimento do passado e, ao mesmo tempo, narrar este acontecimento, requer uma prática de consulta da memória que

³⁸ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

³⁹ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 18.

⁴⁰ Alberti, 2004, p. 21.

perpassa o processo de reinterpretação, o que pode resultar em esquecimentos deliberados ou inconscientes²⁶.

A fonte oral é um produto tanto do entrevistado quanto do entrevistador, pois sua produção depende dos dois — no caso da história, o historiador com as questões históricas, e o entrevistado com o relato rememorado da experiência. Essa relação é o que torna possível a produção de uma memória social, que é um trabalho que resulta da dialética entre esquecimento e lembrança — condicionada, por sua vez, pela relação entre o passado e o presente.

Com base no método de análise e nas características das fontes, a hipótese geral desta pesquisa versa sobre a emergência de um ativismo organizado no Espírito Santo com o advento da epidemia de Aids; ativismo por meio do qual intelectuais, jornalistas, professores, trabalhadores, artistas, profissionais do sexo, feministas, ativistas negros e outros se uniram em prol do combate ao estigma que declarava a Aids como uma doença de homossexuais sob a máxima da “peste gay”.

Sugerimos que até 1987 — ano em que se inicia a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo —, lésbicas, gays, bissexuais e travestis capixabas que até então debatiam homossexualidades em espaços acadêmicos, em reportagens de jornais e nas mesas de bares se organizaram para debater e questionar o discurso médico-religioso reproduzido pela Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo através da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo, que contou com parceria de igrejas e da TV Manchete.

Esse discurso colocava os homossexuais e travestis como pecadores, anormais e dignos de pena, defendendo em alguns momentos a cura da homossexualidade como método para acabar com a epidemia. Surge, contudo, em resposta ao discurso médico-religioso propagado no Espírito Santo, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, primeiro grupo capixaba organizado em defesa da dignidade de homossexuais e travestis. Através de reuniões, debates, palestras e reportagens, o grupo promoveu um controle social do discurso ideológico presente na Campanha.

Apesar de diversas pesquisas, trabalhos, documentários, exposições, literatura e peças que versam sobre sexualidades e gêneros dissidentes, apenas um livro se propôs a investigar a história do movimento LGBTQIA+ no Espírito Santo. Intitulado *Movimento LGBT+ capixaba: Fragmentos de uma história de luta por afirmação, direito e*

dignidade, escrito por Carolina Maria e Lucas Bragança, o livro publicado em 2020 abarcou um recorte temporal de 1920 até a atualidade.

Através de entrevistas e bibliografia, em pouco mais de uma dezena de páginas o livro tratou do recorte temporal proposto nesta pesquisa. Reconhecendo o caráter inaugural da obra, esta dissertação tem como objetivo expor e analisar um *corpus* documental inédito levantado ao longo de quatro anos de pesquisa.

Antes, Lucas Bragança publicara o livro *Desaqueitando a história drag: no mundo, no Brasil e no Espírito Santo* (2018). A obra, em parte, dedica-se ao estudo de concursos de travestis e transformistas que ocorreram e ocorrem no Espírito Santo, especialmente o Miss Espírito Santo Gay, e a participação e vitória de candidatas capixabas no Miss Brasil Gay.

Destaca-se, além disso, a dissertação de mestrado de Jeanne Bilich, defendida em 2005 no Programa de Pós-Graduação em História da UFES, intitulada *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: Política e poder no Jornalismo Cultural no Espírito Santo – O cinema como mundo, a Arte como universo (1980-1989)*. A autora, nessa dissertação, trata da vida de Amylton de Almeida e examina questões de trabalho, visões de mundo e artes, bem como a afirmação e a defesa da dignidade de homossexuais.

Por fim, podemos citar o livro *A Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (1996), escrito por Francisco Aurélio Ribeiro⁴¹. Nele, o autor dedica um capítulo para tratar da literatura capixaba que tematiza gays, lésbicas, bissexuais e travestis. Nesse capítulo, Francisco Ribeiro faz um levantamento de romances, contos, crônicas, poemas feitos por e/ou sobre homossexuais e travestis nas décadas de 1970 a 1990. No mais, existem outros trabalhos com uma abordagem histórica, mas que não têm as homossexualidades como pontos nodais, apenas como personagens muitas vezes tratados de forma caricata⁴².

Demos especial atenção às lacunas sobre lesbianidades e travestilidades, alocadas neste texto como um problema que a historiografia sobre o movimento LGBTQIA+ deve dar

41 Professor aposentado do Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Foi convidado, em 1992, pela Diretora da Divisão de Memória do Departamento Estadual de Cultura (DEC), Alcione Dias, para escrever a história da literatura do Espírito Santo.

42 Podemos citar: os registros de Elmo Elton e Renato Pacheco sobre professor Irênio; o registro de Pedro Teixeira sobre a travesti Paulette; as pequenas menções espalhadas em sites diversos sobre o vereador Atharé de Castro.

devida atenção. Também nos preocupamos em cruzar fontes de diversas naturezas junto a bibliografia regional e nacional, colocando como questão as conexões com culturas e ativismos de outros estados. Como já dito, o *corpus* documental permite uma construção inédita, bem como abre caminho para novas pesquisas com indicações de acervos e temas passíveis de investigação.

Seguindo o mencionado, o objetivo desta dissertação é construir uma narrativa sobre o “fora do armário” capixaba através da análise das movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo, entre 1960 e 1989. Dividimos a dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo construímos um mapeamento identitário, desenhando como as subjetividades de gays, lésbicas, bissexuais e travestis eram reunidas em unidades a fim de que categorias identitárias fossem criadas. Analisamos algumas dessas transformações no decorrer das décadas para pensarmos as identidades sob a ótica da construção e do assujeitamento, em tentativa de fuga de classificações essencialistas. Também mapeamos os circuitos de homossexuais e travestis na Grande Vitória, a fim de demonstrar como o território, a cidade e os locais de sociabilidades são apropriados e reorganizados, analisando também como se constroem negociações presentes nesse processo. Finalizamos o capítulo abordando as migrações intermunicipais e interestaduais — carnaval, concursos, turismo —, investigando também o consumo de jornais da imprensa homossexual e como estes auxiliavam na construção e manutenção de unidades identitárias de sexualidade e gênero.

No capítulo um, dialogamos com Michel Foucault para pensarmos as relações entre sujeito, processo de subjetivação e liberdade. Trouxemos para o debate Judith Butler, Teresa Lauretis, Michel Foucault e Paul Preciado para analisarmos as especificidades das relações entre corpo, gênero, sexualidade e desejo. Para compor essa conversa e tratar dos gêneros e sexualidades dissidentes no Brasil, discutimos com James Green, Edward MacRae, Berenice Bento, Amaira Moira, Nestor Perlongher e Elias Veras.

No segundo capítulo, analisamos a produção, circulação e consumo de representações e discursos sobre homossexuais e travestis. Para isso, realizamos um levantamento de literaturas, peças e apresentações de teatro produzidas por capixabas que tematizavam as subjetividades gays, lésbicas, bissexuais e travestis. Também levantamos os filmes nacionais com personagens homossexuais e travestis para questionarmos as representações que o público capixaba consumia. De outro ângulo, também abordamos a

*política sexual*⁴³ empreendida pela Ditadura civil-militar, que por meio das instituições do Estado, promoveu uma *política sexual* contra gays, lésbicas, bissexuais e travestis. Por fim, nesse capítulo também abordamos as conexões de capixabas com a militância homossexual no Brasil no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, trazendo para o campo de discussão como a homossexualidade foi abordada em debates públicos no Espírito Santo.

Assim, dialogamos com Michel Foucault e Roger Chartier para pensarmos as *regularidades discursivas* que incidiam sobre homossexuais e travestis, bem como para refletirmos a respeito das *lutas de representações* acionadas tanto por meio das artes e diversões públicas, quanto por parte do Regime civil-militar. Também conversamos com Renan Quinalha, James Green, João Silvério Trevisan, Regina Facchine, Elias Veras, Benjamin Cowan, Luiz Morando e Edward MacRae para analisarmos a Ditadura civil-militar e sua relação com gays, lésbicas, bissexuais e travestis.

Juntos, o primeiro e segundo capítulo atuam como base para pensarmos como existiu, de 1960 até 1987 no estado do Espírito Santo, uma movimentação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transformistas, como também de heterossexuais — estes, jornalistas, artistas, professores, intelectuais, escritores, profissionais do sexo, médicos, entre outros — que era ativa no cotidiano cultural, social e político capixaba. Esses sujeitos, em nossa leitura, foram os que, a partir de 1987 começaram a questionar tanto a associação da Aids como “peste gay”, quanto o estigma e a violência que se intensificaram no cotidiano dessa população, criando e participando ativamente do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

Desse modo, no terceiro capítulo buscamos perceber a construção da Aids como “peste gay” e como essa associação — que foi naturalizada — atuou no aumento das violências, das fobias, da discriminação e da exclusão de homossexuais e travestis. Verificamos como essa associação da Aids a uma “doença de gays” foi reproduzida pela Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo que, segundo nossa hipótese, acionou o estopim para a emergência do primeiro grupo capixaba de homossexuais organizado, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana. Investigamos os discursos proferidos pela Campanha, os

⁴³ O conceito de *política sexual* foi criado pela feminista Kate Millett em seu livro de mesmo nome, *Sexual Politics*, publicado em 1970 nos Estados Unidos da América. Nesse trabalho, utilizamos o conceito de *política sexual* utilizado por Renan Quinalha em sua tese de doutorado intitulada *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*, defendida em 2017.

modos de embate da entidade e a memória produzida sobre a seu respeito. Defendemos a importância de analisar a emergência do TRpDH a partir de uma perspectiva local para não cairmos na armadilha de reproduzir uma narrativa de “efeito cascata” — isto é, uma narrativa que apregoa que a entidade surgiu na segunda onda ou terceira onda do movimento homossexual brasileiro e nada além disso.

1. SUJEITOS, CIRCUITOS E TROCAS

Como apresentado de forma preliminar na introdução, entendemos gênero e sexualidade como dispositivos históricos e culturais que atuam na regulação do corpo, dos comportamentos, da ética e da moral. Compreendemos também que as concepções que cercam ambas as categorias variam no tempo e espaço de acordo com determinados povos e sociedades, valores e dogmas, organizações políticas e culturais. Assim, as nomenclaturas e acepções que incidem sobre as práticas de gênero e sexualidade são maneiras de conformar as subjetividades em unidades.

Nos últimos séculos criaram-se discursos de conformidade que promoviam — e promovem — relações opostas e complementares entre sexo-corpo-gênero-desejo-sexualidade. Isso se deu sobretudo a partir de um modelo sexual e de gênero que estabelecia que o normal se encontrava na relação afetivo-sexual entre homem-pênis-masculino e mulher-vagina-feminino. Por outro lado, em meados do século XIX, homens que se relacionavam com homens e mulheres que se relacionavam com mulheres foram categorizados(as) como anormais⁴⁴.

No decorrer do século passado, nas grandes cidades brasileiras, lésbicas, gays, bissexuais e travestis começaram a ocupar as praças, ruas, bares, boates e teatros, o que gerou a visibilidade desses sujeitos e acionou o debate público a seu respeito. Os discursos dos saberes médicos, criminais e religiosos que colocavam homossexuais e travestis como doentes, pervertidos, pecadores e depravados foram utilizados pelo Estado e pela sociedade para regular esses corpos. É nesse embate que, ao longo de décadas no campo social, os que eram resumidos a sujeitos que praticavam o chamado *homossexualismo* ou pederastia começaram a falar por si, reivindicando em alguns casos a legitimidade, normalidade e aceitação de suas práticas.

Neste primeiro capítulo, dividimos a investigação em três momentos: um primeiro que busca se aprofundar no debate acerca dos processos de subjetivação de gays, lésbicas, bissexuais e travestis a fim de pensarmos as construções identitárias desses sujeitos no Brasil do século XX. Nesse tópico, refletimos a respeito da emergência pública de homossexuais e travestis e da construção de um discurso de unidade sobre eles(as) e entre eles(as).

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Em segundo momento mapeamos a presença desses sujeitos no espaço público, como em carnavais, bares, boates, saunas, cinemas, ruas, praças, entre outros. Pensamos não apenas a respeito dos locais em si, mas também das migrações e dos contatos com outros grupos com atenção às maneiras por meio das quais esses sujeitos modificavam a paisagem da cidade. Analisamos o andar pelas cidades e o modo como esses sujeitos se apropriavam de espaços, construindo assim uma cidade possível para suas vivências.

Por fim, no último momento, exploramos as migrações intermunicipais e interestaduais para festividades, o consumo de jornais da imprensa homossexual e os concursos de travestis e transformistas de modo a pensarmos como essas migrações, consumos e concursos contribuía para a produção de subjetividades, reivindicações locais e transformação do espaço urbano.

O objetivo geral desse capítulo é mapear os circuitos de homossexuais e travestis no Espírito Santo, compreendendo como as práticas, comportamentos, moral e ética se constroem nas interações entre eles atuando diretamente no processo de subjetivação. Os fluxos contribuía não apenas para a produção de subjetividades como também para os modos de apropriação do espaço da cidade, construindo além das fronteiras políticas e geográficas uma cidade possível, onde a circularidade de gays, lésbicas, travestis e bissexuais fosse vivida sem as mazelas da marginalização. Desse modo, entendemos essas movimentações não só como pontos cruciais para que se produza um contato entre sujeitos marginalizados por sua sexualidade e identidade de gênero, mas para que haja também o estímulo para o alcance de outros espaços.

1.1 “o sujeito que resiste a tais normas é habilitado, quando não produzido, pelas mesmas normas” - *Judith Butler*

Michel Foucault acreditava que quando a psiquiatria, a literatura e a jurisprudência começaram no decorrer do século XIX a produzir uma série de discursos categorizando a homossexualidade, a inversão, a pederastia e o “hermafroditismo psíquico” como espécies e subespécies, tais campos do saber permitiram um avanço historicamente datado dos controles sociais sobre as “perversidades”⁴⁵. Entretanto, Foucault também salienta que esse movimento possibilitou a emergência de discursos de reação a partir do momento em que a homossexualidade passa a falar por si, reivindicando sua legitimidade

⁴⁵ Foucault, 1988. p. 95.

e sua “naturalidade” ao utilizar, em muitos momentos, o próprio vocabulário que os desqualificava⁴⁶.

Para Michel Foucault, a sociedade e as relações entre indivíduos estão envoltas de relações de poder, sendo que a própria existência destas relações possibilita a resistência, pois o *poder* não é um objeto que alguém detém e outro não — isto é, não é essencialmente negativo, mas uma rede que atravessa todo corpo social com capacidade de reprimir, produzir, incitar e criar⁴⁷. Quando paramos para observar as Histórias do Movimento LGBTQIA+ brasileiro, notamos que no decorrer do século XX houve uma gama de atos de liberdade e de atos pela liberação, que dentro das relações de poder buscavam ressignificar as verdades produzidas sobre o homossexual, o pederasta, a travesti e a fanchona. Todavia, esses atos de liberdade não se preocuparam em pensar a respeito das ações que moldariam a sociedade futura, de um modo que impossibilitou a criação de relações de poder sob as novas regras. Nas palavras de Foucault,

quando um povo colonizado tenta libertar-se de seu colonizador, isso é realmente um ato de libertação, no sentido estrito da palavra. Mas, como também sabemos, nesse exemplo extremamente preciso, esse ato de libertação não é suficiente para estabelecer as práticas de liberdade que serão necessárias, mais tarde, para que esse povo, essa sociedade e esses indivíduos decidam sobre as formas admissíveis e aceitáveis de sua existência ou sua sociedade política. É por isso que insisto nas práticas da liberdade⁴⁸.

Essa busca por uma “liberdade” final — um produto — produziu novas relações de poder entre os sujeitos que tentaram uma emancipação dos discursos que os categorizavam como doentes, pecadores e promíscuos. Por mais que se produzissem novas identidades identificadoras, esses atos de liberdade não chegavam a pensar em *práticas* de liberdade que fossem contínuas e constantes. A prática de liberdade é um exercício diário, pois a liberdade é a capacidade de questionar as maneiras por meio das quais a cultura e a história classificam, definem e categorizam os sujeitos. Praticar a liberdade, portanto, é questionar as verdades produzidas.

Ao pensar o sujeito, Michel Foucault se baseia na ideia de práticas de liberdade, onde as relações de poder e de dominação nunca são “dominadoras” a ponto de impossibilitar qualquer ato de questionamento que lhe diga respeito. É no ato de operar a prática de

⁴⁶ Foucault, 1988, p. 95.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004. p. 9.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. (Coleção Ditos e Escritos V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 265.

questionar que exercemos as práticas de liberdade. Por esse motivo, os discursos que dizem respeito às práticas sexuais e aos gêneros dos sujeitos acabam por disciplinar seus corpos sob o mantra das identidades — produzidas, por sua vez, através das relações de saber e poder.

Michel Foucault, então, não utiliza o termo “sujeito” como sinônimo de pessoas ou uma forma de identidade, mas o considera resultado de um processo, de práticas constantes de liberdade que se operam dentro dos jogos de relação de saber e poder. Pensar em termos de subjetivação não é abandonar as comunidades ou identidades, mas compreender os aspectos afetivos e políticos que acionam essas ligações. As subjetividades são múltiplas e dispersas, não são uma “individualidade” a-histórica ou uma “particularidade” do sujeito⁴⁹. Se a cultura e a história tendem a determinar quem somos e como vamos agir, existe uma liberdade inerente a essas mesmas determinações, e é nesse movimento que há um campo de possibilidades para as subjetivações. Nessa esteira, de modo geral, o sujeito está situado no cruzamento da sujeição, da dominação e subjetivação, e das práticas de liberdade.

Judith Butler destaca que uma das preocupações da teoria feminista é perceber como atos e práticas individuais produzem e reproduzem as estruturas culturais e políticas sistêmicas, assim como as situações diárias e pessoais adquirem maior sentido quando consideradas as heranças culturais e históricas que se movimentam em dado contexto⁵⁰. Ao analisar a significação do corpo, Judith Butler destaca que a cultura tanto significa os corpos quanto altera seus significados. Butler pondera que devemos nos questionar como certas características começaram a ser identificadas (significadas) como um caráter definidor da identidade sugerindo que, a partir desse questionamento, torna-se possível compreender com maior precisão “quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência”⁵¹.

É nesse sentido que Judith Butler — que compreende o gênero a partir da noção de identidade e significação, isto é, o apreende como um produto historicamente produzido — afirma que a ideia de “unidade” do gênero é resultado de práticas reguladoras que

⁴⁹ RAJCHMAN, John. **Eros e verdade**: Lacan, Foucault e a questão da ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 17-18.

⁵⁰ BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Cadernos de leitura*, n. 78, p. 1-16, 2018. p. 6.

⁵¹ BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

uniformizam a identidade de gênero por meio da heterossexualidade compulsória. Butler destaca que é por meio de um aparelho de produção excludente que a prática reguladora restringe os significados relativos ao que entendemos como “heterossexualidade”, “bissexualidade” e “homossexualidade” — limitando, além disso, as características subversivas e de ressignificação que essas modalidades são capazes de produzir⁵².

Nesse sentido, nota-se que a prática reguladora atua delimitando não apenas o *outro*, mas também o *eu*. A posição de sujeito do *ser* mulher está colocada perante a definição do *ser* homem. Na perspectiva de Judith Butler — que compreende gênero como um ato *performativo* —, a manutenção lógica da realização performativa do gênero depende de sua apresentação perante uma plateia social que acredita no gênero, e isso inclui os próprios atores⁵³. Tal colocação parte do entendimento de que a identidade de gênero (aparência de unidade) se estabelece a partir de uma “repetição estilizada dos atos no tempo”⁵⁴, o que gera um certo tipo de conformidade de comportamentos, valores e crenças.

A leitura do gênero enquanto *performance* não exclui a ideia de diferença sexual, mas a compreende como o resultado de um processo de significação dos corpos que produz experiências reais. É de suma importância para muitas pautas de ativismo social — inclusive como ponto de epistemologia — a compreensão de diferença sexual, mas a compreensão do gênero enquanto diferença sexual define os corpos-outros como *desvios* — como, por exemplo, os corpos de pessoas não-binárias, travestis, transgêneros, transmasculinos, transfemininos, e *queer*.

Teresa Lauretis destaca que no discurso da diferença sexual nota-se a colocação das categorias “mulher” e “homem” como sujeitos universais, e isso limita o próprio pensamento feminista, visto que essa colocação deixa de lado a diferença entre mulheres (ou entre homens)⁵⁵. Para isso, Lauretis apreende o gênero como uma representação, como algo findado na sua construção e munido de sentidos simbólicos e concretos⁵⁶. A manutenção do gênero, para Teresa Lauretis, é arquitetada pelas tecnologias de gênero

⁵² BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 57.

⁵³ Butler, 2018. p. 3.

⁵⁴ Butler, 2018, p. 3.

⁵⁵ LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do gênero”. In. HOLLANDA, Heloisa. (Org.). **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p. 207.

⁵⁶ Lauretis, 1994, p. 209.

(cinema, revistas, performances cotidianas) e os discursos institucionais, pois os dois têm a capacidade “de controlar o campo do significado social”⁵⁷.

No campo das identidades sexuais, o discurso heterocentrado define os limites de uma heterossexualidade da mesma maneira que define os limites das homossexualidades, circunscrevendo o que é ou não permitido como prática em ambas as identidades sexuais, e classificando-as, dessa forma, no interior de uma hierarquia binária que define o que é certo ou errado, bom ou ruim, regra ou desvio, forte ou fraco.

Entender o aspecto construído da identidade nos permite questionar quais eram os discursos que pairavam sobre homossexuais e travestis no período da ditadura? Quem produzia esses discursos e como estes atuavam na produção de identidades? Quais os locais em que se moldavam as práticas e como ocorriam as negociações? Como o consumo de jornais e revistas e migrações produzem subjetividades de homossexuais e travestis?

1.2 “a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’” – *Michel Foucault*

No decorrer do século XX — especialmente em sua segunda metade — homossexuais e travestis começaram a “falar por si”. Antes um assunto *da* medicina, *da* psicologia, *da* psiquiatria, *da* psicanálise, *da* antropologia criminal, *da* igreja (perceba a posse que esses saberes/instituições detinham sobre o objeto), a homossexualidade, grifada como *homossexualismo*, era lida como patologia, anormalidade, desvio comportamental, pecado e crime. Michel Foucault, que dedicou sua atenção à construção discursiva do sexo, mostra como pelo menos nos últimos quatro séculos as ciências contemporâneas e instituições disciplinares — envoltas de vontade de verdade — não apenas falaram sobre, regularam, descreveram e categorizaram as sexualidades, mas também as produziram⁵⁸.

Ao olharmos para as identidades gay, lésbica, bissexual e travestis, nos deparamos com diversas zonas de conflitos e produções de um *eu* e de um *outro*. Se em dado momento a cisheteronormatividade definiu homossexuais e travestis tendo a heterossexualidade e cisgeneridade como referência “natural”, à medida que homossexuais e travestis conquistaram certo tipo de visibilidade social eles(as) passaram a produzir outros pontos

⁵⁷ Lauretis, 1994, p. 228.

⁵⁸ Foucault, 1988; 2008.

de referência — marcados, por sua vez, por gênero, raça, classe e até mesmo outras “homossexualidades” (travestis, lésbicas, bissexuais) como o *outro*. No decorrer do século passado tais posições de sujeito colocadas sobre homossexuais e travestis permitiram o surgimento de uma convicção de grupo. O processo de estabelecimento dessa noção de coletividade, que uniu sexualidades e gêneros fora da proposta binária cisheteronormativa, não foi harmonioso e de igual visibilidade para cada sujeito que compõe o que conhecemos hoje como LGBTQIA+.

Por esse motivo, não pretendemos aqui generalizar espaços e vivências quando analisamos as movimentações de homossexuais e travestis capixabas durante as décadas de 1960 e 1980. Havia um opressor comum, que era o discurso médico-legal-religioso que incidia sobre gays, lésbicas, bissexuais e travestis, e os classificava sob a tutela de signos, no mínimo, problemáticos, tais como: depravação, degenerescência, doença e pecado. Porém, ao mesmo tempo havia também, dentro da própria ideia de “homossexual”, uma variedade de corpos e identidades que se apresentavam em tal contexto histórico. Desta maneira, é necessário pensarmos como a emancipação conquistada nas últimas décadas não foi proporcional para todos os sujeitos, visto que alguns conseguiam ocupar determinados espaços e outros não — isto é: por muito tempo um processo emancipatório que abrangesse efetivamente todos não foi algo considerado.

Analisar essas questões partindo apenas dos eixos “homossexualidades” ou “LGBTQIA+” — mesmo apontando os devidos marcadores de gênero, classe e raça — excluiria grupos historicamente silenciados, pois a linguagem e a história na prática partem de um princípio sexista e cisheteronormativo, onde o masculino e o sistema de sexo-gênero “real” são vistos como natural, geral e possível, enquanto os outros são as dissidências, as especificidades.

Dentro dessa colocação é preciso destacar a fala de Elias Veras e Joana Pedro, os(as) quais apontam para a invisibilidade das homossexuais e travestis na história, e que esta pode ser comparada a das mulheres, grande parte em função das “escolhas políticas implicadas no fazer historiográfico, que, ao eleger determinados temas — eleição política —, deixavam de lado outros temas, outros sujeitos e outras histórias”⁵⁹.

⁵⁹ VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in) visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, 2014. p. 96.

Outro ponto que vale destaque são as variações terminológicas utilizadas para tratar dos gêneros e sexualidades dissidentes. No decorrer dos 30 anos estudados nessa pesquisa as subjetividades desses sujeitos variaram, e os termos identificatórios também adquiriram novos significados — alguns, inclusive, tentaram se sobrepor uns aos outros. Um bom exemplo é o caso de Milson Henriques, que é categorizado por fontes da ditadura como “pederasta passivo”, na bibliografia como “homossexual” e, em seu livro, afirma-se como “bissexual”. É necessário sublinhar, ainda, que a própria autoidentificação varia, como é o caso de Edson Ferreira, que atualmente se afirma como homem homossexual, mas que nas décadas de 1970 e 1980 experienciou uma travessia de gênero como travesti.

Percebemos, no caso das mulheres, que existe um processo de silenciamento e invisibilização em relação a suas sexualidades, como demonstra a experiência vivida por Carmélia Maria de Souza, a cronista do povo. Existe um silêncio na literatura e bibliografia sobre Carmélia quanto aos seus amores por outras mulheres — isso é, inclusive, “fofocado” em alguns registros. Há também o caso de Vera Viana, que em momentos diferentes da vida se relacionou com mulheres e homens. Diferente de outros sujeitos, não há evidências que apontem como Carmélia Maria de Souza e Vera Viana se identificavam, visto que o que se encontra no que fora produzido até então é um *não dizer*.

Cada um desses termos, categorias e classificações (identidades) possuíam significantes e significados diferentes que variam/variavam de acordo com o enunciador, local e período de enunciação. Definir práticas e comportamentos para cada um dos termos que aparecem no *corpus* documental que possibilitou essa pesquisa seria caro para a investigação, pois estaríamos produzindo uma leitura uniformizadora de práticas variáveis. Podemos observar o exemplo de James Green, que mostra como as homossexualidades apareciam como *homossexualismo*/pederastia nos registros médico-legais durante todo o século XX⁶⁰.

Os dois termos, comumente usados por instituições do governo e saberes científicos, tendiam a subclassificar os homossexuais/pederastas entre ativos e passivos, de modo a colocá-los em uma hierarquia dentro da própria noção de *homossexualismo*/pederastia⁶¹. Em tal hierarquia, quem desempenhava o papel de penetrador (ativo) era visto como

⁶⁰ GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

⁶¹ Green, 2000.

“menos homossexual”, ou até como um heterossexual. Dentro dos grupos homossexuais, o ativo era chamado de “homem de verdade”, ou bofe. Por outro lado, o que era penetrado, — ou seja, o passivo —, era compreendido como um homossexual “completo” e, dentro de alguns grupos de homossexuais, era chamado de bicha ou boneca.

Uma lógica parecida era utilizada para diferenciar a homossexualidade feminina. As mulheres que desempenhavam papel passivo e/ou eram tidas como “femininas” eram classificadas como lady ou sapatilha. Contudo, as que desempenhavam o papel ativo ou performavam gênero para se “masculinizar” eram chamadas de fanchonas ou sapatões⁶². Nogueira destaca que a oposição lady/fanchona era comum nos anos 1950, e nas décadas seguintes se popularizou os termos sapatilha/sapatão⁶³.

Os termos identificatórios que se findam em cima de práticas passam pela problemática apontada por Michel de Certeau, para quem as práticas — sexuais, nesse caso —, mesmo que inseridas nas relações sociais, também se operam na individualidade, que “é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”⁶⁴. Em outras palavras, por mais que as terminologias sejam baseadas em práticas sexuais e comportamentos, isso não significa que a prática cotidiana reflita exatamente o que a expressão tipifica.

Na década de 1960 surgiram no vocabulário homossexual da rede *O Snob* termos que procuram fugir dessa divisão binária entre penetrador(a)/penetrado(a), feminino(a)/masculino(a), homem/mulher, sendo eles: entendido/entendida. Essas nomenclaturas, que começaram a ser utilizadas por alguns membros do jornal, pretendiam colocar os(as) parceiro(as) sexuais em pé de igualdade, sem diferenciação hierárquica⁶⁵.

Por décadas, a prática de travestir-se ficou reservada ao âmbito privado ou a momentos específicos como em carnavais, no teatro, shows e apresentações. Elias Veras destaca que com o acesso a tecnologias científico-corporais (hormônios e silicone) surge uma “nova

⁶² NOGUEIRA, Nádia. **Invenções de si em histórias de amor**: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop. 2005. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, 2005. p. 83.

⁶³ Nogueira, 2005, p. 250.

⁶⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 38.

⁶⁵ COSTA, Rogério da Silva Martins. Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: Relatos do jornal *O Snob*. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

identidade” que, por sua vez, invadiu os espetáculos e boates. Essas tecnologias eram utilizadas por pessoas masculinizadas que tinham como objetivo a feminilização e a construção de uma aparência feminina⁶⁶. Veras destaca como os travestis do *tempo dos hormônios* eram diferenciados de transformistas, gays e bonecas devido ao uso dessas tecnologias (silicone e hormônios) para modelarem seus corpos⁶⁷.

Com essa breve colocação acerca de algumas categorias e classificações que estão presentes no contexto histórico estudado — sem intenção nenhuma de suprimir o assunto —, podemos perceber a gama de variações terminológicas que pretendiam dar conta do que se entendia por *homossexualismo*/pederastia. A própria presença dessas identidades variava de contexto em contexto e não necessariamente a nomenclatura identitária na fonte representa as práticas dos sujeitos ou como eles se entendiam. Isso nos coloca, enquanto historiadores, frente ao problema de apenas utilizar os termos presentes nas fontes sem questioná-los. Podemos pensar o caso de Edson Ferreira, que nos fala que foi preso diversas vezes sobre acusação de pederastia. Se utilizássemos o termo pederasta para falar da pessoa de Edson Ferreira, perderíamos a constatação que de ele foi preso quando era travesti.

Assim, o problema terminológico de categorização dos sujeitos estará presente nas discussões desta pesquisa, especialmente neste capítulo, em que problematizamos as práticas e identificações de gays, lésbicas, bissexuais e travestis no Espírito Santo. Percebemos que existiam diversas frentes de forças (enunciados discursivos que produziam materialidades) que atuavam sobre as práticas e no processo de subjetivação desses sujeitos. Discursos oficiais advindos dos saberes antropológico e científico, contradiscursos que tentavam naturalizar uma identidade homossexual, as variáveis de gênero, os discursos coletivos e individuais etc. Tais discursos, juntos de suas respectivas materialidades, moldavam os espaços em que esses sujeitos frequentavam. Esses sujeitos, contudo, não acatavam essas relações de poder pacificamente, isto é: também havia enfrentamento e negociações.

⁶⁶ VERAS, Elias Ferreira. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Appris, 2019. p. 85.

⁶⁷ Veras, 2019.

1.3 “movimento homossexual, que pressupunha a igualdade de todos os seus membros, esbarra em outros ideais menos explícitos” – *Edward MacRae*

Michel Foucault salienta que a produção de discursos que categorizaram a homossexualidade enquanto perversão e doença foi o que tornou possível que os próprios sujeitos que eram objeto do discurso reivindicassem a fala sobre si⁶⁸. Na experiência brasileira do século XX, especificamente em sua segunda metade, tais contradiscursos foram envoltos de debates e contradições, dado a heterogeneidade de corpos, vivências e compreensões que estavam englobados na ideia de homossexualidade.

James Green aponta como a emergência pública do sujeito homossexual tornou-se, em meados dos anos 1930, um problema para as instituições médico-legais brasileiras⁶⁹. A sociedade heteronormativa atuava na manutenção do sistema de regulação dos corpos, reservando aos homossexuais e às travestis uma sexualidade e identidade de gênero restritas aos espaços privados. O século XX, contudo, foi marcado pelo aparecimento desses mesmos sujeitos em ambientes públicos. O surgimento de circuitos de homossexuais e travestis, então, possibilitou a eclosão de contradiscursos relacionados aos que eram proferidos pelo corpo social e pelo Estado — estes, como já dito, baseados na moral dos saberes científicos e religiosos. Os saberes médicos e as *psi*⁷⁰ procuravam curar, enquanto a antropologia criminal e a polícia buscavam controlar e reprimir.

Os discursos das instituições disciplinares do Estado — acompanhados da moral religiosa — debatiam as experiências homoafetiva-sexuais sob a ótica do *outro*, atribuindo leituras negativas a modo de sujeitar esses corpos. A produção do *eu* por parte dos homossexuais é oriunda, também, dessas elaborações e das noções de gênero defendidas com base em uma “verdade” sobre o sexo e sua característica “natural”. Tais ideias começaram a ser questionadas na segunda metade do século XX com a emergência de grupos e redes de sociabilidades de gays, lésbicas, bissexuais e travestis, que ao longo dos anos passaram a problematizar as referidas noções de identidades sexuais, categorias e comportamentos “patologizados”, bem como as concepções binárias sustentadas por verdades criadas pelo sistema de sexo-gênero. Essas redes e os debates por elas levantados levaram a eclosão

⁶⁸ Foucault, 1988. p. 95.

⁶⁹ Green, 2000, p. 189.

⁷⁰ Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria.

de grupos de ativismo político no final dos anos 1970 e, como aponta Edward MacRae, um novo problema passou a ser discutido: a construção da igualdade⁷¹.

Acerca da emergência pública do sujeito homossexual na experiência capixaba, poucos foram os registros históricos encontrados que antecedem os anos 1960. Um deles pode ser visto no relato de Elmo Elton, publicado em formato de um livro que trata de algumas personalidades de Vitória⁷². Em seu texto, ele aborda a figura do Professor Irênio. Nascido em Benevente, atual município de Anchieta, Irênio Carneiro foi professor concursado em Anchieta de 1919 a 1930. Professor Irênio lecionou na escola masculina da região de Três Barras até abril de 1928, quando foi transferido para a escola mista da região de Monte Urubu, que posteriormente foi transformada em masculina⁷³.

Elmo Elton relata um episódio ocorrido em meados de 1934, antes de Professor Irênio se mudar definitivamente para Vitória. Descreve Professor Irênio como um homem de média estatura, cabelos longos e postura elegante. No episódio narrado por Elmo Elton, Irênio vestia um terno branco com uma gravata de pintor, o que causou escândalo e despertou os olhares das pessoas que andavam pela Praça da Independência (atual Praça Costa Pereira)⁷⁴. Os trejeitos e as vestimentas de Professor Irênio foram alvo de zombarias das pessoas que estavam na região. Professor Irênio, em forma de despedida, subiu a escadaria na Ladeira da Pedra (atual Escadaria São Diogo) se abanando com um leque e jogando beijos aos que passavam, em saudação aos moradores de Vitória⁷⁵.

Logo depois, Professor Irênio mudou-se para Vitória e se fixou na ladeira Professor Baltazar, próximo à Praça da Independência. Escandalizava e divertia a vizinhança, pois usava um roupão de cetim transparente e salto alto com pompons, seu quarto era mobiliado “ao gosto feminino”⁷⁶.

Segundo Renato Pacheco, Professor Irênio morava na Praia do Suá, em 1933, quando foi preso por seis policiais, às 10:30 da manhã, por supostamente ter oferecido 15\$000 para Osvaldo Silva para que este “praticasse com ele o ato de pederastia”. Essa proposta foi

⁷¹ MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Unicamp, 1990.p. 279.

⁷² ELTON, Elmo. **Tipos populares de Vitória**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985.

⁷³ Resolução nº 570. **Diário da Manhã**, Vitória, 10 abr. 1928. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/docreader/572748/28980>>. Acesso em: 13 set. 2021. p. 2.

⁷⁴ Elton, 1985, p. 18.

⁷⁵ Elton, 1985, p. 18.

⁷⁶ Elton, 1985, p. 18.

enquadrada como “crime contra a honra”. Essa categoria incluía palavrões e xingamentos como “vá a merda; filho da puta; crápula; sacana; cretino; ordinário; ladrão; filha de uma égua; corno; corno manso; **veado**”⁷⁷.

No carnaval de 1938, Professor Irênio “fantasiou-se de Madame Butterfly, usando quimono de seda, oriental, adquirido em navio aportado em Vitória, cabelo alta, presa com longos grampos, a maquiagem perfeita, abanando-se com ventarola chinesa”⁷⁸, e parodiando a apresentação de Violeta Coelho Neto de Freitas, que no ano anterior cantou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro a ópera *Madame Butterfly*. Elmo Elton salienta que

em meio à multidão escandalizada (os travestis ainda não estavam em voga), ei-lo ora trinando trechos da ópera famosa, ora cantando a marchinha de lá vem o seu China na ponta do pé, tudo com tamanha novidade e não menor ridículo, que logo se tomou a figura mais comentada da festa momesca⁷⁹

As informações acerca do Professor Irênio condizem com os registros de James Green no tocante à prática de se travestir por parte de homossexuais masculinos durante as festas carnavalescas nas primeiras décadas do século XX⁸⁰. O estar em travesti consistia na utilização de tecnologias de gênero durante as festividades do rei momo, a modo de parodiar ou vivenciar inversões de gênero que não eram “permitidas” durante o ano.

Elmo Elton relata que encontrou Professor Irênio no carnaval do Rio de Janeiro vestido de Rainha do Mar (Iemanjá) com acessórios como apliques, conchas, paetês, cavalos marinhos e entre outros⁸¹. Como o carnaval era o momento específico em que homossexuais conseguiam se expressar com maior liberdade, era bem comum, segundo Green, que alguns homossexuais se vestissem com roupas vistosas para as festas⁸². Apesar desta sensação de liberdade, Green aponta que a imagem de liberdade sexual durante os carnavais brasileiro passou a ideia de que existia uma aceitação social de homossexuais e travestis⁸³.

⁷⁷ PACHECO, Renato. **Os dias antigos**. Vitória: EDUFES, 1998. p. 127.

⁷⁸ Elton, 1985, p. 19.

⁷⁹ Elton, 1985, p. 19.

⁸⁰ Green, 2000.

⁸¹ Elton, 1985, p. 19.

⁸² Green, 2000, p. 153.

⁸³ Green, 2000, p. 26.

Elmo Elton comenta que Professor Irênio sumiu da cidade por algum tempo para lecionar ou “porque estava internado em alguma casa de saúde”⁸⁴. O nome do Professor Irênio parou de aparecer nos registros do Diário da Manhã em janeiro de 1930, meses após iniciarem um processo administrativo contra ele⁸⁵. Depois desse período, o nome dele não aparece mais no Diário da Manhã, o que nos permite considerar o segundo argumento de Elmo Elton, de que professor Irênio teria sido internado em alguma casa de saúde, o que era corriqueiro na época, visto que a homossexualidade era tratada como um problema clínico. João Silvério Trevisan destaca que no Brasil não chegou a existir instituições especializadas nessa questão, mas que a partir da década de 1920 as autoridades médico-legais constantemente sugeriram a psiquiatrização da prática homossexual⁸⁶.

Em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, durante todo o século XX a polícia foi responsável por promover a repressão e o controle das manifestações públicas de “homossexualismo”⁸⁷. Segundo Elmo Elton, a morte do Professor Irênio possivelmente foi resultado de “imerecidas surras” que levou por parte da polícia⁸⁸. Os motivos das surras Elmo Elton não chega a citar, mas as descreve como “questões de menor importância”⁸⁹. Tal caso de violência policial contra homossexuais e travestis — junto a outros registrados em pesquisas sobre a mesma temática⁹⁰ — nos permite perceber como as instituições brasileiras de disciplina e controle procuraram regular e reprimir essas experiências.

Outro registro identificado que aborda as práticas homossexuais e o “travestismo” em Vitória é uma reportagem de março de 1954, publicada no jornal *Folha do Povo*. No texto, descrevem que um cidadão “embriagado” estava se “dando com um rapazola em

⁸⁴ Elton, 1985, p. 19.

⁸⁵ Edital. **Diário da Manhã**, Vitória, 18 mai. 1929. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=572748&pagfis=31729>>. Acesso em: 21 jun. 2021. p. 5.

⁸⁶ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. p. 187.

⁸⁷ Green, 2000; MacRae, 1990.

⁸⁸ Elton, 1985, p. 19. Não encontramos documentos ou registros acerca do Professor Irênio no Fundo da Polícia catalogado pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. O professor Renato Pacheco indica que existe um Arquivo Criminal do Professor Irênio no Tribunal de Justiça do Espírito Santo, que pretendemos acessar em futuras pesquisas.

⁸⁹ Elton, 1985, p. 20.

⁹⁰ Green; Quinalha, 2015.

travesti”⁹¹. Nota-se, na colocação do jornal, a maneira que era enxergada a prática de se travestir, ou seja: travestir era uma forma de “estar” durante determinados espaços e determinadas época do ano, o que Elias Veras chama de *tempo das perucas*, definindo com suas palavras que “travesti estava associado a uma prática restrita aos espaços privados de sociabilidade homossexual”⁹².

A reportagem veio acompanhada de uma charge que continha um homem sorrindo com chapéu de palhaço em formato de cone. Ele olhava para um outro homem travestido, de bigode, com biquini redondo, saia havaiana e pernas cabeludas acenando em sua direção. O discurso do jornal e a charge reproduziam uma visão social sobre as travestis, e de igual modo produzia os lugares e as subjetividades desses sujeitos, colocando-as como uma imitação do “verdadeiro” sexo-gênero.

O texto leva a entender que houve briga e agressão — apartadas pela polícia — por parte do homem embriagado. Fizeram exame de corpo e delito e o homem embriagado foi processado por atentado ao pudor. Em sua defesa, o advogado utilizou como argumento a “licenciosidade dos festejos carnavalescos” por estar se relacionando com um rapaz “em travesti”, e o nível alcoólico, pois o réu “não estava em estado de distinguir [...] a consumação do atentado”⁹³. O próprio argumento do advogado de defesa destaca a permissividade de expressão nas festividades carnavalescas, e utiliza a embriagues como contraponto para tirar a culpa do réu e colocá-la, de forma indireta, no sujeito em travesti.

Não houve, no Brasil, lei que criminalizasse a homossexualidade. Entretanto, por diversas vezes a Lei da Vadiagem e outras portarias a nível municipal e estadual foram utilizadas sob a acusação de pederastia para prender homossexuais que se encontravam em praças, parques, becos, bares, boates e até mesmo no carnaval⁹⁴.

A experiência do Professor Irênio e o episódio carnavalesco de 1954 evidenciam como a homossexualidade pública era questão clínica-policial, seja por objetivar controle ou como algo a ser reprimido. Michel Foucault argumenta que dentro dos complexos externos do discurso existe a *interdição*, que define quem pode falar, o que deve ser dito

⁹¹ Amor com endereço trocado. **Folha do Povo**, Vitória, 21 mar. 1953. Disponível em:< <http://memoria.bn.br/docreader/101800/1621>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 8.

⁹² Veras, 2019, p. 59.

⁹³ Amor com endereço trocado. **Folha do Povo**, Vitória, 21 mar. 1953. Disponível em:< <http://memoria.bn.br/docreader/101800/1621>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 8.

⁹⁴ Green, 2000, p. 58; Perlongher, 1987, p. 92; Trevisan, 2018, p. 54.

e em quais circunstâncias é permitido dizê-lo. Podemos perceber com base nesses dois casos como a criminologia e os saberes médicos detinham o *poder* de definir, limitar, classificar, hierarquizar e categorizar homossexuais e travestis.

O controle social e institucional que recaía sobre as manifestações públicas de homossexuais e travestis resultou no aparecimento de espaços privados direcionados às sociabilidades desses sujeitos nas décadas de 1950 e 1960. Isso se deu tanto com objetivo comercial quanto como espaço para se relacionar com os seus. Além das badalações, esses ambientes proporcionaram trocas de informações, interpretações, culturas de *ser* e *estar* acerca das suas condições. Foi nesse contexto que gays, lésbicas, bissexuais e travestis passaram a compartilhar suas experiências individuais e começaram a ver a sexualidade como algo coletivo, renunciando em partes ao discurso do *eu* e produzindo falas sobre o *nós*. Tal conjuntura propiciou a formação de grupos de ativismos no Brasil no final da década de 1970 que foram marcados, como já apontado, pela problemática da construção da igualdade.

1.4 “Este ano no carnaval capixaba as nossas bonecas tiveram que desfilar pelo meio das ruas e com muita coragem” - *Babette*

O Centro de Vitória em 1960 era um dos principais pontos das festividades de carnaval no Espírito Santo devido à presença de teatros, praças, avenidas largas, bares, restaurantes, boates, hotéis, porto, instituições políticas, órgãos do governo, entre outros. Isso o configurava como o polo econômico-político-cultural capixaba. Entre as décadas de 1960 e 1980, Vitória passou por grandes transformações urbanas por conta das massivas migrações ocasionadas pela política de erradicação dos cafezais, os Grandes Projetos Industriais⁹⁵ e a diversificação do mercado de trabalho. Acerca dessa conjuntura econômica e social — que perpassou os anos 1970 até os anos 2000 —, Maria Beatriz Nader destaca que pela falta de planejamento governamental, a erradicação dos cafezais veio acompanhada do crescimento urbano na capital e nas cidades vizinhas junto à emergência de conflitos decorrentes das extensas ocupações de morros e áreas de mangues na ilha⁹⁶.

⁹⁵ NADER, Maria Beatriz. Industrialização, aumento populacional e a diversificação do mercado de trabalho: Vitória em dados 1970-2000. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 12, p. 1-23, 2007.

⁹⁶ Nader, 2007, p. 06.

No mesmo contexto, o Regime civil-militar instaurado no Brasil em 31 de março de 1964 iniciou um período de 21 anos marcados por controle, censura, repressão, violência policial, torturas e assassinatos, ao passo em que múltiplas formas de resistência foram criadas. Não apenas o que era alinhado ao *comunismo* foi alvo de controle da Ditadura civil-militar, mas também manifestações culturais, valores e comportamentos que não se enquadravam na moral defendida pela “família tradicional brasileira”⁹⁷. Homossexuais e travestis foram vigiados(as) e perseguidos(as) por instituições do Estado/regime civil-militar.

O carnaval de Vitória no decorrer dos anos 1960 era um dos momentos mais esperados por homossexuais da Grande Vitória, de Colatina e até de outros estados⁹⁸. Essa festividade ficou registrada na coluna *Colatina em Hi-Fi*, escrita por Babette no jornal doméstico *O Snob*. Os colunistas do jornal, em sua maioria, assinavam as publicações com pseudônimos femininos. A coluna de Babette teve início em 1965 e perdurou até 1968, com publicações esporádicas. Nela, foram retratadas fofocas, zonas de pegação, concursos locais, concursos de miss estadual e municipal, festas da cidade, carnaval, shows, entre outros. As bonecas recebiam pseudônimo feminino (Maísa, Babette, Débora) e os bofes pseudônimos masculinos (Audir, Mário, Vandeco)⁹⁹.

A preparação para as festividades carnavalescas movimentava o ano de homossexuais residentes em Colatina, cidade localizada na região norte do Espírito Santo. Em dezembro de 1965, Babette destaca em sua coluna que Débora já confeccionava sua fantasia e que Jaqueline iria ao Rio de Janeiro comprar uma peruca preta e outra ruiva¹⁰⁰. Débora e Jaqueline esperavam pular carnaval no estado da Guanabara (cidade do Rio de Janeiro atualmente); entretanto, no ano de 1966, as duas curtiram as festividades do Rei Momo em Vitória. Sobre a ida de colatinenses ao carnaval de Vitória, Babette destaca que Colatina

enviou para Vitória 3 fabulosas travestis, para concorrem com algumas beldades capixabas, no carnaval de 66. Débora, Sofia e Jaqueline, que são as melhores travestis colatinenses, fizeram muito sucesso: Foram bem recebidas e bastantes (sic) homenageadas, pelo público alegre da capital capixaba. Com

⁹⁷ Quinalha, 2017. p. 32.

⁹⁸ FREITAS, Randas Gabriel A.; RIBEIRO, Luiz Cláudio M.; LEMOS, Carlos Eugênio S. de. Princesinha do Norte por Babette: identidades e homossociabilidades em Colatina nos anos 60. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v. 3, n. 9, p. 54-83, 2020. p. 65.

⁹⁹ Freitas, Ribeiro, Lemos, 2020.

¹⁰⁰ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 15-16, 25 dez. 1965. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

muitos aplausos as bonecas desfilaram pela movimentadíssima avenida Jerônimo Monteiro. E todos queriam vê-las e admirar o charme das colatinenses. Seus vestidos eram todos longos e bordados, causaram bastante sensação. Parabéns pelo bom gosto apuradíssimo, queridas¹⁰¹.

Naquele período, a Avenida Jerônimo Monteiro constituía uma das mais importantes vias do Centro de Vitória por conta da circulação de pedestres e veículos, e a presença de comércios e bancos locais. A avenida recebeu de meados de 1930 até 2019 os blocos de rua do carnaval de Vitória¹⁰². No carnaval, principalmente o de rua, havia uma diferenciação visível do “travestismo” praticado por homossexuais e heterossexuais. Normalmente, como ressalta Green, o segundo grupo utilizava vestidos emprestados a modo de transgredir o gênero de forma temporária, enquanto o primeiro grupo, principalmente os homens efeminados, se “vestiam como mulheres para expressar sua identidade ‘real’”¹⁰³. Nos anos 1960 havia uma ideia muito difundida, dentro e fora dos meios homossexuais, de que bichas ou bonecas deveriam se expressar e comportar de acordo com o que a sociedade esperava das mulheres¹⁰⁴.

O estar em travesti, então, para muitos homossexuais, representava uma tentativa real de “estar” mulher. Green, ao analisar o caso carioca e paulista, pondera que boa parte dos homossexuais não utilizava vestimentas ou apresentava trejeitos efeminados, mas que os travestidos eram os que recebiam grande destaque da mídia¹⁰⁵. A constatação de James Green torna-se evidente no cenário capixaba se considerarmos que o *Colatina em Hi-Fi* destaca que apenas Débora, Sofia e Jaqueline estavam em travesti, o que nos possibilita pensar que Adanta, Lucrecia, Tarina, Laura, Maísa, Vera Regina e a própria Babette — citadas como participantes do carnaval de 1966 em Vitória — não se travestiram.

Babette afirma que foram bem recebidas no Bar do Jau que se localizava próximo ao Parque Moscoso¹⁰⁶. A colunista destaca que “o dono desse recinto tem simpatia para

¹⁰¹ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁰² Em 2020, a Secretaria de Cultura de Vitória, sob a administração de Francisco Grijó, atendeu ao pedido de residentes que solicitavam a retirada dos blocos de rua da avenida Jerônimo Monteiro, que passaram a acontecer na avenida Beira Mar, rompendo com a tradição da folia capixaba. Ver: Carnaval 2020: prefeitura de Vitória anuncia mudança nas interdições e eventos no Centro. **A Gazeta**, Vitória, 15 jan. 2020. Disponível em: < <https://www.folhavitória.com.br/geral/noticia/01/2020/carnaval-2020-prefeitura-de-vitoria-anuncia-mudancas-nas-interdicoes-e-eventos-no-centro>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

¹⁰³ Green, 2000, p. 347.

¹⁰⁴ Green, 2000. Costa, 2010.

¹⁰⁵ Green, 2000, p. 247.

¹⁰⁶ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

milhões. Ali pode-se ficar à vontade, porque não há broncas e nem bronquinhos”¹⁰⁷. A emergência pública do sujeito homossexual enquanto uma “espécie” exigiu que eles “se apropriassem” de alguns espaços para sociabilizar entre si.

Na década de 1960 poucos foram os proprietários de estabelecimentos comerciais, principalmente de bares e boates, que estavam dispostos a receber homossexuais como clientela. Os donos de casas de shows e festas achavam que a frequência de homossexuais poderia estigmatizar o recinto e afugentar o público heterossexual. Possivelmente é por esse motivo que Babette comentou que não houve “broncas e nem bronquinhos”, dado que — considerando o imaginário coletivo da época —, eles já foram “convidados a se retirar” de outros estabelecimentos.

Houve, no carnaval de 1966, um “concurso de travesti realizado em Vitória”¹⁰⁸ ocorrido nas ruas do centro da cidade. A ausência de um local para se realizar o concurso resultou no comentário de Babette: “Vitória não tem um Teatro apropriado para receber seus travestis. E vocês com muita coragem e bastante audácia souberam enfrentar o público bem de perto”¹⁰⁹. Os concursos e shows de travestis realizados em teatros já eram comuns em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Belo Horizonte durante os anos 1960¹¹⁰.

A “coragem” e “audácia” destacadas por Babette estão relacionadas às experiências e relatos de violência que homossexuais e travestis sofriam tanto durante o carnaval, quanto na entrada de apresentações em teatros. Mesmo que parte do público heterossexual visse travestis e homossexuais com um ar cômico durante os pequenos concursos realizados no carnaval, outra parte se sentia ameaçada, cometendo até mesmo agressões físicas e verbais¹¹¹. Apesar disso, devido ao sucesso das bonecas colatinenses, foi colocado uma foto de Débora, Sofia e Jaqueline em travesti na entrada do edifício Ouro Verde na

¹⁰⁷ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁰⁸ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁰⁹ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹¹⁰ Green, 2000; Veras, 2019.

¹¹¹ Green, 2000, p. 356.

avenida Jerônimo Monteiro com a seguinte legenda: “As maiores do carnaval capixaba em 66”¹¹².

O comentário de Babette acerca da inexistência de um teatro para receber shows de travestis gerou, no decorrer de 1966, a busca por um espaço que pudesse receber o evento. Em dezembro daquele ano Babette declarou:

Estou ouvindo dizerem por aí, mas soou afirmativa certa, que irá acontecer no carnaval capixaba de 1967, um baile de travesti no Teatro Carlos Gomes. Se tal acontecer será ótimo para todas aquelas que gostam. Este ano no carnaval capixaba as nossas bonecas tiveram que desfilar pelo meio das ruas e com muita coragem. Mesmo assim, apesar de alguns transtornos fizeram um tremendo sucesso. Débora, Jaqueline e Sofia, ainda estão a relembrar os seus feitos no carnaval. E com isto já temos muita boneca dando seus pulinhos e pedindo que aconteça mesmo o tal baile de travesti. Vamos aguardar a confirmação dos acontecimentos¹¹³.

O baile não chegou a acontecer no Teatro Carlos Gomes em 1967, mas as bonecas “com bastante audácia conseguiram desfilar pela principal Av. Jerônimo Monteiro onde a animação fervia a valer”¹¹⁴. Novamente, Débora, Sofia e Jaqueline foram em travesti para o carnaval de Vitória. Babette afirma que Débora ganhou o concurso de originalidade com uma fantasia feita pela própria, chamada de “Traje Op-Art”¹¹⁵. Apesar de não ter acontecido o baile, Babette aponta que houve o concurso no “Teatro Municipal de Vitória”. Não encontramos registro acerca da existência desse teatro, o que nos leva a pensar que ela pode ter se referido ao Teatro Carlos Gomes, que se encontrava “abandonado” na época, ou o Clube Vitória, localizado nas imediações do Parque Moscoso.

Nas festividades de carnaval de Vitória de 1967 estavam presentes as colatinenses: Babette, Maísa, Débora, Sofia e Jaqueline. Junto ao grupo de Colatina estavam Tarina e Adalta Paula, de Vitória; e Morgana (prima de Babette), de São Paulo¹¹⁶. Todas as bonecas se hospedaram no Cannes Palace Hotel na avenida Jerônimo Monteiro. Babette

¹¹² BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, s/d jun. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹¹³ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 dez. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹¹⁴ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 fev. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹¹⁵ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 fev. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹¹⁶ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 fev. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

também teceu elogios ao hotel e disse que o “dono daquele hotel, principalmente a esposa do gerente, eram fabulosos e bastante entendidos. Nota 10 para eles”¹¹⁷.

O termo “entendido” possuía diversos sentidos quando utilizado nos meios homossexuais, podendo caracterizar uma identidade ou um local — ou, como no caso empregado, uma característica de uma pessoa que “‘entendesse’ no sentido de aceitar, valorizar e compartilhar o modo de vida das ‘bichas’”¹¹⁸. Ou seja, nesta última aplicação o termo poderia caracterizar heterossexuais sem a intenção de descrever a sexualidade da pessoa. Em comentário, Babette destaca que Sofia foi considerada a “mamãe do carnaval”, pois fez recomendações para suas amigas contra os perigos da festividade¹¹⁹.

Já nas décadas de 1970 e 1980, a presença de gays, lésbicas, travestis e transformistas aparecem com maior evidência nas escolas de samba. Num primeiro momento, eles(as) fizeram-se presentes na confecção de fantasias e depois passaram a desfilar nas alas, tocar nas baterias e até narrar o desfile. As escolas Unidos de Santa Lucia e Amigos da Gurigica foram as primeiras a receber travestis, transformistas e gays nos desfiles em alas específicas¹²⁰. Em 1978 a escola de samba Amigos da Gurigica desfilou com enredo *Levante do Queimado*, e a travesti Ednamara desfilou como destaque¹²¹. Nesse período, Edson afirma que já havia começado a tomar hormônios, fazia sobancelha e se travestia, o que resultou em sua saída da casa dos pais¹²².

Tina Moreira destaca que era grande fã e frequentadora do carnaval de rua, de clube e dos desfiles das escolas de samba da Grande Vitória, tendo sido a primeira mulher a narrar o carnaval de Vitória. Tina Moreira afirma:

A coisa mais engraçada é que as minhas fantasias nunca eram femininas. Eram sempre masculinas. Eu sempre gostava de ir de árabe. Difícil era ir no banheiro, que achavam que eu era menino: não era menino não, sou mulher. Achavam

¹¹⁷ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 fev. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹¹⁸ Costa, 2010, p. 36.

¹¹⁹ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 fev. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹²⁰ BRAGANÇA, Lucas. **Desaquedando a História Drag**: no Mundo, no Brasil e no Espírito Santo. Vitória: Edição Independente, 2018. p. 85.

¹²¹ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 02.

¹²² FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 2.

que eu era menino. Os meninos não se fantasiavam de mulher? Então, eu também poderia me fantasiar de menino¹²³.

Essa colocação nos mostra como o carnaval servia como um espaço/tempo em que se era “permitido” questionar as lógicas de gênero para além de seus papéis. Nádia Nogueira nos lembra que para mulheres, “ir a bailes, ao cinema e a festas de carnaval desacompanhada não era considerado digno de uma moça de família, o que apontava uma liberdade excessiva, justificativa para aqueles doutores do direito de o homem exercer seu desejo sexual sobre elas”¹²⁴. De outro ângulo, a inversão de gênero consistia uma espécie de desejo, já que em outros momentos do ano essa inversão seria julgada e cerceada, chegando a sofrer reclusão a depender da situação. Elias Veras conclama o carnaval de uma heterotopia de gênero, “que, ao instaurarem uma ruptura provisória com o cotidiano, suspendem (temporariamente) normas de gênero e possibilitam a criação de relações singulares”¹²⁵.

Por mais que o carnaval apresentasse um ar de liberdade e permissibilidade para que se praticassem “inversões de gênero”, pegações e outras expressões de sexualidade e gênero fora da cisheteronorma, em momento algum não houve conflitos, confusões, perigos e agressões contra homossexuais e travestis, corroborando com a tese de James Green já apresentada, de que o carnaval passava a ideia de permissibilidade e aceitação social desses sujeitos no Brasil, mas que, na prática, o Estado e a sociedade tentavam controlar e reprimir essas manifestações.

1.5 “estes espaços funcionaram, para algumas travestis, como o espaço público mais democrático da cidade” – *Elias Veras*

Ao pensarmos a respeito da sociabilidade de homossexuais, nos apropriaremos de dois conceitos que dialogam entre si: o de *circuito*, cunhado por José Magnani, e o de *gueto*, de Nestor Perlongher. A proposta de *circuito* de Magnani privilegia a inserção de grupos na paisagem urbana, de um modo a verificar “onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca”¹²⁶.

¹²³ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 4.

¹²⁴ Nogueira, 2005, p. 232.

¹²⁵ Veras, 2019, p. 60.

¹²⁶ MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20, p. 13-38, 2017. p. 16.

A ideia de *circuito* nos mostra os comportamentos, espaços, instituições e equipamentos urbanos que fazem parte da interação desses grupos. Nesse sentido, além de apreendermos o espaço urbano como um cenário, também o vemos “como produto da prática social acumulada desses agentes, e como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço”¹²⁷.

A concepção *ghetto gay*¹²⁸ nos Estados Unidos da América se estabelece em cima de uma região moral bem delimitada, com áreas de residência, comércio, frequência e cultura feita por ou para o público *gay*. Nestor Perlongher afirma que em São Paulo, por outro lado, não chegaram a existir áreas de residência e circulação majoritariamente homossexual que poderiam configurar um gueto paulista. Considerando essa diferença, Perlongher propõe pensar o *gueto* paulista a partir do deslocamento da residência para o “centro” de sociabilização de homossexuais e a existência de subguetos (bares, boates, ruas, praias)¹²⁹. Nessa aceção é proposto que entendemos o gueto não como uma região delimitada e fechada, mas sim um gueto sem limites geográficos demasiadamente precisos¹³⁰.

Essa adaptação nos permite analisar os locais de sociabilidade de homossexuais capixabas, porém são necessárias ponderações. A primeira diz respeito ao quesito densidade demográfica: enquanto a cidade de Nova Iorque tinha cerca de 7,8 milhões de habitantes em 1970, São Paulo tinha 5,9 milhões e Vitória apenas 136 mil habitantes¹³¹. A segunda, que deriva da primeira, versa sobre o comércio: um serviço é oferecido a determinado público quando existe uma quantidade considerável de clientes. E a terceira, que emana das anteriores, vem da ausência de locais públicos e privados para agrupamento de uma “coletividade”: a falta desses locais de sociabilidade levaram a improvisações, como a ocupação de praças em determinados horários. Deste modo, as

¹²⁷ Magnani, 2017, p. 17.

¹²⁸ Nestor Perlongher apropriou-se do debate acerca dos *ghettos gay* estadunidenses para uma análise etnográfica da prostituição viril em São Paulo. Perlongher destaca que o gueto paulista não se estruturava da mesma forma que os *ghettos* de Boston, Chicado, Los Angeles, Nova Iorque e São Francisco. PERLONGHER, Néstor O. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹²⁹ Perlongher, 1987, p. 65.

¹³⁰ Perlongher, 1987, p. 66.

¹³¹ Sinopse preliminar do Censo Demográfico de 1970: VIII Recenseamento Geral – 1970 (Espírito Santo). **Instituto Brasileiro de Estatística**, Rio de Janeiro, 1971. Disponível em:< https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_es.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ideias de deslocamento e subjetos são ainda mais necessárias para investigarmos a especificidade capixaba.

As propostas de Perlongher e Magnani dialogam no ponto em que estão preocupadas não apenas com a presença de determinados grupos no espaço urbano, mas também com como esses grupos chegam a esses espaços, como se apropriam das instituições, tecnologias e comércio que neles estão presentes, mesmo que esses lugares não sejam feitos para eles. Além disso, há também atenção para os modos por meio dos quais esses sujeitos reconfiguram a paisagem urbana no momento em que usufruem dela, atribuindo outros significados a esses locais.

Como visto, num primeiro momento o carnaval foi o espaço e a festividade apropriada por homossexuais para que estes pudessem vivenciar com maior liberdade a sua sexualidade em um ambiente semipúblico. As festividades do Rei Momo não consistiam em um ambiente totalmente seguro, e esses indivíduos estavam sujeitos a agressões (verbais e físicas) por parte daqueles que não entendiam/aceitavam/respeitavam outras possibilidades de sexualidades. Identificamos que os circuitos de homossexuais e travestis na Grande Vitória se estabeleciam nas ruas, praças, bares, boates, saunas e cinemas presentes no Centro de Vitória, mas também na região de São Sebastião, na Serra, nos bairros Centro e Barra do Jucu, localizados no município de Vila Velha, e na região de Campo Grande, em Cariacica. As apropriações desses espaços também se davam em função do dia e do horário.

O Centro de Vitória era um local de sociabilidade e trabalho onde sujeitos marginalizados (homossexuais, travestis, prostitutas, pessoas em situação de rua, ambulantes) se misturavam e formavam uma nova paisagem naquele espaço. Com a crescente chegada de migrantes na cidade de Vitória nos anos de 1960 houve um “projeto de ordenação social e higienização da capital”, o qual acabou “com as casas de meretrício e” expulsou “as prostitutas”¹³². As prostitutas e as casas de meretrício foram enxotadas e realocadas para o município de Serra, em uma região chamada de São Sebastião (atual bairro Novo Horizonte)¹³³. São Sebastião passou a abrigar durante toda a década de 1970 boates, bares

¹³² MORGANTE, Mirela; SILVEIRA, Luciana. Entre o imaginário social e o sujeito: a história de vida de uma ex-prostituta de São Sebastião (1960-1980). In: 13º Mundo de Mulher & Fazendo Gênero 11, 2017, Florianópolis. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis: UFSC, p. 1-10, 2017. p. 1.

¹³³ Morgante; Silveira, 2007, p. 4.

e casas de meretrício. Assim, travestis que vinham de outras cidades e estados em busca de oportunidades eram acolhidas por cafetinas para prostituição e shows¹³⁴.

Em Vila Velha, na região da Barra do Jucu, surgiu o Canoa Velha em meados de 1970, uma casa de madeira na orla da praia que funcionava como espaço de prostituição, sexo, números de musicais e apresentações de travestis e transformistas¹³⁵. Segundo Bragança e Carolina, Canoa Velha era um dos poucos locais em que transformistas “podiam performar e onde a polícia, geralmente, as ignorava”¹³⁶. Por ser afastado do centro do município de Vila Vela e da capital Vitória, apenas os que tinham acesso a meios de locomoção frequentavam esse espaço¹³⁷.

Após a operação higienista do governo do estado em 1960 não tardou para profissionais do sexo voltarem a ocupar as ruas da capital. No final de 1970 — dessa vez, com novos atores — profissionais do sexo voltaram a frequentar as ruas do Centro de Vitória. Prostituição de mulheres, travestis e michês ocupavam os espaços nas noites dando origem a novas zonas de trabalho e sociabilidade de sujeitos marginalizados nas regiões centrais da capital. A convivência e divisão dos pontos de trabalho nas ruas da cidade não era harmoniosa e, como forma de sanar os conflitos, formavam-se pontos para cada grupo: um de prostitutas (mulheres cisgênero, e outro de travestis e mulheres trans) e outro de homens cisgênero, chamados de michês. Perlongher salienta que esses pontos de fixação funcionam dentro de uma rede de circulação de sujeitos marginalizados¹³⁸.

Em *Vitor ou Vitória?*, o escritor Fernando Tatagiba explicita o processo de transformação da cidade de Vitória no quesito sexualidade e identidade de gênero a partir de uma metáfora em que Vitor se transforma em Vitória¹³⁹. Tatagiba conta:

O “bar Gay” da rua Sete aglutinou, durante algum tempo, a fina flor do terceiro e quarto sexos.
No meio do burburinho da pegação, aconteceram inícios de muitos casos amorosos.
O bar fechou. Transformado em restaurante P. F. também acabou. Pelo visto, este não é o prato forte da cidade.
Vitor aos poucos se ajeitou “Bangalô”, “Pablo's”, “90 Graus”, a visita de Roberta Close.

¹³⁴ BRAGANÇA, Lucas; CAROLINA, Maria. **Movimento LGBT+ Capixaba**: fragmentos de uma história de luta por afirmação, direito e dignidade. Vitória: Edição Independente, 2020. p. 87.

¹³⁵ Bragança; Carolina, 2020, p. 85.

¹³⁶ Bragança; Carolina, 2020, p. 85.

¹³⁷ Bragança; Carolina, 2020, p. 86.

¹³⁸ Perlongher, 1987, p. 64.

¹³⁹ TATAGIBA, Luiz Fernando. **Rua**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1986.

Nas imediações da praça Costa Pereira, galeria Palácio do Café, Av. Beira Mar, todo o mundo tomando hormônio como quem bebe cafezinho para depois fumar.

Vitor, finalmente, se assumiu.

Se travestiu[...]¹⁴⁰.

O autor narrou em forma de metáfora o processo de transformação da cidade e das subjetividades travestis. Em meados dos anos 1960 e principalmente nos anos 1970, com a facilidade do acesso a hormônios e silicone, a prática de se travestir começou a ganhar uma característica contínua, e o “estar” travesti em determinados locais e momentos transforma-se em um “ser” travesti, adquirindo uma característica de identidade¹⁴¹. Os que não optaram por transformar o corpo e se entendiam como gays, passaram a ser chamados de transformistas quando montados.

A diferenciação da travesti para o transformista também foi alvo do processo de construção do *eu* e do *outro*, e resultou em muitos discursos que marginalizavam travestis. Elias Veras destaca que no *tempo das perucas*, travestir-se era reservado aos locais de sociabilidade de homossexuais, enquanto no *tempo dos hormônios* ser travesti se tornou tanto uma identidade — a construção de um personagem com história e biografia, um modelo de vida —, quanto “uma ‘anatomia indiscreta’ e uma ‘fisiologia misteriosa’”¹⁴².

A Praça Costa Pereira, a galeria do edifício Palácio do Café¹⁴³ e a Avenida Beira-Mar ficam relativamente próximos, com cerca de três quadras entre os dois primeiros e o terceiro. Nos anos 1980, durante a noite, essa região tornou-se ponto de *trottoir*¹⁴⁴ de michês e travestis¹⁴⁵. Também houve a presença de michês nas ruas e bares do Centro de Vila Velha¹⁴⁶. Diferente do que ocorria com travestis, michês conseguiam com maior facilidade adentrar a bares na busca por clientes, dado a *performance* de masculinidade. Em outros termos, a sua performance de gênero lhes garantia acesso a determinados

¹⁴⁰ Tatagiba, 1986, p. 55.

¹⁴¹ Veras, 2019.

¹⁴² Veras, 2019, p. 71.

¹⁴³ Estamos nos referindo à galeria do antigo edifício do Palácio do Café, onde atualmente é o edifício Michelini.

¹⁴⁴ *Trottoir* é um termo francês que designa “calçada” e, no Brasil, foi significado como uma prática de profissionais do sexo que buscavam seus clientes na rua, na calçada. Nestor Perlongher (1987) afirma que era uma prática comum de quem fazia a “baixa prostituição”. A presença de michês, travestis ou meretrizes gerava circuitos de *trottoir* nas áreas urbanas.

¹⁴⁵ Tatagiba, 1986; ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

¹⁴⁶ ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

locais. Houve uma tentativa por parte de Edson Ferreira e amigos de identificar e controlar a prostituição de travestis em Vitória. Fizeram, assim, uma lista com nomes, ponto de prostituição, local de onde vieram etc., mas a lista não chegou a ser utilizada para alguma finalidade¹⁴⁷.

No interior, especificamente na cidade de Colatina, entre 1965 e 1968, o circuito de homossexuais e travestis passava pela Rua Pancas no bairro São Silvano, conhecida popularmente até 1965 como *Rua das Mulheres Perdidas*. Babette afirma que esse bairro era um dos mais badalados da cidade, porque nele residiam várias bonecas. A Rua das Mulheres Perdidas não tinha iluminação pública até 1965, e nos cantos escuros as bonecas e bofes colatinenses faziam pegação. Quando o prefeito mandou iluminar a rua houve revolta por parte das bonecas. A rua continuou a ser frequentada até meados de 1966, quando foi definitivamente abandonada para pegações. De noite e na madrugada as bonecas e bofes de Colatina ocupavam a Avenida Getúlio Vargas, a principal avenida da cidade, em busca de pessoas entendidas¹⁴⁸.

A ponte Florentino Avidos, de Colatina, também era ponto de encontro de algumas bonecas, mas Babette alerta na coluna que era necessário tomar cuidado porque o local era escuro e o Rio Doce era fundo, isto é, para que as bonecas não fossem assassinadas e jogadas no rio. Por fim, outro local de encontros e pegações era uma ladeira à margem da cidade, que segundo Babette era para onde uma boneca levava seus bofes.

1.6 “Pra gente entrar ali era assim, tinha que entrar escondido, ninguém podia te ver” –
Tina Moreira

Nos arredores da Praça Costa Pereira se estabeleceram vários bares e algumas boates onde gays, lésbicas, bissexuais, travestis e michês socializavam e podiam encontrar companhia e/ou clientes. A maior parte desses estabelecimentos não era direcionada para o público homossexual, o que gerava conflitos. Entretanto, esses bares e boates, tais como as avenidas, ruas, praças e casas de meretrício fizeram parte de um circuito de sujeitos marginalizados por sua sexualidade e gênero da Grande Vitória. Eles eram frequentados por um público diverso como universitários, intelectuais, empresários e artistas de classe baixa, média ou alta, entre homossexuais, travestis e heterossexuais.

¹⁴⁷ Bragança; Carolina, 2020, p. 87.

¹⁴⁸ Freitas; Ribeiro; Lemos 2020. p. 65.

Localizado na Rua Gama Rosa nº 76, o Britz Bar, fundado em 1969, despontou como *point* de encontro de diversos grupos. No decorrer dos anos 1970, o Britz era “frequentado por artistas, intelectuais e entendidos da localidade”¹⁴⁹. Amylton de Almeida afirma que

os frequentadores vão ao Britz mais pelo que ele representa como ponto de encontro folclórico da cidade. Fica perto da praça Costa Pereira, parecida com a "feira" de Brasília, com loucas e michetagem, tipo Shirley e amor impossível

¹⁵⁰.

O Britz não constituía um “bar gay”, mas foi frequentado por grupos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transformistas. Em alguns momentos houve shows de travestis e transformistas como Waleska di Pigalle¹⁵¹. O Britz ficava aberto até o nascer do sol do outro dia e foi frequentado por diversos nomes da literatura, teatro e jornalismo capixaba, como Amylton de Almeida, Carmélia Maria de Souza, Maura Fraga, Sérgio Egito, Milson Henriques, Maria Nilce e Tina Moreira. Amylton de Almeida afirma que depois de um tempo o Britz foi “empossado pela ala discreta do movimento guei”¹⁵². Tina Moreira destaca que as pessoas do Britz não eram reconhecidas por serem homossexuais, mas por serem pessoas das artes do Espírito Santo, dentre elas existiam homossexuais tanto quanto heterossexuais¹⁵³.

O Bangalô, citado na crônica de Fernando Tatagiba, não teve residência fixa e migrou, de acordo com o aluguel, entre a região da rua Sete de Setembro e do Parque Moscoso¹⁵⁴. Bragança e Carolina afirmam que “sempre em estruturas mínimas e precárias, o Bangalô geralmente tinha apenas um pequeno espaço para performances”¹⁵⁵. O local foi frequentado por travestis, transformistas, gays, lésbicas e bissexuais, sendo um dos poucos que se tornou um reduto para homossexuais e travestis. No mesmo sentido, o bar Vitorinha, que era localizado na quadra da rua Gama Rosa com a rua Sete de Setembro,

¹⁴⁹ ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

¹⁵⁰ ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

¹⁵¹ Bragança; Carolina, 2020, p. 87.

¹⁵² ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

¹⁵³ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 02.

¹⁵⁴ Bragança; Carolina, 2020, p. 87.

¹⁵⁵ Bragança; Carolina, 2020, p. 87.

tornou-se um “reduto gay” no final dos anos 1970¹⁵⁶. Para entrar no Vitorinha era preciso descer uma rampa para o porão do estabelecimento¹⁵⁷. Tina Moreira destaca

Pra gente entrar ali era assim, tinha que entrar escondido, ninguém podia te ver. Eu lembro quando eu entrei no bar, foi quando eu tive minha primeira experiência com uma mulher. Eu fui ao banheiro, a mulher veio atrás e foi aquela loucura. Rolou o beijo e aí eu fui... com 15 anos de idade¹⁵⁸.

Tina Moreira aponta que naquela época para uma lésbica identificar outra era mais pelo “olho mágico”. A pessoa olhava e, pelos trejeitos, modo de se vestir e o olhar correspondente sabia se tinha interesse ou não, mas algumas vezes não dava certo. Outro modo era por apresentação, isto é, uma amiga apresentava a outra e assim formava-se uma rede de conhecimento de mulheres com interesse em mulheres. Outro local de grande frequência de mulheres, mas não exclusivamente lésbicas e bissexuais, era o bar Garrucha 44, também localizado na rua Sete de Setembro.

Outros bares e boates fizeram as noites do Centro de Vitória e faziam parte do roteiro de frequência de homossexuais e travestis capixabas, como: Marrocos, Tricolor, Mangueiras, Marita’s, Pablo’s, 90 graus. A boate Groove que surgiu no final dos anos 1970 na avenida Beira Mar tinha frequência de homossexuais nas festas de quinta-feira¹⁵⁹. Com a emergência pública de homossexuais e travestis e estes se tornando um público consumidor da vida noturna, algumas boates dedicaram festas a esse público. Esse método atuava como uma via de mão dupla, onde dava maiores liberdades aos homossexuais e às travestis e, por outro lado, era uma forma de restringir a frequência desse público a determinado dia e horário.

Um ponto frequentado por homossexuais mais direcionado a pegações e sexo era a sauna, que por ser um ambiente fechado, escuro e de frequência majoritariamente masculina, era o ambiente certo para que homens encontrassem outros homens com interesses sexuais. No início dos anos 1980 pelo menos duas saunas existiam em Vitória. A sauna Fleur era localizada na rua Coronel Monjardim, no Centro de Vitória. Ela era administrada por um

¹⁵⁶ MOROTHIN, Frederico. **Frederico Morothin**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 10 jun. 2017. p. 06.

¹⁵⁷ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 1.

¹⁵⁸ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 1.

¹⁵⁹ Roteiro Gay de Vitória Espírito Santo. **Jornal do Gay**, São Paulo, p. 03, 1979. Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 11 out. 1979. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.AVU.300. 121f. p. 40.

cabeleireiro que largou a profissão para gerenciar o estabelecimento¹⁶⁰. A segunda sauna era frequentada por quem tinha boas condições financeiras, pois ficava no Hotel Senac, na Ilha do Boi. Este hotel era frequentado pela elite capixaba e turistas que desembarcavam no porto de Tubarão. As duas atendiam a públicos diferentes. Entretanto, o objetivo de alguns dos frequentadores era o mesmo: arranjar companhia amorosa ou sexual.

Os cinemas também funcionaram como ponto de pegação de homossexuais¹⁶¹. O Cine Santa Cecília, localizado na Avenida República, foi inaugurado em 1955, próximo ao Parque Moscoso, no Centro de Vitória. Tinha a capacidade para cerca de mil e quatrocentas pessoas nas décadas 1960, 1970 e 1980. Em determinados horários e filmes, homossexuais e enrustidos iam para se encontrar¹⁶². Nem todos iam com objetivo de pegações, alguns frequentavam por acepções culturais e de socialização entre amigos.

Edson Ferreira salienta que apesar de travestis frequentarem muito os cinemas, elas não eram bem-vindas no Cine Santa Cecília porque parte dos gays não deixava¹⁶³. A categorização das identidades, diferenciação dos comportamentos, a masculinização da identidade gay¹⁶⁴ e a cooptação de concepções machistas caracterizaram os anos 1980 e criaram esses espaços frequentados por uns que não aceitavam *outros*. A visão do gay sobre a feminilidade da travesti e a estigmatização social também atuaram nessa produção de territórios entre os “iguais”, ou seja, a construção e apropriação do espaço por um grupo não permitia a demarcação do território por outro grupo, pois por mais que no senso comum travestis e homossexuais fossem sujeitos de uma mesma categoria, entre estes havia também uma luta por demarcação dos seus territórios, como salienta Edson Ferreira ao afirmar que o grupo de travestis com o qual andava frequentava mais o Cine

¹⁶⁰ ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

¹⁶¹ Nesse momento de análise dos *guetos* estamos atentando especialmente para esses espaços como ambientes de encontro de “iguais”, sendo que no Capítulo 2 tratamos dos filmes em si.

¹⁶² ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

¹⁶³ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 7.

¹⁶⁴ Perlongher, 1987.

Vitorinha¹⁶⁵. Outros cinemas também frequentados pela turma entendida de Vitória eram o Cine Glória e Cine Odeon, ambos localizados na avenida Jerônimo Monteiro.

O Centro de Vitória enquanto espaço que concentrava os principais órgãos públicos e instituições financeiras também era o polo cultural da cidade com teatros, cinemas, bares e boates. Isso permitia que gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transformistas, michês e enrustedos pudessem vivenciar em determinados espaços e horários as suas práticas e identidades sexuais e de gênero. O público desses espaços variava de acordo com a classe social, gênero e raça.

Nos espaços públicos e semipúblicos a repressão policial da ditadura se voltava para os subversivos, além da repressão “comum” de classe e raça. Mas a repressão não era exclusivamente política, ela tinha seu caráter moral — no qual, no âmbito dos comportamentos, as travestis se tornaram alvo desse aparato de controle. Sobre a política de controle no Centro de Vitória, Pedro Ernesto e Vitor de Angelo afirmam que “ao contrário da ideia de *porões da ditadura*, pode observar que o escritório do SNI em Vitória estava localizado num dos mais modernos e maiores edifícios da cidade”, o prédio em frente à Praça Costa Pereira que abrigava o Instituto de Aposentadora e Pensões dos Industriários (IAPI)¹⁶⁶.

Analisar o circuito de homossexuais e travestis no Espírito Santo passa pela compreensão de que os locais frequentados por esses sujeitos não se limitavam às fronteiras políticas e administrativas que caracterizam as cidades ou bairros, nem mesmo aos seus usos tradicionais. De igual modo, o circuito de homossexuais e travestis no estado não se limitava à capital, pois municípios como Serra, Vila Velha, Cariacica e a cidade de Colatina também compunham a “cidade vivida e possível” produzida por esses sujeitos.

Nos anos 1960 em Colatina, as bonecas e os bofes se encontravam em alguns estabelecimentos. O restaurante Drink, inaugurado em 1962, foi um dos locais em que bonecas e bofes (marinheiros) se encontravam. Localizado às margens do Rio Doce e próximo a Ponte Florentino Avidos, o restaurante tinha uma vista para a outra parte da

¹⁶⁵ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 7.

¹⁶⁶ FAGUNDES, Pedro; DE ANGELO, Vitor. Grandes projetos, grandes esquecimentos: o Espírito Santo entre modernização conservadora e a repressão política. In: FAGUNDES, Pedro; OLIVEIRA, Ueber José de. ANGELO, Vitor Amorim de (Orgs). **O estado do Espírito Santo e a ditadura (1964-1985)**. Vitória: GM Editora. 2014.

cidade, que ficava do outro lado do rio. As bonecas e bofes também frequentavam o Iate Clube, no Centro da cidade. Inaugurado em 1965, o Iate Clube foi um dos principais locais de festas de debutantes, bailes de carnaval e halloween, casamentos, eventos políticos e sociais, sendo os bailes os eventos preferidos das bonecas e dos bofes, devido ao uso de fantasias. Babette relata que em dezembro de 1965 ocorreu no Iate Clube o Baile das Bruxas, e toda a “elite bichal” foi fantasiada.

O Big Bar também era frequentado por algumas bonecas e bofes, como Mário, Maísa e Débora — esta última, inclusive, comemorou seu aniversário no bar, antes de se mudar para Vitória. Babette fofoca que Débora fazia pegações fabulosas no interior do Big Bar¹⁶⁷. O Cine Idolmar também foi frequentado pelas bonecas e bofes colatinenses, o qual em sessões mais vazias configurava um ambiente perfeito para pegações¹⁶⁸.

A diferença de Vitória quando a comparamos com Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte está na quantidade de espaços “exclusivos” para homossexuais e travestis. A maioria dos espaços supracitados não eram frequentados ou direcionados ao público homossexual. Nem sempre a sexualidade constituía um fator de exclusão ou inclusão. Tina Moreira sugere que esses espaços eram frequentados por artistas, intelectuais, jornalistas, universitários, funcionários públicos, profissionais do sexo, entre outros, e que alguns destes eram homossexuais e travestis.

1.7 “E pensar que Vitória com tantas bonecas, ainda não existe uma cronista para falar sobre as fofocas das capixabas” - *Babette*

As migrações, de modo geral, ocorrem motivadas por necessidades de um indivíduo ou grupo em busca de melhores condições, adequações ou outras oportunidades. No decorrer do século XX as migrações dentro do território brasileiro foram ocasionadas majoritariamente em função da industrialização e do surgimento de grandes centros urbanos que geravam empregos.

No caso das migrações de homossexuais havia ainda um segundo fator: liberdade de viver e experienciar a sexualidade, seja ela de forma pública, semipública ou anônima. James Green aponta que com o inchaço urbano e a emergência de locais de sociabilidades de homossexuais nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, houve um movimento de

¹⁶⁷ Freitas; Ribeiro; Lemos, 2020. p. 65.

¹⁶⁸ Freitas; Ribeiro; Lemos, 2020 p. 65.

migração de homens que, conscientes de seus desejos e fantasias, largaram suas famílias e se mudaram para as capitais e grandes centros urbanos, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro¹⁶⁹.

Nos anos 1960 migrantes das regiões interioranas do Espírito Santo começaram a ocupar diversos territórios em parte da ilha da capital e, com o inchaço urbano, parte do continente ao norte também foi ocupado. Outras cidades próximas de Vitória e cidades de médio porte como Colatina, ao norte, e Cachoeiro de Itapemirim, ao sul, também receberam uma leva de imigrantes, que resultou no crescimento significativo dos centros urbanos dessas cidades. Em comparação a elas, Vitória possuía uma vida cultural mais agitada, pois detinha em seu território uma universidade federal, teatros, cinemas, parques, centros culturais, entre outros.

Por outro lado, com a emergência da Ditadura civil-militar, o controle, a vigilância, a censura e a repressão tornaram-se mais intensos em capitais, e homossexuais e travestis foram alvo da ditadura. O Regime civil-militar tinha um aspecto “careta” e buscava controlar e reprimir tudo o que fugia dos valores liberais e da moral judaico-cristã. Assim, como a vida boemia e a produção cultural da capital capixaba eram compostas por universitários, artistas, jornalistas e ativistas sociais críticos à ditadura, a cultura em geral tornou-se alvo dos órgãos de disciplina atuantes no estado.

Para muitos homossexuais, as grandes cidades e capitais — ou até mesmo as cidades de médio porte se comparada às rurais — proporcionavam maior liberdade no tocante à vivência da sexualidade, e isso de fato parecia ser verdade. Entretanto, esses espaços não eram “dados”, mas sim negociados com as heteronormas vigentes; ou seja, em cidades interioranas e em capitais ou metrópoles, o agenciamento para viver a sexualidade e identidade de gênero provinha da negociação de poderes.

Os que “optavam” por não se assumirem poderiam migrar para as grandes cidades, pois a densidade urbana e os locais privados para encontros concediam um certo tipo de anonimato. Os que optavam por uma vivência da sexualidade semipública e pública, vivenciavam-na a partir das vestimentas contestatórias das normas de gênero e frequentavam locais semiabertos e abertos aos olhos da sociedade em geral.

¹⁶⁹ Green, 2000, p. 35.

Contudo, como salientado por Samilo Takara e Vinicius Bastos, é necessário que pensemos como o espaço afeta o sistema de significação, pois a localização estrutura os modos de agir e pensar, afetando assim as relações públicas-privadas de gays, lésbicas, bissexuais e travestis. Sendo assim, mesmo que os referenciais de vivências mudem, “isso não significa que essas subjetividades sejam livres e/ou que o sistema fóbico não constitua as relações entre esses corpos e a norma heterossexual”¹⁷⁰.

Em cidades interioranas — como nas capitais e grandes metrópoles —, o sistema fóbico atua com seus poderes sobre os corpos dissidentes e estes produzem modos de resistências naquele determinado espaço. A maior “liberdade” vem vinculada a outros tipos de controle e disciplina. Cabe lembrar, ainda, que mesmo o mais assumido dos homossexuais não assume a sua sexualidade em todos os locais e ambientes, como destaca Eve Kosofsky Sedgwick, pois o “armário” atua enquanto um dispositivo de regulação da vida das gays, lésbicas, bissexuais e travestis em que supõe regras de revelar ou esconder a sexualidade em ambientes públicos e/ou privados¹⁷¹.

Em 1960, localizada ao norte do Espírito Santo, Colatina era a cidade mais populosa do estado, e o seu centro urbano foi palco de um circuito de sociabilidade de homossexuais. De ruas e ladeiras a bares e clubes, a turma colatinense produziu espaços de interação entre bonecas e bofes. Freitas, Ribeiro e Soares apontam que houve entre 1965 e 1968 migrações de homossexuais de outras cidades para Colatina e de Colatina para Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo¹⁷². Das bonecas e bofes residentes em Colatina, Débora era natural de Afonso Claudio (ES) e Maísa de Governador Valadares (MG). Em 1966, Lucrécia mudou-se para o estado da Guanabara e Vera Regina para Vitória. Já em 1967, Débora se mudou para Vitória e Renata para Guanabara. No mesmo ano, Tarina, que era natural de Colatina, mas residia em Vitória, mudou-se para São Paulo¹⁷³.

Ao longo da década de 1960, Colatina era considerada uma cidade promissora. Segundo Luiz Cláudio Moisés Ribeiro, o município era o maior produtor de café do país com

¹⁷⁰ TAKARA, Samilo; BASTOS, Vinicius. Tem lugar para as bichas? – discurso acerca das Sexualidades dissidentes e práticas heterotópica. **Revista Debates Insubmissos**, v. 3, n. 9, p. 96-124, 2020. p. 21.

¹⁷¹ SEDGWICK, Eve Kosofsky. Uma epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007. p. 22.

¹⁷² Freitas; Ribeiro; Soares, 2020, p. 74.

¹⁷³ Freitas; Ribeiro; Soares, 2020, p. 74.

produção média de 500 mil sacas¹⁷⁴. Ribeiro também destaca que no ano de 1965, a Espírito Santo Centrais Elétricas S/A – Escelsa expandia seus serviços na cidade com a ampliação das subestações, da rede até o distrito de Itapina, e da construção de linhas de transmissão nas áreas rurais no município¹⁷⁵. Essas características, na conjuntura do município, fizeram com que ele se tornasse um atrativo para a migração de pessoas — como é o caso das famílias de Débora e Maísa. O próprio circuito de homossexuais e travestis em Colatina foi afetado por essa expansão no setor elétrico, quando a Rua das Mulheres Perdidas foi iluminada. Segundo Babette,

Quero frisar que a movimentadíssima “Rua das Mulheres Perdidas”, a mais discutida em nossa cidades (sic), está sendo abandonada pelas queridíssimas bonecas e gostosíssimos bofes. MOTIVO: O Sr. Prefeito mandou que lumissaem totalmente a perdida rua. Agora as bonecas estão espalhadas pela cidade. Até quando?...¹⁷⁶

Com a política de erradicação dos cafezais que atingiu em 71% a produção de café no Espírito Santo¹⁷⁷, o município de Colatina sofreu um grande revés em sua economia, novamente afetando o circuito de homossexuais e travestis, tendo em vista a migração da população para as capitais em busca de empregos no meio urbano. A própria cidade de Colatina já tentava expandir o setor industrial e de bens e serviços em seu centro urbano, mas não conseguia dar conta do contingente de pessoas migrando do campo para o centro urbano.

Os destinos escolhidos foram majoritariamente capitais. Em âmbito nacional, São Paulo e Rio de Janeiro (estado da Guanabara até a fusão com o estado do Rio de Janeiro em 1974) eram referência para essa liberdade sexual almejada, junto às oportunidades de emprego. Numa perspectiva estadual, as capitais eram o parâmetro para migrações como essas. Nos anos 1960, com a emergência de uma classe artística e uma vida boêmia, Vitória ganhara esse destaque de polo cultural capixaba, aberto aos grupos contestatórios, às culturas *underground* e *hippie*, às sexualidades e gêneros dissidentes, entre outros.

Algumas personalidades capixabas são naturais de cidades do interior do Espírito Santo ou de outros estados. Com familiares ou sozinhos, foram residir na Grande Vitória entre

¹⁷⁴ RIBEIRO, Luiz Cláudio Moisés. **O casamento das elétricas capixabas**: um estudo da história da ESCELSA Espírito Santo Centrais Elétricas S/A 1951-1968. 2003. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p. 65.

¹⁷⁵ Ribeiro, 2003, p. 162.

¹⁷⁶ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, s/d jun. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁷⁷ Ribeiro, 2003, p. 65.

1950-1990. A família paterna de Amylton de Almeida muda-se de Afonso Claudio para Vitória em 1951. Entre 1963 e 1964, Amylton de Almeida residiu cerca de 1 ano no Rio de Janeiro (RJ) e morou por 3 meses em Belo Horizonte (MG), voltando para o Espírito Santo em 1965 para trabalhar no jornal *O Diário*. Amylton de Almeida chegou a viajar para os Estados Unidos da América e para a França em 1981 e 1986, respectivamente. A família de Tina Moreira mudou-se de Ipatinga (MG) para Cariacica em 1962 para o seu pai trabalhar na Companhia Ferro e Aço. Milson Henriques, nascido em São João da Barra (RJ), fugiu de casa aos 14 anos de idade e foi morar em Brasília e depois em Salvador (BA). Em 1964, optou por visitar o Espírito Santo antes de se mudar para o Uruguai, porém ao ficar sem dinheiro para prosseguir a viagem, se estabeleceu em Vitória, onde viveu até a morte. Em 1970, Edson Ferreira se muda de São Matheus para Vitória. Morou no Rio de Janeiro (RJ) de 1985 a 1990, quando retorna para Vitória. No início dos anos 1980, Waldo Motta também se mudou de São Matheus para capital capixaba.

Junto a essas migrações de moradia em outros estados, também ocorriam as viagens em épocas de carnaval e outras festividades. Tais migrações e intercâmbios permitiam que esses sujeitos tivessem contato com distintas culturas, leituras e questionamentos acerca de sua condição, mobilizando todo um arsenal cultural que atravessava fronteiras estaduais e até nacionais.

O contato com essas experiências de sexualidades das grandes cidades e metrópoles possibilitava a construção de comparações, como no caso em que Babette questionava, em 1966, que Vitória não tinha um teatro apropriado para shows de travestis, como era o caso do Rio de Janeiro. Esse questionamento levou a turma colatinense a passar o ano de 1966 todo tentando organizar um concurso de travesti no Teatro Carlos Gomes, em Vitória. Outra comparação evidente — ainda que de modo implícito — pode ser notada na fala de Amylton de Almeida no *Roteiro de Vitória* publicado em maio de 1980 no jornal *Lampião da Esquina*, quando este descreve seu grupo de amigos homossexuais como a “ala discreta do movimento guei”¹⁷⁸, visto que já existia um movimento guei brasileiro “fora do armário” em outros estados.

¹⁷⁸ ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

Para pensarmos uma história conectada de gays, lésbicas, bissexuais e travestis no Espírito Santo e como suas vivências locais eram influenciadas e influentes, é necessário que essa ligação seja feita, mesmo que de forma “discreta”, a partir de pequenos comentários presentes nas fontes. Um dos principais conectores entre homossexuais e travestis capixabas e os(as) de outros estados foram os concursos de bonecas, travestis e transformistas.

1.8 “a cidade não evoluiu bastante nas últimas décadas para ser palco de um concurso de gays” – *A Gazeta*

Como vimos, aconteciam nas festividades de carnaval de Vitória, nos anos 1960, de forma clandestina e sem a estrutura adequada, concursos de travestis. A falta de estrutura levou a turma colatinense a questionar a inexistência de um teatro para receber as travestis, como era o caso de outras capitais. Entre as décadas de 1960 a 1980, apresentações, shows ou concursos de travestis e transformistas foram organizados em locais como o Clube do Caxias e Canoa Velha, no município de Vila Velha, em boates da região de São Sebastião, em Serra, em bares e clubes como o Britz, Bangalô, Saldanha da Gama e Clube Vitória, na capital, ou em eventos em que as transformistas e travestis eram levadas por Atharé de Castro para se apresentarem para a elite capixaba¹⁷⁹.

¹⁷⁹ Bragança, 2018, p. 90.

Não fica evidente quando surgiu o Miss Gay Espírito Santo e onde foi sua primeira edição. Lucas Bragança e Carolina Maria afirmam que a primeira edição do concurso foi realizada no Clube Saldanha da Gama, em 1976, informação sustentada pelo perfil no *Facebook* do Fórum Estadual LGBT do Espírito Santo, que se baseia em uma foto (**Figura 1**)¹⁸⁰ do acervo pessoal de Valeska Di Pigalle.

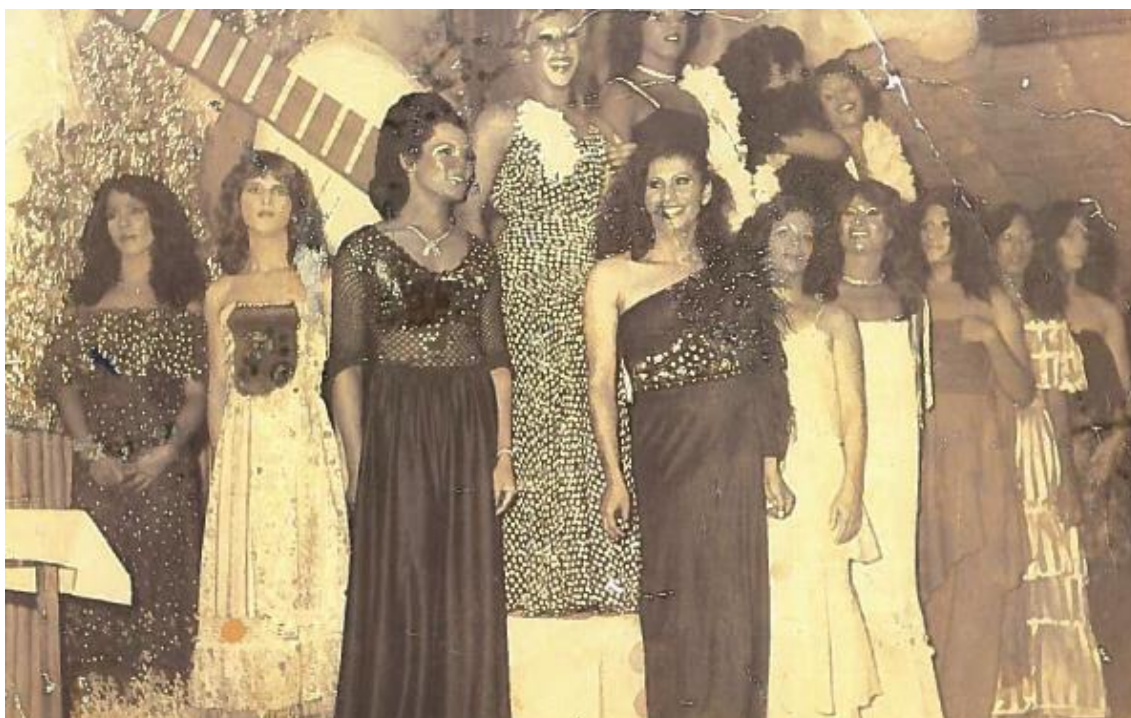


Figura 1: Travestis e transformistas em curso realizado no Espírito Santo. Segundo Lucas Bragança são “algumas delas: Suzy, Badu, Adriana, Walesca, Joana, Andreia Zé 50, Valéria, Paula Pam, [...] Sissi, Vanessa e Viviane”.

Entretanto, em conversa com o projeto Ponto de Memória LGBT¹⁸¹, Sérgio Herzog, que organizou o concurso por mais de 30 anos, desde 1980 afirma que o Miss Gay Espírito Santo foi realizado por cerca de cinco anos na boate do mineiro Michel Quintanilha — em São Sebastião, no município de Serra — antes de migrar para Vitória¹⁸². Michel, que gerenciava uma boate em São Sebastião, foi o idealizador e organizador do concurso no

¹⁸⁰ Foto do acervo pessoal de Waleska Di Pigalle disponível no *Facebook* do Fórum Estadual LGBT do Espírito Santo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Forum.LGBT.ES/photos/gm.206105683443609/1783646768340992/>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

¹⁸¹ Promovido pelo Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade - Associação GOLD através dos editais do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo – FUNCULTURA da Secretaria de Estado da Cultura.

¹⁸² Glamour, luxo e beleza: O Concurso Miss Gay. Sergio Herzog. *Youtube*. Associação Gold. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N4kKbEP9QYs>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Espírito Santo. A partir de 1980, Sérgio Herzog passou a compor a organização oficialmente junto a Michel, já que contribuía anteriormente na articulação do concurso.

Sérgio Herzog lembra que começaram os diálogos com as escolas de samba para a realização do Miss Gay Espírito Santo em Vitória, e quem acolheu a ideia foi o Coronel Hélio Nascimento dos Reis, fundador e presidente da escola de samba Amigos da Gurigica e Coronel da Polícia Militar do Espírito Santo. A vencedora da primeira edição em Vitória foi Síbia Maria Vargas¹⁸³.

Sérgio Herzog destaca que Michel acolhia travestis na boate e, a partir disso, começou a realizar concursos — como o Glamour Gay ou a Rainha do Carnaval Gay — entre travestis. Surge, com isso, a ideia de criação do Miss Gay Espírito Santo. Herzog pondera que inicialmente o concurso era realizado com travestis, algo que muda em 1979, quando passa a ser uma etapa classificatória para o Miss Brasil Gay — concurso que abrangia transformistas —, realizado em Juiz de Fora¹⁸⁴.

Nessa conjuntura do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, eclodiram discursos que diferenciavam pessoas que transformavam o corpo com uso de silicone, hormônios e plásticas de pessoas que apenas se produziam para apresentações, shows e concursos. Andrea Barros aponta que no concurso Miss Brasil Gay as candidatas deviam declarar-se como pertencendo ao sexo masculino, ter idade mínima de 18 anos, e não ter implante de silicões em nenhuma parte do corpo. Os elementos julgados eram: beleza, comunicação, conjunto, feminilidade e elegância¹⁸⁵.

Esses critérios foram adotados no concurso capixaba quando este se torna etapa classificatória para o concurso de Juiz de Fora. Ao todo, o Espírito Santo conta com 8 títulos de Miss Gay Brasil, sendo o estado com mais títulos. As ganhadoras foram: Maria Fernanda, em 1978; Paula Blue Man Chanquel, em 1980; Gabi, em 1985; Sumara Gunar, em 1987; Louise Balmain, em 1998; Ianka Ashylen, em 2007; Ava Simões, em 2009, e Sheila Veríssimo, em 2013. O Miss Gay Espírito Santo foi um concurso que se solidificou

¹⁸³ Glamour, luxo e beleza: O Concurso Miss Gay. Sergio Herzog. **Youtube**. Associação Gold. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N4kKbEP9QYs>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

¹⁸⁴ Glamour, luxo e beleza: O Concurso Miss Gay. Sergio Herzog. **Youtube**. Associação Gold. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N4kKbEP9QYs>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

¹⁸⁵ BARROS, Andréa Kelmer de. **A organização homossexual em Juiz de Fora**: estudo sobre a trajetória do concurso Miss Brasil Gay em Juiz de Fora desde 1977 até a formação do MGM em 2000. 2016. 231f. Tese (Doutorado em Política Social) - Programa de Pós-graduação em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. p. 132.

e teve continuidade, mas no decorrer das décadas de 1970 e 1980 outros concursos de travestis e transformistas foram realizados em outros municípios, como Colatina, Linhares e Cachoeiro de Itapemirim.

Em 1982, o município de Linhares, localizado na região noroeste do Espírito Santo, recebeu o concurso Miss Universo Gay. Realizado em 08 de outubro, em um sábado, foi sediado pelo Ginásio de Esportes do bairro Casa Populares. Segundo o jornal *A Tribuna*, estavam presentes no concurso Rogéria, Shirley Montenegro e outras personalidades “do mundo gay do Rio, São Paulo e Belo Horizonte”¹⁸⁶. A festividade foi organizada por Nelson Robson, Carlos Magno Moreira e Eduardo Zucolotto que, antes do evento, afirmaram: “a festa será deslumbrante e vai dar uma nova imagem a Linhares”¹⁸⁷. Por outro lado, segundo o jornal

A promoção está causando certa polêmica junto à comunidade linhareense. Algumas pessoas entendem que a cidade não evoluiu bastante nas últimas décadas para ser palco de um concurso de gays. Um forte esquema de segurança será montado no Ginásio de Esportes para garantir a festa¹⁸⁸.

Os concursos Miss Gay — tanto os estaduais como o nacional — representam as primeiras estratégias organizadas de visibilidade pública de homossexuais e travestis, e por isso não estava imune às políticas de controle, como destacado na reportagem do jornal *A Tribuna*. Os discursos que colocavam o sujeito homossexual — em sua plural diversidade — como doente, invertido, pecador e libertino geravam opiniões como esta: de que a cidade “não evoluiu” para receber tal evento. Ao mesmo tempo que esses tipos de concursos, shows, espetáculos e desfiles faziam-se presentes em diversas cidades do país, a repressão política e social aos homossexuais e às travestis era constante.

1.9 “A partir da próxima semana estará à venda nas bancas de Vitória o jornal

‘Lampião’” - *Posição*

São pelo menos seis os impressos produzidos por e para o público homossexual que capixabas recebiam — ou colaboravam direta e indiretamente — entre 1960 e 1989, sendo eles: *O Snob*, *O Centro*, *O Grupo*, *Jornal do Gay*, *Lampião da Esquina* e o *Boletim do Grupo Gay da Bahia*. Eles fizeram parte de uma onda de periódicos, jornais ou boletins que começaram a circular no Brasil e eram feitos por turmas, grupos ou organizações de

¹⁸⁶ Linhares elegerá Miss Gay amanhã. *A Tribuna*, Vitória, 08 out. 1982.

¹⁸⁷ Linhares elegerá Miss Gay amanhã. *A Tribuna*, Vitória, 08 out. 1982.

¹⁸⁸ Linhares elegerá Miss Gay amanhã. *A Tribuna*, Vitória, 08 out. 1982.

homossexuais. Cada jornal tinha objetivos e abordagens diferentes, principalmente quando se tratava do que eles entendiam por homossexual.

Esses impressos contribuíram significativamente para a construção das práticas e, por conseguinte, da solidificação de noções de identidades homossexuais. A representação de um ideal de homossexual dentro desses impressos serviu como ponto de questionamento das normatividades de um discurso heterossexista nas dissidências de gênero e sexualidade. Vinicius Ferreira Cordão aponta como a diferença temporal do surgimento de um ativismo gay organizado e da imprensa homossexual nos permite perceber a pluralidade de discursos sobre “o que é a homossexualidade”. Para Cordão, “existiam diversas matrizes discursivas” e, cada uma a seu modo, “buscava legitimar a homossexualidade por meio de um modelo, muitas vezes rígido, de práticas afetivas e sexuais”¹⁸⁹.

Enquanto os primeiros impressos datam do final dos anos 1950 e início dos anos 1960, só apenas em 1978-9 que surgem os primeiros grupos organizados de homossexuais com objetivos políticos e sociais. Houve, nesse meio tempo, ainda que sem sucesso, tentativas de criação de grupos de discussão¹⁹⁰. A imprensa homossexual teve um papel importante na circularidade de informações acerca das sociabilidades de homossexuais no Brasil e contribuiu para o debate, produção e manutenção de identidades.

O jornal carioca *O Snob* que circulou de 1963 a 1969 teve uma coluna assinada por Babette, chamada *Colatina em Hi-Fi*. Babette representava o Espírito Santo como correspondente regional e, ao todo, publicou 18 textos entre janeiro de 1965 e janeiro de 1968, das 103 edições de *O Snob*. O conteúdo da publicação deixa a entender que foi a mineira Maísa, que residia em Colatina, que teve contato e levou os primeiros exemplares do jornal para a Princesinha do Norte. Maísa também seria a responsável por escrever a coluna, mas passou a função para Babette, pois passava por problemas pessoais.

Como já comentado, os colunistas assinavam as publicações com pseudônimos femininos. Rogério da Costa explica que existia dentro da rede, no imaginário popular e no discurso médico-legal a ideia de que a homossexualidade se estabelecia a partir da

¹⁸⁹ CORDÃO, Vinicius Ferreira Ribeiro. **Imprensa homossexual brasileira e construções de subjetividades (1960-1980)**. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. p. 13.

¹⁹⁰ Trevisan, 2018, p. 332.

oposição binária entre penetrador (homem) e penetrada (mulher). Por esse motivo, os homens que praticavam sexo com outros homens eram divididos entre bichas e homens¹⁹¹.

Na visão da época, o que desempenhava a função de penetrador no ato sexual não perdia a sua “essência” enquanto homem (heterossexual), visto que ele fazia apenas o que “nasceu” pra fazer: penetrar. Essa noção, baseada em um sistema heteronormativo da sexualidade que naturalizava os papéis sexuais, gerava um discurso dentro dos meios homossexuais de incongruência na relação sexual entre dois homens ou duas bichas/bonecas. Para James Green, os papéis sexuais tinham mais importância do que o(a) próprio(a) parceiro(a) sexual. Assim, o autor destaca que dois “homens” não podiam se relacionar um com o outro, visto que um deveria ser o penetrador e outro o penetrado — o mesmo valia para duas “bichas”, a relação aceitável era entre bicha/boneca e “homem”¹⁹².

Rogério da Costa destaca que dentro da rede *O Snob*, apesar dos relacionamentos entre duas bonecas serem vistos como incoerentes, na prática eram comuns. Nos relatos do *Colatina em Hi-Fi*, Babette sublinha que Débora e Adalta, classificadas como bonecas, engataram em um relacionamento¹⁹³. Essa forma de relação desconfigurava a noção da boneca como feminina e passiva, e demonstra como a experiência real da prática da sexualidade não necessariamente seguia as nomenclaturas, classificações ou identidades.

A circulação d’*O Snob* em território capixaba se deu pela turma colatinense, que consistia em bonecas e bofes residentes em Colatina e de outras cidades como Vitória e São Paulo que visitavam a Terra do Café constantemente. Em novembro de 1965, Babette apontou que em Vitória, mesmo “com tantas bonecas, ainda não exist[ia] uma cronista para falar sobre as fofocas das capixabas”¹⁹⁴. No ano seguinte, no carnaval de Vitória de 1966, Babette e Débora levaram alguns exemplares do jornal para Vitória, “onde vários bofes e ventiladas [bonecas] ficaram maravilhadas com tal exemplar”¹⁹⁵.

¹⁹¹ Costa, 2010, p. 59.

¹⁹² Green, 2000, p. 28.

¹⁹³ BABELTE. Colatina em Hi-Fi. *O Snob*, Rio de Janeiro, capa, 08 jul. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁹⁴ BABELTE. Colatina em Hi-Fi. *O Snob*, Rio de Janeiro, p. 5-6, 30 nov. 1965. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁹⁵ BABELTE. Colatina em Hi-Fi. *O Snob*, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

Havia uma tentativa, por parte da turma colatinense, de fazer circular em território capixaba os jornais e periódicos publicados por homossexuais. *O Snob* contribuía tanto para a difusão de noções e debates acerca da sexualidade — visto o debate boneca vs. entendido¹⁹⁶ —, quanto também em termos de comparações e produções de espaços de sociabilidade, percebido no comentário de Babette durante o carnaval de Vitória de 1966, que aponta para a ausência de um teatro em Vitória para shows e apresentações de travestis.

Destacamos os impressos *O Centro* e *O Grupo* como de circulação no Espírito Santo, pois em janeiro de 1968 Babette relata que recebeu exemplares enviados pelos diretores dos respectivos impressos. Sem informação ou comentário, ela apenas agradeceu e parabenizou “pelas boas organizações e podem crer. Adorei, novamente meu muito obrigado, e é como diz o ‘lema’ (SIGAMOS PARA FRENTE)”¹⁹⁷.

Entre 1969 e 1976 houve uma diminuição/ausência de produções de impressos destinados aos homossexuais em território nacional. Vinicius Cordão salienta que isso foi um efeito provocado pelo enrijecimento da ditadura. O recrudescimento da repressão, controle, vigilância e censura com a baixa do Ato Institucional nº 5 pelo general Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968, deu início a uma nova conjuntura no Brasil. Dois colaboradores de *O Snob* foram presos por 22 dias pelo Departamento de Ordem Política e Social – DOPS pela venda de exemplares do jornal¹⁹⁸.

Cordão destaca que “esse episódio foi decisivo no processo de desmobilização da cena homossexual, em especial no que se refere a produção jornalística”¹⁹⁹. A Associação Brasileira de Imprensa Gay – ABIG, fundada em maio de 1968 por Anuar Farah, que era editor do *Le Femme*, foi extinta após a edição do AI-5, pois existia um “receio de represália, que poderia considerar as reuniões ou as publicações como subversivas, enfraqueceu as turmas e fez com que diversos jornais parassem de circular”²⁰⁰.

Com o “abrandar” da ditadura em 1976, surgiram novos impressos homossexuais. Brandão identifica 8 novos jornais entre 1976 e 1979 — destes, destaca-se o *Jornal do*

¹⁹⁶ Ver: Costa, 2010.

¹⁹⁷ BABETTE. Colatina em Hi-Fi. *O Snob*, Rio de Janeiro, p. s/n, s.d jan. 1968. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

¹⁹⁸ Cordão, 2017, p. 66.

¹⁹⁹ Cordão, 2017, p. 66.

²⁰⁰ Cordão, 2017, p. 65.

Gay, publicado pela organização Círculo Corydon de São Paulo, que teve venda em Vitória. A circulação se confirma no envio de informações que constam em *Roteiro Gay de Vitória, Espírito Santo*, que destaca:

A moçada festiva capixaba reúne-se em Vitória no BRITZ BAR, situado à rua Gama Rosa, 76. O ambiente é ali seleta, frequentado por artistas, intelectuais e entendidos da localidade. Também se encontram na BOATE GROOVE, que fica na avenida Beira Mar e que é gay só nas quintas-feiras. Pode-se namorar na Praça Costa Pereira, em frente ao Teatro Carlos Gomes, ou na porta do Cine Santa Cecília, que é onde se reúne a turma gay da Ilha²⁰¹.

O exemplar citado está dentro de um dossiê feito pelo SNI, intitulado *Movimento “Gay”*, e data de outubro de 1979, sobre o Círculo Corydon²⁰². A vigilância e censura contra homossexuais e travestis será tratada com maior profundidade no próximo capítulo, pois neste tópico nos restringimos a analisar nos impressos a sua contribuição para difusão e construções das subjetividades de homossexuais e travestis.

O *Lampião da Esquina* teve sua primeira edição publicada em abril de 1978 e a última em julho de 1981. O jornal ganhou destaque pelo profissionalismo em um jornal homossexual, visto que era mais elaborado que os seus antecessores. De cobertura nacional, o *Lampião* teve 10 mil tiragens na primeira edição e chegou a cerca 20 mil no seu auge. Produzido por intelectuais, jornalistas, antropólogos, críticos de cinema e cineastas²⁰³, *Lampião da Esquina* teve o objetivo inicial de abordar questões dos homossexuais, dos negros, das feministas, dos ecologistas, mas se mostrou “fortemente dirigido ao público homossexual masculino”²⁰⁴. Apesar desse direcionamento, Edward MacRae salienta que foram publicadas “um número considerável de matérias relacionadas ao feminismo, várias delas com chamadas na capa”²⁰⁵.

Da primeira edição à última, o capixaba Amylton de Almeida aparece como colaborador de Vitória, junto a outros de Rio de Janeiro, Niterói, Campinas, São Paulo, Recife,

²⁰¹ Roteiro Gay de Vitória Espírito Santo. **Jornal do Gay**, São Paulo, p. 03, 1979. Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 11 out. 1979. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.AVU.300. 121f. p. 40.

²⁰² As dificuldades derivadas do isolamento social da pandemia de Covid-19 e a escassez de acervos *online* com os exemplares dos jornais homossexuais não permitiram que buscássemos a existência de outras informações ou questões sobre o Espírito Santo.

²⁰³ Vinicius Cordão (2017) destaca a estrutura da equipe do jornal como: “Conselho editorial: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bitencourt, Gasparino Damata, Jen-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. Editor: Aguinaldo Silva. Membros da Redação: Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro e Dolores Rodriguez”. Cordão, 2017, p. 84.

²⁰⁴ Green, 2000, p. 431.

²⁰⁵ MacRae, 1990, p. 74.

Florianópolis, Brasília, Campina Grande, Natal, Porto Alegre, Curitiba entre outras²⁰⁶. Não fica evidente qual o tipo de colaboração de Amylton de Almeida, visto que apenas identificamos uma publicação assinada por ele. O único texto assinado por Amylton de Almeida no *Lampião da Esquina* era o *Roteiro de Vitória*, texto que descreve os locais de sociabilidade na Grande Vitória²⁰⁷.

A venda e distribuição do *Lampião* em Vitória se deu por meio de Angelo Zurlo e do jornal *Posição*. Angelo Zurlo era membro do PCdoB e jornalista do *Posição*, o que nos leva a entender os dois nomes como distribuidores. O *Lampião* fez propaganda do *Posição* e, de igual modo, o *Posição* fez propaganda do *Lampião*. O texto do *Posição*, em junho de 1979, informando o início da venda do *Lampião* nas bancas de Vitória, destacava:

A partir da próxima semana estará à venda nas bancas de Vitória o jornal “Lampião”, que reúne vários gays na luta específica por igual direito de manifestação e na luta geral contra a direita emburrecida. A chegada de “Lampião” em Vitória é motivo de alegria para todos. Viva “Lampião”!!!!²⁰⁸.

A publicação do *Posição* para os capixabas tentou mostrar que o *Lampião da Esquina* não se limitava apenas a tratar das questões dos homossexuais, mas que também estava preocupado com a situação de outros grupos, incluindo a luta geral²⁰⁹.

O *Boletim do Grupo Gay da Bahia*, fundado em 1981, também teve circulação no Espírito Santo. Algumas informações acerca do estado foram aparentemente enviadas por algum residente local, dentre elas destacam-se: a criação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana; três cidades do Espírito Santo que já haviam aprovado leis orgânicas, “onde se proíbe expressamente a discriminação por orientação sexual”²¹⁰; e, enfim, a contagem da existência de cerca de 150 travestis em Vitória. Além disso, é preciso mencionar também

²⁰⁶ A lista de colaboradores e de cidades variou de edição para edição do *Lampião da Esquina*. Amylton de Almeida esteve da primeira à última edição, com ausência em poucas.

²⁰⁷ Alguns pontos de sociabilidade presentes no roteiro já foram destacados no tópico sobre bares, boates, cinemas e saunas.

²⁰⁸ *Lampião da Esquina*. *Posição*, Vitória, p. 4, jun. 1979. In: **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. Fundo: Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo. BR_ESAPEES_DES_0_COLT_EXEJ_9. 60f. p. 32.

²⁰⁹ Luta geral era um termo comumente usado pelos militantes de esquerda para se referirem à luta de classes, muitas vezes menosprezando as lutas das ditas “minorias”, como negros, indígenas, mulheres e homossexuais.

²¹⁰ Lei Áurea homossexual: proibido discriminar por orientação sexual. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, Salvador, p. 18, nov. 1992. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2018/02/2-boletim-do-ggb.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 451.

a reportagem do jornal *Tribuna de Vitória (A Tribuna)* de 1982, escrita por Lígia Monteiro e intitulada *Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política*, em que a autora entrevista Luiz Mott, um dos fundadores do Grupo Gay da Bahia; e, reportagem no *A Gazeta* em 1987, intitulada *Gays da Bahia protestam discriminação*. Esses recortes nos permitem sugerir que houve certo diálogo entre Espírito Santo e Bahia no tocante aos assuntos relacionados ao movimento homossexual emergente e a discriminação²¹¹.

Não identificamos um jornal ou periódico homossexual feito por capixabas, mas como visto, alguns moradores de cidades do Espírito Santo chegaram a contribuir direta ou indiretamente com a imprensa homossexual entre as décadas de 1960 e 1980, além de consumirem jornais de outros estados. Não fica evidente qual o nível de circulação da imprensa homossexual em terras capixabas. Fica implícito, contudo, que havia um consumo por parte de homossexuais capixabas da imprensa homossexual produzida por grupos ou turmas do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. Veremos nos dois próximos capítulos que homossexuais e travestis eram constantemente tratados na imprensa homossexual, na imprensa alternativa — como nos jornais *Posição* e *O Diário* — e na grande imprensa, representada pelos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Como salientado por Vinicius Cordão, esses jornais possuíam leituras e noções diferentes acerca do que compreendiam ser as homossexualidades. *O Snob*, *O Centro* e *O Grupo*, uma geração dos anos 1960, promoviam noções de identidades sexuais hierárquicas. Cordão chama essa noção de *modelo hierárquico*, em que os discursos acerca de homossexuais se baseiam “na divisão dos papéis sexuais entre ativos e passivos”²¹². Nos discursos desses jornais eram valorizadas a divisão opositiva entre os papéis e posições sexuais, que gerava categorias como bicha, boneca, homem, bofe, fanchona, sapatão, lady, sapatilha, entre outros. Tais categorias, binárias e opostas, não eram as únicas dentro dos jornais, como Rogério da Costa evidencia no debate interno bicha vs. entendido, publicado no jornal *O Snob*²¹³. Apesar da existência de entendidos nos colunistas d’*O Snob*, os impressos produzidos pelas turmas tendiam a valorizar o feminino dentro da

²¹¹ O conteúdo da reportagem do *Tribuna de Vitória* será trabalhado no Capítulo 2 que trata sobre os métodos de afirmações e como a imprensa oficial capixaba lidou com as homossexualidades, e o conteúdo da reportagem do *A Gazeta* será trabalhado no capítulo 3, pois aborda a temática do HIV/Aids no Espírito Santo e o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

²¹² Cordão, 2017, p. 141.

²¹³ Costa, 2010.

subjetividade de homossexuais, e isso resultou na maior presença e menções a bonecas, bichas e travestis nos textos do jornal.

O *Jornal do Gay*, por outro lado, defendia um ideal de homossexualidade baseado na igualdade e valorizava a identidade “entendido/a”. Diferente da anterior, o entendido compreendia a ideia de parceiros sexuais em pé de igualdade, sem a necessidade de destacar a posição sexual praticada por cada um. Sendo assim, o modelo igualitário utilizava os termos gay e entendido e produzia um discurso que marginalizava as identidades hierárquicas, como identifica Vinicius Cordão. Esse jornal se aproximava do modelo de homossexualidade estadunidense, que valorizava o *macho-man*, uma figura masculinizada, com pelos e esteticamente definida. Tal valorização criou situações como a que Edson Ferreira destacou, em que travestis não eram bem-vindas no Cine Santa Cecília, pois os gays que procuravam pegações não deixavam, visto que buscavam por seus “iguais”.

O modelo *queer*, que se projetou majoritariamente dentro dos estudos universitários, também poderia ser percebido no *Lampião da Esquina*. Cordão identificou que o jornal buscava questionar as características negativas ligadas à homocultura, e que através de seus textos o *Lampião da Esquina* procurou evidenciar que a prática homossexual era “tão comum como a heterossexualidade”²¹⁴.

O questionamento destacado por Cordão pode ser identificado em situações como a tentativa de utilizar o termo “bicha” de forma generalizada, retirando a conotação sexual e negativa. No grupo Somos de São Paulo havia uma “preocupação com 'esvaziar' as palavras 'bicha' e 'lésbica' através de seu uso corriqueiro e não pejorativo como forma de auto-designação (sic)”²¹⁵. Edward MacRae salienta que o *Lampião* sempre deixou em aberto uma definição da homossexualidade, como visto no artigo de Darcy Penteado que destacava que era impossível enquadrar o *homossexualismo* em leituras endócrinas, genéticas ou psíquicas²¹⁶. A tentativa de esvaziamento da carga pejorativa de alguns termos — bem como a não definição de um ideal de homossexualidade — agenciada

²¹⁴ Cordão, 2017, p. 148.

²¹⁵ MacRae, 1990, p. 79.

²¹⁶ MacRae, 1990, p. 79.

tanto pelo *Somos* quanto pelo *Lampião* produziu leituras *protoqueer*, segundo Cordão, caracterizando o modelo *queer* no jornalismo homossexual²¹⁷.

Vinicius Cordão não chegou a identificar uma ordem discursiva do *Boletim do Grupo Gay da Bahia* dentro dos quatro modelos propostos por ele²¹⁸, mas destaca que apesar dos periódicos do nordeste terem surgido nos anos 1980 com uma diagramação parecida com os das turmas dos anos 1960 do eixo Rio-São Paulo, eles se destacavam pelo aspecto militante.

Por fim, com a circulação desses periódicos no Espírito Santo, pensamos que eles auxiliaram no debate de homossexuais e travestis capixabas. Se, por um lado, as festas, festividades e concursos incentivavam em níveis micro e macro a migração de gays, lésbicas, bissexuais e travestis que atuavam na dispersão e produção de processos de subjetivação; por outro, a imprensa homossexual promovia o que Michel Foucault chama de *princípio de agrupamento*, que é quando se produz coerência e unidade no discurso.

Apesar de não ter havido uma imprensa homossexual produzida no Espírito Santo, identificamos que alguns capixabas estavam conscientes da emergência de grupos de sociabilidade e ativismo. Não fica evidente quem consumia essa imprensa — além, claro, da turma colatinense e de Amylton de Almeida —, mas podemos pensar que amigos mais próximos teriam acesso tanto a alguns exemplares, quanto a comentários ou palestras que tratavam da questão.

²¹⁷ Cordão, 2017, p. 144.

²¹⁸ Os modelos são: Modelo hierárquico, modelo igualitário, modelo *queer* e modelo *pink money*. (Cordão, 2017).

2. AFIRMAÇÃO, POLÍTICA SEXUAL E DEBATES

Como visto no primeiro capítulo, no decorrer do século XX ocorreu no Espírito Santo — como em outros estados do Brasil — a emergência pública de homossexuais e travestis. Circuitos de homossexuais e travestis se formaram na Grande Vitória e mesmo em cidades fora do eixo metropolitano, como Colatina. Ao mesmo tempo, as subjetividades gays, lésbicas, bissexuais e travestis passaram por transformações e restaurações, adquirindo novas caras e roupagens. Entender-se gay, lésbica, travesti, bissexual ou transformista deixou de ser uma característica reservada ao âmbito individual/privado e ganhou um aspecto coletivo/público. Assim, concursos, festas, jornais, revistas, bares e boates capixabas foram espaços ocupados por tal público, que produzia cada vez mais uma “consciência de si”.

O controle fazia parte dessa realidade, mas como salienta Michel Foucault, o *poder* não é exclusivamente algo negativo. Isto é: saber e poder agem no sentido de controlar, mas também como incitação ao discurso, ou seja, criação. O que vimos nesse primeiro capítulo foi como homossexuais e travestis capixabas, ao passarem por situações de controle, criavam meios, métodos e preceitos de existência e resistência para a sua sociabilidade e produção de subjetividades²¹⁹. Os intercâmbios culturais como migrações, concursos, revistas e jornais citados atuavam diretamente no processo de subjetivação.

Ainda pensando a respeito das conexões culturais, voltamos nossa análise para as produções e consumos locais de literatura, teatro, cinema, jornalismo e debates públicos que tratavam de homossexuais e travestis no Espírito Santo. A política sexual empreendida pelo governo militarizado atuou como tecnologia de vigilância, controle e censura contra homossexuais e travestis no Brasil. Pressupondo que o controle atua na produção de subjetividades, migramos da abordagem que privilegia a análise de zonas e circuitos de homossexuais e travestis — assim como os contatos com a imprensa homossexual e as migrações, que possibilitaram a análise do processo de subjetivação de gays, lésbicas, bissexuais e travestis no contexto capixaba — e focamos agora na produção e consumo de uma afirmação desses sujeitos nas artes (literatura, teatro e cinema), no jornalismo e em debates públicos.

²¹⁹ Foucault, 1988, p. 17.

Para isso, este capítulo foi dividido em três momentos: o primeiro versa sobre as artes e diversões públicas, e nele damos especial atenção à literatura, peças e espetáculos produzidos por intelectuais locais para refletirmos acerca das representações sobre os(as) homossexuais e travestis que circulavam no Espírito Santo. Do mesmo modo, finalizamos o primeiro momento refletindo a respeito dos filmes com personagens homossexuais ou travestis — visto que os cinemas recebiam grandes públicos — de maneira a questionar os estereótipos reproduzidos sobre gays, lésbicas, bissexuais e travestis.

No segundo, analisamos a tríade censura, controle e repressão como uma política sexual empreendida pelo governo militarizado que atuou em diversos âmbitos com o intuito de silenciar o emergente movimento homossexual brasileiro. Desse modo, investigamos como essa política sexual implementou um mecanismo para invisibilizar e silenciar gays, lésbicas, bissexuais e travestis, uma vez que censurou e reprimiu intelectuais, artistas, jornalistas, estudantes e profissionais do sexo.

Por fim, no último momento, aprofundamos os debates públicos sobre gays, lésbicas, bissexuais e travestis para pensarmos os ativismos desses sujeitos. Analisamos como homossexuais e o emergente movimento homossexual foram apresentados à população capixaba — considerando também suas relações com outros movimentos sociais — com o objetivo de criar indagações no tocante a apropriações de métodos, pautas e debates, visto que movimentos sociais como o feminista e movimento negro já vinham atuando há mais tempo no embate com o Estado.

O objetivo geral deste capítulo é construir uma narrativa que demonstre como, no decorrer dos anos 1970 e 1980, os ativismos (discursos, representações, debates, embates e alianças) de homossexuais e travestis no Espírito Santo foram feitos de modo disperso, onde cada sujeito ou coletivo de sujeitos (artistas, jornalistas, profissionais do sexo), à sua maneira — a depender do acesso que tinham ao *poder* —, contribuiu para a afirmação e a defesa da cidadania de homossexuais e travestis no Espírito Santo.

2.1 “*não fez de seus livros panfletos de afirmação de identidade homossexual, até porque a época não permitia*” – Francisco Ribeiro

A relação entre história e literatura não é harmoniosa, especialmente quando a história é questionada sobre o aspecto ficcional da narrativa literária. Por outro lado, a literatura também compõe o acervo de registros que a história pode utilizar para refletir a respeito

de uma determinada época. Francisco Ribeiro, ao historicizar a literatura feita por e sobre os(as) homossexuais e travestis, nos mostra como nos anos 1970 inaugura-se no Espírito Santo uma ordem discursiva que fala sobre gays, lésbicas, bissexuais e travestis, abordando a complexidade desses sujeitos²²⁰.

Se antes homossexuais e travestis apareciam em tom de ofensas e xingamentos na literatura, a partir daquele período intelectuais capixabas começam a escrever sobre o “tão popular” sujeito homossexual e suas vivências heterogêneas. Nesse sentido, esses escritores rompem com as visões simplistas que se restringiam à estigmatização desses sujeitos.

O que estava em voga nessa conjuntura eram *lutas de representações*, que segundo Roger Chartier são movimentos em que grupos sociais buscam colocar suas concepções, valores e ideias junto ao seu domínio, a modo de hierarquizar a estrutura social²²¹. Tal embate foi travado no Brasil durante todo século XX e, no Espírito Santo em especial, veremos que essa luta foi empreendida durante as décadas de 1970 e 1980 tanto por homossexuais quanto por “entendidos da causa”.

Para compreender esses embates entre as representações é necessário que nos desprendamos de uma noção de *poder* que o concebe como um objeto que alguém detém e outro não. É preciso, na verdade, pensá-lo como uma rede — ou, nas palavras de Michel Foucault “deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”²²². Foucault utiliza como exemplo a figura do intelectual que se torna alvo do poder político “não mais em função do seu discurso geral, mas por causa do saber que detinha: é neste nível que ele se constituía como um perigo político”²²³.

Gays, lésbicas, bissexuais e travestis como personagens na literatura tornaram-se cada vez mais comuns durante o século XIX, mas foi no início do século XX que escritores brasileiros começaram a abordar a complexidade desses sujeitos. Durante o Regime civil-militar, a escritora Cassandra Rios que tematizou as lesbianidades em seus diversos livros,

²²⁰ RIBEIRO, Francisco Aurélio. **A Literatura do Espírito Santo**: uma marginalidade periférica. Vitória: Nemar, 1996.

²²¹ CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1988. p. 17.

²²² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004., p. 8.

²²³ Foucault, 2004, p. 9.

chegou a ter cerca de 36 livros censurados pela Ditadura civil-militar. Por esse motivo, é preciso que compreendamos a conjuntura dos anos 1970, período que representou o início da produção desse tipo de literatura no Espírito Santo.

A literatura produzida no estado nos serve para entender o aspecto político e conjuntural das afirmações e luta por dignidade de homossexuais e travestis no Espírito Santo, isto é, estamos analisando essas obras em uma perspectiva do “falar sobre”, diferente da proposta da Ditadura civil-militar que promovia um “silêncio sobre”. Ribeiro verificou que na literatura capixaba a homossexualidade masculina teve mais protagonismo se comparada à homossexualidade feminina²²⁴. Lesbianidades e travestilidades foram abordadas em menor quantidade quando comparadas à afetividade e erotismo entre dois homens. Visto que foram muitos os contos, poemas, crônicas e romances produzidos no Espírito Santo que trataram das experiências das sexualidades e gêneros dissidentes, não é possível analisar cada texto em si por conta da diferença metodológica e teórica que seria necessário para o empreendimento de tal feito. Ainda assim, em razão do pequeno número de fontes sobre lesbianidades e travestilidades levantadas no Espírito Santo, nos permitiremos tecer considerações a respeito de alguns textos que tangenciam subjetividades lésbicas e travestis: *Theda Bara* e *Vitor ou Vitória*, de Luiz Fernando Tatagiba; *Primeiro Amor*, de Sebastião Lyrio, e *As namoradas*, de Lacy Ribeiro. As duas primeiras tematizando experiências travestis, e as duas últimas abordando vivências lésbicas.

Em 1972, Amylton de Almeida escreveu seu primeiro romance, intitulado *Blissful Agony*, com tiragem de 28 exemplares, a modo de restringir a circulação e escapar da censura. A obra foi reeditada em 1988 e publicada pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Ribeiro afirma que o romance “retrata a angústia, o sentimento de perda, o tédio de viver em uma cidade provinciana como Vitória daquela época em oposição à Paris existencialista e revolucionária de 68”²²⁵. Cinco anos depois, em 1977, publicou o romance *A passagem do século*, que retrata o amor homossexual ambientado no dia 31 de dezembro de 1999. Francisco Ribeiro considera que

²²⁴ O levantamento de escritores(as) e obras que citamos nesse tópico foi organizado e publicado por Francisco Ribeiro. Para esse tópico foram selecionadas as obras e seus respectivos contos, crônicas ou poemas levantados pelo autor que se enquadram no recorte temporal da pesquisa, tendo como limite o ano de 1989 (Ribeiro, 1996).

²²⁵ Ribeiro, 1996. p. 61.

Amylton de Almeida não fez de seus livros panfletos de afirmação de identidade homossexual, até porque a época não permitia. A censura só seria extinta, no Brasil, no final da década de 70. Sua maior preocupação era o trabalho estético, a construção literária das suas histórias. No entanto, sua vida em Vitória, sobretudo a partir da década de 80, como ativista cultural e crítico de cinema, foi um legado às gerações mais novas do direito de ser, de arauto das liberdades, sobretudo das categorias discriminadas ²²⁶.

O comentário de Ribeiro acerca de Amylton de Almeida não ter feito das suas obras um “panfleto de afirmação de identidade homossexual” merece uma consideração: mesmo a mais ínfima manifestação, menção, ou suposição de “homossexualismo” nas artes poderia ser alvo da censura. Se Amylton de Almeida nos anos 1970 não pretendeu fazer dos seus romances um panfleto, estes se tornaram, pois abriram portas para que outros escritores capixabas abordassem as sexualidades e gêneros marginalizados.

Francisco Ribeiro nos alerta que a literatura homossexual feita no Espírito Santo não foi produzida exclusivamente por homossexuais, mas também por escritores que buscavam versar sobre as diversas marginalidades, como Benadette Lyra, Luiz Fernando Tatagiba, Lacy Ribeiro, Francisco Grijó, Sebastião Lyrio, Waldo Motta, Paulo Roberto Sodré, Sérgio Blank e Marcos Tavares.

Waldo Motta, considerado por João Silvério Trevisan como um grande poeta brasileiro de inspiração homossexual, publicou seu primeiro livro de poemas em 1979, intitulado *Pano Rasgado*. Em 1980 publicou *Os anjos prescritos e outros poemas*, que no mesmo ano foi acompanhado pelo livro *As contas no canto*, de Bernadette Lyra, que abordou o desejo homossexual reprimido nos contos 1 e 2. Destaca-se, ainda, Fernando Tatagiba, que tematizou as travestilidades no conto *Theda Bara*, em livro de título *O sol no céu da boca*.

Waldo Motta continuou suas publicações em 1981 com o livro de poemas *O signo da pele*, e em 1982 com os livros *Obras de arteiro* e *As peripécias do coração*. Francisco Ribeiro afirma que a presença da temática homossexual nos escritos de Waldo Motta começou a aparecer com mais força nos seus livros a partir de 1982²²⁷.

Em 1983, Bernadette Lyra tematizou a homossexualidade masculina nos contos *O dourado e o negro* e *Tempo e Urália*, que compõem o livro *O jardim das delícias*. Waldo Motta publicou o livro de poemas *De saco cheio*. O escritor Sebastião Lyrio, no mesmo

²²⁶ Ribeiro, 1996, p. 61.

²²⁷ Ribeiro, 1996.

ano, publicou *Tigres de Papel*, e tratou sobre homossexuais e travestis em três contos. Nos contos *Primeiro Amor* e *Modulações*, Sebastião Lyrio aborda a temática de relacionamentos lésbicos e bissexuais, respectivamente. No conto *Apocalipse: contagem regressiva*, Sebastião Lyrio explora uma personagem travesti no cenário do fim do mundo.

Já em 1984, Bernadette Lyra tematizou pela primeira vez em seus escritos a homossexualidade feminina, no conto *Letícia*, inserido no livro *Cristal ou a vida secreta das enceradeiras*. No mesmo ano, Waldo Motta publicou *Salariana Loucura* e Sérgio Blank publicou o livro *Estilo de ser assim, tampouco*, no qual o desejo homossexual é pressentido nos poemas *flauta de dafnis e rinbaud e verlaine*²²⁸. Também em 1984 Paulo Roberto Sodré, no livro *Interiores*, explorou o amor, o desejo, o sexo e o erotismo homossexual nos poemas *Germinação, Poética, Estradas, Embriaguez, Êxtases e Quedanças*.

Luiz Fernando Tatagiba abordou novamente as travestilidades na crônica *Vitor ou Vitória?* na obra *Rua*, publicada em 1986. No ano seguinte foram muitas publicações. Lacy Ribeiro tematizou o controle sobre os corpos no conto *As namoradas*, presente no livro *Avenida República: Diário da madrugada*. No mesmo ano, Francisco Grijó abordou a homossexualidade masculina no conto *Dois meninos e um jazz*, e as travestilidades no conto *Zaringuer e o mundo*, ambos no livro *Diga adeus a Lorna Love*. Também em 1987 Marcos Tavares explorou experiências travestis no conto *Meus meninos*, do livro *No escuro, Armados*. Waldo Motta publicou o livro de poemas *Eis o homem*.

Ainda em 1987, em uma abordagem mais enfática, Sergio Blank tematizou o homoerotismo explícito nos poemas *Você castrate, Pour lui, Cinza de fumaça azul*, publicados em 1987 no livro *Pus*²²⁹. No romance *Lhecidio Gravuras de Sherazade na Penúltima Noite*, Paulo Roberto Sodré tematizou a diversidade das formas de amar e transar²³⁰. A década fechou com alguns escritos de Maria do Carmo Marino Schneider, que no livro *Fio de prumo*, de 1989, tematizou o sentimento e desejo homossexual, dedicando diversos poemas às ex-alunas e amigas, dentre eles, destacam-se *Agonia, Alma gêmea, Encontro marcado, Timidez, Roupagem, Fugaz, Eco e Narciso*²³¹.

²²⁸ Ribeiro, 1996, p. 68.

²²⁹ Ribeiro, 1996, p. 68.

²³⁰ Ribeiro, 1996, p. 73.

²³¹ Ribeiro, 1996, p. 66.

Entre todos, o poeta Waldo Motta manteve-se constante nas publicações. O poeta explorou em seus textos os binarismos entre erudito e popular, sagrado e profano, erotismo e espiritualidade e, segundo Francisco Ribeiro, pôs em muitos escritos “o homossexual” em uma perspectiva revolucionária e é “precursor de toda uma geração de poetas homossexuais conscientes do seu fazer e de sua condição”²³². João Silvério Trevisan também comenta a poética de Waldo Motta e destaca que ele foi a grande revelação dos anos 1990 de uma poética homoerótica. Classificando-o como “atrevido”, Trevisan sublinha que Waldo Motta “não tinha receio de parecer sacrilégio” e que “ousou abordar o sagrado a partir da desmunhecação e do obsceno, instaurando um tom de ambiguidade”²³³.

No debate sobre narrativa e ficção, Roger Chartier considera que existe uma distância entre a história e a literatura, pois entre o texto literário e o texto historiográfico a diferença está na intenção da escrita, na historicidade de sua produção e na maneira com que a realidade é visada²³⁴. Para Chartier, “a compreensão histórica é construída no e pelo próprio relato, pelos seus ordenamentos e pelas suas composições”²³⁵. Dito isso, compreendemos que os textos literários também estão inscritos e trabalham com a realidade — apesar de não terem a mesma intenção e as formas de construção e escrita dos textos historiográficos —, pois são gêneros distintos de discurso. Seleccionamos quatro dos contos e crônicas citados para analisar as regularidades discursivas e as representações acerca de lésbicas e travestis, dado que dentro das fontes levantadas esses dois tópicos aparecem em escassez²³⁶.

Luiz Fernando Tatagiba publicou a crônica *Theda Bara* no livro *O sol no céu da boca* em 1980²³⁷. O título da crônica e nome da personagem principal homenageiam a atriz estadunidense Theodosia Burr Goodman, conhecida popularmente como Theda Bara, que atuou no cinema mudo na primeira metade do século XX. A crônica narra a história de

²³² Ribeiro, 1996, p. 68.

²³³ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. p. 270.

²³⁴ Chartier, 1988, p. 76.

²³⁵ Chartier, 1988, p. 82.

²³⁶ Essa análise foi apresentada no XII Encontro Nacional de História e I Encontro Internacional de História da Ufal e publicado nos anais do evento: FREITAS, Randas. Homossexualidades e travestilidades na literatura capixaba na década de 1980: discursos e representações. In: **Anais do XII Encontro Nacional de História da UFAL**: Genocídios na História: passados, presentes, futuros. Maceió: UFAL, p. 669-677, 2021.

²³⁷ TATAGIBA, Luiz Fernando. **O sol no céu da boca**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1980.

Antônio, que durante o dia trabalhava como garçom em uma lanchonete e de madrugada se travestia e transformava-se em Theda Bara. A personagem, então, montava-se “diante do espelho, absorta, peruca alugada, cílios postiços adquiridos de segundo olho, colar e brincos oxidados, usando maquilagem da mãe, entrava fraudulentamente em outra dimensão”.

Theda Bara “fazia pista” na praça Costa Pereira. Suas colegas de *trottoir* não sabiam falar seu nome e fugiam do assunto quando Theda Bara começava a falar sobre o cinema mudo. Pediam para que Theda Bara mudasse de nome para algo mais fácil e “Theda, porém, sensível como era, não suportava que a chamassem de outra maneira. Enraivecida corria para o outro lado da avenida, soluçando”.

Toda manhã, Theda Bara tinha seu sonho ceifado quando esbarrava no balcão da lanchonete e seu gerente gritava: “Antônio, atende aqui” ou “Está na hora de fazer café, Antônio”. Ao anoitecer, Theda Bara se vestia e preparava-se para mais um dia de olhares dos transeuntes. Quando chegava em casa, sua mãe dizia: “Chegou, Antônio?”, e quando chovia: “Tira a roupa, Antônio, para não se gripar”. Ao chegar em seu quarto Theda Bara “apanhava o álbum com as fotos, relia um artigo, beijava o “poster” na parede. Depois, deitava e fingia que sonhava”.

A crônica *Vitor ou Vitória?*, de Luiz Fernando Tatagiba, foi publicada no livro *Rua* em 1986²³⁸. A crônica leva o mesmo nome do filme *Victor ou Vitória?*, com roteiro e direção de Blake Edwards, que tematiza o transformismo em Paris de 1934. A crônica de Tatagiba narra a história de Vitor que virou a travesti Vitória e paralelamente cria uma metáfora da transformação urbana da capital do Espírito Santo, Vitória. Vitor se assumiu e “nas imediações da praça Costa Pereira, galeria Palácio do Café, Av. Beira Mar, todo o mundo tomando hormônio como quem bebe cafezinho para depois fumar”. Vitor se travestiu, agora é Vitória ou Vitorinha para os mais íntimos. Vitória “é travesti de *trottoir*, de *michê* barato, não podendo concorrer nem mesmo com as prostitutas”.

Num concurso de fantasia, Vitória concorreu na categoria “Dura realidade”. Sua fantasia: nos babados, “as meninas famintas de Itanhenga”, na cintura “os pobres que moram embaixo da ponte da Vila Rubim”, na blusa “as prostitutas das imediações da Lanchonete Cavalo de aço”, no decote “as crianças de São Pedro, as bocas cheias de lixo”, no chapéu

²³⁸ TATAGIBA, Luiz Fernando. **Rua**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1986.

“gente que pede esmolas nas ruas do centro”, na fita na testa “achada na rua”, no bronzeado “juntamente com algumas micoses”, nas mãos espalmadas “os que dormem pelas ruas”. Podem chamar Vitória de Vi ou de Vit, “ele – ou ela? Não estará sozinha na avenida iluminada”, sempre acompanhada de Serra, Cariacica, Vila Velha, dançando no bloco “Grande Vitória”. Vitória pode não dar certo como travesti, “mas não custa nada tentar”.

Percebemos algumas regularidades discursivas e representações acerca das travestis: trânsito de gênero; oposição prática eventual *versus* sujeito; e, além disso, modelos de autoidentificação. Luiz Fernando Tatagiba, ao descrever a “montação” de Theda Bara, destaca: “entrava fraudulentamente em outra dimensão”. Tal colocação está presente numa perspectiva que entende o gênero enquanto uma construção, mas o coloca como intrinsecamente ligado ao sexo, isto é: montar-se Theda Bara, montar-se travesti, algo que você apenas pode *tornar-se*, não se ensina de berço, como dito por Amara Moira²³⁹. Elias Veras, ao analisar as bonecas — que também passavam pelo processo de montar-se —, lembra que “o termo boneca é empregado para nomear homossexuais que se apropriavam de artefatos associados às mulheres para realizarem performances femininas”²⁴⁰.

Elias Veras identifica a década de 1970 como um ponto de inflexão para pensarmos a prática de travestir-se e o sujeito travesti. O tempo das perucas é um período anterior a década de 1980, no qual travestir-se estava muito ligado a uma “prática eventual, clandestina e restrita aos momentos e espaços privados”. O tempo dos hormônios que, em diálogo com Paul Preciado²⁴¹, Veras designa como tempo farmacopornográfico, mostra que “o sujeito travesti público midiático emerge [...] marcado por uma série de transformações que afetaram a intimidade, o corpo, o gênero e a sexualidade”, isto é, torna-se um sujeito com suas subjetividades²⁴². Nesse sentido, o processo de subjetivação das travestis passou por vários modelos de identificações: “Travesti de peito”, “Travesti de rua”, “Travesti de trottoir” são, segundo Elias Veras, “categorias êmicas que revelam o quanto a associação entre travesti, corpo transformado e prática da prostituição

²³⁹ RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. p. 370.

²⁴⁰ Veras, 2019, p. 71.

²⁴¹ PRECIADO, Paul. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

²⁴² Veras, 2019, p. 55.

marcaram/marcam as (auto)identificações dos sujeitos e sua aproximação-afastamento de certa identidade travesti”²⁴³

A crônica *Primeiro Amor*, de Sebastião Lyrio, foi publicada em 1983 no livro *Tigres de papel*²⁴⁴. A crônica em formato de diálogos narra o encontro de Hilda e Isis, essa última que tem seu nome revelado no último parágrafo. Hilda esperava Isis no bar, que chegou atrasada por causa do trânsito. Hilda questiona se Isis gostaria de tomar uma cerveja ou se beberia outra coisa. Isis responde: “Acho que vou pedir um Martini” e reclama do jeito que os outros clientes do bar as olham: “É como se estivéssemos num zoológico”. Hilda questionou se Isis gostaria de ir para outro bar, afirmando que havia outros três no mesmo quarteirão. Isis fala que os outros eram ainda piores que aquele. Hilda questiona se Isis gostaria de ir ao cinema assistir Godard, que responde que já havia assistido na TV.

Isis pede para que Hilda mude de assunto, no que esta responde: “OK, OK, não precisa se zangar”, seguido de um silêncio. O garçom Haroldo leva a cerveja e Hilda reclama que demorou. Hilda pergunta para Isis se a zanga passou, que questiona: “que zanga?” e pede novamente para mudar de assunto. Hilda pede um beijo para Isis, que nega e fala que ali não. Hilda questiona o problema e Isis argumenta: “Toda essa gente...”. Hilda insiste e Isis fala: “Não, Hilda. Aqui não. Agora não”. Hilda questiona se seria a primeira vez de Isis beijando uma mulher. Isis confirma que sim e pede para Hilda falar mais baixo. As duas se organizam para irem embora. Isis ajuda Hilda a tomar o resto da cerveja. Pagam a conta e saem. Fazia frio, vento forte, num trecho mais escuro Hilda cantarolou: “Primeira vez... Primeiro amor...” e Isis responde confirmando e diz que a ama. Isis chama Hilda, que pergunta: “O que é meu bem?” e beijam-se.

Lacy Ribeiro publicou o conto *As namoradas* no livro *Avenida República: diário na madrugada*, em 1987²⁴⁵. O conto narra que duas mulheres que namoravam estavam andando na rua de mãos dadas “quando um jorro de luz [...] as iluminou” fazendo com que se separassem e soltassem as mãos. Assim, encaminharam-se para um cantinho escuro da calçada, onde puderam voltar a se aproximar e dar as mãos: “As pessoas as olhavam de soslaio, mostrando, com meneios de cabeça e risinhos debochados, o

²⁴³ VERAS, Elias Ferreira. **Travestis: carne, tinta e papel**. Curitiba: Appris, 2019. p. 61.

²⁴⁴ LYRIO, Sebastião. **Tigres de papel**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983.

²⁴⁵ RIBEIRO, Lacy. **Avenida República: (diário na madrugada)**. Rio de Janeiro: Catedra, 1987.

espanto”. Uma delas subiu no ônibus e “a que ficou na calçada teve um ataque de tosse, talvez pela fumaceira preta do cano de descarga do ônibus que lhe roubava a amada”.

Nessa lógica, na literatura lésbica também verificamos regularidades discursivas e representações: oposição afeto *versus* sexo; oposição privado *versus* público; o escuro como uma heterotopia. A relação entre as categorias afeto e sexo é um debate presente na literatura que lida com os relacionamentos entre mulheres. A esse respeito, Nádía Nogueira argumenta: “a questão do afeto como elemento de aproximação entre duas mulheres é muito valorizada”²⁴⁶. O sexo é posto como menos importante que o carinho e o afeto, ele aparece como consequência e não como causa de alguns relacionamentos lésbicos²⁴⁷. Isso fez parte da construção das subjetividades lésbicas, que por conta de regimes reguladores suprimem a sexualidade das mulheres e atuam na manutenção das categorias de gênero.

A apropriação de espaços públicos e a própria relação dos relacionamentos lésbicos nos espaços privados podem ser percebidas como espaços de construção e não exclusivamente de assujeitamento das normas. Como vimos tanto na crônica *Primeiro Amor*, quanto no conto *As namoradas*, a presença de lésbicas em ambientes públicos questiona as normas vigentes que atuam sob os relacionamentos homoafetivos: “não precisam demonstrar isso em público”. De igual maneira, a repressão que atua em cima desses relacionamentos acaba por criar outras formas de sociabilidade, isto é, atua como incitação de subjetividades. É esse caráter repressão/incitação que incide sobre os corpos dissidentes e ao mesmo tempo que tenta condicioná-los às normas vigentes acabam por acionar o surgimento de espaços de sociabilidades que fogem dessas normas.

É nesse sentido que o “escuro”, nas crônicas, aparece como uma heterotopia de sexualidade, ou seja, como um espaço-tempo por meio do qual se pode fugir das normas vigentes da *cisheteronormatividade*. Michel Foucault destaca alguns princípios das heterotopias: toda sociedade e cultura no mundo cria suas heterotopias; uma mesma heterotopia em determinado tempo pode adquirir significado diferente do inicial; num mesmo espaço heterotópico pode haver diversos espaços, inclusive incompatíveis; as heterotopias estão ligadas a pequenas parcelas de tempos-momentos; pressupõem um

²⁴⁶ NOGUEIRA, Nádía. **Invenções de si em histórias de amor**: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop. 2005. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, 2005. p. 93.

²⁴⁷ Nogueira, 2005.

sistema de início e fim; são capazes de criar espaços-outros²⁴⁸. Percebemos então que em “Primeiro amor” e em “As namoradas” o escuro da rua age como um espaço heterotópico, capaz de permitir que casais lésbicos desviem por um pequeno espaço-tempo das normas reguladoras.

Os quatro textos analisados permitem que verifiquemos a argumentação de Francisco Ribeiro, que sugere que na geração de escritores capixabas dos anos 1970 e 1980 existia um interesse em tematizar as subjetividades de homossexuais e travestis sob a égide das suas opressões, medos e dificuldades acarretadas pelas repressões — muitas vezes silenciosas — fugindo, em muitos casos, dos estereótipos que os afetavam.

Para Francisco Ribeiro, o movimento literário surgido nos anos 1970 no Espírito Santo difere de uma literatura anterior que citava a figura do homossexual como anormal, doente, pecador e degenerado. Em suas palavras, “até os anos 80 a ideia de homossexualismo estava estreitamente ligada a fraqueza, doença e perversão. A literatura que trata do tema o reflete seja em sua forma de desvio ou perversão”²⁴⁹. Esse discurso adquire um contraponto: nessa geração, escritores se preocuparam em seus romances, contos, crônicas e poemas, em explorar aspectos do amor, erotismo, romance, sexo, estigma, marginalidades e preconceitos aos quais gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transformistas estavam sujeitos.

2.2 “aquilo não fazia parte do espetáculo: o cadeirante levanta e sai correndo o palco inteiro ‘bem bicha’” – Claudino de Jesus

O movimento teatral do Espírito Santo passou por altos e baixos entre as décadas de 1960 e 1980. Durante os anos 1960, o Teatro Carlos Gomes ficou abandonado, restando apenas a improvisação em espaços como o auditório da Escola Técnica de Vitória – ETV, onde grupos como o Geração, Equipe e Praça Oito se apresentaram sem o apoio financeiro do Estado. Na transição da década de 1960 para 1970, o governador Christino Dias Lopes atendeu às reivindicações da classe teatral — em resposta à crítica feita pelo ator Paulo Autran durante o espetáculo *Liberdade, Liberdade*, realizado em 1967 — no tocante à

²⁴⁸ FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. vol. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

²⁴⁹ Ribeiro, 1996, p. 80.

situação de abandono em que se encontrava o Teatro Carlos Gomes e, assim, autorizou a reforma do espaço como também criou a Fundação Cultural do Espírito Santo – FCES²⁵⁰.

Duílio Henrique Kuster Cid analisa que por conta da mudança de relação entre o Estado do Espírito Santo com o teatro, pode-se considerar que no período de 1970-1977 houve verdadeira revolução, pois a FCES foi responsável por investimentos no teatro, ainda não vistos até aquele momento. Entretanto, tendo em vista a pouca quantidade de grupos estruturados e atuantes no Espírito Santo, parcela significativa dos recursos da FCES foi destinada à “importação de espetáculos de outros estados, reforma e construção de novos espaços de apresentação e a manutenção de grupos oficiais”²⁵¹.

No final dos anos 1970, momento em que surgiram diversos grupos teatrais no Espírito Santo, o governo reduziu os investimentos na área, o que culminou na extinção da Fundação Cultural do Espírito Santo e na criação do Departamento Estadual de Cultura — DEC. Ambas, apesar de carregarem o mesmo objetivo, possuíam estrutura administrativa diferente, sendo o DEC mais burocrático²⁵².

Homossexuais e travestis apareceram em diversos níveis nas peças produzidas por gays, lésbicas, bissexuais no Espírito Santo, ora como tema principal ora como personagens pontuais. Muitas das pessoas envolvidas com teatro eram gays, lésbicas, bissexuais e travestis, mas suas produções giravam em torno de diversos temas e não tratavam exclusivamente das subjetividades de homossexuais e travestis, até porque a censura não permitia.

Em 1966, dois anos depois de se fixar no Espírito Santo, Milson Henrique, junto a Antônio Carlos Neves (Toninho Neves), fundou o grupo Geração. As primeiras peças produzidas pelo grupo — escritas e dirigidas por Toninho Neves — foram *Zé da Silva em confidência agora* e *Acorda meu gigante, acorda, que estão levando seu ouro embora*, ambas proibidas de serem apresentadas²⁵³. Toninho Neves resolveu trabalhar com peças aprovadas pela censura e optou pelo musical *Arena Canta Zumbi*, mas precisava de um ator que soubesse cantar e dançar. Milson Henriques aceitou interpretar e relembra que

²⁵⁰ CID, Duílio Henrique Kuster. **Revolução de caranguejos**: políticas para o teatro no Espírito Santo durante a Ditadura Militar. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

²⁵¹ Cid, 2013, p. 20.

²⁵² Cid, 2013, p. 105.

²⁵³ Cid, 2013, p. 32.

era um papel “de uma ‘bicha’ que cantava, dançava e que universitário nenhum queria fazer, pois, ‘teatro era coisa de veado’, ainda mais fazer um papel de bicha!”²⁵⁴.

Milson Henriques também montou em 1969 a peça *Vitória, de setembro à setembrino*, uma sátira política e social. Nela, interpretou diversas personalidades capixabas (**Figura 2**)²⁵⁵. A peça foi proibida na sua oitava apresentação. Outros trabalhos de Milson Henriques que foram proibidos na primeira metade da década de 1970 são: *Ponhas as flores no bidê para que não murchem*, *Ecomunicação* e *Em confiança agora* (parceria com Toninho Neves). O espetáculo *Ensaio Geral* teve o texto censurado e só foi apresentado com as músicas²⁵⁶.

²⁵⁴ ESPÍRITO SANTO. **Relatório da Comissão Estadual da Memória e Verdade Orlando Bonfim**. Vitória: Secretaria de Direitos Humanos, 2016.

²⁵⁵ Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo: **Milson Henriques**. Caixa 6, 1973-1977. BRESAPEES. MH.31.

²⁵⁶ A censura será abordada com maior profundidade em tópico específico deste capítulo.



Figura 2: Milson Henriques na peça *Vitória, de Setembro à setembrino*, estreada em 1969.

Milson Henriques foi convidado por Marien Calixte — presidente da FCES — em 1967 para coordenar o Grupo de Teatro Infantil do Teatro Carlos Gomes, vinculado a FCES. Inaugurando o teatro infantil no Espírito Santo diversas foram as peças com sucesso de público, tais como: *No Reino do Rei Reinante*, *Bim Bam Bum*, *o palhacinho triste*, *O Mágico de Oz* e *O Galo de Belém*, todas em 1971; e *O príncipe encantado*, *A Colcha do Gigante* e *Quem quer casar com Dona Baratinha?*, todas em 1972²⁵⁷.

Milson Henriques, desde que chegou ao Espírito Santo, movimentou a classe teatral. Logo após a reforma do Teatro Carlos Gomes, organizou o *I Festival Capixaba de Teatro Amador*. Em 1975, depois da morte de Carmélia Maria de Souza, Milson Henriques —

²⁵⁷ Cid, 2013, p. 74.

na companhia de Amylton de Almeida — estreou com grande sucesso de público a peça *Carmélia por Amor*, em homenagem à cronista do povo.

Dentre as diversas peças adultas e infantis censuradas, proibidas e apresentadas, Milson Henriques, Amylton de Almeida e Marcos Alencar produziram *Tem Xiririca na Bixanxa*, que estreou em 1982 no Teatro Carlos Gomes, com montagem do grupo Ponto de Partida. A peça é uma comédia musicada dividida em dois atos. No primeiro, que se passa em Cachoeiro de Itapemirim nos anos 1950, a peça tem como personagens o prefeito, a miss, o vereador, o delegado, o colunista social que também é cabeleireiro, a professora feminista, entre outros. No segundo ato, que se passa em Vitória nas décadas de 1970 e 1980, a miss virou vedete, o prefeito tornou-se governador, a mãe da miss tornou-se primeira-dama, o vereador virou Secretário de Educação, o delegado tornou-se Secretário de Segurança. A peça repete cantando a máxima “tem xiririca na bixanxa”, que soa como a expressão “tem carçoço nesse angü”.

Em maio de 1985, Amylton de Almeida estreou a peça *A noite das longas facas, segunda parte*. No mesmo dia, lançou o livro de mesmo nome, contendo além da peça, o ensaio monográfico *A opressão que ousa dizer seu nome* — em que Amylton de Almeida versa sobre homossexualidade e repressão —, e o texto da peça *My Funny Valentine*. Segundo Jeanne Bilich, “o espetáculo não foi um sucesso de público”, pois a peça foi considerada “hermética” e/ou “pesada”²⁵⁸. Pode ser considerada a primeira peça local que teve como personagens principais homossexuais e travestis e que tematizou a política repressiva de um Estado autoritário.

Tina Moreira, que era atriz de espetáculos infantis, foi convidada por Claudino de Jesus, diretor da peça *A noite das longas facas*, para interpretar a travesti Valeska. A personagem era uma homenagem de Amylton a travesti Valeska Franklin di Pigalle. Tina Moreira destaca que “na estreia ela [Valeska Franklin] assistiu na primeira fila. Estava ansiosa para ver como ia aparecer, como eu iria desenvolver esse personagem em homenagem a ela. E exatamente eu fazia um travesti”²⁵⁹.

²⁵⁸ BILICH, Jeanne Figueiredo. **As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida**: política e poder no jornalismo cultural do Espírito Santo: o cinema como mundo, a arte como universo (1980-1989). 2005. 254 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005. p. 199.

²⁵⁹ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 6.

A noite das longas facas, segunda parte se passa num esconderijo, em um depósito de um edifício abandonado. São ao todo nove personagens. Destes, oito localizam-se no esconderijo à espera do nono, a travesti Valeska. Dentre os personagens, apenas duas são mulheres cisgênero, Sandra e Norma. A forma de organização das pessoas dentro do esconderijo é uma democracia, em oposição ao cenário de ditadura que se passa no exterior. Enquanto esperam Valeska chegar, é dada a informação de que existe algum(a) traidor(a) entre eles(as), e cada um(a) é intimado a contar a história de como chegou ali. Todos os homens foram presos sob a acusação de pederastia-*homossexualismo*. Sandra, por sua vez, fora presa por ter se deitado com vários homens após escapar de um relacionamento abusivo, enquanto Norma fora detida por ser “louca”. De todos, Aprígio é apresentado como um roqueiro misógino que gostava de fazer sexo com adolescentes burgueses. Aprígio se mostrou constantemente contra a presença de mulheres no esconderijo, brigando muito com Valeska após sua chegada, chamando-a de "bicha de peito". À medida que cada um conta sua história, fica evidente que todos sofreram repressão do tipo religioso a partir da narração de frases religiosas que eram ditas a eles(as) no período de prisão. Todos conseguiram fugir e foram parar no esconderijo graças a Paulo Roberto, um décimo personagem que é apenas citado. A peça termina com mortes ocasionadas pela tentativa de descobrir quem era o(a) traidor(a) e, por fim, com “eles” (pessoas do lado de fora que passam todos os dias em procissão cantando) chegando no esconderijo.

Ao ser questionado se houve outras peças com temas parecidos com *A noite das longas facas, segunda parte*, Claudino de Jesus responde que não, mas afirma que as vezes em algumas peças que já tinham passado pelo crivo da censura, eles acabavam por inserir o tema em palco. Lembra que dirigiu a peça *As interferências*, dramaturgia de Maria Clara Machado, e nela inseriu a temática da sexualidade através do personagem interpretado pelo ator Luciano Cola. Claudino de Jesus sublinha ainda que

Tinha censura prévia do DOPS. Antes da apresentação tinha que fazer um ensaio geral para eles. Então aquele texto estava aprovado. Era um mamão com açúcar. Só que a gente pegou o texto, cortou e remontou e transformou o texto num protesto. Um protesto de pessoas que estavam sendo perseguidas, isoladas do contato com o mundo. O terror se estabelece, o terror da ditadura. Tem o elemento que a gente tentou colocar da sexualidade, que era um ator chamado Luciano Cola, que era um ator impossível. Nenhum diretor o queria. Fazia o que ele queria no palco. Daí coloquei o personagem dele numa cadeira de rodas para ser segurado na cadeira. Foi aplaudido de pé. O público entendeu que

aquilo não fazia parte do espetáculo: o cadeirante levanta e sai correndo o palco inteiro “bem bicha”²⁶⁰.

Como veremos nas próximas páginas, por mais que as peças passassem por diversas etapas da censura, na prática, no palco, a classe teatral buscava na medida do possível maneiras ou vias de desviar das peças herméticas aprovadas pela censura. Claudino de Jesus acredita que a classe teatral capixaba foi um importante setor da resistência, e destaca: “Renato Saudino é uma pessoa fundamental. Além de Renato Saudino tinha Vera Viana também homossexual, Margarete Schwambach. Tinha vários, havia um volume dentro do teatro maior”²⁶¹.

Vera Viana produziu peças de temas políticos, religiosos, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, como também peças infantis. Confessou em entrevista ao jornal *A Gazeta* que “gosta de escrever sobre o amor, enquanto o grupo Vianninha é conhecido pelas montagens de cunho popular, retratando as classes esmagadas pela opressão de uma sociedade capitalista”²⁶².

Com o espetáculo *Mulher, Mulher*, Vera Viana, em 1982, conquistou diversos prêmios no 10º Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa. Em 1985, escreveu a peça *O casamento de Camila e Carolina*, que trata de duas irmãs durante a preparação no dia do casamento “revelando segredos, fazendo confidências”²⁶³. Em 1987, Vera Viana produziu o espetáculo *As mortas de nossa ilha*, que conquistou o primeiro lugar nas categorias melhor espetáculo e melhor texto no Festival Capixaba de Teatro Amador, sendo eleito para representar o Espírito Santo, em 1988, no Festival Brasileiro de Teatro Amador da Confenata, realizado em Brasília.

No Centenário da Abolição, em 1988, o Grupo Vianninha apresentou no Teatro Carlos Gomes o espetáculo *Negritude*, que conta a história dos negros no Brasil com textos de poetas negros como Anilton Trancoso, Benilson Pereira, Castro Alves, Elê Semog, Oliveira Silva, Waldo Motta, entre outros. No mesmo ano, Vera Viana também pretendia

²⁶⁰ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 5.

²⁶¹ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 8.

²⁶² A escravidão vista pelos poetas. **A Gazeta**, Vitória, 13 mai. 1988.

²⁶³ Peça de Vera Viana no palco do Teatro Galpão neste final de semana. **Prefeitura de Vitória**, Vitória, 19 ago. 2009. Disponível em: <<https://m.vitoria.es.gov.br/noticias/noticia-1413>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

montar o espetáculo *Lua Negra*, cuja história se passa na Insurreição de Queimados e aborda o amor de dois escravizados²⁶⁴.

Vera Viana trabalhou a afetividade lésbica na peça *Duas mulheres na madrugada*, que teve estreia no Teatro Carlos Gomes em 1986, sob direção de João Siqueira. A peça retrata o dia de Camila e Carolina, duas mulheres em situação de rua. Se passa em um dia chuvoso, no qual Carolina espera o dia de “amanhã”, pois tinha a esperança de ganhar na loteria e dar uma vida boa para Camila, sua companheira. Camila fala que gosta muito de Carolina, que responde indignada: “É, mas gosta mais de homens”. Durante a madrugada, com medo de assaltantes e tarados, Camila e Carolina discutem, pois Camila não aguenta mais a vida de “moradora de rua” e sonha em ser bailarina. Carolina fala “vem pretinha, vamos sair daqui” e Camila se nega, tomando uma dose de cachaça. Quando Carolina tenta e consegue tirar a garrafa de Camila, ela sem querer a quebra, resultando no agravamento da briga. Camila expulsa Carolina, que se vai, mas logo Camila se arrepende e pede para que Carolina volte e diz que gosta muito dela e não suportaria aquela vida sem ela. Vera Vieira deixa implícito o amor lésbico platônico de Carolina por Camila, que a correspondia em forma de amizade, já que sonhava em ter um relacionamento com um homem.

Além das peças produzidas por artistas locais nos primeiros anos da década de 1980, os espetáculos de travestis e transformistas que faziam sucesso no Brasil começaram a ser exibidos nos teatros do Espírito Santo. Enquanto os concursos e shows de travestis locais ficaram reservados a boates, clubes e arenas, com o adentrar dos anos 1980 o Teatro Carlos Gomes começou a receber espetáculos de travestis e transformistas de outros estados. Em dezembro de 1981 as travestis Cláudia Celeste²⁶⁵, Maria Leopoldina e Veruska se apresentaram no Teatro Carlos Gomes no concurso *Bonecas com tudo em cima*²⁶⁶. A reportagem de Tinoco dos Anjos no *A Gazeta* anunciando o espetáculo sugere que antes disso Rogéria já havia apresentado no Teatro Carlos Gomes o show *Gay Fantasy*. Tinoco dos Anjos afirma que *Bonecas com tudo em cima* é repleto de “humor,

²⁶⁴ A escravidão vista pelos poetas. **A Gazeta**, Vitória, 13 de maio de 1988.

²⁶⁵ Cláudia Celeste ganhou destaque nacional quando participou da novela *Espelho Mágico*, da TV Globo, em 1977.

²⁶⁶ Fatos locais e a estreia de um espetáculo “Gay”. **A Gazeta**, Vitória, 06 dez. 1981. p. 5.

sátira, imitações, muita música e, naturalmente, piadas sobre o sexo para deleite da classe média”²⁶⁷.

Dois meses antes de marcar presença no concurso Miss Universo Gay ocorrido em Linhares, Rogéria também se apresentou no Teatro Carlos Gomes com seu espetáculo *Rogéria em Gay Girls*, em agosto de 1982²⁶⁸. Rogéria se chamava de a “Travesti da Família Brasileira” devido aos espaços que conseguia ocupar como maquiadora, atriz e cantora.

A geração de Claudino de Jesus, Milson Henriques, Vera Viana, Margarete Schwambach, Cristina Valadão, Renato Saudino e muitos outros trouxe para o cenário capixaba, por meio do teatro, o debate sobre política, religião, censura, movimentos sociais e sujeitos marginalizados. Ressaltamos, aqui, Milson Henriques, cujas produções muitas vezes eram marcadas de sátiras e humor, e Vera Viana com a crítica social direta. Vale frisar, contudo, que não apenas ambos, mas diversos produtores, escritores, diretores e atores citados ou não — e que atuaram nessa geração da cultura capixaba — foram muito importantes.

2.3 “discurso pejorativo e gestualidade estereotipada” – Antônio Moreno

Enquanto a literatura e o teatro produzido no Espírito Santo na década de 1970 representavam homossexuais e travestis abordando suas subjetividades, parte significativa das representações de homossexuais e travestis nos filmes passados nas telas dos cinemas capixabas retratavam gays, lésbicas, bissexuais e travestis sob a ótica da criminalidade, da perversão, da doença, dos vícios sexuais e do pecado. Produzimos, a partir do cruzamento de dois trabalhos, uma lista de filmes exibidos nas salas de cinema do Espírito Santo. Levamos em conta, então, o projeto *Cine Memória - A história das Salas de Cinema do Espírito Santo*, bem como a análise feita por Antônio Nascimento Moreno em sua dissertação *A personagem homossexual no cinema brasileiro*, defendida em 1995²⁶⁹.

²⁶⁷ Fatos locais e a estreia de um espetáculo “Gay”. *A Gazeta*, Vitória, 06 dez. 1981. p. 5.

²⁶⁸ Rogéria em Gay Girls. *A Tribuna*, Vitória, 13 ago. 1982.

²⁶⁹ O projeto *Cine Memória - A história das Salas de Cinema do Espírito Santo* organizado pelo professor André Malverdes produziu uma lista de filmes exibidos nas salas de cinema do Espírito Santo, entre 1970 e 1985, no qual cruzamos com a dissertação de Antônio Nascimento Moreno, que realizou uma investigação sobre *A personagem homossexual no cinema brasileiro*, defendida em 1995, no Mestrado em Artes na

| CINEMA | FILME | DATA | GÊNERO |
|---------------|---------------------------------------|------------|-------------------|
| Trianon | A Navalha na Carne | 03/05/1970 | Pornochanchada |
| Odeon | Idílio proibido | 01/08/1971 | Drama |
| Vitória | Soninha toda pura | 03/10/1971 | Pornochanchada |
| Juparanã | Os machões (As bonecas) | 01/10/1972 | Pornochanchada |
| Jaragua | Uma verdadeira história de amor | 01/10/1972 | Drama |
| São Luiz | Macunaíma | 05/08/1973 | Comédia |
| Aterac | As confissões de Frei abóbora | 03/03/1974 | Drama |
| São Luiz | Ainda agarro essa vizinha | 06/10/1974 | Pornochanchada |
| São Luiz | A estrela sobe | 05/01/1975 | Drama |
| Glória | O casamento | 01/02/1976 | Pornochanchada |
| Cine Colorado | Doce esporte do sexo | 07/03/1976 | Pornochanchada |
| Glória | A noite das fêmeas | 01/05/1977 | Pornochanchada |
| São Luiz | Gente fina é outra coisa | 03/09/1978 | Pornochanchada |
| Santa Cecília | As taradas atacam | 05/11/1978 | Pornochanchada |
| Paz | A lira do delírio | 03/11/1978 | Drama |
| Santa Cecília | As 1001 posições do amor | 03/11/1978 | Pornochanchada |
| Juparanã | Na boca do mundo | 04/02/1979 | Drama |
| Vitória | No embalos de Ipanema | 01/07/1979 | Pornochanchada |
| São Luiz | Os imorais | 02/09/1979 | Pornochanchada |
| São Luiz | A república dos assassinos | 02/12/1979 | Policial |
| American | As amiguinhas | 03/02/1980 | Pornochanchada |
| São Luiz | Ariella | 02/11/1980 | Aventura/Nacional |
| Gama | A gaiola das loucas | 21/12/1980 | Comédia |
| São Luiz | Eu te amo | 19/04/1981 | Drama |
| Santa Cecília | Tudo acontece em Copacabana | 07/06/1981 | Pornochanchada |
| Paz | O beijo no asfalto | 07/06/1981 | Aventura |
| Paz | Mulher objeto | 01/11/1981 | Pornochanchada |
| Gama | Engraçadinha | 15/11/1981 | Pornochanchada |
| Idelmar | Império das taras | 04/04/1982 | Pornochanchada |
| Idelmar | Pixote, a lei do mais fraco | 16/05/1982 | Aventura |
| Hollywood | Sofia e Anita, deliciosamente impuras | 20/06/1982 | Pornochanchada |
| Plaza | Beijo na boca | 06/03/1983 | Aventura |
| São Luiz | Rio Babilônia | 05/06/1983 | Pornochanchada |
| São Luiz | Sargento Getúlio | 07/08/1983 | Aventura |
| De Lourdes | Viagem ao céu da boca | 05/02/1984 | Pornochanchada |
| Estrela | Sargento Getúlio | 03/06/1984 | Aventura |
| Glória | Janete | 02/09/1984 | Aventura |
| São Luiz | Bete balanço | 02/09/1984 | Aventura |
| Glória | Memórias do cárcere | 16/09/1984 | Aventura |
| Paz | Além da paixão | 16/06/1985 | Aventura |

Tabela 1: Filmes brasileiros exibidos nas salas dos cinemas do Espírito Santo entre 1970 e 1985 que exploram o homoerotismo e/ou incluem personagens homossexuais e travestis em suas tramas.

Antônio Moreno, ao analisar 67 filmes com homoerotismo e/ou homossexuais e travestis, levantou os seguintes dados acerca do discurso no cinema brasileiro sobre homossexuais. Dos filmes analisados por Antônio Moreno, apenas 20 constam na lista de filmes reproduzidos nas telas de cinemas no Espírito Santo entre 1970 e 1985. Destes, os que possuem teor pejorativo são: *A estrela sobe*; *A lira do delírio*; *Ainda agarro essa vizinha*; *Além da paixão*; *Ariella*; *Beijo na boca*; *Engraçadinha*; *Eu te amo*; *Mulher objeto*; *Na boca do mundo*; *Navalha da Carne*; *O beijo no asfalto*; *O casamento*; *Os machões (As bonecas)*; *Rio Babilônia*; e, enfim, *Sargento Getúlio*. Os que não possuem teor pejorativo são: *Macunaíma*, *Memórias do cárcere* e, *Pixote, a lei do mais fraco*. Com teor dúbio, destaca-se o filme *Gente fina é outra coisa*.

Ao analisar a gestualidade como indicador de homossexualidade, Moreno classificou os seguintes filmes como obras não estereotipadas: *A estrela sobe*; *Ariella*; *Engraçadinha*; *Gente fina é outra coisa*; *Macunaíma*; *Memórias do cárcere*; *Mulher objeto*; *Na boca do mundo*; *O beijo no asfalto*. Os filmes em que os homossexuais são apresentados a partir da gestualidade estereotipada são: *A lira do delírio*; *Ainda agarro essa vizinha*; *Além da paixão*; *Beijo na boca*; *Eu te amo*; *Navalha da carne*; *O casamento*; *Os machões (As bonecas)*; *Pixote, a lei do mais fraco*, e *Rio Babilônia*. O filme *Sargento Getúlio* foi classificado como inexistente, pois o personagem foi apenas “recorrido por outros personagens ou aparece morto ou em fotos durante o filme”²⁷⁰.

O pesquisador, ainda, considera que no cinema brasileiro do século XX, “a maioria dos filmes [...] apresenta[vam] um discurso pejorativo sobre o homossexualismo” e quase metade representava homossexuais a partir da junção do “discurso pejorativo e gestualidade estereotipada”²⁷¹. Segundo Moreno, tais filmes quando não condenavam os trejeitos dos personagens ou os colocavam como palhaços, os apresentavam como criminosos, depravados, doentes ou frequentadores de um submundo marginal²⁷².

Levando em conta seus aspectos políticos, sociais e culturais, Moreno destaca que em parcela significativa dos filmes os personagens gays, lésbicas, bissexuais e travestis possuíam “pouca instrução, usa[va]m linguajar xulo [sic], e só se preocupa[va]m com

²⁷⁰ MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. 1995. 148 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. p. 128.

²⁷¹ Moreno, 1995, p. 130.

²⁷² Moreno, 1995, p. 130.

sexo”²⁷³. Os filmes também abordavam a prostituição de jovens como método de ascensão social; apresentavam as travestis ou as “bichas loucas” como suburbanas ou residentes em locais de baixa reputação; além disso, as relações lésbicas eram representadas sob uma perspectiva exibicionista “para deleite da plateia masculina”²⁷⁴.

Metade dos filmes com personagens homossexuais e/ou que explorava o homoerotismo exibidos no Espírito Santo entre 1970 e 1985, enquadram-se no gênero da pornochanchada. As percepções de Antônio Moreno sobre o cinema brasileiro foram ao encontro das de Amylton de Almeida quando este analisou as pornochanchadas e os estereótipos gerados por ela. Sobre isso, Amylton de Almeida expôs a seguinte crítica no *A Gazeta* em 1980:

A pornochanchada é apenas uma manifestação — óbvia com a abertura — da indigência cultural do país. Esses filmes atacados pelos moralistas na verdade são exatamente moralistas e tão reacionários como os parlamentares Dirceu Cardoso e Antônio José Miguel Feu Rosa. Antes da abertura, o esquema seguia um mesmo ritmo, apenas com títulos diferentes: a mulher era apenas um objeto sexual, veículo de prazer para o homem, nunca sua companheira; a miséria que o sexo representa para os velhos era sempre motivo de ridículo, nunca de compreensão e questionamento; os homossexuais, por sua preferência sexual, eram marginais ou doentes mentais, portanto, motivo de ridículo; as negras eram sempre domésticas. Restava como personagem e como centro do universo desses filmes, o macho, o homem, branco, católico, a que tudo é permitido — porque dele a nação espera o melhor. Assim, na era Médici, o governo tolerava a pornochanchada porque sua filosofia era moralista e, indiretamente, sustentava a ideologia dominante²⁷⁵.

Considerado um crítico de cinema feroz, Amylton de Almeida se preocupou em suas análises em questionar as representações que envolviam homossexuais, como também as críticas sociais e políticas que esses filmes empreendiam. Podemos usar como exemplo a crítica intitulada “Elegância, mas sem transgressão”, que fez ao filme *Outra história de amor*, do cineasta argentino Américo Ortiz de Zarate, lançado em 1986. O filme trata da história de um executivo conservador casado há mais de 20 anos que se apaixona por um jovem colega de trabalho ambicioso, tendo como trama a paixão dos dois e o início de um romance.

Segundo Amylton de Almeida, o relacionamento entre o executivo e o jovem funcionário é “ilustrado com simpatia, porém elegância”, mas o filme hesita em “qualquer envolvimento maior com o tema”²⁷⁶. Continuando, Amylton de Almeida se questionou:

²⁷³ Moreno, 1995, p. 133.

²⁷⁴ Moreno, 1995, p. 134.

²⁷⁵ Reagan, o macartismo e o cinema nacional. *A Gazeta*, Vitória, 07 nov. 1980, Caderno Dois.

²⁷⁶ Reagan, o macartismo e o cinema nacional. *A Gazeta*, Vitória, 07 nov. 1980, Caderno Dois.

“o que significa esse amor que hoje ousa dizer o seu nome? A ausência de transgressão”. Finaliza destacando a atuação do elenco principal e conclui “é um filme burguês. Não há transgressão, não há rompimento. Defende apenas o direito da diferença e aceitação pública [...] neutraliza o aspecto revolucionário da relação”²⁷⁷. Tal cobrança do crítico no tocante à falta de transgressão dirige-se a uma produção fílmica que tem a homossexualidade como o diferente, mas não aprofunda as suas complexidades — deixando de tratar, por exemplo, do controle político-social que incidia sobre esses sujeitos.

Para Amylton de Almeida, o filme poderia ter abordado com maior ênfase como os militares argentinos enxergavam e tratavam homossexuais e travestis, e cita o caso da lei de Buenos Aires que proibia homossexuais de votar. Apesar da falta de evidências de ter sido colocada em prática, na província de Buenos Aires foi sancionada em 1986 a Lei do Regime Eleitoral nº 5109, que colocava homossexuais em uma lista de pessoas que não poderiam votar “*por razón de indignidad*”²⁷⁸.

Amylton de Almeida era uma pessoa “atenada” quando se tratava de repressão a travestis e homossexuais no Brasil e em diversos outros países, o que resultou no ensaio monográfico *A opressão que ousa dizer seu nome*, publicado em 1985. Através da literatura, do teatro e do cinema podemos perceber, nas décadas de 1970 e 1980, traços das *lutas de representações* de homossexuais e travestis. De diferentes formas, cada setor de representação atingia diversos públicos, mas fica evidente que na literatura havia um interesse dos escritores em destacar as subjetividades de homossexuais e travestis.

Essas *lutas de representações* de gays, lésbicas, bissexuais e travestis na literatura, no teatro e no cinema mostram, segundo Michel Foucault, como “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”²⁷⁹. Sendo assim, ao produzirem uma literatura que evidenciava homossexuais e travestis sob outra perspectiva — aprofundando-se, dessa forma, em suas subjetividades —, esses autores não lutavam apenas contra representações hegemônicas, mas também se colocavam no jogo de poderes de representar e ser representado.

²⁷⁷ Reagan, o macartismo e o cinema nacional. *A Gazeta*, Vitória, 07 nov. 1980, Caderno Dois.

²⁷⁸ ARGENTINA. **Direcho electoral de los electores.** Disponível em: <<http://www.sajj.gob.ar/LPB0005109>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

²⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 3.

2.4 “grandes humoristas” – Milson Henriques

A censura, o controle e a repressão contra homossexuais e travestis não tiveram início com o golpe promovido pelos militares — que receberam apoio de parcela da sociedade civil — que resultou na deposição do presidente João Goulart. Entretanto, a militarização do Estado a partir de 1964 acionou uma manutenção e aprimoramento no arcabouço repressivo das instituições disciplinares que promoviam os valores da família tradicional brasileira. A “Revolução de 64” — como chamam os golpistas — permitiu que a moral conservadora e fundamentalista do cristianismo no Brasil fosse usada de forma institucional a modo de controlar e reprimir tudo aquilo que era considerado um afronte à moral e aos bons costumes.

Renan Quinalha entende essa vigilância, censura, controle e repressão como uma *política sexual* implementada pela Ditadura civil-militar²⁸⁰. Assim, o autor argumenta que o discurso da moralidade e dos bons costumes foi de suma importância na estrutura que deu base à ditadura²⁸¹. Para Quinalha, um regime autoritário “não é apenas uma forma de organização de um governo orientado para a supressão de direitos e liberdades”, a ditadura funciona como um “verdadeiro laboratório de subjetividades para forjar uma sociedade à sua própria imagem”²⁸².

A ditadura foi, então, um espelho de parcela da sociedade brasileira que não aceitava as demandas da classe trabalhadora; a emancipação política, econômica e familiar das mulheres; as reivindicações por garantia à terra de indígenas, quilombolas e sem-terra; a luta dos negros contra o racismo e por educação; as cobranças de respeito e dignidade dos homossexuais; a liberdade de cátedra dos professores, estudantes e pesquisadores, dentre qualquer outro elemento marcado por um caráter democrático e progressista. A ditadura não se reduziu a um movimento político-econômico do Brasil, mas também carregou em seu cerne um projeto para o brasileiro: a defesa de uma brasilidade pautada nos valores da família branca-cis-hetero-burguesa-cristã.

Richard Miskolci investigou a construção desse ideário no Brasil oitocentista — na transição do Império para a República — ao analisar como a elite brasileira buscava

²⁸⁰ QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

²⁸¹ Quinalha, 2017, p. 25.

²⁸² Quinalha, 2017, p. 28

construir uma nação civilizada a partir de um ideal de brasilidade — *desejo da nação* — que era branco, heterossexual, monogâmico e reprodutivo²⁸³.

O conjunto de leis que objetivavam controlar e censurar o que a sociedade brasileira poderia consumir passou por estruturações no decorrer do século XX, iniciado com o Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas — SCDP do Departamento Federal de Segurança Pública, decreto nº 20.493 de 24 de janeiro de 1946, que estabeleceu as competências da secretaria, da censura, da fiscalização entre outros, direcionados ao cinema, ao teatro, às diversões públicas e à radiofonia²⁸⁴. A legislação de 1946 foi sustentada pela lei nº 5.250, conhecida como Lei de Imprensa, sancionada em 09 de fevereiro de 1967, que novamente voltava a reforçar que diversões públicas e espetáculos seriam previamente censurados — frisando, além disso, que livros, jornais e outros periódicos classificados como clandestinos ou que atentassem contra a moral e os bons costumes também passariam pelo crivo da censura²⁸⁵.

Em 26 de janeiro de 1970, o decreto nº 1.077 voltou a reforçar a legislação censória. Desta vez, como destaca Renan Quinalha, com vários “considerados”²⁸⁶, pois a censura caberia nos casos de “publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes”, “programas contrários à moral e aos bons costumes”, “livros que ofendem frontalmente à moral comum”, “publicações e exteriorizações [...] [que] insinuam o amor livre”, a modo de “proteger a instituição da família, preservar os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da mocidade” e resguardar “a segurança nacional”²⁸⁷.

Além da “legalização” da censura prévia através da legislação, parcela da população enviava cartas e pedidos aos órgãos do governo e suas autoridades demandando o recrudescimento da censura moral e política. Em 1972, o SCDP tornou-se Divisão de Censura de Diversões Públicas – DCDP, submetido ao Departamento da Polícia Federal. Juliano Martins Deberstein argumenta que duas censuras eram representadas por órgãos

²⁸³ MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume, 2013.

²⁸⁴ BRASIL. **Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20493-24-janeiro-1946-329043-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

²⁸⁵ BRASIL. **Regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm>. Acesso em: 21 jun. 2021.

²⁸⁶ Quinalha, 2017, p. 57.

²⁸⁷ BRASIL. **Decreto-Lei Nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De11077.htm>. Acesso em: 21 jun. 2021.

diferentes e se apresentavam à população de maneiras distintas²⁸⁸. O DCDP era responsável pela censura às diversões públicas e atuava de forma pública, dado que as diversões públicas e apresentações tinham que apresentar o certificado da censura.

A censura prévia à imprensa, feita de forma clandestina, era realizada pelo Serviço de Informação do Gabinete – SIGAB, um órgão que entrou em atividade na transição dos anos 1960 para os anos 1970, controlado pelo “Ministério da Justiça, [que] através da polícia federal, passou a controlar a atividade [censória da imprensa]”²⁸⁹. Para Deberstein, dentro da própria administração dos órgãos censórios havia confusão e indistinção de suas atividades, argumentando que para a população — que muitas vezes achava que o DCDP era o único órgão censório — a diferença de atuação de ambos se mostrava ainda mais distante.

Entender a estrutura da censura nos coloca frente à complexidade de atuação desses órgãos. Como pondera Renan Quinalha, o ato da censura estava submetido à própria subjetividade do censor, especialmente nos casos de censura moral²⁹⁰. Quinalha destaca que apesar dos censores se defenderem argumentando que realizavam uma análise “técnica”, a própria legislação — com seus termos vagos e amplos — dava margem de livre interpretação, algo presente nos relatórios²⁹¹.

Esse tipo de situação gerava opiniões e um certo imaginário, como é o caso de Milson Henriques, que atuava como chargista, teatrólogo, ator, escritor e cartunista, e foi censurado diversas vezes. Milson Henriques chamava de forma sarcástica os censores de “grandes humoristas”²⁹². Renan Quinalha afirma que “é recorrente e bastante popularizada uma crítica endereçada à censura, sempre em tom de gozação, que caracteriza o trabalho dos censores como desprovido de qualquer inteligência ou racionalidade, para não dizer burro mesmo”²⁹³. Para Quinalha, tal crítica se firmou ao longo da ditadura e foi a forma mais simples de criticar o Regime civil-militar sem buscar entender o *modus operandi* do Estado autoritário.

²⁸⁸ DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar**: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1965 e 1978. 2007. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

²⁸⁹ Doberstein, 2007, p. 61.

²⁹⁰ Quinalha, 2017, p. 97.

²⁹¹ Quinalha, 2017, p. 97.

²⁹² HENRIQUES, Milson. **Entregando os veados de Vitória**. Vitória: Edição independente, 1985. p. 113.

²⁹³ Quinalha, 2017, p. 135.

Como dito, Milson Henriques sofria censura em diversas áreas. As primeiras foram no teatro, onde teve peças proibidas na sua totalidade e censuradas parcialmente. Das 14 peças de teatro escritas por Milson Henriques até 1976 — entre infantis e adultas —, 5 foram proibidas, sendo elas: *Vitória, de setembro à setembrino*, *Ponha as flores no bidê para que não murchem*, *Economunicação*, *Em confidência agora*, *Ensaio Geral* ²⁹⁴.

A Divisão de Censura de Diversões Públicas emitiu um relatório em agosto de 1976 com as “Peças de teatro e filmes não liberados pela censura no período de 1971 a 1976”, no qual constam as peças *Em Confidência Mineira* (Em Confidência Agora) e *Ponha as Flores no bidê para que não murchem* ²⁹⁵. Milson Henriques afirma que as peças foram proibidas por censores de Brasília. Segundo um censor local, a proibição se deu por causa do título. Milson, sem entender, afirmou que a bidê não é palavrão e o censor disse que o problema são as “flores”. Milson Henriques relembra o argumento: “O bidê não é o problema! O problema são as flores! Você apelidou a xoxota das mulheres de flor e está mandando que elas se lavem no bidê” ²⁹⁶.

Também foi proibido o show produzido por Milson Henriques e Rubinho Gomes, um musical cantado por Aprígio Lirio, Afonso Abreu, Chico Lessa e mais alguns cantores locais. A apresentação aconteceu no palco da Escola Técnica de Vitória e Milson Henriques era o apresentador. No fundo, o elenco cantava a música “Zelão”, de Sérgio Ricardo, e Milson na frente cantava “Pesadelo”, de Paulo Cesar Pinheiro ²⁹⁷. A letra era “Você corta um verso, eu escrevo outro / Você me prende vivo, eu escapo morto / De repente, olha eu de novo / Perturbando a paz, exigindo troco”. Sobre o dia, Milson Henriques relembra:

Claro que o show foi apresentado apenas uma vez. Saí do palco diretamente levado para a Polícia Federal, ali pertinho, já preparando mentalmente minha defesa. O texto estava todo liberado, inclusive as músicas. As roupas e a iluminação também tinham sido liberadas no ensaio para a censura ²⁹⁸.

Nesse caso é possível perceber como a censura atuava em diversas camadas: uma censura prévia do texto e das músicas, um ensaio para os censores e a censura da apresentação final. Mesmo com a liberação das músicas, com o texto da apresentação aprovado

²⁹⁴ O Teatro está de volta. **A Gazeta**, Vitória, 26 mai. 1976.

²⁹⁵ Peças de teatro e filmes não liberados pela censura no período de 1971 a 1976. **Arquivo Nacional**. Fundo: Serviço Nacional de Informações. 31 ago. 1976. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_76101417. 99f. p. 70.

²⁹⁶ Henriques, 1990, p. 115.

²⁹⁷ Henriques, 1990, p. 16-17.

²⁹⁸ Henriques, 1990, p. 17.

previamente pela censura — o que inclui o censor do ensaio —, as peças ainda estavam sujeitas à interpretação dos agentes do Estado que assistiam às apresentações.

Essa amostragem de casos de censuras no Espírito Santo evidencia como o Regime civil-militar buscava censurar a sua oposição, muitas vezes sob a égide da “infiltração comunista”, mas não somente, posto que a censura também tinha vista viciada em alguns autores. Milson Henriques relembra um caso ocorrido em 1973, quando uma de suas poesias fora selecionada para representar o Espírito Santo no *I Festival Brasileiro de Poesia Falada*. Para isso, o texto — escolhido pelo Secretário de Educação — teve de ser enviado para aprovação da Polícia Federal capixaba. Milson Henriques, então, levou o poema até a Polícia Federal, localizada na Avenida Vitória.

“O problema é que o autor era eu”, afirma Milson Henriques ao explicar o porquê de ter que levar a poesia para passar pelo crivo da censura. O censor mandou cortar a parte que dizia “quero fazer um barulhinho tão simples como um rato roendo a roupa do Rei de Roma”, porque “o rato são vocês, os comunistas! A roupa do Rei é o governo do nosso Presidente, que vocês querem roer!”²⁹⁹. Mesmo censurada, a poesia ganhou o primeiro lugar.

A peça *Carmélia por Amor*, de Milson Henriques e Amylton de Almeida, teve os palavrões censurados. Carmélia Maria de Souza era conhecida da boemia capixaba e nos jornais em que trabalhou por seus palavrões: “Cadê a porra da matéria?”; “Quem foi o filho da puta que roubou minha caneta?”; “Desce logo a merda da página!”. Essas frases populares no linguajar de Carmélia de Souza foram censuradas na peça. Milson Henriques destaca que o censor sugeriu que “puta” do “filha da puta” deveria ser trocado por “pitomba”. No fim, contudo, eles acabaram utilizando “filha da puta” na apresentação, em homenagem à Carmélia³⁰⁰.

No ano de 1977, ocorreu na TV Espírito Santo um programa chamado Espírito Santo em debate. Gravado em 11 de março, o programa debatia literatura capixaba e iria ao ar na noite daquele mesmo dia. O programa contava com a participação de Luiz Fernando Tatagiba, Marien Calixte, Amylton de Almeida, Bernadette Lyra, Carmem Scheneider, Jairo Brito, Cicero Sandroni e Salim Miguel. O programa teve partes cortadas e proibidas

²⁹⁹ Henriques, 1990, p. 120.

³⁰⁰ Henriques, 1990, p. 118.

de serem exibidas. Foi enviado um relatório da censura intitulado “TV Espírito Santo ataque a censura” ao Ministro da Justiça Armando Falcão.

Segundo o documento, Amylton de Almeida instigou Cícero Sandroni a tecer críticas ao Ministro da Justiça e à censura, e este o fez. Entre as falas proibidas de serem exibidas estavam:

Em São Paulo existem três máfias: a máfia dos homossexuais, a máfia do PC e a máfia da censura... A atuação da censura no Brasil é castradora, violenta, arbitrária, ilegal, não permitindo a liberdade de criação e expressão do intelectual... O autor José Louzeiro sofreu recentemente uma violência por parte do Ministro da Justiça e da censura ao ter seu livro “Araceli meu amor” apreendido e censurado, sendo que se trata de uma obra de grande valor³⁰¹.

Segundo o documento, Amylton de Almeida foi “o principal articulador das críticas à censura”. O autor já havia prestado depoimento em 1973, pois fora acusado de instilar “veneno” nos noticiários do *Jornal da Cidade*, com críticas à censura e à repressão policial³⁰². Renan Quinalha nos alerta que a vigilância da ditadura entendia “que qualquer exposição das homossexualidades teria o efeito de fazer ‘apologia’ ou ‘propaganda’”, e como homossexuais e travestis eram tidos como “anormal”, “a orientação era [...] pela interdição do tema”³⁰³.

O programa *Espírito Santo em debate* que tratava da literatura capixaba foi gravado na casa de verão do Governador do Espírito Santo, na Praia da Costa. O documento também menciona que o chefe da Secretaria de Censura e Diversões Públicas do Espírito Santo

sofreu interferência, em seu trabalho, por parte de Hélio Rodrigues e Luís Eduardo Nascimento, respectivamente, sendo o primeiro Secretário para assuntos especiais do Governo do Estado do ESPÍRITO SANTO e o segundo Superintendente da TV Espírito Santo, ao sugerirem que alguns pontos dos cortes que a SCDP realizou não devessem ser efetuados³⁰⁴.

Tal interferência vai ao encontro da afirmação de Jeanne Bilich de que a Polícia Federal sempre esteve na cola de Amylton de Almeida, “mas nunca chegou a prendê-lo”³⁰⁵. Em entrevista a Jeanne Bilich, Marien Calixte, que era diretor-chefe do *A Gazeta*, relembra

³⁰¹TV Espírito Santo – Ataque a censura. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 05 mai. 1977. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_PRO_0789. 31f. p. 5.

³⁰²TV Espírito Santo – Ataque a censura. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 05 mai. 1977. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_PRO_0789. 31f. p. 18.

³⁰³Quinalha, 2017, p. 65.

³⁰⁴TV Espírito Santo – Ataque a censura. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 05 mai. 1977. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_PRO_0789. 31f. p. 5.

³⁰⁵Bilich, 2005, p. 146

que Amylton as vezes assinava os artigos e outras vezes não, pois não era necessário, e a responsabilidade ficava para o editor-chefe.

Em uma dessas ocasiões, Calixte relembra uma crítica de cinema por meio da qual Amylton de Almeida teceu críticas à censura, destacando que todas as vezes que isso acontecia a Polícia Federal o intimava às 8 horas da manhã do dia seguinte para prestar depoimento. O antigo diretor-chefe do *A Gazeta* confessa à Jeanne Bilich que dava muito poder para Amylton de Almeida, afirmação confirmada por Milson Henriques, quando este declara que o crítico tinha poder no jornal ³⁰⁶. Segundo Bilich, eram comuns “alegações do gênero ‘as pessoas tinham medo dele’, ‘era temido e respeitado’” quando se referiam a Amylton de Almeida.

A censura à classe artística, na época, tornou-se algo comum. Destacamos, aqui, as sofridas por Amylton de Almeida e Milson Henriques, visto que as menções de seus nomes nos documentos de censura que tratam da movimentação cultural do Espírito Santo são mais frequentes. Tanto Milson Henriques quanto Amylton de Almeida eram críticos da Ditadura civil-militar e seus aparatos repressivos. Contudo, a censura direcionada a eles não era estritamente política, possuindo assim um caráter moral em sua essência, dado que os agentes da Ditadura civil-militar tinham ciência de suas sexualidades — tanto pelo fato de eles não tratarem isso como um segredo, quanto pela frequência com a qual seus nomes apareciam nos relatórios.

2.5 “O problema é que o autor era eu” – Milson Henriques

“O problema é que o autor era eu”, afirma Milson Henriques. O autoritarismo da ditadura atuou em diversas frentes, uma delas era o controle e vigilância. Relatórios e dossiês eram produzidos e enviados para os órgãos superiores de censura e controle. Esses documentos versavam sobre as atividades e sujeitos que eram considerados uma ameaça ao Regime civil-militar e aos valores que ele representava.

Em letras garrafais, Milson Henriques foi citado em um documento sem data, mas possivelmente produzido entre 1967 e 1974, junto a nomes como Antônio Carlos de Oliveira Neves, Luzimar Nogueira Dias, Marcelo Amorim Neto e Rubens Manoel

³⁰⁶ Bilich, 2005, p. 176.

Gomes. O documento afirma que Milson Henriques “vem procurando ridicularizar e denegrir as autoridades constituídas. Possui grande influência no meio estudantil”³⁰⁷.

No mesmo dossiê, o qual contém diversos arquivos com datas variadas entre 1967 e 1980, o nome de Milson Henriques voltou a ser citado no documento intitulado “Relação de estudantes, professores e elementos ligados ao meio estudantil que podem liderar ou tomar parte em manifestação no meio estudantil”. Datilografado, esse documento contém informações como filiação, ano de nascimento, endereço de residência e antecedentes, reforçando ainda que o jornalista e caricaturista do jornal *A Gazeta* era influente no meio estudantil.

Em junho de 1970, a Agência Regional de São Paulo — ligada ao Serviço Nacional de Informações — emitiu um relatório contendo dados sobre os Diretores Regionais da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Nele, consta o nome de Alberto Velloso Furtado, que em 1969 foi transferido da Diretoria dos Correios e Telégrafos (DCT) de Vitória para a DCT de São Paulo. O documento explana o seguinte: “correm boatos que é: pederasta”.

O SNI orientava os tipos de informações que deveriam conter nesses documentos de controle e vigilância, e estabelecia nove aspectos: funcional, político, moral, econômico-financeiro, religioso, cultural, sanitário, jurídico e, por fim, outros aspectos. No aspecto sanitário, o primeiro tópico estabelecia as “peculiaridades e estados críticos de saúde” e entre doenças, deformidades, deficiências e vícios, encontravam-se as categorias “pederasta passivo” e “pederasta ativo”³⁰⁸. Esse tipo de informação foi muito presente nos relatórios a partir de 1975, especialmente quando citavam Milson Henriques.

Em novembro de 1975, a Agência Regional do Rio de Janeiro (ARJ) encaminhou para o SNI um “Relatório periódico de informações” com dados sobre os campos militar, político, econômico e psicossocial no Espírito Santo. No psicossocial, Amylton de Almeida e Milson Henriques aparecem no item “c”, intitulado “Infiltração Comunista nos órgãos de imprensa, cinema, literatura e TV” no Espírito Santo. Sobre Amylton de Almeida constam filiação, data de nascimento, a informação de que foi funcionário do *Jornal da Cidade*, e de que tinha ligação com Rubinho Gomes. Em sua mesa foi

³⁰⁷ Milson Henriques. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. Fundo: Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo. Sd. BR_ESAPEES_DES_0_IRA_9. 87f. p. 1.

³⁰⁸ Informação biográfica. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Saúde. Sd. [1985-1986]. BR_DFANBSB_IS_INF_PGE_0001. 199f. p. 99.

encontrado um exemplar do jornal *A voz operária*. Sobre Milson Henriques, além de ser ligado a Rubinho Gomes e Toninho Neves, o documento destaca que ele era “pederasta passivo”. Outro documento, de agosto de 1976, intitulado “Quadro de pessoal da Fundação Cultural do Espírito Santo”, produzido pela 2ª Brigada de Infantaria, destacava que Milson Henriques era “pederasta passivo” e “participa com outros jornalistas da montagem do jornal ‘Posição’”³⁰⁹.

Em janeiro de 1977, a ARJ montou um dossiê intitulado “Levantamento de dados do município de Vitória/ES e área circunvizinha, para a visita do Exmo. Sr. Presidente da República ao estado do Espírito Santo”. O documento contém nomes e informações das principais autoridades políticas, militares, psicossociais, religiosas, sindicais, educacionais, socioeconômicas e da imprensa no Espírito Santo. No campo da conjuntura política do estado, o item “e” estabelece os “elementos residentes na área com passado ligado a atos ou a atividades terroristas”. Nesse item consta o nome de Milson Henriques, acompanhado de Max Mauro, Sizenando Pechincha Filho, Toninho Neves, Miriam Leitão, Xerxes Gusmão, Rubinho Gomes e Gley Coutinho. Milson é descrito como

Jornalista, caricaturista e homem de teatro; Pederasta passivo; satiriza em suas caricaturas preferencialmente as autoridades policiais e os políticos; Procura salientar em seus trabalhos os lado (sic) negativo das coisas, com muita boa receptividade no setor estudantil; Compareceu à missa de pesar pela morte de WLADIMIR HERZOG em 01/11/75, na Catedral Metropolitana de VITÓRIA/ES³¹⁰.

No mesmo dossiê, o ex-presidente da Federal de Desportos do Espírito Santo, Álvaro José de Carvalho, também categorizado como “pederasta passivo”, aparece em item intitulado “Personalidades contraindicadas para contato com o Exmo. Sr. Presidente da República”. Essa amostragem evidencia que ser homossexual constituía um fator a ser combatido pelo regime conservador. Milson Henriques, por ser um “homem de teatro”, jornalista e caricaturista emitiu constantemente críticas às formas de censura, controle e repressão da ditadura, e foi classificado, com o passar dos anos, como pessoa “que pode liderar manifestação estudantil”, indo para “infiltração comunista” e, por fim, pessoa com “passado ligado a atos e atividades terroristas”.

³⁰⁹ Quadro de pessoal da Fundação Cultural do Espírito Santo. **Arquivo Nacional**. Fundo: Não localizado, 30 ago. 1976. Não localizado. 6f. p. 5.

³¹⁰ Levantamento de dados do Município de Vitória/ES e área circunvizinha para a visita do Exmº Sr. Presidente da República ao Estado do Espírito Santo. **Arquivo Nacional**. Fundo: Serviço Nacional de Informações. 11 jan. 1977. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_83008224. 55f. p. 42.

A ditadura acreditava que “qualquer exposição das homossexualidades teria o efeito de fazer ‘apologia’ ou ‘propaganda’” a ela³¹¹. Por esse motivo, Amylton de Almeida e Milson Henriques, enquanto figuras públicas e de grande influência na sociedade capixaba, tornavam-se um problema para o Estado autoritário. Mesmo homossexuais não assumidos, mas que ocupavam cargos importantes, estavam sujeitos a esse tipo de controle, pois não se enquadravam nos valores “morais e cívicos” da ditadura, que atuava como porta voz da Família Tradicional Brasileira.

Em uma das treze vezes em que Milson Henriques foi parar na Polícia Federal, entre 1967 e 1974, pode-se destacar a situação ocorrida após a entrevista concedida ao repórter Paulo Torre intitulada *Milson – Homem é mais bonito que a mulher*, publicada no jornal *O Diário* em outubro de 1969. A reportagem, que contém perguntas e respostas a respeito de nudismo, sexualidade, drogas e temas diversos, foi publicada cerca de dez meses depois da instituição do AI-5, considerado o mais repressivo dos Atos Institucionais. Na conversa, Paulo Torre questiona e Milson Henriques responde:

O que acha do homossexualismo?

- É um negócio meio chato.

Você já teve alguma experiência nesse sentido?

- Já, claro. Muitas vezes.

[...]

E a respeito de drogas, o que tem a dizer?

- Acho ótimo. Quando morava em São Paulo pegava muito de bolinha. Mas é perigosa para quem não sabe usar, como o álcool. Drogas só deveriam ser permitidas para pessoas com uma certa sensibilidade e inteligência, que saibam utilizá-las para coisas boas³¹².

Após a publicação dessa reportagem, Milson Henriques diz que foi acusado de “mau exemplo à juventude, atentado ao pudor público e incitamento do uso de tóxicos”³¹³. Como o código penal não criminalizava o *homossexualismo*, a Lei da Vadiagem e outras portarias eram utilizadas de forma similar para incriminar os/as homossexuais e travestis. Para Michel Foucault, “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”³¹⁴. É nesse sentido que Milson Henriques publicou, em 1973 na

³¹¹ Quinalha, p. 65.

³¹² Henriques, 1990, p. 20.

³¹³ Henriques, 1990, p. 20.

³¹⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 11.

revista *A Ilha*, a seguinte charge (**Figura 3**)³¹⁵. Seu intuito era denunciar como a ditadura coibia as manifestações de sexualidade.

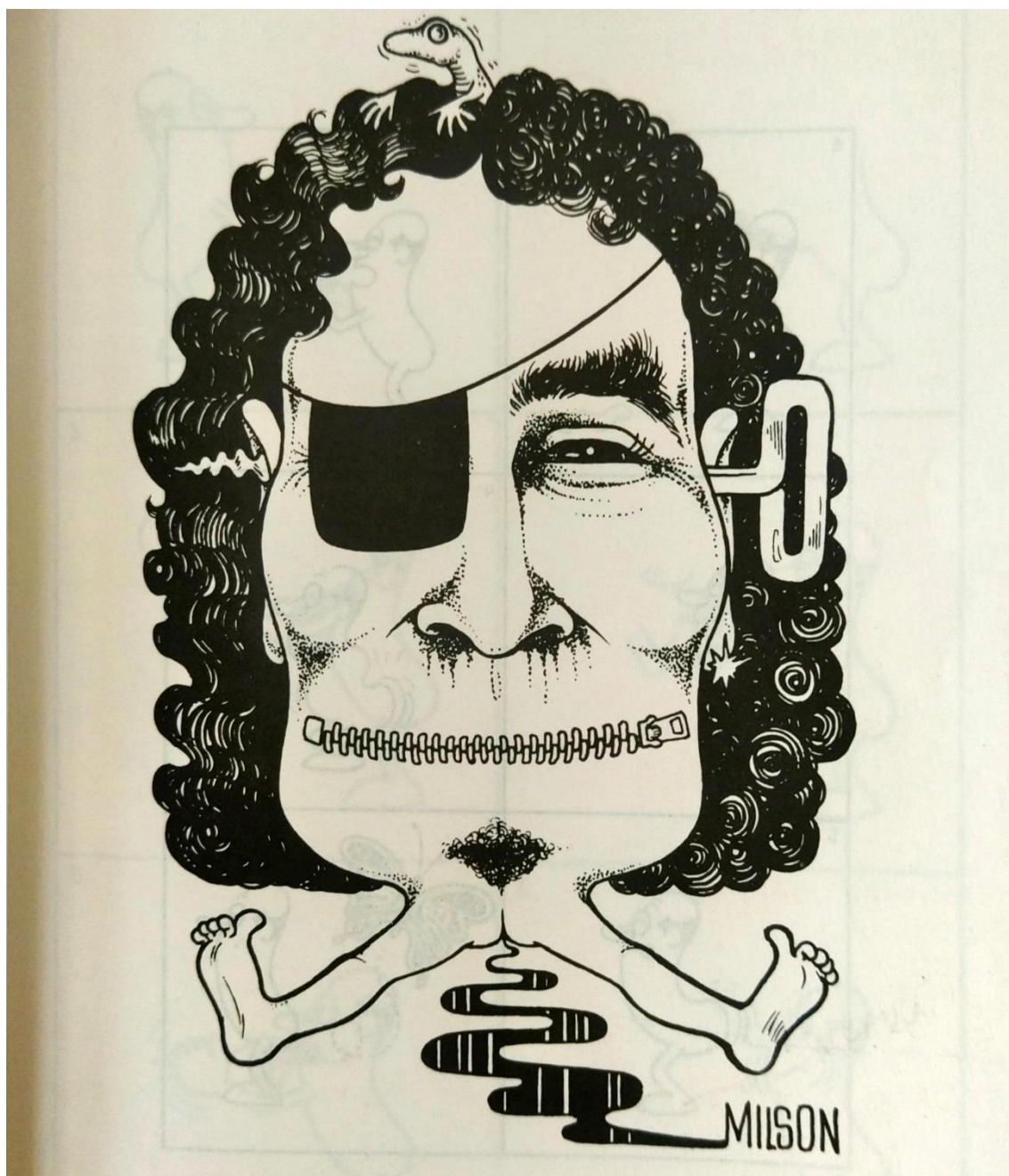


Figura 3: Charge de Milson Henriques publicado na revista alternativa *A Ilha* em 1973.

A imagem, assim como em diversas outras charges, apresenta um rosto (autoretrato de Milson Henriques) sendo censurado, representando uma crítica direta aos governos que

³¹⁵ Publicada originalmente na revista *A Ilha*, foi reeditada no livro *Entregando os Veados de Vitória: 25 anos de graça que custaram caro*. O livro, escrito por Milson Henriques e publicado em 1990, contém uma série de trabalhos entre charges, tirinhas, textos de colunas jornalísticas e comentários do autor, majoritariamente em tom humorístico — mas não só —, muitos com críticas diretas aos problemas sociais, políticos e econômicos no Brasil do período de 1964 a 1990.

cerceiam a liberdade de expressão. O diferencial da imagem, se comparada às outras charges que criticam a censura, localiza-se no vazamento no ânus de Milson Henriques, que simboliza a limpeza anal — popularizada como “chuca”. Isso também foi uma das ideias construídas que se relacionava a “uma coisa em que gays fazem”, apontando, assim, que também havia um fator moral na censura³¹⁶.

Diferente de Milson Henriques, os relatórios e dossiês que citavam Antônio Claudino de Jesus por suas atividades ligadas ao Partido Comunista Brasileiro e ao movimento da classe artística — especialmente ao cineclubismo — não chegavam a tocar no assunto da sexualidade. Entretanto, isso não significa que na ida à chefatura esse assunto não era abordado. Ao ser questionado nesse sentido, Claudino de Jesus nos fala que os militares tocavam na questão da sexualidade “sempre com escarnio. Sempre: viadinho, mariquinha... Nunca objetivamente e nem seriamente. Sempre com escarnio e abuso. Como tudo que eles faziam. Não ficava longe do jargão da ditadura não”³¹⁷.

A ditadura aprimorou os aparelhos de controle e vigilância do Estado brasileiro e a onda de liberdade nos costumes e nas sexualidades que vinha acontecendo no ocidente desde 1950 tornou-se alvo desse mecanismo aprimorado. Destacar a sexualidade de Milson Henriques nos relatórios e dossiês mostra como a sexualidade dissidente — e, por conseguinte, os homossexuais — era combatida, objetivando cada vez mais o seu apagamento. Por outro lado, não citar a sexualidade — como foi o caso de Claudino de Jesus — aponta como o aparelho de controle atuava na marginalidade, em uma espécie de repressão que não deixa registros escritos. Como afirma Benjamin Cowan, “os ideólogos conservadores e planejadores da segurança nacional igualaram a homossexualidade como subversão inimiga”³¹⁸. Esse tipo de perspectiva foi presente nos discursos dos representantes e nas instituições da ditadura.

Para Cowan, a Ditadura civil-militar tinha medo de que a visibilidade de homossexuais assumidos promovesse uma propaganda do “homossexualismo” que fosse capaz de influenciar o futuro da nação, isto é, os jovens de classe média e alta, pois estes poderiam

³¹⁶ Análise feita em colaboração com Brenda de Almeida Rodrigues como requisito para conclusão da disciplina optativa Iconografia, cursada no semestre 2021/1 no curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

³¹⁷ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 3.

³¹⁸ COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 28.

facilmente serem persuadidos pela propaganda de sexo, cultura e subversão³¹⁹. Entender essa relação produzida entre comunismo e homossexualidades é necessário, mas é preciso ponderar, como destaca Renan Quinalha, que o controle moral e sexual refletia uma postura reativa e defensiva contra a revolução sexual que causava mudanças consideráveis na sociedade brasileira, ou seja, não devemos colocar o controle e a repressão sexual, exclusivamente, como uma das frentes do anticomunismo³²⁰.

Se a censura, o controle e a vigilância tornaram-se presentes na vida de artistas, jornalistas e intelectuais capixabas, a violência policial e social contra homossexuais e travestis ocorria também constantemente, especialmente contra as travestis que “faziam pista”.

2.6 “*La preso por pederastia*” – Edson Ferreira

Quando dizemos que a ditadura aprimorou os órgãos de controle, censura e repressão, estamos falando que estes dispositivos já existiam e, durante o Regime civil-militar, foram melhorados. As repressões e as violências contra homossexuais e travestis aconteciam à luz do dia e na calada da noite. Em forma de rondas policiais, promoviam-se batidas nos locais de frequência de gays, travestis, lésbicas, michês e prostitutas.

Luiz Morando destaca dois aspectos presentes nas rondas policiais de Belo Horizonte: a vigilância aos pontos na cidade de frequência de homossexuais e travestis, e o prisma moralizado dessas batidas, que muitas vezes eram justificadas pelas reclamações das “pessoas de bem”³²¹. O primeiro ponto sublinhado por Morando nos permite pensar que no Espírito Santo essas batidas ocorriam no circuito de homossexuais e travestis e, talvez mais constantemente, no Centro de Vitória, visto que lá havia maior concentração de sujeitos marginalizados. O aspecto moralizante incidia sobre homens afeminados, mulheres masculinas, travestis, michês, transviados, cabeludos, gente do teatro, entre outros, pois essas pessoas não correspondiam aos padrões da cisheteronormatividade e do “desejo da nação”.

Para fugir da repressão policial as travestis utilizavam truques, como destacado por Edson Ferreira, que afirma que seu grupo se montava fora de casa, porque os vizinhos e pessoas

³¹⁹ Cowan, 2015, p. 39.

³²⁰ Quinalha, 2017, p. 44.

³²¹ MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 55.

na rua poderiam denunciar para polícia que ali residia uma travesti. Quando a polícia as pegavam era “olho por olho”³²². Edson Ferreira relembra: “nos anos 1970, nós éramos muito brigão. Não levávamos desaforo pra casa. Se tivesse que bater, batia. Dava porrada na polícia, ia preso. Fui preso 19 vezes. Eu era terrível. Não era fácil. Era ditadura, né? Era olho por olho”³²³.

Edson também nos conta que as travestis eram colocadas no camburão e a polícia as jogavam no mar da Av. Beira-Mar e no lixão de São Pedro. O fator racial também compunha as atuações nas batidas policiais, que segundo Edson Ferreira

se você tivesse num bar, as primeiras pessoas que eles abordavam eram os negros. Geralmente, o travesti bonito, branco, jamais era encostado pela polícia. Só encostava mais na gente por ser negro. Entendeu? Ai na época eu quebrava o pau. Eram três negros que estavam ali no meio. Éramos bem aceitos nos bares. Na rua a mesma coisa: os três negros mais agredidos era eu, Manuela e [nome]³²⁴.

A polícia brasileira foi e ainda é moldada sob vieses eugenistas que consideram a população negra como um fardo a ser controlado e reprimido. James Green destaca que o discurso eugenista que incidiu sobre os corpos negros também foi utilizado para tratar de homossexuais na perspectiva criminal, considerando negros e homossexuais pobres sob a ótica da degeneração, desordem e violência³²⁵.

A repressão não se limitava aos ambientes abertos, mas também ocorria em clubes e boates. Edson Ferreira lembra que durante um dos concursos Miss Gay Espírito Santo, que ocorreu no Caxias Esporte Clube (associação da Polícia Militar do Espírito Santo), Michel Quintanilha pediu ajuda à Polícia Militar para realizar o concurso, que achava “que era um desfile de mulher”³²⁶. Edson Ferreira rememora:

Aí fomos pra lá, todo mundo transformado, Badu, Simone, eu, Teco. Tinha lotado de gente, muita gente da polícia, gente graúda. Muita gente sabia, mas a polícia não sabia que nós éramos travesti. Não sei o que aconteceu, um coronel chamou a Polícia Federal e levou todo mundo preso. E o presídio naquela época era ali em Bento Ferreira. Já ouviu falar no presídio que tinha

³²² FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 3.

³²³ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 3.

³²⁴ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 7.

³²⁵ GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000. p 37.

³²⁶ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 4.

ali em Bento Ferreira? Ficamos preso a madrugada toda. Naquela época era ditadura, tinha que depor um por um³²⁷.

Edson Ferreira também destaca que cerca de 36 pessoas foram presas e apanharam “porque não queriam falar. Teve que apanhar para mentir para família”³²⁸. Ficaram o dia todo na prisão e lembra que “ia[m] preso[s] por pederastia”³²⁹.

Não chegamos a identificar na literatura ou nas fontes algo que nos indicasse as violências que incidiam sobre mulheres lésbicas e bissexuais — o que não quer dizer que elas não ocorriam. O que havia era uma violência silenciosa; violência que ignorava e silenciava a sexualidade de mulheres lésbicas e bissexuais por estas serem “mulheres”. Por outro lado, quando reconhecia suas sexualidades, o aparato repressor as colocava dentro de um aspecto estigmatizante.

Essa colocação pode ser desenhada durante a investigação criminal do caso Tereza Teich, que foi assassinada em março de 1982. Segundo o jornal *A Tribuna*, Tereza Teich vivia em um apartamento na Praia do Suá com seu namorado e cinco engenheiros da Companhia Siderúrgica Tubarão. No dia 23 de março, Tereza Maria Teich foi encontrada morta no apartamento. Foi indicado morte natural pelos legistas do Departamento Médico Legal, apesar das fotos do corpo evidenciarem marcas no pescoço da vítima.

Entretanto, em outubro de 1982, a polícia e os jornais — o próprio *A Tribuna* — começaram indicar o sumiço de “Elizeth, a lésbica”, uma moça de feições japonesas que morava junto com Tereza Teich. As reportagens do *A Tribuna*, como exemplo, chamavam atenção diretamente para a sexualidade da Elizeth, com chamadas como: “Lésbica que vivia com Tereza Teich não foi encontrada”³³⁰.

O próprio jornal *A Tribuna* destacava sua colaboração na investigação ao trazer à luz novas pistas, como: “uma lésbica de origem japonesa, conhecida por Elizeth”³³¹. Segundo o *A Tribuna*, Tereza Teich havia confidenciado a sua mãe que “onde morava havia uma lésbica” e que certa vez “viu Elizeth amando outra colega e ficou muito nervosa com

³²⁷ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 4.

³²⁸ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 4.

³²⁹ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 4.

³³⁰ Lésbica que vivia com Tereza Tesch não foi encontrada. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 15 out. 1982. p. 20.

³³¹ Promotor insatisfeito com inquérito Tereza Teich. **A Tribuna**, Vitória, 17 out. 1982. p. 12.

isso”. A mãe de Tereza Teich havia recomendado a filha que “tomasse cuidado com a lésbica, uma vez que ela era uma loira bonita, de olhos azuis e poderia ser cobiçada” e Tereza Teich haveria respondido a sua mãe que Elizeth era sua melhor amiga³³².

Implicitamente, ou talvez explicitamente, a narrativa do jornal contribuiu para que se suspeitasse de Elizeth pelo fato de ela ser lésbica, em uma categorização estereotipada que destaca sua sexualidade nas notícias criminais. Contudo, mulheres lésbicas e bissexuais estavam sujeitas não apenas às violências silenciosas, visto que havia — como ainda há — o constante medo de assédio e de estupro corretivo³³³.

O medo de assédio e estupro, que se tornou algo “comum” entre as mulheres, adquire certas especificidades quando se trata de mulheres que praticam sexo com outras mulheres. O estupro corretivo é uma violência sexual que pretende, segundo o estuprador, “corrigir” essas mulheres — categorizadas como mulher-macho, fanchona, sapatona, lady, sapatilha —, pois parte do pressuposto de que elas praticam sexo com outras mulheres “por falta de pênis”.

Quando questionada se alguma vez presenciara violência policial contra homossexuais e travestis, Tina Moreira respondeu que não chegou a ver, mas ficava sabendo, principalmente no Centro de Vitória com as travestis que “tinha[m] que sair correndo da polícia [...] eram levadas para a chefatura, aquela coisa toda, via a vida toda e eram liberadas. Pros travestis era mais difícil”³³⁴. Sobre violência contra lésbicas, Tina Moreira destaca que era muito comum escutarem “gracinhas, piadinhas”, como: “Eu vou pegar! Isso é falta de homem!”³³⁵. Tina destaca ainda que “por isso a gente era mais reservada. Dava muito medo de sofrer um estupro, que eles chamam de estupro corretivo. Pra dizer que ela precisa de um homem”³³⁶.

Ao ser questionada sobre o caráter racial da repressão relembra:

Nós negros sempre sofremos mais essa repressão. Eu lembro uma vez que eu estava com meus amigos, quase todos negros, nós estamos indo para boate Eros. Nós fomos de carro e fomos parados. Nós estávamos chegando e a

³³² Promotor insatisfeito com inquérito Tereza Teich. *A Tribuna*, Vitória, 17 out. 1982. p. 12.

³³³ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 4.

³³⁴ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 7.

³³⁵ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 7.

³³⁶ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 7.

viatura veio atrás e nos parou. Tirou a gente do carro e revistou o carro todo, nos revistou para ver se tínhamos drogas. Porque éramos todos negros. Passamos um constrangimento, porque todo mundo estava olhando e você se indignava. Isso aconteceu comigo, com a gente. Por sermos negros. Eu falo sempre: Ser mulher, negra e homossexual não é pra qualquer um³³⁷.

A partir do relato de Tina Moreira e Edson Ferreira, podemos perceber que a ideia que associava homossexuais e travestis à criminalidade também estava presente nos discursos da polícia, de jornais e da sociedade capixaba. Sobre esse assunto, Luiz Morando afirma que “as travestis sempre estiveram ligadas, no imaginário social e na experiência policial, à prostituição e à criminalidade”³³⁸. Esse assunto pode ser novamente sustentado a partir do caso de briga entre travestis e jogadores de futebol ocorrido na orla da praia de Camburi em fevereiro de 1988. Após irem para a delegacia, as travestis ficaram reclusas e os jogadores foram “liberados” por decisão da polícia, novamente explicitando a presunção de culpa quando uma das partes é travesti³³⁹.

Percebemos, então, a partir de alguns casos, como a repressão às travestis e aos homossexuais eram promovidas tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil. Controle, repressão e violência faziam parte da vida social de grupos estigmatizados por sua sexualidade e gênero, e o nível da repressão e da violência aumentava quando corpos pretos eram os alvos. Foi nesse engate, contra esse caráter repressivo e violento, que na segunda metade da década de 1970, grupos de homossexuais passaram a se organizar, promover encontros e debates em diversos estados brasileiros entre 1978 e 1981, e de maneiras distintas começaram a pensar as homossexualidades, muitas vezes de formas excludentes, o que gerou formação de grupos específicos dentro da ideia unilateral e limitante de “homossexual”.

2.7 “*de frente ou de ré, vote em Atharé!*” – Atharé de Castro

Como vimos, a partir dos anos 1960 no Espírito Santo circuitos de homossexuais e travestis começam a ganhar maior visibilidade na grande Vitória e em cidades do interior. Nos estados vizinhos, de maior porte populacional, esses circuitos já eram comuns desde os anos 1930. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo tornaram-se um atrativo turístico e de moradia para homossexuais e travestis de outros estados que buscavam uma vida

³³⁷ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 7.

³³⁸ Morando, 2015, p. 70.

³³⁹ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

mais agitada, ou ainda um “anonimato no meio da multidão” para o exercício de seus desejos e comportamentos.

No Rio de Janeiro, desde o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, publicações de homossexuais para homossexuais começaram a circular e surgiram nesse momento turmas e grupos de homossexuais que se encontravam para sociabilizar, fazer pegações, fofocar, debater questões sobre misses. Essas publicações, como o caso já mencionado do jornal *O Snob*, chegaram a circular no Espírito Santo por meio da turma de Colatina, através de Babette que escrevia a coluna *Colatina em Hi-Fi*, a qual promoveu um intercâmbio cultural entre bonecas e bofes colatinenses e as bonecas e bofes de outros estados que produziam para o jornal.

Os primeiros concursos de bonecas, travestis e transformistas de Vitória ocorriam de forma clandestina nos carnavais e sempre eram alvos da violência física e mental por parte dos transeuntes que pulavam carnaval. Nessa mesma conjuntura dos anos 1960, alguns bares e hotéis capixabas já recebiam homossexuais e travestis no estabelecimento, enquanto outros não permitiam a entrada. Com o recrudescimento da repressão da Ditadura civil-militar, o período de transição dos anos 1960 para 1970 foi marcado pelo fortalecimento do cenário teatral, da emergência de bares, boates, saunas, pontos de *trottoir*, entre outros por meio dos quais o debate público no Espírito Santo começou a se voltar para temas ligados aos homossexuais e às travestis.

No decorrer dos anos 1970, houve um *boom* da presença de homossexuais e travestis nos grandes centros urbanos. São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Fortaleza, entre outros, já possuíam uma movimentação e as primeiras tentativas de se construir um ativismo homossexual organizado. No Espírito Santo, aparecem os primeiros escritores, teatrólogos, jornalistas, professores universitários e políticos assumidamente homossexuais, pessoas que conseguiam acessar espaços necessários nos cenários social e político local.

Ao indagarmos se havia uma movimentação de homossexuais no Espírito Santo na década de 1970, Edson Ferreira lembra que Vitória havia elegido em 1976 seu primeiro vereador assumidamente homossexual. Edson Ferreira destaca que “nós conseguimos colocar Atharé de Castro como Vereador. Ele era gay. Foi vereador por muito tempo aqui em Vitória” e completa que Atharé de Castro “era uma pessoa muito conceituada dentro de Jucutuquara. Ele era muito amigo nosso. Era um gay, vereador e assumido. Ele era

muito bacana. Teve uma morte muito violenta. Em quase todos os estados teve esse levante de gays. Mas aqui em Vitória já tinha também”³⁴⁰.

Atharé Stamato da Fonseca e Castro, popularmente conhecido como Atharé de Castro, foi eleito em 1976 vereador de Vitória pelo Movimento Democrático Brasileiro com 1.382 votos³⁴¹. Atharé de Castro foi o primeiro vereador assumidamente homossexual de Vitória, que teve como campanha o slogan “de frente ou de ré, vote em Atharé!”³⁴². Como destacado no primeiro capítulo, Atharé de Castro que acessava diversos espaços de *poder* levava travestis e transformistas para se apresentarem nos eventos da elite capixaba.

A fala de Edson Ferreira, ao destacar que “nós conseguimos colocar Atharé de Castro como Vereador”, indica que por mais que não houvesse um grupo ou coletivo de homossexuais organizados em Vitória, ainda assim, a circularidade de informações, conversas e ideias entre homossexuais e travestis na capital já mostrava força para eleger um vereador. Isso não assinala que todo eleitorado de Atharé de Castro tenha sido exclusivamente de homossexuais, até porque como próprio o Edson Ferreira destaca, o vereador “era uma pessoa conceituada em Jucutuquara”³⁴³. Mas parece que Atharé de Castro não pretendia esconder sua sexualidade com objetivos eleitoreiros³⁴⁴.

No início de 1978 em São Paulo, a partir de algumas reuniões surgiu o *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, que no final do mesmo ano foi rebatizado de *Somos – Grupo de Afirmação Homossexual*. Nos primeiros meses do ano seguinte, segundo Regina Facchini, foi realizada na USP “a semana de debates sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados”³⁴⁵ e, desta semana, novos membros se juntaram ao *Somos* e mais dois grupos foram formados, o *Eros* e o *Libertos*.

³⁴⁰ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 8.

³⁴¹ Eleição 1976: Vereadores eleitos. **Tribunal Regional Eleitoral do Espírito Santo**. 15 nov. 1976. Disponível em: <<https://www.tre-es.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2006-e-antiores/tre-es-eleicao-1976-veredores-eleitose>>. Acesso em: 23 set. 2021.

³⁴² FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 8.

³⁴³ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p.8.

³⁴⁴ Atharé de Castro ser eleito o primeiro vereador homossexual assumido de Vitória não significa que ele legislou em prol da comunidade de homossexuais e travestis. É necessário realizar um estudo específico sobre a sua legislatura e como se comportou em debates que envolviam questões morais, especialmente as voltadas para a sexualidade e gênero. O que se tem até então nos mostra que não se preocupou em esconder a sua sexualidade com objetivo de ser eleito, o que para a época (1976) era um grande feito.

³⁴⁵ FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003. p. 88.

Em dezembro de 1979 ocorreu no Rio de Janeiro o 1º Encontro de Homossexuais Militantes, com a presença de 9 grupos, dos quais contabilizaram 50 gays e 11 lésbicas. Nesse encontro estavam presentes grupos do Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e um representante de Minas Gerais. No Rio de Janeiro existiam três grupos, a fração local do Somos, o Grupo de Afirmação Gay e o Auê, este último formado a partir de dissidências do Somos.

Esse evento ocorreu alguns meses depois do 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), realizados em abril de 1980 na cidade de São Paulo. O encontro contava com a presença de grupos do Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal além de representantes dos estados de Minas Gerais, Goiás, Paraná e Espírito Santo³⁴⁶. Após o evento de São Paulo, dois grupos se formaram a partir da dissidência do Somos, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista e o Grupo de Ação Homossexualista, este último foi rebatizado de Outra Coisa posteriormente. O Outra Coisa chegou a se juntar com o Eros e o Libertos, formando assim o Movimento Homossexual Autônomo.

Um dos primeiros feitos públicos dos grupos de São Paulo foi a participação nas manifestações do movimento operário de 1º de Maio de 1980, na Greve dos Metalúrgicos no ABC Paulista. Edward MacRae destaca a participação de cerca de 60 homens e mulheres homossexuais na manifestação³⁴⁷. Após a participação de homossexuais na greve, iniciou-se uma grande crise no grupo Somos, o que provocou a saída de alguns membros. Entretanto, meses depois os grupos de São Paulo se uniram a grupos negros e feministas, além de parlamentares, estudantes e celebridades, em uma manifestação e campanha contra a violência policial tendo como alvo o delegado José Wilson Richetti, que promovia uma “Operação Limpeza” contra grupos marginalizados em São Paulo³⁴⁸.

Regina Facchini classifica as iniciativas dos grupos do eixo Rio-São Paulo como a primeira onda do movimento homossexual, que atuou no período da abertura política com características antiautoritária, comunitarista e com propostas de transformação da sociedade³⁴⁹. Não fica evidente o nível de participação ou contato de “representantes” do

³⁴⁶ Facchini, 2003, p. 91.

³⁴⁷ MACRAE, Edward. A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Unicamp, 1990. p. 210.

³⁴⁸ MacRae, 1990, p. 228.

³⁴⁹ Facchini, 2003, p. 84.

Espírito Santo com essa primeira onda, para além de Maria Padilha no 1º EGHO e EBHO e de Amylton de Almeida através do *Lampião da Esquina* e outros jornais.

A segunda onda se configurou na década de 1980, período classificado por algumas literaturas como o “declínio” do movimento, apontamento feito por Regina Facchini. Essa noção de “declínio” se deu porque apenas três grupos (Grupo Gay da Bahia, Dialogay e GALF/Rede Um outro Olhar) conseguiram atravessar a década de 1980³⁵⁰. Para Facchini, a segunda onda se diferenciava da primeira por uma valorização do contato com o movimento internacional, crítica a vinculação de aspectos marginais ligados aos homossexuais e construção de uma imagem pública³⁵¹.

Em meados de 1981, o Grupo Gay da Bahia iniciou uma campanha a favor da despatologização da homossexualidade e recolheu cerca de 16 mil assinaturas de personalidades, políticos e militantes, além de ter conseguido moções de entidades científicas e Assembleias Legislativas em apoio a “Campanha Nacional contra o código 302.0”³⁵². O GGB e o Triângulo Rosa/RJ mudaram a configuração de grupos homossexuais organizados ao se tornarem os primeiros grupos com registro oficial de uma agremiação voltada às questões homossexuais, tendo sido reconhecidos em 1983 e 1985, respectivamente³⁵³.

Com a crise da Aids, alguns grupos — como o Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro — procuraram se desvincular da luta contra a Aids, pois achavam conflitante legitimar uma identidade homossexual e atuar contra a pandemia. Por outro lado, Facchini destaca que grupos como o Outra Coisa e o Lambda, de São Paulo; GGB, da Bahia; Atobá, do Rio de Janeiro e Dialogay, de Sergipe, conseguiram dialogar com a legitimação e combate a Aids³⁵⁴. O grupo capixaba, Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, se inscreve nessa segunda onda e pode ser inserido na lista de Facchini de grupos que atuaram tanto na legitimidade das homossexualidades quanto na luta contra a Aids.

Os primeiros contatos de capixabas com os grupos organizados ocorreram com o intermédio de encontros de grupos organizados e da colaboração com jornais da imprensa homossexual. Nesse momento, do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, não havia

³⁵⁰ Facchini, 2003, p. 123.

³⁵¹ Facchini, 2003, p. 102.

³⁵² Facchini, 2003, p. 99.

³⁵³ MacRae, 1990, p. 306.

³⁵⁴ Facchini, 2003, p. 102.

no Espírito Santo pessoas organizadas em um grupo, apesar de já haver um interesse local no assunto e no debate da situação de homossexuais e travestis.

2.8 “*Essa história de homossexual, travesti, é papo furado. Nós somos todos sexuais*” –
Maria Padilha

Como dito, no Rio de Janeiro ocorreu em 1979 o 1º Encontro de Homossexuais Militantes, e as literaturas sobre este não destacam a presença de capixabas. Já no 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e no 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), ocorridos em São Paulo, o *Lampião da Esquina*, que fez a cobertura do evento, destacou a presença de “representantes do Espírito Santo”.

Uma dessas representantes, entre as 200 pessoas presentes no encontro que ocorreu no Teatro do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP, era a capixaba Maria Padilha, que segundo o *Lampião da Esquina* era “um travesti muito bonito, bem vestido e extremamente emocionado”³⁵⁵. Maria Padilha foi a única travesti que aceitou compor a mesa de encerramento do evento como representante do Espírito Santo. Com ela, estavam representantes dos grupos organizados e a Dra. Alice Soares, que representava o Centro da Mulher Brasileira e do Movimento Negro Unificado. O texto de João Silvério Trevisan destaca que Maria Padilha soltou a frase: “essa história de homossexual, travesti, é papo furado. Nós somos todos sexuais”, que colocou todos de pé³⁵⁶.

João Silvério Trevisan, analisando o evento no *Lampião da Esquina*, destaca que um dos momentos de grande vibração do encontro foi quando Maria Padilha “sem nenhum charme estudado, tomou a palavra querendo usar um termo mais fino, declarou que ali todo mundo era ‘homem-sexual’ do mesmo jeito”, frase esta que Trevisan classificou como “uma benfazeja dificuldade em digerir e veicular um conceito [homossexual] que nos discrimina por nos classificar exclusivamente por um aspecto de nossas vidas”³⁵⁷.

³⁵⁵ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021. p. 5.

³⁵⁶ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021. p. 5.

³⁵⁷ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021. p. 5.

Continuando, João Silvério Trevisan destaca o fato de Maria Padilha não reproduzir o linguajar “dos seus estigmatizadores; pelo contrário, modifica-a e por isso tive inveja dele”. Para Trevisan “aquele travesti proleta [Maria Padilha] devorava e criava em cima dos seus opressores. E espontaneamente protestava contra a **guetoização** inerente ao conceito de ‘homossexual’, criado para marcar os limites entre normal e anormal”³⁵⁸.

Não fica evidente, no texto do *Lampião da Esquina*, até que ponto Maria Padilha foi como representante ou se por ser capixaba foi colocada nessa posição, visto que o jornal destaca que ela residia em São Paulo há seis meses. A fonte também não deixa explícito qual era o número de representantes do Espírito Santo, ou se era apenas uma. Tendo em vista a participação de Amylton de Almeida como colaborador de Vitória no *Lampião da Esquina* — considerando também que, na mesma edição da cobertura do evento, o crítico publicou um roteiro gay de Vitória —, podemos supor que este esteve presente no evento.

Segundo Regina Facchini, em 1981 houve uma tentativa fracassada de se realizar uma segunda edição do Encontro de Grupos Homossexuais Organizados, tendo sido feito apenas um encontro de grupos paulistas e o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste. Percebemos, então, que nessa primeira leva de encontros, o contato do Espírito Santo com o debate militante foi mínimo e se deu por meio de Maria Padilha, em sua evidente participação, e de Amylton de Almeida, por colaborar e consumir o jornal *Lampião da Esquina*. De outro ângulo, isso não significa que não havia interesse local de colocar as homossexualidades em debate, pelo contrário, começava no Espírito Santo um aprimoramento dessa discussão.

2.9 “A opressão que ousa dizer seu nome” – *Amylton de Almeida*

Como evidenciado, havia no estado uma movimentação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transformistas que, ao conquistarem e acessarem diversos espaços das esferas culturais, políticas e sociais, colocaram o sujeito tido como homossexual no debate público. Uma primeira referência é a de um debate que ocorreu em 1969 na Universidade Federal do Espírito Santo depois de Milson Henriques ter sido acusado de “mau exemplo

³⁵⁸ TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021. p. 5.

à juventude, atentado ao pudor público e incitamento ao uso de tóxicos” pela entrevista que concedeu ao jornalista Paulo Torre do jornal *O Diário*.

Dois anos depois, Milson Henriques concedeu uma entrevista a Maria Nilce do *Jornal da Cidade* e tocou em temas parecidos com o da entrevista do jornal *O Diário*. Ao ser questionado sobre quem já se apaixonou por ele, respondeu: “alguns caras e algumas mulheres por aí”³⁵⁹. Quando perguntado por Paulo Torre, em 1969, sobre o que pensava do *homossexualismo*, respondeu que era uma coisa chata e já havia praticado, o que lhe rendeu uma visita a Polícia Federal. A mesma pergunta foi feita por Maria Nilce e, de forma irônica, para não ser acusado de mau exemplo e atentado ao pudor, respondeu: “desde que o sujeito esteja na dele...”.

De outro ângulo, Amylton de Almeida também tematizou a homossexualidade em fevereiro de 1976 no Caderno Dois do jornal *A Gazeta*, por meio de uma crítica intitulada “Este livro oferece a consciência para este marginal brasileiro: o homossexual”, que fez ao livro *Primeira carta aos andróginos* de Aguinaldo Silva, publicado no ano anterior³⁶⁰. Amylton de Almeida destaca que o livro é

[..] uma espécie de autobiografia em que relata (num tom intenso, envolvido de compreensão), a tragédia que existe no fato de uma pessoa ser homossexual no Brasil: as perseguições, as injustiças, a marginalidade, a revolta. A obra é a melhor já escrita sobre o assunto³⁶¹.

Amylton de Almeida acrescenta que a sociedade brasileira espera de homossexuais apenas coisas superficiais, como “que sejam cabeleireiros, costureiros e cozinheiros — profissões dignas como quaisquer outras — mas que não oferece a competição ou a oportunidade de expressão e luta”. O crítico também destaca em seu texto que “o homossexual é sempre ridículo e sempre motivo de riso, apenas porque assume a sua condição” e completa assimilando à dificuldade de luta dos negros e judeus.

Em sua crítica, Amylton de Almeida se coloca na condição de homossexual em dois momentos: o primeiro, ao destacar “a miséria de **nossa** condição exige ainda a exposição dos bares noturnos, das sombras nas esquinas, dos policiais, da tortura na prisão”, e no

³⁵⁹ Entrevista: Milson Henriques. *Jornal da Cidade*, Vitória, 14 e 15 fev. 1975.

³⁶⁰ Esse livro oferece a consciência para o marginal brasileiro: o homossexual. *A Gazeta*, Vitória, 01 fev. 1976, Caderno Dois.

³⁶¹ Esse livro oferece a consciência para o marginal brasileiro: o homossexual. *A Gazeta*, Vitória, 01 fev. 1976, Caderno Dois.

final, ao apontar que “Aguinaldo Silva traz para **nós**, os homossexuais, a única opção da lucidez. Imponente, é verdade, porém atenta”³⁶².

De forma mais incisiva, Amylton de Almeida utilizou o debate *Literatura e Marginalidade* ocorrido em agosto de 1981 para tratar da perseguição aos homossexuais em regimes autoritários. O evento ocorreu no Colégio do Carmo, em Vitória, e teve participação de cerca de mil pessoas. Organizado pela professora universitária Deny Gomes, da UFES, e por Neida Lúcia de Moraes, do Departamento de Cultura, o evento teve ao todo cinco mesas, no qual: Darcy Ribeiro falou sobre indígenas e a literatura, Bernadette Lyra ficou responsável pela mesa acerca do negro e a literatura, Amylton de Almeida palestrou sobre o homossexual e a literatura, Helvécio Siqueira tematizou o “doente mental” e a literatura e, por fim, Heloisa Buarque de Hollanda fechou com a mesa sobre mulher e a literatura.

Durante todo o mês de agosto, o evento *Literatura e Marginalidade* teve ampla divulgação no jornal *A Gazeta*, algo que pode ser explicado por Amylton de Almeida ter auxiliado na organização do evento. No dia 26, no Caderno Dois, o título da chamada foi: *No ciclo de debates, hoje, o assunto é homossexualismo*. Naquele dia, o *A Gazeta* fala que Amylton de Almeida apresentaria slides e textos que seriam interpretados pelo Grupo Teatral Ponto de Partida, com trechos da peça *Bent*, em cartaz no Rio de Janeiro, “que aborda a perseguição aos homossexuais pelo nazismo”³⁶³.

Além da peça *Bent*, Amylton de Almeida também falou, sem ter lido, o texto autoral *O dia do enterro de Judy Garland*, que foi publicado nos anais do evento e posteriormente, em 1985, como parte da obra *A opressão que ousa dizer seu nome*. No texto *O dia do enterro de Judy Garland*, Amylton de Almeida abordou a emergência do movimento homossexual estadunidense, e comparou os grupos *Mattachine Society* fundado no período do *marcathismo*, e o grupo *Gay Liberation Front*, fundado pós-Revolta de Stonewall. Para Amylton de Almeida, a diferença entre as duas entidades era a seguinte: a *Mattachine Society* trabalhava dentro dos marcos legais pela abolição de leis anti-homossexuais e outras discriminações, enquanto a *Gay Liberation Front* rompia com o pensamento que se limitava à tolerância social, buscando uma verdadeira liberação.

³⁶² Esse livro oferece a consciência para o marginal brasileiro: o homossexual. *A Gazeta*, Vitória, 01 fev. 1976, Caderno Dois.

³⁶³ No ciclo de debates, hoje, o assunto é homossexualismo. *A Gazeta*, Vitória, 26 ago. 1981, Caderno Dois. p. 03.

Sem descreditar o aspecto notável e inaugural do texto, são necessários alguns apontamentos: o primeiro versa sobre a narrativa que associa o luto vivido por homossexuais naquele dia ao enterro da atriz e cantora Judy Garland como estopim para os motins de *Stonewall* após a repressão policial no bar *Stonewall Inn* — essa narrativa já foi questionada por David Carter. Uma segunda questão diz respeito ao assimilacionismo comparativo que Amylton de Almeida fez com o senador estadunidense Joseph McCarthy e o nazista Ernst Rohm, onde o crítico os enquadra, a partir do conceito de Drew Pearson, como *homofascistas*, que seriam homossexuais poderosos que tentam destruir nos outros o que desprezam em si. Por último, Amylton de Almeida também colabora com a narrativa que coloca *Stonewall* como o propulsor do movimento homossexual internacional, sem atentar para o fato de que em países da América Latina já existiam grupos e movimentos homossexuais emergidos no mesmo período³⁶⁴.

A homossexualidade voltou a ser tematizada em eventos em 1982, quando Luiz Mott esteve em Vitória no III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, no qual apresentou o trabalho *A homossexualidade: uma variável esquecida na demografia histórica — os sodomitas no Brasil*³⁶⁵. Nesse texto, Luiz Mott questiona por que “a homossexualidade e os homossexuais, porventura não se constituem como variável digna de atrair atenção dos demógrafos?”³⁶⁶. Ao final do encontro, Luiz Mott conseguiu que fosse aprovada a moção a favor da despatologização da homossexualidade. O texto aprovado dizia:

Declara-se contra todas as expressões de preconceitos e discriminação de que são alvos os homossexuais de ambos os sexos em nossa sociedade; apoia a campanha nacional de repúdio ao Código 302.0 da CID da OMS, aditado pelo Governo Brasileiro, que de maneira anti-científica rotula a homossexualidade como desvio e transtorno sexual³⁶⁷.

Esta foi a quarta moção expedida por uma instituição científica brasileira contra o rótulo de patologia da homossexualidade pelos órgãos de saúde nacional e internacional. O

³⁶⁴ FREITAS, Randas. “O dia do enterro de Judy Garland” por Amylton de Almeida: narrativa e discurso sobre o movimento homossexual pós-Stonewall. In: MERLO, Patrícia M.S.; FAGUNDES, Pedro E.; BATISTA, Ariel C.; JUNIOR, Fernando S.C.V.; SCHEINER, Livia M.; SOARES, Maria Angela R (Orgs.). **Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-ES: negacionismo, verdade e fazer histórico**. v. 2. Vitória: Milfontes, 2021.

³⁶⁵ MOTT, Luiz. *A homossexualidade: uma variável esquecida na demografia histórica - os sodomitas no Brasil colonial*. In: **Anais do III Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Vitória, v. 3, p. 459-460, 1982.

³⁶⁶ Mott, 1982, p. 160.

³⁶⁷ *Apud* MacRae, 1990, p. 307.

Brasil deixou de considerar a homossexualidade enquanto doença em 1985, cinco anos antes da Organização Mundial da Saúde – OMS, que o fez em 1990.

Ainda na vinda a Vitória, Luiz Mott concedeu entrevista ao jornal *Tribuna de Vitória*, que publicou uma reportagem de página inteira intitulada *Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política*, escrita pela jornalista Lígia Monteiro. O texto começa com uma introdução apresentando a pesquisa de Luiz Mott, de título “Moralidade e Sexualidade no Brasil Colonial e na Atualidade”, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq, e destaca que o movimento homossexual além de se impor socialmente também “reivindica maior participação política nas decisões do país, inclusive partidária, sem discriminação do sexo ou cor”³⁶⁸.

Em formato de entrevista, Lígia Monteiro perguntava e Luiz Mott respondia. Em uma das perguntas, Lígia Monteiro explana sobre a aderência de partidos políticos contra a discriminação com homossexuais, cita o caso de Darcy Penteado, que era candidato no Rio de Janeiro, e questiona: “Como você vê isso, significa que a sociedade está se abrindo à questão?”. Ao responder, Mott lembra que o Grupo Gay da Bahia estava atuando na campanha contra o parágrafo 302 do código do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - INAMPS, que já teria recolhido 15 mil assinaturas. Mott também destacou que é importante o contato do movimento homossexual com os partidos e a política e destaca que na próxima legislatura seria proposto no Brasil, assim como na Noruega e outros países, “um projeto de lei contra qualquer tipo de discriminação sexual”³⁶⁹.

Lígia Monteiro também questionou: “[a] criação de tipos e caricaturas contribuem ou servem para estereotipar mais ainda o homossexual?”. Luiz Mott, em sua resposta, chamou atenção para jornais, como o jornal baiano *A Tarde*,

que sem sombra de dúvida é o mais preconceituoso em relação ao homossexual, o mais homofóbico (homofobia é a intolerância em relação ao homossexual). Nele os gays são chamados (um jornal) [sic] que é o mais lido e respeitado em Salvador de anormais, invertidos, pervertidos, terceiro sexo [sic], anormais, coluna do meio e outros termos. O homossexualismo é chamado de viadagem, frescura e assim por diante³⁷⁰.

³⁶⁸ Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982. p. 20.

³⁶⁹ Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982. p. 20.

³⁷⁰ Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982. p. 20.

Luiz Mott também comentou que o jornal *A Tarde* chegou a emitir uma circular interna que proibia qualquer notícia sobre o movimento gay e o lesbianismo. Eles se organizaram e conseguiram assinaturas para que essa portaria do jornal fosse excluída. Lígia Monteiro questiona se “essa atitude não está[ria] muito próxima da visão adotada pela polícia?”. Em sua resposta, Mott destacou que visitou os arquivos dos jornais capixaba *A Gazeta* e *A Tribuna*, e nos fichários do *A Gazeta* achou recortes de jornais de São Paulo sobre “aspectos da normalidade ou anormalidade do homossexualismo”, enquanto nos fichários do jornal *A Tribuna* encontrou fotografias comerciais com a Valéria e destaca que nesse fichário não chegou a encontrar “registros de violência ou crime contra homossexuais”³⁷¹.

Mott destaca o caso de polícia no concurso Miss Universo Gay que acontecera em Linhares, pois alguns menores bêbados estavam fazendo bagunça, e aponta que esse caso deveria ser mais bem investigado para ver

se a notícia corresponde à verdade, porque certamente há violência contra homossexuais sobretudo, contra os travestis nas zonas de prostituição. Esse é um prato diário e que acontece nos lugares onde há travestis, deles serem objetos de espancamento, roubo etc.³⁷².

Lígia Monteiro também elabora um questionamento acerca da pré-disposição da justiça, da polícia e da mídia de associar homossexualidades à criminalidade e cita o caso de Tereza Tesch, em que jornais capixabas deram enfoque na identidade lésbica de uma suspeita de seu assassinato. Inclusive, o próprio jornal *A Tribuna* lançou dois dias antes da entrevista com Luiz Mott a manchete com o título: *Lésbica que vivia com Tereza Tesch não foi encontrada*³⁷³.

A conversa continua e Mott destaca a ausência de organizações de homossexuais no Espírito Santo, citando que um empresário capixaba que organizou a *Les Girls* no Espírito Santo, em 1979, chegou a comentar dessa necessidade de os homossexuais se reunirem e se organizarem “em sindicatos para defender os seus direitos de pessoas normais que devem ser respeitadas”³⁷⁴. Os temas seguintes versaram sobre homossexuais e o nazismo, homossexuais e o comunismo e, por fim, sobre psicologia, psiquiatria e psicanálise e as homossexualidades. Nesse último tópico, Luiz Mott defende que a história e a

³⁷¹ Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982. p. 20.

³⁷² Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 de outubro de 1982. p. 20.

³⁷³ Lésbica que vivia com Tereza Tesch não foi encontrada. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 15 out. 1982.

³⁷⁴ Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982. p. 20.

antropologia deveriam se debruçar mais que as *psi* na temática das sexualidades, pois essas duas áreas poderiam trazer “a diversidade do comportamento sexual mostrando como as sociedades diferentes, o sexo embora seja uma necessidade básica, como ele é socializado e sua expressão sexual é variada”³⁷⁵.

Já em 1985, a repressão aos homossexuais e às travestis voltou a ser debatida em terras capixabas através de um texto monográfico *A opressão que ousa dizer seu nome* e a já mencionada peça de teatro *A noite das longas facas, segunda parte*, ambas produzidas por Amylton de Almeida. Esses dois textos foram publicados em formato de livro junto à peça *My Funny Valentine*. No texto *A opressão que ousa dizer seu nome*, Amylton de Almeida, em diálogo com diversos livros e teses sobre homossexualidades, teceu uma linha narrativa sobre a repressão à homossexualidade no mundo.

Em *A opressão que ousa dizer seu nome*, Amylton de Almeida iniciou o texto chamando atenção para o caráter construído da identidade, no qual destaca que “as palavras são adjetivos descrevendo atos sexuais”³⁷⁶. Para além, pondera que é necessário observar “as razões que tornam os homossexualistas pessoas perseguidas e marginalizadas socialmente”³⁷⁷. Para Amylton de Almeida, “a raiva irracional da direita [estadunidense] provocou uma raiva oposta: os militantes ‘gays’” e completa que “essa radicalização é compreensível: os homossexualistas norte-americanos enfrentam hoje, além de leis que prometem a morte social, a intolerância dos fundamentalistas da chamada Maioria Moral”³⁷⁸.

Amylton de Almeida dividiu este texto-manifesto em diversos subcapítulos. O primeiro evidencia as relações econômicas e sociais que atuam na repressão sexual, seguido de um segundo, que tangencia sobre o pensamento burguês a respeito das homossexualidades que coloca o sujeito homossexual como uma outra raça (terceiro sexo). O terceiro tópico versa a respeito dos papéis sociais e etiquetas e como padrões de gênero influenciam nos comportamentos de homossexuais e travestis. Amylton de Almeida também toca no ponto da moral e como esta é utilizada de maneira cômoda pelos grupos dominantes.

³⁷⁵ Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982. p. 20.

³⁷⁶ ALMEIDA, Amylton de. **My funny Valentine e A noite das longas facas, segunda parte**. Vitória: CJES, 1985. p. 13.

³⁷⁷ Almeida, 1985, p. 13.

³⁷⁸ Almeida, 1985, p. 14.

Depois de um debate teórico, Amylton de Almeida fez um levantamento dos países que legislaram sobre a condição homossexual, no qual diferenciou em dois tópicos, sendo um com países ditos socialistas e outros com países ditos capitalistas. Esse tópico é seguido de outro que versa sobre o Código Civil Brasileiro, em que argumenta que as homossexualidades nunca teriam sido definidas como crimes no Brasil, mas que na década de 1930 houve a tentativa de se incluir uma proibição de atos libidinosos entre homens.

Para finalizar, Amylton de Almeida também abordou a repressão a homossexuais por parte de nazistas e bolchevistas, seguido pelo já mencionado tópico que trata do *Macarthysmo*, *Mattachine Society*, *Stonewall* e *Gay Liberation Front*, no Estados Unidos. Por fim, concluiu o texto abordando o movimento Maioria Moral que surgiu no final dos anos 1970 nos Estados Unidos, como uma dissidência da Igreja Batista com características fundamentalistas, separatistas e direitistas, defendendo um ideal de “Família americana”.

É possível perceber que nos anos 1960 foi tímido o debate acerca de homossexuais e travestis em território capixaba, algo que muda já no início dos anos 1970, quando o próprio Milson Henriques percebe que a ditadura promovia também uma política sexual e manifestou esse pensamento através da charge no jornal *A Ilha*. De outro campo, Amylton de Almeida trouxe um debate inicial da homossexualidade por meio da crítica do livro *Primeira carta aos andróginos*, de Agnaldo Silva. Tanto na segunda metade dos anos 1960 quanto na primeira metade dos anos 1970, a Ditadura civil-militar brasileira buscou de diversas formas silenciar e inviabilizar qualquer manifestação pública de *homossexualismo*, pois considerava que a visibilidade de homossexuais por meio das mídias promoveria uma apologia.

Já na segunda metade da década de 1970, com o emergir de grupos organizados nos estados vizinhos junto a jornais e revistas direcionadas a homossexuais com teor político, a conjuntura começou a mudar e abrir mais espaços para se debater as questões que envolviam homossexuais no Espírito Santo. Seja em terras capixabas ou em outras regiões do país, com a distensão política e a proposta de abertura, homossexuais capixabas e a mídia local começaram a falar mais abertamente sobre sexualidade, dando destaque ao aspecto político e social da questão.

Foi no início dos anos 1980 que falar sobre homossexuais e travestis ganhou o debate público e as páginas de jornais capixabas. Num primeiro momento, pelo evento *Literatura e Marginalidade*, num segundo no III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, e num terceiro com a publicação de *A opressão que ousa dizer seu nome*. Jornalistas, militantes estudantis, artistas, professores e entre outros, começaram a colocar o termo “homossexuais” no debate público. Paralelo a isso, na literatura, no teatro e no cinema, como mostrado, o sujeito homossexual estava lá, como personagens e como autores. A Ditadura civil-militar, em seu período mais repressivo, buscou conter essas menções e aparições públicas.

Todo esse movimento de circuitos, conexões, publicações, censura, repressões e debates que caracterizou a conjuntura capixaba dos anos 1960 até meados de 1980, evidenciou como homossexuais e travestis estavam presentes no cenário capixaba — muitas vezes, conquistando, coexistindo e resistindo ao preconceito e às repressões. Mesmo com toda essa movimentação, o primeiro grupo capixaba em defesa da dignidade homossexual só emergiu quando a Aids tornou-se um novo estigma direcionado a homossexuais e travestis, tema que trataremos no próximo capítulo.

3. A AIDS E O TRIÂNGULO ROSA PELA DIGNIDADE HUMANA

Como visto nos capítulos anteriores, apesar da presença e de uma movimentação considerável de homossexuais e travestis capixabas nos setores sociais, culturais e políticos do estado, ainda assim — em um período ditatorial marcado por cerceamentos de direitos — não foram criados grupos de ativismo homossexual no Espírito Santo. Em 1980, Amylton de Almeida comentou no roteiro de Vitória, publicado no jornal *Lampião da Esquina*, que o Britz bar foi “empossado pela ala discreta do movimento guei”. Essa colocação do crítico sugere que apesar de não haver um grupo organizado e nomeado, existia até aquele momento, no Espírito Santo, um “movimento guei” capixaba — ainda que este não apresentasse a estrutura e as práticas de ativismo de grupos organizados de outros estados.

Se ampliarmos a ideia de “movimento guei” fora da lógica de grupos organizados que silenciosamente foi colocada, e pensarmos movimento como movimentação, é possível encaixar não apenas o Espírito Santo, mas diversos outros estados, na memória que vem sendo produzida sobre o ativismo LGBTQIA+ brasileiro, memória esta que por muito tempo excluiu, silenciou e apagou possibilidades outras de ativismo e sujeitos outros do ativismo.

Pensando em termos de ativismo organizado, público e midiático, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana se inscreve nessa lógica estabelecida de “movimento guei”. A bibliografia consultada indica que o TRpDH surgiu para combater a discriminação contra homossexuais e travestis que aumentou quando houve uma associação direta da Aids à homossexualidade. Contudo, o preconceito, a discriminação contra homossexuais e a homofobia — um conceito que já estava em voga na década de 1980 — insidiam sobre pessoas cujas práticas sexuais e as performances de gênero divergiam da cisheteronormatividade antes da ditadura, durante a ditadura e possivelmente continuaria existindo pós-ditadura mesmo se aquele período não tivesse sido atravessado por uma epidemia de HIV/Aids.

Me atrevi a usar o “se” para pensar um futuro que não existiu, algo caro ao historiador, porque a estrutura normativa que estabelece as práticas heterossexual, monogâmica e reprodutiva como saudável e possível é maior que um regime político em voga em um país. Por esse motivo, não nos contentamos com a simples sugestão de que o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana surgiu como consequência da epidemia de Aids, da relação

criada entre Aids e homossexualidade e, por conseguinte, do aumento do preconceito. Tampouco nos satisfazemos com o argumento de que ele foi um grupo da segunda ou terceira onda do movimento homossexual. Nesse sentido, persigo a seguinte pergunta: o que mudou a partir de 1985, especialmente em 1987, para que surgisse um grupo organizado no Espírito Santo?

Com base nessa pergunta, este capítulo foi dividido em três momentos: o primeiro, versa sobre a chegada da imagem da Aids no Brasil antes mesmo da identificação dos primeiros casos da doença. Esse retrato da doença auxiliou na construção de estereótipos, incorporando no Brasil uma política epidemiológica importada dos países do norte global. Ainda nesse primeiro momento, analisamos como essa importação interferiu diretamente na Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo e quais as instituições que estavam “autorizadas” a falar sobre a doença (igreja, Estado, mídia e medicina), finalizando essa discussão com a apresentação das questões colocadas por homossexuais e outros sujeitos categorizados como “grupo de risco”.

No segundo momento, investigamos como a importação de uma política epidemiológica munida de preceitos morais e ideológicos resultou no aumento do preconceito, das fobias, da discriminação e da violência contra homossexuais e travestis capixabas. Expomos as respostas de gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas a essa Campanha, especialmente pela criação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana. Verificamos como essa política epidemiológica afetou não apenas as ditas minorias sexuais, mas “a população em geral” — categoria criada para falar das pessoas que não se enquadravam no “grupo de risco”, ainda que as primeiras pesquisas e estatísticas comprovassem a incidência da doença em todas as categorias de sujeitos. Também analisamos como no decorrer de meses o discurso proferido na primeira reunião da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo reverberou no dia a dia de gays, lésbicas, bissexuais e travestis.

Por fim, em um último momento, investigamos a memória e a história falada e construída sobre o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana. Apresentamos algumas assertivas em livros, teses, dissertações e monografias que tratam da entidade, questionando-as perante as fontes analisadas. Defendemos a importância de entender o surgimento da entidade de uma perspectiva local e temporal específica, a modo de não inviabilizar o seu surgimento “apenas” como um grupo oriundo da segunda ou terceira onda do(s) movimento(s) homossexual(is) brasileiro. Com isso, revisamos a hipótese geral da pesquisa e

defendemos uma linha interpretativa sobre a emergência do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

3.1 “A Aids antes da Aids” — *Hebert Daniel e Richard Parker*

Oficialmente, a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo iniciou em fevereiro de 1987, mas precisamos voltar um pouco no tempo a fim de compreendermos a epidemia de Aids no Brasil, pois a imagem que chegou ao nosso país antes da identificação dos primeiros casos da doença — que, nas palavras de Hebert Daniel, seria “a Aids antes da Aids”³⁷⁹ — é bastante problemática. Hebert Daniel atribui ao jornal *Folha do Povo* a primeira notícia de capa sobre a “peste gay”, que em uma chamada sensacionalista colocava: “Peste Gay deixa toda a bicharada apertadinha”³⁸⁰.

A década de 1980 foi marcada por mitos que envolviam a origem e os sujeitos afetados pela doença em debate. Baseando-se nesses mitos, as primeiras políticas públicas, inicialmente do Estado de São Paulo e posteriormente do Governo Federal, foram sustentadas — em campanha voltada para os chamados “grupos de riscos”. A portaria que instituiu o Programa Nacional da Aids, em 1985, previa que a campanha deveria ter como alvo três “grupos de risco”: “homossexuais e bissexuais masculinos, os hemofílicos e politransfundidos e os usuários de drogas injetáveis”³⁸¹. A institucionalização da política de controle por “grupos de risco” confirmava que as regras do jogo estavam dadas: o governo comungava com e acatou as narrativas previamente produzidas a respeito da doença.

Nestor Perlongher sublinhou as principais narrativas que envolviam a Aids. Para ele, entre 1980 e 1981 o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos identificou um aumento no número de casos de sarcoma de Kaposi e de pneumonia (doenças oportunistas) em homossexuais de Nova Iorque e da Califórnia, sendo posteriormente identificados casos similares em imigrantes haitianos³⁸². Sabendo que o contágio se dava por esperma e pelo sangue, e que existia incidência em homossexuais e imigrantes haitianos, surgiram as seguintes teorias: “as excursões de gays americanos para o Haiti

³⁷⁹ DANIEL, Herbert. AIDS no Brasil: a falência dos modelos. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. p. 37.

³⁸⁰ Daniel, 2018, p. 37.

³⁸¹ MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **História, ciências, saúde**, Manguinhos, v. 9, p. 41-65, 2002. p. 53.

³⁸² PERLONGHER, Nestor. **O que é aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 39.

teriam voltado aos Estados Unidos trazendo o vírus na bagagem” e “o vírus [poderia] ter entrado nos Estados Unidos desde o Haiti, pela via das transfusões, [pois] o Haiti era então um dos principais provedores de sangue humano para o mercado hospitalar norte-americano”³⁸³.

Cientistas franceses e estadunidenses acreditavam que a origem da doença era a África e, por isso, chegaram a teorizar que haitianos que viviam em Zaire nos anos 1960 e 1970 e voltaram a para o Haiti teriam “algum tipo de papel na propagação transatlântica do fugidio vírus”³⁸⁴. Havia também a hipótese de que “a raça negra” era mais sensível ao vírus, pois “40% dos pacientes de AIDS norte-americanos são[eram] mulatos ou negros”³⁸⁵. No meio da Guerra Fria chegou-se a argumentar que “soldados cubanos estacionados em Angola [seriam] possíveis contrabandistas do vírus” e os *pájaros* (bichas) cubanos teriam transmitido a doença aos gays estadunidenses³⁸⁶.

Entre as teorias que envolviam a origem do vírus “a esquerda hemófila californiana agitou o fantasma de um suposto complô para eliminar os gays”, onde questionava se o vírus não teria sido criado em laboratório nos moldes de uma guerra bacteriológica³⁸⁷. A direita acusava Cuba e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de terem usado homossexuais partidários para desencadear uma guerra médica³⁸⁸. Por outro lado, a esquerda acusava os cientistas estadunidenses de tentativa de “introduzir em cuba a febre suína, cujo processo patológico teria alguma similitude com a Aids”³⁸⁹.

Eram muitas as teorias que tratavam da origem da doença e dos sujeitos sobre os quais ela incidia. Ao encontrarem casos em homossexuais, os estudos, as pesquisas e os discursos se voltaram a eles³⁹⁰. Os termos extraoficiais que abrangiam a Aids já indicavam uma relação entre a doença e a homossexualidade: “GRID – Gay Related Imune Deficiency”³⁹¹, assim como “Kaposi dos gays” — apelidada posteriormente como “câncer gay”³⁹².

³⁸³ Perlongher, 1987, p. 40.

³⁸⁴ Perlongher, 1987, p. 40.

³⁸⁵ Perlongher, 1987, p. 43.

³⁸⁶ Perlongher, 1987, p. 40.

³⁸⁷ Perlongher, 1987, p. 47.

³⁸⁸ Perlongher, 1987, p. 47.

³⁸⁹ Perlongher, 1987, p. 48.

³⁹⁰ Perlongher, 1987, p. 51.

³⁹¹ Perlongher, 1987, p. 8.

³⁹² Perlongher, 1987, p. 25.

Quando a dermatologista brasileira Valéria Preto identificou dois casos de sarcoma de Kaposi em jovens-adultos de 30 e 32 anos em 1982 que haviam viajado para os Estados Unidos da América, um dos estereótipos estavam confirmados: a doença incidia em gays abastados. Contudo, segundo Nestor Perlongher, “foi com a morte do costureiro Markito que começou a espetacular ressonância da praga”, que teve sua aflição e sofrimento midiaticado, o que desencadeou “a primeira onda de pavor local”³⁹³.

Entretanto, Hebert Daniel e Richard Parker frisam que ainda na década de 1980 pesquisas buscaram identificar o perfil sociológico da epidemia e a origem social dos doentes no Brasil, fazendo com que logo de cara o mito social de que a Aids afetava as classes abastadas e homossexuais caísse por terra, indicando que a doença no Brasil afetava também os segmentos mais pobres, além de bissexuais, heterossexuais, hemofílicos, usuários de drogas e prostitutas³⁹⁴. Em comum ideia, Nestor Perlongher mostra que em 1986 cerca de 95% dos pacientes de Aids eram oriundos das classes populares³⁹⁵.

Se nos primeiros anos da epidemia a imagem de homossexuais de classe média e alta foi predominante na mídia, com a mudança do quadro epidemiológico mudaram-se os “personagens”, sem que se modificasse, contudo, o esquema de sujeitos ligados à marginalidade social e moral. Como apontado por Parker e Daniel, crianças em situação de rua, usuários de drogas, travestis, prostitutas, prisioneiros, “todos tomaram seu lugar ao lado dos homossexuais dentro das imagens conjuradas pela simples menção à AIDS e tornaram-se parte de uma visão, cada vez mais ampliada, não apenas de marginalidade como, por extensão, de perigo”³⁹⁶. A Aids, então, torna-se uma doença das classes mais vulneráveis³⁹⁷.

No Espírito Santo, os primeiros casos da doença foram identificados entre o final de 1984 e início de 1985. O *Jornal do Brasil* publicou em abril de 1985 a chamada “Ministro da Saúde decide abrir luta contra a Aids”, e em seu texto destaca que havia, no Espírito Santo, dois casos da doença identificados³⁹⁸. Um mês depois, o *Diário de Pernambuco*,

³⁹³ Perlongher, 1987, p. 50.

³⁹⁴ DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. p. 20.

³⁹⁵ Perlongher, 1987, p. 54.

³⁹⁶ Daniel, Parker, 2018, p. 19.

³⁹⁷ Daniel, Parker, 2018, p. 19.

³⁹⁸ Ministro da Saúde decide abrir luta contra a Aids. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 abr. 1985, p. 6.

em reportagem intitulada “Programa de Combate a Aids”, confirma que no Espírito Santo foram identificados 2 casos.

A reportagem do *Jornal do Brasil* destacava que no relatório divulgado pelo Ministério da Saúde em janeiro de 1985 constavam 192 casos confirmados de 240 casos suspeitos em 10 estados: São Paulo (157), Rio de Janeiro (17), Rio Grande do Sul (8), Minas Gerais (3), Espírito Santo (2), Santa Catarina (1), Paraná (1), Pernambuco (1), Bahia (1) e Goiás (1). Essa reportagem nos leva a acreditar que os primeiros casos identificados no Espírito Santo datam de 1984, crença essa que o *Diário de Pernambuco* sustenta em reportagem publicada em junho de 1985, que frisa que em 1984 confirmaram dois casos no estado³⁹⁹. Na data de publicação desse texto, o *Diário de Pernambuco* destaca duas mortes no Espírito Santo. Em março de 1986, o *Jornal do Brasil* sustenta que ambos os casos identificados no Espírito Santo foram a óbito⁴⁰⁰.

Em agosto de 1987, a Divisão de Segurança e Informação vinculada ao Ministério da Saúde produziu um informe intitulado “Situação atual da AIDS no Brasil” com três anexos — estes, por sua vez, faziam referência ao: número de casos de Aids; número de casos segundo fator de risco por região; número de casos, distribuição proporcional, e taxa de incidência por idade. Nesse relatório consta que até 31 de dezembro de 1986 foram dois os casos identificados no Espírito Santo, dentre: sudeste (824), norte (3), nordeste (71), sul (64), centro-oeste (20), totalizando 982 casos no Brasil⁴⁰¹.

A segunda planilha apontava que até o final de junho de 1987 os números de casos a nível nacional no quesito “fatores de risco” eram: homossexualismo (846), bissexualismo (383), usuários de drogas injetáveis (47), hemofilia (67), contato heterossexual (25), transfusão sanguínea (65), outro (9), risco não identificado (102) e desconhecido/em investigação (437). Até o mesmo período, no quesito idade, os números de casos se distribuíam: 00 a 09 anos (47), 10 a 19 anos (80), 20 a 29 anos (579), 30 a 39 anos (813), 40 a 49 anos (295), 50 a 59 (106) e 60 anos e mais (27)⁴⁰². Esses dados colocados no relatório ancoram a argumentação de que a política nacional contra a Aids não apenas

³⁹⁹ Quatro anos depois ainda uma moléstia desconhecida. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 09 jun. 1985, p. 8.

⁴⁰⁰ Quatro anos depois ainda uma moléstia desconhecida. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 09 jun. 1985, p. 8.

⁴⁰¹ Situação atual da Aids no Brasil. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Saúde. 11 fev. 1987. BR_DFANBSB_IS_INF_ECE_0017. 229f.

⁴⁰² Situação atual da Aids no Brasil. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Saúde. 11 fev. 1987. BR_DFANBSB_IS_INF_ECE_0017. 229f.

utilizou os modelos epidemiológicos dos países do norte global, como se apegou às narrativas de grupos de incidência.

Nas páginas do jornal *A Gazeta*, entre fevereiro de 1987 e fevereiro de 1988, ficou registrada parte da atuação do grupo através de artigos publicados por membros da entidade e reportagens que o referenciam em manchetes tratando da Aids e da violência contra homossexuais e travestis no Espírito Santo. Essas reportagens e artigos publicados no *A Gazeta*, junto às entrevistas com Claudino de Jesus, Edson Ferreira e Tina Moreira que frequentaram algumas das reuniões, debates e palestras promovidas pela entidade, nos permitem não só provocar o que já foi escrito sobre ela, mas também trazer novas questões a seu respeito.

Os caminhos para pensarmos essa pergunta passa por entendermos a campanha contra a Aids que se iniciava no estado, que não apenas derivava de uma campanha nacional atravessada pelos discursos produzidos na Europa e nos Estados Unidos, mas também introduzia localmente uma nova conjuntura: órgãos e representantes do Estado do Espírito Santo na mídia propagando discursos religiosos, moralistas e ideológicos sobre a homossexualidade, não mais tratando desta questão de forma “velada”.

No caso do Espírito Santo, tanto os dados dos jornais quanto os relatórios evidenciam a fragilidade na política nacional de testagem e sua falta de distribuição proporcional. O estado relatou 2 casos por mais de dois anos até que, enfim, a campanha fosse iniciada. Vale destacar que, ainda em fevereiro, o estado não contava com kits para testagem, como denunciou o jornal *A Gazeta* um dia após a reunião de início da campanha: “Campanha Estadual começa sem kits na Sesa”⁴⁰³.

Alguns dias após a denúncia da falta de kits para testagem da população, o jornal *A Gazeta* destacou que a “Campanha contra a Aids não tem material de divulgação”⁴⁰⁴. Essa campanha teve início em 16 de fevereiro de 1987, às 20 horas de uma segunda-feira, no Centro Cultural Carmélia Maria de Souza. A reunião que iniciou a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo foi organizada pela Igreja da Bênção com apoio da Secretaria de Saúde e a TV Manchete⁴⁰⁵. Os ocorridos do evento foram registrados por

⁴⁰³ Campanha contra a Aids começa sem kits na Sesa. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 7.

⁴⁰⁴ Campanha contra a Aids não tem material de divulgação, **A Gazeta**, Vitória, 26 fev. 1987, p. 7.

⁴⁰⁵ A TV Vitória, canal 6 VHF, era a afiliada local da Rede Manchete entre o período de 1984-1998.

Amylton de Almeida em uma reportagem-denúncia publicada no dia seguinte no jornal *A Gazeta*, com o título: “Os novos judeus e a Aids”⁴⁰⁶.

3.2 “Os novos judeus e a Aids” – *Amylton de Almeida*

Os convidados, segundo Amylton de Almeida, eram em sua maioria membros e fiéis da igreja. O evento contou com uma palestra da sanitarista Iandecy Zanol e a exibição de uma reportagem em vídeo. Antes da sanitarista falar houve o discurso de um pastor que afirmou que a reunião era para esclarecer que a Aids é transmissível. O público, segundo o crítico, era “uma plateia [...] que acredita[va] que uma ferida numa pele de bebê é[era] a comprovação da doença”⁴⁰⁷. Amylton de Almeida afirmou que esperava que o evento trouxesse informações científicas, “já que o pânico está[va] estabelecido, via meios de comunicação”, como a revista *Veja* e o *Jornal do Brasil*. Para Amylton de Almeida, tanto a revista quanto o jornal — dois meios de comunicação de circulação nacional — promoveram uma perseguição odiosa “aos chamados ‘grupos de risco’: os homossexuais”⁴⁰⁸.

Amylton de Almeida afirma que a sanitarista colocou homossexuais e prostitutas como “dignos de pena” por serem “suspeitos” de disseminarem a doença⁴⁰⁹. Para ele, Iandecy Zanol preferiu “emitir conceitos moralistas e religiosos sobre [...] os **anormais**, porque sua atividade sexual é contra a **natureza**, colocam em risco toda a população”. Amylton de Almeida classificou esse discurso como uma nova cruzada que causa intolerância e a formação de *ghettos*⁴¹⁰.

Após a fala da sanitarista, o poeta Waldo Motta perguntou se ela como cientista, “fazia[faria] um discurso político-ideológico, com conteúdo moralista ou se ela emiti[ri]a conceitos ‘científicos’ sobre a Aids [?]”⁴¹¹. Amylton de Almeida argumentou no artigo que a “Aids é[era] um triunfo da contra-revolução sexual, típica dos anos 80, em contraste com a esgotada revolução sexual que caracterizou os anos 60”⁴¹². Assim, o crítico segue seu texto argumentando a respeito do processo de construção da Aids enquanto doença,

⁴⁰⁶ Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴⁰⁷ Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴⁰⁸ Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴⁰⁹ Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁰ Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹¹ Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹² Os novos judeus e a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

e destaca: “a Aids existe inventada pelos sentimentos de culpa das massas, em face a liberação sexual deflagrada nos anos 60”⁴¹³.

Em outro tópico dentro do editorial, de título “Médica insiste que grupo de risco existe”, Amylton de Almeida afirmou que a Secretaria de Saúde “apenas repassa[va] as informações dos boletins do Ministério da Saúde”⁴¹⁴. Segundo ele, foi com base nos boletins do Ministério da Saúde que a sanitarista Iandecy Zanol se defendia das acusações de estar “transmitindo uma ideologia que, além de discriminar, segrega[va] os homossexuais como anormais e doentes”⁴¹⁵.

Iandecy Zanol, em entrevista para Linda Kogure, afirmou que não existia moralismo na campanha e que não poderia fazer nada “se há, se está comprovado que existe um grupo de risco e que os homossexuais e os homens bissexuais são os maiores transmissores da Aids”⁴¹⁶. Ainda em entrevista para repórter Linda Kogure, a sanitarista Iandecy Zanol afirmou que “eles (os homossexuais) não gostam de ser chamados de grupo de risco. Por isso criaram confusão lá no Carmélia e você está aqui agora”⁴¹⁷.

Questionada por Linda Kogure sobre os meios de prevenção, a sanitarista afirmou: “evitando a promiscuidade”, e complementou interrogando a repórter se ela sabia “que, em São Paulo, há homossexuais que mantém 30 relações por dia numa mesma sala? Esse pessoal se expõe e transmite a Aids”⁴¹⁸. Iandecy Zanol afirmava que havia duas direções na campanha: “uma específica para os homossexuais e outra para a população em geral, ‘justamente para que a sociedade não discrimine’”⁴¹⁹.

A primeira reunião da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo “deu o tom” de como seria a abordagem da relação entre homossexualidade e Aids na campanha e do que era possível se esperar nos meses subsequentes. Amylton de Almeida, logo de início, denunciou os agentes da campanha e as vozes que seriam ouvidas: Igreja da Benção (religião/cristianismo), TV Manchete (mídia) e a Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo (ciência/medicina e Estado).

⁴¹³ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁴ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁵ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁶ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁷ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁸ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴¹⁹ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

Com cobertura da TV Manchete, através da sua filial local TV Vitória, a mídia não apenas cobriu o discurso de pastores como também dos representantes do Governo Estadual. Amylton de Almeida também denunciou no artigo que a mídia, citando os exemplos da revista *Veja* e do *Jornal do Brasil*, tinha papel fundamental na disseminação do ódio contra os chamados “grupos de risco”, e do pânico generalizado sobre a doença. Não fica evidente se o discurso de cura da homossexualidade chegou a ser proferido pelos pastores na reunião, discurso este que estava presente nas igrejas, como evidencia a reportagem de Sylvio Costa que foi publicada no sétimo dia após a primeira reunião da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo.

Por outro lado, Amylton de Almeida denunciou os discursos “científicos” proferidos pela sanitarista representante da Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo sobre homossexualidade e Aids: “os **anormais** [homossexuais], porque sua atividade sexual é contra a **natureza**”; “está comprovado que existe um grupo de risco e que os homossexuais e os homens bissexuais são os maiores transmissores da Aids”; “em São Paulo, há homossexuais que mantêm 30 relações por dia numa mesma sala? Esse pessoal se expõe e transmite a Aids”; “eles (os homossexuais) não gostam de ser chamados de grupo de risco”; “evitando a promiscuidade”; “[campanha:] uma específica para os homossexuais e outra para a população em geral, ‘justamente para que a sociedade não discrimine’”⁴²⁰.

Essa sequência de falas da sanitarista que foi reproduzida no artigo-denúncia de Amylton de Almeida era legalizada por duas frentes: a medicina e o Estado. Como representante do Estado, o discurso da sanitarista que foi coberto pela TV Vitória criava na cabeça do cidadão capixaba um esquema representacional, uma imagem de que a Aids era uma doença de homossexuais e bissexuais, deixando implícito que para evitar a doença era preciso manter relações sexuais “saudáveis”: heterossexuais e monogâmicas. Esse tipo de discurso não se restringia à manutenção da cisheteronormatividade, mas também a todo um esquema de produção de subjetividades que cruzava categorias de raça, classe, gênero, sexualidade e nacionalidade.

Os mitos de origem da doença, de sua transmissão e sua incidência foram utilizados para a criação da imagem de que a Aids era uma “doença do outro”. Teorias de que a Aids teria origem na África, que os negros eram mais sensíveis, que teria sido trazida por

⁴²⁰ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

soldados cubanos, que Cuba e URSS teriam usado homossexuais militantes para o início de uma guerra médica etc. contribuíram para todo o diagrama que, a partir da interpretação dos dados epidemiológicos, materializou a ideia de “doença do outro” por meio das categorias opostas “grupo de risco” e “população em geral”⁴²¹. Richard Parker e Hebert Daniel, ao comentarem o caso estadunidense, destacam que “enquanto a AIDS provocava desastres em ‘grupos de risco’, parecia que isto não era motivo para sensibilizar, por exemplo, o governo Reagan. Para que ações fossem implementadas era preciso que a AIDS ameaçasse a ‘população em geral’”⁴²².

O Brasil se espelhou no modelo epidemiológico estadunidense e europeu e por isso “anunciou-se uma epidemia que ‘parecia’ com a norte-americana, esperou-se uma epidemia que seguisse o padrão ocidental, investigou-se, nos consultórios e nas tabelas da epidemiologia local, o modelo preconcebido”, como dito por Daniel e Parker⁴²³. As categorias “grupos de risco” e “população em geral” já haviam sido concebidas pelos países do norte global, que no entendimento de Hebert Daniel e Richard Parker, as versões sobre a Aids chegaram ao Brasil antes dos fatos, que eram “interpretados à luz de uma versão que consegue ser mais real do que a realidade”⁴²⁴.

Quando a sanitarista da SESA anunciou que a campanha teria duas frentes, uma para os homossexuais — possivelmente englobando outros “grupos de risco” — e outra para a “população em geral”, ela seguia o roteiro reproduzido pelo Ministério da Saúde, roteiro este que já se mostrava falho e problemático na experiência dos países do norte global do ocidente.

A crítica de Amylton de Almeida e Waldo Motta na primeira reunião da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo era de que esse modelo de “grupos de risco” era falho e servia muito mais às ideologias fundamentalistas e conservadoras do que como uma resposta eficaz de combate à epidemia. Os dados epidemiológicos, se lidos fora do filtro “grupo de risco”, já mostravam que a Aids atingia mulheres, crianças, adolescentes, idosos, heterossexuais — não se restringindo, portanto, a determinados grupos. Essa categoria de “grupo de risco” atuava como uma força reguladora do sistema de

⁴²¹ DANIEL, Hebert; PARKER, Richard. Aids a terceira epidemia – ensaios e tentativas. Parker e Daniel. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. p. 40

⁴²² Daniel, Parker, 2018, p. 40.

⁴²³ Daniel, Parker, 2018, p. 38.

⁴²⁴ Daniel, Parker, 2018, p. 38.

categorização dos sujeitos e de manutenção do *status quo* a serviço de uma ordem que buscava uma nação “saudável”: cristã, monogâmica, heterossexual, reprodutiva, branca, patriarcal.

Quando Amylton de Almeida publicou o artigo-denúncia no *A Gazeta* um dia após a reunião da Sesa, que contou com a presença de representantes e fiéis de igrejas evangélicas e cobertura da TV Manchete, o título foi: *Os novos judeus e a Aids*. Esse título e o texto derivam de uma longa linha de raciocínio que Amylton de Almeida vinha construindo nos últimos tempos, que prontamente chamou os “grupos de risco” de “novos judeus”, porque o discurso e a perseguição contra estes poderiam/iriam resultar em discriminação, discursos de ódio e violência.

Como vimos no capítulo anterior, Amylton de Almeida, desde a segunda metade da década de 1970, começara a escrever publicamente sobre a homossexualidade em regimes autoritários. Em 1980, publicou no *A Gazeta* o artigo “Reagan, o macartismo e o cinema nacional”, em que tecia críticas às políticas conservadoras, fundamentalistas e anticomunistas estadunidenses na década de 1950. No texto, o crítico fez uma associação com o Brasil da ditadura militar, que naquele momento tinha o senador capixaba Dirceu Cardoso e o deputado federal capixaba Antônio José Miguel Feu Rosa atuando na luta contra as pornochanchadas, que para ele eram tão “moralistas e reacionários quanto os parlamentares”⁴²⁵.

Um ano depois, na palestra proferida no evento *Literatura e Marginalidade*, Amylton de Almeida voltou a falar da repressão aos homossexuais pelo regime nazista e publicou nos anais do evento o texto “O dia do enterro de Judy Galard”, que tematizou o emergente movimento homossexual estadunidense comparando a *Mattachine Society* com a *Gay Liberation Front*, e explorou o conceito “homofascistas” ao falar do nazista Ernst Rohm e o senador estadunidense Joseph McCarthy. Quatro anos depois, em 1985, Amylton de Almeida publicou o texto “A opressão que ousa dizer seu nome” e produziu a peça “A noite das longas facas, segunda parte”. A primeira abordando a homossexualidade e a repressão à homossexualidade no mundo, e a segunda tematizando um cenário da repressão aos homossexuais, às mulheres e às travestis em um regime autoritário distópico.

⁴²⁵ Reagan, o macartismo e o cinema nacional. *A Gazeta*, Vitória, 07 nov. 1980, Caderno Dois.

Amylton de Almeida concluiu o artigo-denúncia com a seguinte comparação:

O discurso de Iandecy Zanol segue um preceito totalitarista: a incapacidade do homem para controlar sua vida incentiva o Estado a controlá-lo. Em época de depressão econômica, como agora, escolhe-se um grupo determinado como bode expiatório. Na década de 30, na Alemanha, foram os judeus que achavam que eram culpados porque estavam sendo castigados⁴²⁶.

3.3 “Homossexuais denunciam o aumento do preconceito” – *Sylvio Costa*

A reportagem de Sylvio Costa intitulada “Homossexuais denunciam o aumento do preconceito” foi publicada em 22 de fevereiro no jornal *A Gazeta*, seis dias após a reportagem-denúncia de Amylton de Almeida⁴²⁷. O texto introdutório afirma: “a divulgação maciça da epidemia da Aids está levando certos setores da sociedade a formarem uma verdadeira cruzada contra o homossexualismo e os homossexuais”⁴²⁸. O cabelereiro Ademir Alves Torres relatou que os homossexuais se sentiam “como judeus na época da Alemanha Nazista e temem mais do que nunca agressões, inclusive físicas”. Sylvio Costa afirma que os homossexuais acusavam “as igrejas, o Estado e mesmo os meios de comunicação de reforçarem o estigma”⁴²⁹.

Na reportagem, o pastor José Goudard da Silva, da Igreja da Bênção, afirmava: “se o governo der lugar aos evangélicos e a gente tralhar junto com a medicina, isso acaba”⁴³⁰. O pastor foi quem solicitou à Secretaria de Estado da Saúde uma palestra para seus fiéis, que ocorreu no Centro Cultural Carmélia Maria de Souza. Segundo Sylvio Costa, os homossexuais acusaram o Estado de “estimular a discriminação contra o homossexualismo”⁴³¹.

O pastor José Goudart afirmou em sua igreja no bairro Jardim América, em Cariacica, que queria mostrar “o que é a Aids e que ela tem cura pela religião”, pois “ela atinge os homossexuais, o homem que usa várias mulheres, a prostituta. Gente que não tem uma formação social religiosa. E para isso existe a fé”⁴³². Como método, o pastor da Igreja da

⁴²⁶ Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

⁴²⁷ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴²⁸ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴²⁹ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁰ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³¹ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³² Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

Benção chama os homossexuais para conversarem com ele, pois “são pessoas que precisam de ajuda”⁴³³. Por fim, citou um caso que recebeu intervenção da igreja:

Como já fizemos na nossa igreja, no Rio. Tinha um rapaz que era travesti que me procurou chorando e foi curado. Eu conversei muito com ele. Ele se converteu a Deus. Hoje, é casado, pai de família e evangélico. **É um homem normal**⁴³⁴.

Segundo Sylvio Costa, em outras igrejas havia discursos ainda mais “horrorizantes”, como do fiel Antônio Espanhol, pintor, que frequentava a Igreja Pentecostal Deus é Amor no bairro Caratoíra, em Vitória. Segundo Antônio Espanhol “o homossexual é o satanás, o espírito maligno tomando conta da pessoa”⁴³⁵. O pastor da igreja Deus é Amor, Odair Gomes, era ainda mais direto ao afirmar que “a Aids é uma coisa que está destruindo vidas e que faz a gente comparar o mundo de hoje a Sodoma e Gomorra” e complementa que “o que a gente prega é que o homossexualismo é uma coisa errada, vergonhosa, contrária à vontade de Deus e um pecado imperdoável”⁴³⁶.

Em contrapartida, Sylvio Costa questiona ao homossexual Fabrício Duarte, universitário, que volta a defender a tese da moralização e da Alemanha nazista. Fabrício Duarte afirma: “Acho que é um meio que estão usando para moralizar o mundo. Está acontecendo agora mesmo como acontecia na Alemanha com os judeus. As pessoas olham a gente de banda. Você ouve na rua várias piadinhas. É a maior paranoia”⁴³⁷. Fabrício Duarte também relembra o fechamento da sauna Fleurs no Centro de Vitória. Relata que teve de mudar sua vida sexual por medo de contrair a doença ou de ser agredido.

Ademir Alves Torres, em tom irônico, complementou dizendo que o “vírus é ótimo, hein? Ele escolhe as vítimas... Está me cheirando meio estranho isso. [...] O que sei é que essas religiões estão adorando porque morrem de medo do sexo, que é libertação. Para quem não gostava, essa história de Aids é um prato feito”⁴³⁸. Ademir Torres considerava que “os órgãos de saúde e as igrejas são os principais responsáveis pela cruzada contra os gays”; de outro ângulo, para Fabrício Duarte “os grandes inimigos são o sensacionalismo dos meios de comunicação e o discurso preconceituoso dos religiosos”⁴³⁹. O psicanalista Ítalo Francisco Campos também vê uma cruzada contra homossexuais, mas não concorda

⁴³³ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁴ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁵ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁶ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁷ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁸ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴³⁹ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

que seja “obra dos órgãos de saúde” e sim de “certos grupos religiosos e de setores conservadores e retrógrados”⁴⁴⁰.

Em um balão inserido na reportagem, intitulado “Síndrome ainda não é conhecida”, Sylvio Costa explicita algumas informações sobre a Aids, e no último parágrafo descreve as formas de prevenção indicadas pelo Ministério da Saúde: “reduzir o número de parceiros sexuais, evitar a prática sexual com desconhecidos, usar preservativos e usar seringas e agulhas descartáveis”⁴⁴¹. Em outro balão, intitulado “Vírus já atinge 600 no Estado”, Sylvio Costa destaca que oficialmente até fevereiro de 1987 existiam 21 casos suspeito de Aids no Espírito Santo, sendo 4 confirmados e com óbitos. Dos casos suspeitos, 10 de hemofílicos, 5 de homossexuais, 3 de bissexuais e 3 de fator de risco não identificado⁴⁴².

O cálculo de 600 pessoas infectadas pelo vírus é baseado em uma fórmula da OMS que afirmava que para cada caso de Aids existiam 30 pessoas infectadas. Por esse motivo, Iandecy Zanol suspeitava da existência de cerca de 600 casos no Espírito Santo. Sylvio Costa chama atenção para o fato de a Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo contar, na época, com 12 profissionais trabalhando no controle da epidemia, apontando que “desde as primeiras notícias divulgadas sobre o assunto, imperou a desinformação”⁴⁴³. Além disso, ele concordava com a tese de que a Aids era usada “como argumento para a repressão contra as chamadas minorias sexuais”⁴⁴⁴.

O cabelereiro Ademir Alves Torres e o universitário Fabrício Duarte aderiram a tese do artigo-denúncia de Amylton de Almeida. Para eles, a igreja, o Estado e a mídia desempenhavam um papel fundamental no aumento do preconceito que acontecia contra homossexuais e travestis. Para Fabrício Duarte, especialmente as igrejas e a mídia propagavam esses discursos, enquanto para Ademir Alves Torres os principais responsáveis eram as igrejas e o Estado. De outro ângulo, o psicanalista concorda com a tese de que havia uma perseguição contra homossexuais, mas discorda que os órgãos de saúde tinham esse tipo de atitude, colocando a culpa nas igrejas e setores conservadores. Em tese, tanto o cabelereiro, o universitário e o psicanalista concordavam que a igreja era

⁴⁴⁰ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴⁴¹ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴⁴² Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴⁴³ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴⁴⁴ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

um dos vetores desses discursos que buscavam combater a Aids com o enfrentamento aos homossexuais.

Com exceção dos poucos representantes progressistas do cristianismo no Brasil, o discurso cristão sobre a homossexualidade consumia da imagem antiga do sodomita que, segundo Michel Foucault, enquanto “o sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”⁴⁴⁵. Na prática, apesar do novo nome (homossexual), os discursos vigentes no dia a dia ainda deixavam em aberto a homossexualidade como uma “prática optativa”, que pode ser curada pela religião, que o sujeito pode abdicar dos seus “desejos pecaminosos” e viver uma vida “normal”, isto é: heterossexual, monogâmica e reprodutiva.

Essas ideias estão presentes no discurso do pastor José Goudart da Igreja da Benção e que afirmava que a Aids poderia ser curada pela religião, que os homossexuais precisavam de ajuda — tendo dito, inclusive, que a igreja já “ajudou” uma travesti, que depois de ter sido “convertida” tornou-se “um homem normal”⁴⁴⁶. Eles acreditavam que era uma simples fórmula matemática: se a homossexualidade tem cura pela religião + a Aids é uma doença que atinge homossexuais = podemos acabar com a Aids curando a homossexualidade. Esse discurso, entretanto, não interessava somente à igreja, mas também à elite brasileira.

No campo dos imaginários, o discurso do pastor José Gourdart reincidia em algo mais amplo, porém sutil: o ideal de nação que Richard Miskolci chamou de “desejo da nação”, isto é, “um projeto político autoritário conduzido por homens de elite visando criar uma população futura, branca e ‘superior’ à da época [transição entre século XIX e XX], por meio de um ideal que hoje caracterizaríamos como reprodutivo, branco e heterossexual”⁴⁴⁷. Miskolci entende que esse “desejo da nação” integrava convicções de gênero, raça, sexualidade e classe para tornar o Brasil uma “nação civilizada”.

No discurso do pastor José Goudart estava implícito o “desejo [de sexualidade] da nação: desejo de uma nação heterossexual (a Aids “atinge os homossexuais”); essa nação heterossexual deveria ser monogâmica (a Aids atinge “o homem que usa várias

⁴⁴⁵ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 43.

⁴⁴⁶ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

⁴⁴⁷ MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume, 2013. p. 18.

mulheres”); e, a nação heterossexual monogâmica deveria ser reprodutiva (a Aids atinge “a prostituta”). Assim, a Aids era uma doença que atingia parcela dos sujeitos que no campo da sexualidade, dos desejos e dos afetos não compunham o “desejo da nação”, ou seja, eles não eram sujeitos heterossexuais, cisgêneros, monogâmicos e reprodutivos que formam uma família nuclear.

O discurso religioso a respeito da relação que foi estabelecida entre a homossexualidade e a Aids, além de produzir uma ideia de “combate”, fomentou também uma concepção de “punição”. Enquanto o fiel da Igreja Pentecostal Deus é Amor afirmava que o homossexual estava possuído pelo “espírito maligno” (satanás), o pastor Idair Gomes, da mesma igreja, dizia que as mortes por Aids o lembravam das escrituras sobre Sodoma e Gomorra — um texto bíblico que trata da punição divina contra as duas cidades de mesmo nome por causa dos pecados sexuais de seus habitantes. Ao longo dos séculos, a Igreja associou Sodoma e Gomorra com a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, produzindo o termo inglês “sodomita”. O pastor Odair Gomes, implicitamente, acreditava que a Aids era uma punição divina não apenas contra os homossexuais, mas também contra aqueles que lutavam “pela liberalização sexual” que ocorria desde a década de 1960.

Enquanto o pastor Odair Gomes acreditava que o “homossexualismo é um pecado imperdoável”; por outro lado, o pastor José Goudart pensava que a “formação social religiosa” (abandono das práticas homossexuais) poderia ajudar os homossexuais e, conseqüentemente, no combate à Aids⁴⁴⁸. Mesmo com a diferença de discursos, os dois pastores concordavam que a prática sexual entre homens ou entre mulheres deveria ser combatida através da religião cristã. Dessa forma, os discursos de “combate” e “punição” desencadearam ondas de violências, olhares e fobias contra homossexuais e travestis.

⁴⁴⁸ Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 08.

3.4 “Triângulo Rosa’: defenderá direitos” – *A Gazeta*

Vinte e quatro dias após a reunião que deu início à Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo, em 12 de março de 1987, o jornal *A Gazeta* publicou na capa a chamada “‘Triângulo Rosa’ defenderá direitos”⁴⁴⁹. O texto destaca que a entidade seria criada naquele dia, “durante uma reunião organizada pelo jornalista Amylton de Almeida e o poeta Waldo Motta, para a qual estão [convidando] artistas, jornalistas, e militantes políticos e sindicais”⁴⁵⁰. Segundo a chamada, o objetivo da entidade é a “defesa dos direitos civis e responder ao ‘discurso ideológico’ contido na atual campanha governamental contra a Aids”⁴⁵¹. A chamada foi ilustrada com a imagem a seguir (**Figura 4**)⁴⁵²:

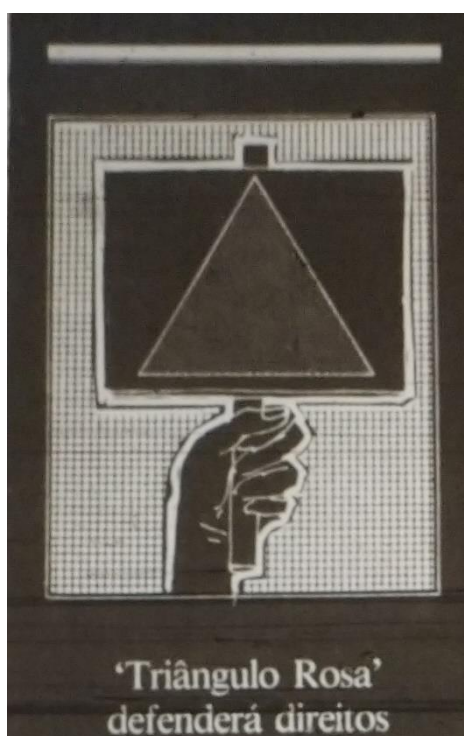


Figura 4: Logotipo do grupo Triângulo Rosa pela Dignidade Humana publicada na capa do jornal *A Gazeta* na edição de 12 de março 1987.

O texto completo da reportagem foi publicado no Caderno Dois, no tópico de Saúde assinado por Tinoco dos Anjos, intitulado “Uma reunião de descontentes, hoje”⁴⁵³.

⁴⁴⁹ Triângulo Rosa’ defenderá direitos. *A Gazeta*, Vitória, 12 mar. 1987, capa.

⁴⁵⁰ Triângulo Rosa’ defenderá direitos. *A Gazeta*, Vitória, 12 mar. 1987, capa.

⁴⁵¹ Triângulo Rosa’ defenderá direitos. *A Gazeta*, Vitória, 12 mar. 1987, capa.

⁴⁵² Triângulo Rosa’ defenderá direitos. *A Gazeta*, Vitória, 12 mar. 1987, capa.

⁴⁵³ Uma reunião de descontentes, hoje. *A Gazeta*, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

Tinoco dos Anjos iniciou o texto citando o apelo escrito por Amylton de Almeida e Waldo Motta em um convite distribuído:

Queremos sua ajuda, seus conhecimentos e subsídios, para tomar uma atitude de protesto formal contra a campanha político-religiosa que vem sendo desenvolvida contra a população do país, seja através dos meios de comunicação, das igrejas ou dos órgãos oficiais de saúde⁴⁵⁴.

O convite foi distribuído a artistas, jornalistas, militantes políticos e sindicais para comparecer à reunião que aconteceria naquele dia a partir das 19 horas no sexto andar do edifício Pallas Center. Tinoco dos Anjos afirma que a intenção do jornalista e do poeta era política, e que com a ajuda do Centro de Integração da Mulher (CIM), pretendiam criar “uma organização dos homossexuais capixabas, uma espécie de seção local do grupo carioca Triângulo Rosa”, mas que seria acrescentado “a frase ‘pela dignidade humana’”⁴⁵⁵.

A proposta era “evitar o aumento do preconceito e da estigmatização”, e para Amylton de Almeida e Waldo Motta, uma das formas de atuação passava por entender a sua condição de cidadãos comuns, pois “como cidadãos é que entendemos que a criação da organização deve contar com lideranças oposicionistas da sociedade, para impedir o avanço das forças reacionárias da extrema-direita”⁴⁵⁶.

Amylton de Almeida e Waldo Motta, junto a carta-convite, também enviaram dois manifestos a partir dos quais expuseram seus posicionamentos sobre a Aids. Tinoco dos Anjos destacou que o motivo da criação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana foi para enfrentar a paranoia “provocada pelo surgimento da doença e o comportamento das autoridades – no caso do Espírito Santo, a Secretaria de Saúde”⁴⁵⁷.

O estopim foi a palestra realizada em fevereiro por “Yandecy Zanol, médica sanitária da Secretaria [de Saúde], convidada por uma dessas igrejas reacionárias que estão surgindo aos montes nos últimos anos”⁴⁵⁸. Tinoco dos Anjos afirma que tanto Amylton de Almeida quanto Waldo Motta ficaram revoltados, pois a médica proferia um discurso

⁴⁵⁴ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁵⁵ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁵⁶ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁵⁷ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁵⁸ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

ideológico e não científico. Desde esse dia, “passaram a denunciar amplamente pela imprensa uma atitude de perseguição contra os homossexuais”⁴⁵⁹.

Segundo Tinoco dos Anjos, no primeiro manifesto “Amylton e Valdo pregam o triunfo do prazer sobre a repressão e o medo, defendendo que toda pessoa tem o direito de utilizar seu próprio corpo como bem desejar”⁴⁶⁰. Já no segundo manifesto, intitulado “14 Razões Para Você não Morrer de AIDS”, direcionado especificamente aos homossexuais, o texto defende “a tese de que a doença ‘é a resposta capitalista ao prazer’ e que ‘só tem AIDS quem quer sofrer e aceitar a culpa’”⁴⁶¹.

Tinoco dos Anjos conduziu uma entrevista com Amylton de Almeida e Waldo Motta. A primeira pergunta girou em torno do jornalista e do poeta terem se assumido homossexuais. Amylton de Almeida começou respondendo que acredita que só existem dois sexos, “homem” e “mulher”, destes, existem “pessoas que transam com homem, mulher, vice-versa, bissexuais ou não, isso esporadicamente, ou por uma opção de vida, problemas pessoais ou por uma série de coisas da própria estrutura da sociedade”⁴⁶².

Para Amylton de Almeida, a criação do grupo Triângulo Rosa pela Dignidade Humana se deu porque na reunião provida pela Igreja da Benção e a Secretaria de Saúde, pessoas enunciavam “os homossexuais são anormais”, “as lésbicas transmitem AIDS”, “as prostitutas são anormais, a Bíblia já as havia condenado” e completa que esse é um “discurso totalmente ideológico, político, fascista e religioso”⁴⁶³. Após esse discurso, segundo Amylton de Almeida, ele e Waldo Motta protestaram cobrando dados científicos e foram vaiados e quase agredidos.

Waldo Motta completou dizendo que acreditava, assim como Amylton de Almeida, que “muitos antes de significar assumir a homossexualidade [...] significa assumir uma atividade sexual específica, ou seja, a atividade homossexual, [pois] [...] não existe uma psicologia específica, própria do homossexual”⁴⁶⁴. Waldo Motta também acrescentou que um homem transar com outro homem não o impede de transar com uma mulher, pois “culturalmente, a sociedade manipula para que os indivíduos neguem a sua própria

⁴⁵⁹ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶⁰ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶¹ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶² Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶³ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶⁴ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

identidade, ela os obriga a criar papéis sexuais específicos, negando-lhes a própria identidade de ser humano”⁴⁶⁵.

Tinoco dos Anjos questionou como o Triângulo Rosa poderia se consolidar no Espírito Santo com poucas pessoas com coragem de assumir a homossexualidade. Para Amylton de Almeida:

Esse medo é basicamente uma questão cultural. A própria estrutura do país concorre para que as pessoas sejam marginalizadas. Homossexuais, como negro, pobre, feministas, são considerados cidadãos de segunda classe. Exceto aqueles que, eventualmente, se distinguem pelos meios mais tolerantes e em alguma atividade que seja útil à sociedade. Então, eles são tolerados e respeitados pela sociedade e por sua inteligência e atividade. E são essas exceções que, claro, tem que brigar pelas outras pessoas que não têm a chance de se afirmar⁴⁶⁶.

O crítico, ainda, acreditava que o medo, o pânico e o terror causados por esses discursos poderiam gerar uma boa adesão ao grupo, que deveria ser aberto. Tinoco dos Anjos engatou uma pergunta o questionando a respeito do sigilo da identidade dos participantes do Triângulo Rosa, e Amylton de Almeida respondeu que se a pessoa assim preferisse, ela poderia sim se manter anônima. De forma provocativa, o entrevistador retrucou se dessa maneira não estariam contribuindo para manter a discriminação, no que Amylton de Almeida responde: “Não. Estamos fazendo uma campanha justamente para as pessoas não cederem à discriminação, se identificarem e lutarem por elas mesmas” e complementa que “se elas, por qualquer problema que seja, não quiserem se identificar, vamos respeitar isso”⁴⁶⁷.

Waldo Motta acrescentou que “muito antes de o Triângulo Rosa ser um grupo de homossexuais, será um grupo de pessoas lúcidas que está brigando pela dignidade humana” e complementou que a entidade “não vai ser[seria] um grupo de bichas, um clube, uma igreja fechada onde só entra[ria]m homossexuais”⁴⁶⁸. Amylton de Almeida destacou: “o nosso estatuto diz claramente: defesa dos homossexuais, por causa dos preconceitos em vigor, dos negros, dos índios, dos velhos, dos aleijados e qualquer outra minoria que seja perseguida, como aquelas que foram perseguidas pelo nazismo”⁴⁶⁹.

⁴⁶⁵ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶⁶ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶⁷ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶⁸ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁶⁹ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

Tinoco dos Anjos questionou como estava implementado o Triângulo Rosa a nível nacional, e Amylton de Almeida respondeu que, até aquele momento, era possível encontrar o grupo no Rio de Janeiro, e em outros estados como São Paulo, com o Somos, e Bahia, com o Grupo Gay da Bahia. O crítico afirmou que esses grupos “passam o tempo todo brigando pela divulgação nos meios de comunicação, protestando inclusive contra o preconceito na divulgação de notícias sem questionamento por parte dos jornalistas, que não tem embasamento teórico”⁴⁷⁰. Segundo Amylton de Almeida, o Triângulo Rosa do Rio de Janeiro se ofereceu para fundar no Espírito Santo uma subseção regional, com a proposta de brigar em termos de identidade civil. Para ele, a grande preocupação do Triângulo Rosa do Rio de Janeiro era enviar cartas aos constituintes com a proposta de incluir na constituição a perseguição por orientação sexual⁴⁷¹.

No dia de publicação da reportagem aconteceria a reunião de fundação do grupo, e Tinoco dos Anjos perguntou qual seria o objetivo da reunião. Waldo Motta respondeu que seria uma reunião aberta e não exclusivamente para homossexuais, mas sim para pessoas interessadas em combater o discurso fascista que o Estado, as igrejas e as instituições preferiam em relação à Aids. Assim, o poeta frisa que por não terem fórmulas prontas, apresentariam os problemas às pessoas, ouviriam suas contribuições e daí tentariam propor uma forma de atuação⁴⁷².

Na última pergunta, Tinoco dos Anjos indagou Amylton de Almeida e Waldo Motta que mesmo nos setores progressistas, na esquerda, havia um preconceito em relação aos homossexuais. Amylton de Almeida iniciou respondendo que existe “uma crise humanista no mundo, como reflexo do avanço e da desagregação do capitalismo. A esquerda, é claro, não poderia ficar a parte”⁴⁷³. O crítico, dessa maneira, salienta que havia na esquerda brasileira um discurso velho e que poucas pessoas mais autônomas procuravam avançar em busca do progresso.

Para ele, a “questão da AIDS passa pela reforma agrária, Plano Cruzado, pelo sistema de saúde e uma série de coisas”, completando que tudo deveria levar à redemocratização do país⁴⁷⁴. Amylton de Almeida acreditava que toda a população estava ameaçada “com essa

⁴⁷⁰ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁷¹ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁷² Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁷³ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁷⁴ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

ideologia que está por trás da AIDS e não um grupo específico de homossexuais”, ponderando que era óbvio que os homossexuais eram diretamente perseguidos, mas nessa ideologia a história mostrava que o poder autoritário violentaria outras oposições, como feministas, prostitutas, negros, comunistas, entre outros⁴⁷⁵.

O Triângulo Rosa pela Dignidade Humana nasceu como uma resposta à Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo, que através de uma parceria entre igrejas evangélicas, mídia local e o Estado, assumiu um discurso ideológico que desencadeou o aumento do preconceito, violência e segregação contra homossexuais e travestis. Apesar de Tinoco dos Anjos apontar que o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana seria uma “seção local” do Triângulo Rosa do Rio de Janeiro, Amylton de Almeida afirmou que houve uma proposta do Triângulo Rosa/RJ de fundar no Espírito Santo uma subseção regional, porém a entidade carioca estava mais preocupada com a constituinte e com a luta por direitos civis, o que a distinguiu da proposta de fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, que pretendia atuar frente aos discursos ideológicos presentes na Campanha de combate à Aids.

Antes mesmo da fundação da própria entidade, Waldo Motta e Amylton de Almeida, mediante ajuda de jornalistas amigos, já promoviam protestos por meio da imprensa capixaba — como, por exemplo, as já citadas reportagens “Os novos judeus e a Aids” e “Homossexuais denunciam o aumento do preconceito”. Como não conseguiram uma resposta institucional da SESA/ES às suas reivindicações, decidiram fundar a entidade. Além de uma carta convite direcionada a artistas, jornalistas, políticos e militantes sindicais, também foram distribuídos dois manifestos. Os fundadores da entidade não pretendiam que ela fosse fechada aos homossexuais, por isso desde o início distribuíram convites e manifestos chamando pessoas que fariam frente às “forças reacionárias da extrema-direita”⁴⁷⁶.

Os fundadores do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana partiam da premissa que para a entidade se fundar, os participantes precisariam entender que homossexuais, mulheres, negros e indígenas não eram “cidadãos de segunda classe”, categoria essa que serve à manutenção do *status quo* da elite branca-burguesa-masculina-heterossexual. Tanto Amylton de Almeida quanto Waldo Motta partiam de algumas premissas no tocante ao

⁴⁷⁵ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁷⁶ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

sexo, gênero e desejo. Amylton de Almeida afirma que “segundo a biologia, só existem o homem e a mulher, dois sexos” e Waldo Motta concorda destacando que “biologicamente, só existem o homem e a mulher” e complementa que “a sociedade manipula os indivíduos” e “os obriga a criar papéis sexuais específicos”⁴⁷⁷.

Apesar de aplicarem os termos “homem” e “mulher” como categorias de sexo, em vez de “masculino” e “feminino”, eles acabam por reproduzir a ideia de que o sexo é pré-discursivo e o gênero é socialmente construído. Em outras palavras, nessas assertivas Amylton de Almeida e Waldo Motta direcionaram suas críticas especificamente à heterossexualidade compulsória, mas não questionavam a “natureza” das categorias homem e mulher e todo o sistema de regulação dos corpos desencadeado com isso.

A ênfase dada pelos fundadores de que a entidade não seria “um clube” de homossexuais sugere que eles tinham uma visão crítica se comparados com a primeira leva de grupos do emergente movimento homossexual brasileiro, que tendiam a realizar reuniões fechadas para debater, conversar, desabafar e se articular. Amylton de Almeida e Waldo Motta acreditavam que deveriam derrubar essa fronteira para conseguir atuar frente ao “discurso fascista do Estado”, afinal, eles acreditavam que primeiro seriam os homossexuais e depois poderiam ser as “feministas, prostitutas, negros, comunistas, entre outros”⁴⁷⁸.

O discurso dos fundadores do TRpDH de que as reuniões não seriam fechadas para homossexuais, que pretendiam combater os discursos ideológicos sobre a Aids — frisando, sobretudo, que ainda que o alvo mais evidente fosse os homossexuais, a violência distribuída pelo Estado poderia também recair sobre outros grupos, como feministas, prostitutas, negros e comunistas —, nos leva a pensar se a entidade era uma Ong/Aids ou uma Ong/Homossexual. A formatação estrutural das reuniões abertas, com palestras de profissionais da área da saúde, de advogados, de intelectuais, incluindo a participação de sujeitos soropositivos e soronegativos — mas que também poderiam ser afetados pelo discurso ideológico da SESA/ES e das igrejas —, com cobertura da mídia etc., nos permite interpretar o TRpDH como uma Ong/Aids. Porém, o fato de ter sido fundada por homossexuais, enfatizando o combate ao discurso que compreendia a Aids como doença exclusiva destes, também nos permite pensar em uma Ong/Homossexual.

⁴⁷⁷ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

⁴⁷⁸ Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

Diferentemente de outras entidades, como Grupo Gay da Bahia e o Outra Coisa, que antes de o surgimento da Aids construíram um ativismo voltado para as questões da sexualidade e direitos civis e depois passaram a atuar na luta contra a Aids, grupos como o Triângulo Rosa/RJ se distanciaram da questão da Aids porque achavam incongruente falar de liberalização sexual e direitos civis junto à questão da Aids. Nesse contexto, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana surgiu pensando tanto a homossexualidade quanto a Aids, considerando também a relação dos dois tópicos no discurso em voga. O grupo, então, dialogava com essas duas perspectivas de atuação.

O jornal A Gazeta interpretou que a resposta do Estado do Espírito Santo à fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana foi: “Saúde quer homossexuais no debate sobre a Aids”⁴⁷⁹. Para amenizar a criação da entidade, a Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo vendeu a ideia de que “queria”, “convocou” e “gostaria” da participação de homossexuais nas reuniões de combate à epidemia, tentando reduzir o destaque que os homossexuais e a fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana ganhavam na mídia. Assim, chamá-los para participar da reunião era uma forma de controlar a opinião pública sobre o combate à epidemia.

Alguns dias após a fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, Amylton de Almeida participou de um comício do Partido dos Trabalhadores, que contava com a presença do metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, o intelectual Leonardo Boff e Frei Beto. Segundo Jeanne Bilich, o evento que ocorreu na Praça Oito foi composto por cerca de mil pessoas, e Amylton de Almeida subiu ao palco para discursar enquanto membro fundador do TRpDH. Bilich destaca em suas anotações pessoais que ao falar que a entidade tratava dos direitos dos homossexuais,

a massa ensaiou apupar. A rápida intervenção de Frei Beto e do próprio Lula que se aproximaram de Amylton no palanque, aliada à declaração firme do orador de que o Triângulo Rosa apoiava também as minorias esmagadas – negros, mulheres e assalariados a beira da fome, foi saudada com sonoros e prolongados aplausos da multidão⁴⁸⁰.

O evento foi alvo de um ACE – Arquivo Cronológico de Entrada produzido pelo SNI. O documento intitulado “Atividade da ‘Plenária Nacional pró-Constituinte’” afirma que o

⁴⁷⁹ Saúde quer homossexuais no debate sobre a Aids. *A Gazeta*, Vitória, xx mar. 1987, p. 5.

⁴⁸⁰ BILICH, Jeanne Figueiredo. *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: política e poder no jornalismo cultural do Espírito Santo: o cinema como mundo, a arte como universo (1980-1989)*. 2005. 254 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005. p. 85.

evento ocorreu no dia 17 de março, diferente de Jeanne Bilich, que menciona o dia 27. Entre nomes como Vitor Buaiz, Iriny Lopes, Leonardo Boff e Lula, o documento destacava Amilton[Amylton] de Almeida, “jornalista, membro da recém-criada entidade ‘Triângulo Rosa pela Dignidade Humana’ (reúne homossexuais, prostitutas, negros e outras ‘minorias’)”⁴⁸¹. Já nos primeiros dias de atividade da entidade, o Sistema Nacional de Informações produziu um documento que a citava, seguindo as mesmas características que os documentos produzidos em tempos de ditadura: confidencial.

3.5 “Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis” – *A Gazeta*

Vinte e um dia após a fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, o jornal *A Gazeta* publicou uma nova reportagem intitulada “Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis”, também sem assinatura⁴⁸². O texto foi iniciado, segundo denúncias de travestis e prostitutas de São Sebastião, chamando a atenção para o seguinte: “temor da Aids e a desinformação da sociedade sobre a doença estão aumentando a discriminação contra travestis e prostitutas”⁴⁸³.

A reportagem afirma que com a volta da prostituição no Centro de Vitória, o baixo meretrício que ocorria em São Sebastião ficou abandonado, com ruas desertas e boates depredadas. Segundo a travesti Bibi Barbosa, “todo mundo no trottoir está sofrendo com o terrorismo alardeado pelas companhas publicitárias na TV contra a Aids”⁴⁸⁴. Para Bibi Barbosa, a informação real sobre formas de prevenção foi esquecida, o que gerava uma perda de clientela e fonte de renda, “já que não encontram outros meios de sobrevivência”⁴⁸⁵. A travesti Cláudia relatou que chegou a pensar em suicídio, pois ao entrar nos estabelecimentos era sempre alvo de olhares e piadas⁴⁸⁶.

Renata Prates e Maria de Jesus, mulheres cisgênero que moravam na boate Havaí em São Sebastião, afirmaram que “depois do alarde que está sendo feito em torno da Aids, os homens não aparecem mais no baixo meretrício” e quando apareciam se limitaram a “dar uns amassos”⁴⁸⁷. Renata Prates e Maria de Jesus afirmaram que rejeitavam clientes que

⁴⁸¹ Atividade da “Plenária Nacional Pró-constituente”. **Arquivo Nacional**. Fundo: Serviço Nacional de Informações. 17 mar. 1987. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_87014519. 7f.

⁴⁸² Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁸³ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁸⁴ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁸⁵ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁸⁶ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁸⁷ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

se recusavam a usar preservativos, enquanto Bibi Barbosa e Claudia expuseram que solicitavam o uso de camisinha, mas quando o cliente rejeitava, era difícil recusar, visto que essa era a única fonte de sobrevivência delas⁴⁸⁸.

Dentro da reportagem, com o subtítulo “Triângulo”, o texto afirma que “para tentar modificar este quadro e levar informações precisas à sociedade, o grupo Triângulo Rosa pela Dignidade Humana está visitando os locais onde vivem os segmentos mais suscetíveis de discriminação para orientá-los e preveni-los”⁴⁸⁹. Com o objetivo de realizar um trabalho social, os integrantes dos grupos se propõem a “evitar que as pessoas perseguidas se deixem esmagar pela pressão da sociedade” e cita o caso de um portador do vírus que, ao falecer, teve o corpo recusado para a execução do velório em uma igreja católica. Como proposta, pessoas se uniram para “buscar a profilaxia da doença”⁴⁹⁰.

Segundo os integrantes do grupo, “a propaganda que está sendo veiculada através dos meios de comunicação, principalmente a televisão, incentiva o terror e a discriminação, dando pouco tratamento a profilaxia da síndrome”. Para o grupo, o discurso das campanhas do Governo é “altamente piedoso, levando o espectador a sentir apenas pena dos aidéticos e que a ação no combate à doença é inexpressiva, no Espírito Santo”⁴⁹¹.

Como vimos no primeiro capítulo, no final da década de 1960 a Prefeitura de Vitória e o Governo do Estado promoveram uma política de “higienização” do Centro de Vitória, expulsando travestis, prostitutas e casas do baixo meretrício para o bairro São Sebastião, localizado em Serra. Entretanto, apesar da migração do baixo meretrício para o outro município, o alto meretrício ainda continuou ocorrendo no Centro de Vitória, mas no final da década de 1970, prostitutas e travestis voltaram a ocupar as ruas do Centro da capital. Com a epidemia da Aids e os discursos que a seu respeito eram propagados, tanto travestis quanto mulheres cisgênero que faziam *trottoir* foram alvo de ataques e perda de clientela.

Houve um esvaziamento da região de São Sebastião e para a maioria das travestis a prostituição era o único meio de sobrevivência, situação um pouco diferente para algumas mulheres cisgênero que poderiam trabalhar como domésticas. Os relatos de Bibi Barbosa, Cláudia, Renata Prates e Maria de Jesus evidenciam como o discurso ideológico acerca da Aids afetava o baixo meretrício e as trabalhadoras desse setor, bem como a falta de

⁴⁸⁸ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁸⁹ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹⁰ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹¹ Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987. p. 5.

divulgação em massa da profilaxia da Aids, frisando como essa mensagem não chegava aos homens cisgênero heterossexuais com o mesmo impacto que chegava aos homens cisgênero homossexuais.

Se Waldo Motta chegou a mencionar na entrevista com Sylvio Costa que eles não tinham uma forma de atuação pré-definida e que tirariam daquela reunião e das próximas as cabíveis estratégias, fica explícito que no primeiro mês de funcionamento da entidade eles procuraram: “levar informações precisas à sociedade”; “[visitar] os locais onde vivem os segmentos mais suscetíveis de discriminação para orientá-los e preveni-los”; “evitar que as pessoas perseguidas se deixem esmagar pela pressão da sociedade”; “buscar a profilaxia da doença”. Ou seja, além das denúncias ao discurso do Estado, das igrejas e da mídia, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana teve como método de atuação ir até aos sujeitos afetados pela campanha ideológica, divulgando informações e as formas de prevenção da doença — promovendo em certa medida, além disso, acolhimento emocional.

3.6 “Medo e violência. É a Aids” – *Linda Kogure*

No aniversário de um mês da fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, a jornalista Linda Kogure publicou no *A Gazeta* um editorial de página inteira intitulado “Medo e violência. É a Aids”. Linda Kogure iniciou o texto tratando do medo, do pânico e da paranoia criada pelos discursos que envolviam a Aids, completando ainda que:

O vírus traz até mudanças no comportamento sexual. O não ao prazer, o uso de preservativos, o medo da síndrome. A síndrome da síndrome. Repressão, tensão, punição, castigo, castidade. As minorias gritam por socorro. Os homossexuais são perseguidos como leprosos, tornaram-se uma espécie de “Gêni” dos anos 80.

Acuados, eles [os homossexuais] tem medo. Levam pedradas, são espancados nas ruas, são rejeitados por escolas, por instituições. As denúncias chegam às centenas⁴⁹².

Linda Kogure trouxe o caso de S.S.B, cabelereiro de 22 anos, que tentou fazer um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac e foi barrado porque o curso era “só para mulheres” e S.S.B era “um travesti”. S.S.B destaca: “Lá a gente tem que ir vestido de homem, ir encubado mesmo. Um colega meu conseguiu uma vez, com muita dificuldade, mas depois a psicóloga cortou”⁴⁹³. Para S.S.B, a discriminação sempre foi

⁴⁹² Medo e violência. É a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹³ Medo e violência. É a Aids. *A Gazeta*, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

grande, mas depois que o Governo iniciou a campanha “Não à Aids”, aumentou mais. E completa que tem “o direito de viver. Eles derrubam tudo, não deixam a gente trabalhar, estudar. O que eles querem é que a gente se marginalize. Eu uso meu corpo da forma como eu quiser”⁴⁹⁴.

S.S.B relatou a Linda Kogure que foi apedrejado ao passar em frente a um bar próximo à Escola Maria Ortiz, no Centro de Vitória. Declara: “Era um grupo de negros, que também é considerado pelos normais (ênfatisa a palavra) como minoria, que gritava: É Aids... Vocês (homossexuais) têm que morrer”⁴⁹⁵. Para S.S.B, os negros deveriam se unir ao Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, que luta “pelos direitos humanos e contra a discriminação dos grupos considerados ‘minorias’ (mulher, negro, índio, homossexual e prostitutas)”⁴⁹⁶.

Linda Kogure destacou que durante as reuniões do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana — que ocorriam nas noites de segunda-feira no Teatro Carlos Gomes — os depoimentos eram deprimentes, o temor era visível no olhar dos frequentes, que chegavam um a um “para unir-se aos outros perseguidos”⁴⁹⁷. Linda Kogure sublinha, além disso, que as reuniões do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana eram abertas a qualquer pessoa que quisesse falar, denunciar ou desabafar. Dessa forma, o grupo atuava também como um suporte de escuta.

Linda Kogure, que acompanhou algumas reuniões do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, recolheu depoimentos de alguns dos participantes. S.R.M, auxiliar de escritório de 20 anos, denunciou à Kogure que em uma noite na Avenida Dante Michelini, próximo ao Hotel Aruan, foi abordado por cinco rapazes dentro de um fusca que acusaram a ele e a um colega de terem quebrado a antena de seu carro. S.R.M relatou que nunca vira os rapazes, que estavam armados e com facas. Ao serem agredidos, contou que conseguiram fugir e, quando acionaram a polícia, eles “ri[r]am e disseram que quando matarem a gente, eles voltam para recolher o corpo”⁴⁹⁸.

S.R.M diz que as testemunhas se calaram e, por isso, denunciaram o ocorrido ao Triângulo Rosa pela Dignidade Humana. Aquela, contudo, não fora a primeira vez que

⁴⁹⁴ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹⁵ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹⁶ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹⁷ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

⁴⁹⁸ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

ao contatar a polícia riram da cara dele. Linda Kogure destacou que, segundo denúncias, havia um grupo de fanáticos atuando na área de Camburi, o que gerou o medo de S.R.M ser espancado pelos agressores do fusca. Os linchamentos não se limitavam à Camburi, segundo Linda Kogure, que conversou também com Rogério Luiz, o qual relatou que um grupo de meninos de idade próxima a 18 anos, certa feita gritou em sua direção: “É Aids! É Aids! Pega!... Pega!...”, correndo para cima dele e de seus amigos jogando pedras. Um amigo teve a cabeça machucada por conta disso⁴⁹⁹.

Rogério Luiz contou que um simples andar nas ruas gerava um “olha o veadinho”. Além disso, afirmou à Linda Kogure que tinha um caso há mais de seis anos, mas o seu parceiro se isolou com medo de uma contaminação, mas lembra que não só por relações sexuais a contaminação ocorria, como também por transfusão de sangue e, por isso, não via “motivo para ser tão recriminado”⁵⁰⁰. Linda Kogure também evidenciou um caso que ocorreu com Matheus Silva, que ao se apresentar ao Serviço Militar da sua cidade, os outros rapazes olharam em sua direção e disseram “olha o veadinho”. Este, ainda, relata o seguinte:

Além de tudo, o tenente ou o capitão, sei lá, me agrediu com socos e pontapés na frente de todo o mundo. Quando veio me entregar o certificado de alistamento, em vez de me dar a mão, jogou o documento no chão. E me disse, teve a coragem de dizer, que se eu o encontrar na rua, que eu devo atravessar a rua, porque se não ele me bate de novo⁵⁰¹.

O fato aconteceu no município de Castelo e foi denunciado em seu respectivo Fórum. Matheus Silva relembra a data: 10 de setembro de 1986. Conta a Linda Kogure que por medo da Aids estava há seis meses sem ter relações sexuais e completa que “a vida do homossexual é um sonho”⁵⁰².

Linda Kogure, ao conversar com os representantes do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, elaborou uma lista de estabelecimentos e instituições de ensino que não aceitavam homossexuais e travestis. O clube Aquarius, em Cariacica; o Clube Olímpico, em Vila Velha, bem como o Clube Vitória e o Britz Bar II, em Vitória, proibiram a entrada de homossexuais em suas dependências. Ademais, o Colégio Estadual e o Senai-ES não permitiam a matrícula de homossexuais, assim como não era possível efetuar matrícula nos cursos de cabelereiro e maquiagem ofertados pelo Senac-ES. Alguns dentistas

⁴⁹⁹ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰⁰ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰¹ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰² Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

pararam de atender homossexuais, e o Hospital São José havia demitido um enfermeiro por motivo de “homossexualismo”. As denúncias foram encaminhadas aos Constituintes.

O Triângulo Rosa pela Dignidade Humana também denunciou a psicóloga Lúcia Helena Carnieli, da Clínica Mens Sana, que promovia uma propaganda no programa Ronda Policial, da Rádio Espírito Santo, afirmando que poderia “curar a homossexualidade”⁵⁰³. Linda Kogure finaliza esse tópico destacando que era grande o número de denúncias de perdas de emprego e de pessoas sendo expulsas de casa “por causa de sua condição sexual”⁵⁰⁴.

Linda Kogure, em seu editorial, escreveu um tópico intitulado “Distúrbio, mal, doença, desvio...”, o qual trouxe as ideias e os valores da Clínica Mens Sana, do Frei Albino Aresi. O texto iniciou com uma citação da psicóloga Lúcia Helena Carnieli que afirmava que “o homossexualismo é um distúrbio de comportamento”⁵⁰⁵. A fala da psicóloga proferida na Rádio Espírito Santo foi denunciada pelo Triângulo Rosa pela Dignidade Humana aos Constituintes em formato de manifesto. No manifesto a entidade lembrava que desde 1985, o Conselho Regional de Medicina e o Conselho Federal de Medicina “decretaram que, em todo território nacional, a homossexualidade não poderá ser classificada como desvio ou transtorno”⁵⁰⁶.

Lúcia Helena foi entrevistada por Linda Kogure na Clínica Mans Sana, que se localizava no bairro Santo Antônio. Lá havia uma capela para quem quisesse orar e, segundo Linda Kogure, o corredor de espera lembrava os corredores de igrejas, com um cartaz do Conselho Nacional de Bispos do Brasil destacando a campanha da fraternidade e orações impressas em quadros. Segundo Lúcia Helena, “a homossexualidade só tem cura para quem quer se tratar” e “depois dos 21 anos, o tratamento é mais difícil pelo quadro já fixado do condicionamento”, pois o quadro clínico do homossexual sempre apresenta um “desequilíbrio emocional e perturbação psíquica”⁵⁰⁷.

O tratamento do *homossexualismo* pela Clínica Mans Sana seguia os preceitos do Frei Albino, que através de uma equipe multidisciplinar e de técnicas diversas já contava com cerca de 12 a 15 casos tratados no Espírito Santo. As técnicas e equipe utilizavam o

⁵⁰³ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰⁴ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰⁵ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰⁶ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰⁷ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

“processo de conscientização, noanálise (uma espécie de psicanálise), hipnose, relaxamento e técnica psicoenergética” acompanhada de “orientação sexual e educacional”⁵⁰⁸.

A psicóloga Lucia Helena Carnieli detinha todos os sábados um tempo de três a quatro minutos na Rádio Espírito Santo para realizar “consultas psicológicas”, algo que já ocorria há pelo menos um ano. Questionado por Linda Kogure, o Secretário de Comunicação e Articulação do Espírito Santo, Luiz Moulin, afirmou que tudo aquilo era um absurdo e se declarava “contra qualquer tipo de discriminação, seja ela dirigida à mulher, ao negro, ao índio ou ao homossexual” e completa que “o objetivo da rádio oficial é enaltecer a dignidade humana e não julgar o comportamento de ninguém”. Em um seminário interno ocorrido na Rádio Espírito Santo, Luiz Moulin prometeu “que tudo que incita a violência, como é feito no programa Ronda da Cidade, vai acabar”, “chega de ferir a dignidade humana”, prometeu o secretário⁵⁰⁹.

O psicólogo Pedro Marcio Brandão, que era presidente da Associação dos Psicólogos do Espírito Santo e membro da diretoria da Federação Nacional de Psicólogos, lembra a Linda Kogure que a própria Organização Mundial da Saúde já havia retirado o “homossexualismo” do Código Internacional de Doenças e que a homossexualidade deveria ser vista como um fato cultural e, sendo assim, os homossexuais deveriam ser respeitados como cidadãos.

A visão de Lúcia Helena Carnieli, segundo Pedro Marcio Brandão, representava um tipo ultrapassado e equivocado de psicologia, pois ela se baseava em uma para definir a homossexualidade como anormal, e relembra que o código de ética tece restrições às formas de consultas, como as via rádio. Ao comentar sobre o “homossexualismo” e a Aids, o psicólogo Pedro Marcio Brandão destacou que “os gays se tornaram bodes expiatórios para as frustrações das pessoas. Ou seja, tudo é atirado contra os homossexuais”⁵¹⁰. E concorda que “os agredidos [os homossexuais] tem que combater os aspectos ideológicos que podem estar por trás disso, da violência”⁵¹¹.

Em outro tópico, intitulado “A situação na Inglaterra”, Linda Kogure mostrou que a violência, os discursos de ódio, a discriminação e a culpabilização dos homossexuais não

⁵⁰⁸ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵⁰⁹ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵¹⁰ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵¹¹ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

era algo exclusivo do Espírito Santo, e muito menos do Brasil, pois ocorria no mundo todo. Grupos anti-gay se formaram na Inglaterra e, conseqüentemente, a violência e perseguição física, midiática, religiosa e moral aos homossexuais aumentou.

O editorial escrito por Linda Kogure trouxe um balanço das formas com que os discursos sobre a Aids atingiu homossexuais e travestis nas relações familiares, nos locais de interação e relações sociais (boates, igrejas, trabalho e instituições de ensino), e na rua. A conjuntura dessa primeira metade do ano de 1987 era a seguinte: a cada mês aumentava o número de casos de HIV/Aids identificados no Espírito Santo, o que despertou a atenção da mídia local acerca dessa temática; o surgimento do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana e o método de embate-denúncias aos discursos que afirmavam, por meio de jornais locais, que a Aids era uma doença de homossexuais ou de “grupos de risco”. Em consequência, o estado testemunhou o aumento no número de denúncias e relatos públicos sobre a violência, exclusão e as fobias provocadas pelo “discurso ideológico” contido na Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo.

O Triângulo Rosa pela Dignidade Humana denunciara que a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo pouco enfatizava na profilaxia e preferia uma abordagem pregando a abstinência, que nas palavras de Iandecy Zanol se traduziria: “evitando a promiscuidade”. Esse discurso afetou as relações afetivas-sexuais de homossexuais e travestis, como evidenciam os relatos de Rogério Luiz de que seu ex-namorado estava há mais de 6 meses sem ter relações sexuais, e de Matheus da Silva, que estava há 6 meses sem ter relações por medo de contrair a doença. No âmbito familiar, o número de pessoas homossexuais expulsas de casa também aumentou, desencadeado pela desinformação sobre as formas de contaminação. Essas duas situações mostram como a campanha chegava à população, atingindo não só a cabeça da chamada “população em geral”, mas também dos próprios “grupos de risco” que ficavam entre acreditar em uma entidade homossexual recém-formada ou no discurso médico e no governo vigente.

A violência contra homossexuais e travestis também aumentou e, desta vez, com um fator a mais: os agressores acreditavam estar combatendo a própria doença. O grupo de pessoas que agrediram S.S.B próximo no Centro de Vitória reforçam essa afirmação: “É Aids... Vocês (homossexuais) têm que morrer”⁵¹². Linda Kogure, em sua escrita, acrescentou o termo homossexuais, indicando que não foi falado essa palavra, essa identificação. Ou

⁵¹² Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

seja, os agressores não viam um corpo-sujeito e sim um corpo-doença. O relato de Rogério Luiz acerca dos meninos que tacaram pedras nele e seus amigos indica que as agressões se voltavam aos sujeitos lidos como homossexuais ou travestis, que eram automaticamente assimilados como uma doença: “É Aids! É Aids! Pega!... Pega!...”⁵¹³.

Se Nestor Perlongher acreditava que a Aids foi usada como um “dispositivo de moralização que buscava reordenar os corpos e suas paixões”⁵¹⁴, acreditamos que se investigarmos os relatos e discursos de pessoas agredidas verbalmente e fisicamente nas ruas das cidades brasileiras, poderemos perceber que a Aids também foi usada como um dispositivo de extermínio. Essa onda de violência contra homossexuais e travestis foi também reportada por jornais de outros estados: “Povo de Sidnei caça os gays por temor ao[sic] Aids”⁵¹⁵, “Estão matando os travestis a tiro”⁵¹⁶, “Grupo Gay denuncia assassinatos”⁵¹⁷, e até incitada por alguns jornalistas como José Augusto Berbert: “A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay”⁵¹⁸, “Matar veados não é homicídio, é caçada...”⁵¹⁹, “Mantenha Salvador limpa: mate uma bicha todo dia”⁵²⁰.

Essa onda de violência, comentada pelos participantes do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, não se instaurou de um dia para o outro, foi uma construção de anos de imagens criadas e reproduzidas pela medicina, pelo Estado e pela mídia sobre a assertiva de que homossexuais eram os transmissores da Aids. A Aids “tardou a chegar” no Espírito Santo devido à falta de testagem e a pouca importância dada pelo Governo Federal e Estadual em relação à epidemia desencadeada no globo. Além disso, como salienta Richard Miskolci, o fato construído da Aids está até na categorização da doença como Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST [Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST], pois acredita que Aids poderia ter sido classificada como uma doença viral assim como a Hepatite B, mas o caráter sexual invocava uma moralidade social sobre o tema e, por isso,

⁵¹³ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵¹⁴ PERLONGHER, Nestor. Aids disciplinar os poros e as paixões. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 2, n. 3, p. 35-37, 1985. p. 35.

⁵¹⁵ Povo de Sidnei caça os gays por temor ao[sic] Aids. **O Dia**, Rio de Janeiro, 20 nov. 1984.

⁵¹⁶ Estão matando os travestis a tiro. **O Dia**, Rio de Janeiro, 19 nov. 1984.

⁵¹⁷ Grupo Gay denuncia assassinatos. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 20 mar. 1987.

⁵¹⁸ A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay. **A Tarde**, Salvador, 14 jan. 1985.

⁵¹⁹ Matar veados não é homicídio, é caçada... **A Tarde**, Salvador, 01 abr. 1985.

⁵²⁰ Mantenha Salvador limpa: mate uma bicha todo dia. **A Tarde**, Salvador, 15 nov. 1988.

foi usada por setores conservadores como castigo à geração do “desbunde”, que vivenciou a Revolução Sexual desencadeada na década de 1960⁵²¹.

No Espírito Santo, esse “castigo” à geração do “desbunde” se mostrou materialmente nas proibições de frequência de homossexuais e travestis em espaços que, poucos anos antes da eclosão da pandemia, eles frequentemente ocupavam. O Britz Bar II, inaugurado na Praia do Canto em 1983, um bairro residencial e comercial da elite capixaba, proibiu a entrada de homossexuais e travestis, sendo que em seus “anos de glória” — sob a administração do estudante de direito da Ufes, Eduardo José de Oliveira (Paru), entre 1969 e 1983 —, tanto homossexuais quanto travestis eram grandes frequentadores do ambiente.

Nessa leva de proibições, o Clube Aquarius, Clube Olímpico e o Clube Vitória — este último, que chegou a receber os concursos Miss Gay Espírito Santo — também proibiram em certo momento a entrada de homossexuais e travestis, conforme denúncia da reportagem. A exposição das proibições também afetou homossexuais e travestis no âmbito dos estudos e do trabalho, como o Colégio Estadual, o Senai e o Senac, que proibiram matrícula de homossexuais e travestis — sem mencionar, claro, o Hospital São José, que chegou a demitir funcionários por causa da sua sexualidade. Todo esse aparelho de violência, proibições e exclusão foi resultado da campanha que estava em vigor, que insistia em atrelar a Aids aos “grupos de risco” e não em pensar como uma doença viral poderia incidir sobre toda população.

Atrelado à onda de violência, exclusão e proibições, o aparelho estatal continuou sendo usado por instituições para promover a “cura gay”. O discurso da psicóloga Lúcia Helena da Clínica Mans Sana era o clássico: poderia “curar a homossexualidade” através “processo de conscientização, noanálise (uma espécie de psicanálise), hipnose, relaxamento e técnica psicoenergética [e] orientação sexual e educacional”, pois “o homossexualismo é um distúrbio de comportamento”, mas ““a homossexualidade só tem cura para quem quer se tratar” e “depois dos 21 anos, o tratamento é mais difícil pelo quadro já fixado do condicionamento”⁵²².

A Rádio Espírito Santo, além dos 3 a 4 minutos em que Lúcia Helena realizava “consultas psicológicas”, também permitiu que ela concedesse entrevista ao programa Ronda

⁵²¹ Miskolci, 2013.

⁵²² Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

Policial, que foi o “programa de maior audiência por vários anos no rádio capixaba”⁵²³. O alcance das falas de Lúcia Helena, que classificavam a homossexualidade como distúrbio e defendiam a “cura gay”, era desproporcional a qualquer artigo publicado nos jornais impressos que dissesse o contrário — sem contar a diferença de público: leitores do jornal impresso, de um lado, e ouvintes da rádio, de outro.

O Triângulo Rosa pela Dignidade Humana denunciou as falas de Lúcia Helena aos Constituintes e Linda Kogure questionou diretamente a Secretária de Comunicação e Articulação do Espírito Santo responsável pela Rádio Espírito Santo. O secretário de Comunicação e Articulação afirmou ser “contra qualquer tipo de discriminação, seja ela dirigida à mulher, ao negro, ao índio ou ao homossexual [e] o objetivo da rádio oficial é enaltecer a **dignidade humana** e não julgar o comportamento de ninguém [e] que tudo que incita a violência, como é feito no programa Ronda da Cidade [Ronda Policial], vai acabar [,] chega de ferir a **dignidade humana**”⁵²⁴. Grifei o termo dignidade humana utilizado duas vezes pelo Secretário, pois parece que mesmo sendo uma resposta à Linda Kogure, o Secretário Luiz Moulin buscou se direcionar ao Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

Podemos pensar, então, que em seu primeiro mês de existência o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana se tornou uma referência para o Estado do Espírito Santo quanto às questões ligadas à homossexualidade e à Aids. A entidade chegou a construir uma rede de articulação que incluía a Secretaria de Saúde, Secretaria de Comunicação e Articulação, imprensa, estudantes, cabelereiros(as), jornalistas, professores, médicos, advogados, artistas, profissionais do sexo, movimento feminista e movimento negro.

3.7 “Travestis lutam contra time de futebol de areia” – *A Gazeta*

Em fevereiro de 1988, o jornal *A Gazeta* publicou uma chamada em sua capa com o título “Travestis lutam contra time de futebol de areia”⁵²⁵. Na página da reportagem, contudo, constava o seguinte título: “Travestis brigam com time de futebol”. Ainda na capa, o jornal destaca a desproporção da luta, 5 travestis contra “um time inteiro de futebol de areia”, onde mais de 50 pessoas foram detidas. O fato ocorreu na praia de Camburi, quando os jogadores de futebol de areia jogaram pedras e chamaram as travestis de

⁵²³ História da Rádio Espírito Santo. **Rádio Espírito Santo**, Vitória, s.d. Disponível em: <<https://rtv.es.gov.br/quem-somos-historia-radio>>. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁵²⁴ Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987, p. 5.

⁵²⁵ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

“transmissores da Aids”. A reportagem destaca que “os jogadores desceram e o travesti Pati foi espancado por todo o time” e “uma menina saiu ferida”. As travestis falaram que apanharam “gratuitamente” e “os jogadores se apresentavam como vítimas dos cinco homossexuais, alegando que foram atingidos por pedradas e garrafadas”⁵²⁶.

A reportagem em si detalhou as versões do ocorrido e destacou que havia “mais de cinquenta pessoas detidas, dois travestis presos e um ferido, além de uma menor de 8 anos com lesões no rosto e nos braços, foi o resultado de uma confusão na noite de quinta-feira entre homossexuais e peladeiros”⁵²⁷. Segundo a reportagem, a confusão começou após alguns dos peladeiros terem “dirigido gracejos aos travestis e lhes jogado pedras”, o que foi confirmado com o depoimento de Fabiola. Apresentando a versão dos peladeiros, o motorista se defendeu afirmando que estavam “indo embora quando as bonecas atiraram pedras e garrafas, atingindo uma criança”⁵²⁸.

A reportagem seguiu contando a história de que toda semana um caminhão da firma Eletromil levava “50 peladeiros, entre familiares e amigos residentes na Ilha de Santa Maria, para jogos nos campos de areia”. Em menor número, segundo Alessandra, as travestis se reuniam diariamente próximo à loja Seidel para “batalhar pela vida”. Os peladeiros, na entrada de Jardim da Penha, aproveitaram o sinal fechado “para se divertirem às custas dos travestis, dirigindo-lhes gracejos e atirando-lhes pedras”; as travestis, por sua vez, “revidaram e uma pedra acertou S.S, 8 anos, que estava no caminhão”⁵²⁹. Os peladeiros desceram do caminhão e espancaram a travesti Pati, que logo em seguida foi hospitalizada. Pati, de 21 anos, havia se mudado de São Paulo para Vitória. Fabiola e Alessandra correram na mesma direção de Pati, enquanto Márcia, Paulete e Cristiani foram ignoradas pelos peladeiros.

Alessandra, em depoimento ao delegado Aloísio Alves, contou que “é comum as pessoas passarem por ‘elas’ fazendo piadinhas” e Fabiola completou que “até a polícia atormenta a gente e aqui quer por moral”, apontando para um PM que teria a agredido com um cassetete no passado. Alessandra destacou ainda o seguinte: “o que eles fazem com a gente é coisa de índio, e por sermos o que somos não quer dizer que temos que apanhar gratuitamente”. Ela afirmou que os peladeiros gritaram acusando as travestis de

⁵²⁶ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

⁵²⁷ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

⁵²⁸ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

⁵²⁹ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

disseminarem a Aids, e Fabiola complementou haver “documentos que provam que estamos mais limpos que muita gente por aí”⁵³⁰. A providência da polícia foi “encaminhar a menor S.S a exame de lesões corporais. Pati, ferida na cabeça e nas penas, foi internada no Hospital das Clínicas e liberada ontem. Alessandra e Fabiola passaram a noite na Chefatura de Polícia enquanto os peladeiros foram liberados”⁵³¹.

O discurso que a sanitarista Iandecy Zanol reproduziu no início da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo de que “está comprovado que existe um grupo de risco e que os homossexuais e os homens bissexuais são os maiores **transmissores da Aids**” reverberou um ano depois no cotidiano de travestis e homossexuais — “transmissores da Aids”, disseram os peladeiros às travestis. A naturalização desse discurso, atrelado às fobias, assédios e violências às quais travestis eram sujeitas, criava a permissibilidade de “piadinhas” que elas recebiam sem responsabilização dos autores. Por mais que Pati tenha sido espancada pelos peladeiros, estes foram liberados pela polícia ao passo que Alessandra e Fabiola tiveram que passar a noite na chefatura.

A atitude do delegado Aloísio Alves reproduz um esquema de culpabilização que antecede a epidemia de Aids, a qual Elias Veras denomina de *dispositivo do estigma travesti*. Para Veras, no tempo farmacopornográfico emergiu uma estratégia normativa de discursos e práticas — através de uma rede de saberes, poder e criação de subjetividades — que atualizava as antigas assimilações entre homossexualidade e patologia, e travestis e criminalidade⁵³². Veras também salienta que essas notícias publicadas na seção policial “constituíram parte dos mecanismos e das estratégias de saber-poder farmacopornográfico que atravessaram a emergência do sujeito travesti público-midiatizado”, isto é, as notícias não só falavam a respeito das travestis, mas também criavam um lugar para elas.

3.8 “Em 1987, funda o Triângulo Rosa, entidade voltada para a defesa da dignidade dos homossexuais” – *Jeanne Bilich*

⁵³⁰ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

⁵³¹ Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

⁵³² VERAS, Elias Ferreira. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Appris, 2019. p. 156.

“Triângulo Rosa’ defenderá direitos” foi o título da chamada publicada na capa do jornal A Gazeta em 12 de março de 1987. A chamada guiava seus leitores a uma entrevista no Caderno Dois realizada pelo jornalista Tinoco dos Anjos com Amylton de Almeida e Waldo Motta, que naquele dia pretendiam fundar no Centro de Integração da Mulher – CIM, localizado no Centro de Vitória — a primeira entidade capixaba em defesa dos direitos civis e da dignidade dos homossexuais, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana (TRpDH). Encontramos cerca de meia dúzia de trabalhos — entre livros, monografias e dissertações — que abordaram a história desse grupo através de entrevistas com pessoas que participaram, colaboraram ou eram amigos próximos dos fundadores da entidade.

Os primeiros textos que produzem a memória e história do TRpDH no Espírito Santo expõem muitas assertivas que se verificam nas fontes analisadas, mas também colocam outras afirmações que merecem ser ponderadas. São, também, diversas as dúvidas que rodeiam a história do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana, tais como: a conjuntura de emergência da entidade, os objetivos, as propostas, as formas de atuação, o tempo de duração/existência, o elenco de sujeitos que compunham, colaboravam e participavam das reuniões da entidade, quais fins tomou a entidade, quais suas conquistas a médio e longo prazo etc. Essas questões partem de uma constância de discursos convergentes e algumas vezes divergentes que estão presentes na dissertação de Jeanne Bilich, na monografia de William Berger, na dissertação de Bruno Quintão de Souza, e no livro de Lucas Bragança e Maria Carolina.

Em termos cronológicos, Jeanne Bilich, em sua dissertação *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: política e poder no jornalismo cultural do ES - o cinema como mundo, a arte como universo (1980-1989)*, afirmou que: “em 12 de março de 1987 surge um novo movimento popular inserido no painel dos Direitos Humanos”; “tinha por objetivo defender a dignidade humana dos homossexuais, visando a dar combate ao preconceito e discriminação de que estavam sendo alvos, em decorrência do pânico que se alastrou pela sociedade capixaba motivado pela epidemia da AIDS”; “nasceu em uma reunião do Centro de Integração da Mulher (CIM), tendo Amylton de Almeida e Waldo Motta como fundadores”; “Em 27 de março de 1987, Amylton de Almeida participa de um comício do Partido dos Trabalhadores (PT), evento que contou, inclusive, com a presença de Luiz Inácio Lula da Silva, Leonardo Boff e Frei Beto”; “AA, discursou no palanque em favor da causa do Triângulo Rosa”; “No Espírito Santo, uma das primeiras vítimas da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida foi o jornalista Cícero Peixoto, que

trabalhava junto a AA, no Caderno Dois, de *A Gazeta*”; “[Nelmir Schneider:] começamos a ter notícias de homossexuais espancados em ônibus”; “[Nelmir Schneider:] e ai ele [AA] começou a comparar com a matança dos judeus, aquela coisa do 'triângulo rosa' afixado na roupa, e ele foi ficando desesperado”; “inúmeras palestras, com boa afluência de público, foram realizadas em auditórios localizados no centro da cidade de Vitória, tendo habitualmente como conferencistas profissionais das áreas da saúde e do direito”; “[Nelmir Schneider:] fizemos o estatuto da entidade Triângulo Rosa, registramos em cartório”; “[Nelmir Schneider:] o Triângulo Rosa funcionou a todo vapor durante o primeiro ano de sua existência”; “[Nelmir Schneider:] Amylton passou a escrever artigos, fizemos abaixo-assinados que foram encaminhados a diversos deputados”; “[Nelmir Schneider:] depois que a situação de pânico e preconceito foi contida, com a Aids atingindo a todo mundo — e não só aos homossexuais — Amylton começou a aborrecer-se e largou o grupo de lado”⁵³³.

Amiga de Amylton de Almeida, que possivelmente participou das reuniões do grupo, Jeanne Bilich colocou de forma assertiva a proposta da entidade e destacou quais seus pontos importantes. Entretanto, é necessário destacar que “o pânico moral criado em torno da epidemia de Aids” já estava presente no cotidiano brasileiro desde 1982, então, poderíamos pensar em termos de pânico moral e aumento da violência contra homossexuais e travestis capixabas pós-início da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo. Localizar geograficamente e temporalmente o surgimento da entidade é importante para a história do TRpDH, pois valoriza a emergência da entidade a partir de necessidades locais e não a invisibiliza apenas como um fato durante uma “onda” do[s] movimento[s] homossexual brasileiro.

William Berger também contribuiu com algumas colocações acerca do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana a partir do seu trabalho *Dossiê Identidades Capixabas: elementos para uma reflexão sobre as práticas e a política cultural*, que teve orientação do poeta Waldo Motta: “Waldo cria com o cineasta e jornalista Amylton de Almeida, e outros nomes, o ‘Triângulo Rosa’”; “[a entidade] realizava palestras em parceria com profissionais das áreas biomédicas na busca da cura para a AIDS e descriminalização dos homossexuais”⁵³⁴.

⁵³³ Bilich, 2005, p. 84-85, p. 196, p. 209, p. 211-212.

⁵³⁴ BERGER, William. **Dossiê identidades capixabas**: elementos para uma reflexão sobre as práticas e a política cultural. Vitória: independente, 2008. p. 23.

A assertiva de Berger sobre a entidade se propor na “busca da cura da Aids” parte da seguinte afirmação de Waldo Motta, em entrevista:

Naquela época, nós, os homossexuais, estávamos com medo até de sair à rua, tão forte era a discriminação e o perigo que corríamos. Como bibas conscientes não podíamos deixar a situação assim: criamos o Triângulo Rosa para promover o diálogo, esclarecer a população e buscar a cura da AIDS⁵³⁵.

Não fica evidente até que ponto a entidade se propunha a buscar a “cura da Aids”, mas havia uma intenção clara de combater o caráter ideológico presente nos discursos sobre a doença e, especialmente, divulgar sua profilaxia.

Bruno Quintão de Souza também teceu algumas afirmações sobre a entidade em dissertação intitulada *Interações entre o movimento LGBTI e o Governo Estadual do Espírito Santo*: “Dentro desta ambientação que cerca a ‘terceira onda’ do movimento, o movimento homossexual no estado do Espírito Santo iniciou-se em 1987”; “o objetivo do Triangulo Rosa [...] era esclarecer a população sobre o movimento homossexual e realizar palestras em parcerias com profissionais quanto a AIDS, [...] sobre avanços médicos [...] [e] a descriminação de homossexuais”; “A fundação [...] se deu em uma reunião do CIM – Centro de Integração da Mulher”; “o jornalista Cícero Peixoto, que foi a primeira vítima da AIDS no Espírito Santo, o qual havia agonizado após cinco meses de perda de peso fulminante, sucumbindo à doença em 18 de março de 1987”; “enquanto a iniciativa foi inédita no estado, esta não obteve longa duração. Encerrando-se um ano mais tarde”; “Apesar desta mobilização pouco duradoura, o Triangulo Rosa foi considerado o marco principal de iniciação do movimento LGBTI no Espírito Santo”⁵³⁶.

Não fica explícito nas fontes analisadas se o TRpDH buscou “elucidar a população sobre o emergente movimento homossexual”, mas a existência de um grupo local de militância de homossexuais possibilitou — por meio da mídia e da influência de seus participantes — que algumas questões levantadas pelo movimento homossexual ganhassem maior visibilidade localmente. O jornalista Cícero Peixoto faleceu 6 dias após a fundação da entidade, e as fontes levantadas nos mostram que até início de março de 1987 no Espírito Santo o boletim epidemiológico sobre a Aids divulgado pela SESA contava 4 óbitos, o

⁵³⁵ Waldo Mota *apud* Berger, 2008, p. 23.

⁵³⁶ SOUZA, Bruno Quintão de. **Interações entre o movimento LGBTI e o governo do Estado do Espírito Santo**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.p. 56.

que contesta a afirmação de que o jornalista Cícero Peixoto teria sido “a primeira vítima de Aids no Espírito Santo”.

Lucas Bragança e Maria Carolina trouxeram outras elucidacões sobre a organização em *Movimento LGBTQ+ Capixaba: fragmentos de uma história de luta por afirmação, direito e dignidade*: “foi um grupo de discussão sobre a temática LGBTQ, fundado no dia 12 de março de 1987, em Vitória”; “se reuniam prioritariamente no Teatro Carlos Gomes e se articulavam[*sic*] de maneira secreta”; “era formado, basicamente, por professores, jornalistas, empresários e demais homossexuais em busca de informações acerca da sua condição e a fim de lutar contra o preconceito evidente que sofriam”; “as reuniões já foram semanais, às terças-feiras, quintas-feiras e aos sábados e mensais, em um outro momento, mas sempre realizadas de uma maneira escondida, para que não houvesse repressão policial”; “o Triângulo Rosa era um espaço de estudo, muita leitura e discussão. Nas reuniões do grupo eram levantadas questões relacionadas à saúde, ao comportamento e ao preconceito, com uma intenção prioritariamente educativa”; “Waldo, apesar de não ter uma participação ativa no grupo por muito tempo, se recorda de ter frequentado algumas reuniões e de ter ajudado a escrever alguns manifestos”; “Waldo conta que a sua participação tímida se deu porque ele divergia um pouco dos métodos adotados pelo grupo”; “o Triângulo Rosa tornou-se o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa)”; “O grupo sofreu mudanças ao longo da sua existência”; “Com menos de dez anos de existência[...] o primeiro grupo organizado de militância LGBTQ no Espírito Santo finalizava as atividades”⁵³⁷.

O Triângulo Rosa pela Dignidade Humana não se reduz a “um grupo de discussão sobre a temática LGBTQ”. Por mais que durante as reuniões fechadas e abertas da entidade se debatesse a condição de homossexuais e travestis, as fontes mostram que o grupo contou com o ativismo de controle social da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo e buscou se aproximar de pessoas afetadas pelos seus discursos. Além disso, o TRpDH fez denúncias a mídia, a polícia, aos Constituintes e a sociedade no tocante ao aumento do preconceito e como este afetava a vida de gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas.

⁵³⁷ BRAGANÇ A, Lucas; CAROLINA, Maria. **Movimento LGBTQ+ Capixaba**: fragmentos de uma história de luta por afirmação, direito e dignidade. Vitória: Edição Independente, 2020.p. 93-95.

As reuniões do grupo aconteceram em diversos locais: no Centro Cultural Carmélia Maria de Souza, no auditório do edifício Pallas Center, auditório da SESA, na Casa da Cultura Capixaba, no Teatro Carlos Gomes e na casa de alguns dos membros. Entre reuniões abertas, fechadas, palestras e debates, não fica explícito se elas eram “realizadas de uma maneira escondida, para que não houvesse repressão policial”. Algumas reuniões eram fechadas para membros e talvez outras até aconteciam de modo informal entre os articuladores da entidade, mas parte das reuniões e dos feitos do grupo — especialmente em seus primeiros meses — foram divulgados nos jornais locais.

Sobre o tempo de duração da entidade e seu encerramento: Em 01 de agosto de 1988, o Estado do Espírito Santo realizou o I Simpósio de Saúde sobre AIDS, que ocorreu no auditório do Colégio do Carmo⁵³⁸. No dia 02 de setembro de 1988, a Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo realizou uma mesa redonda intitulada “AIDS-aspectos sócio-éticos envolvidos”, que contou a presença de Ranulfo Cardoso, representante da Associação Brasileira Interdisciplina de Aids – ABIA⁵³⁹. Em 1992, durante o II Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS, realizada na Faculdade Cândido Mendes no Rio de Janeiro, Paulo Barbosa, representante do Grupo pela VIDDA/ES, participou de um grupo de trabalho intitulado “Grupos de Auto-ajuda e Aconselhamento”⁵⁴⁰. Em 1994, Vitória sediou o VI Encontro Nacional de ONGS/AIDS, e as entidades eleitas para atuarem na comissão organizadora foram: ABIA, GAPA/BH, GAPA/SP e Grupo pela VIDDA/Vitória⁵⁴¹.

Por fim, não encontramos registros ou relatos que apontassem para a assertiva de Bragança e Carolina de que o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana se tornou a Ong/Aids, Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA/ES). Os relatórios da ABIA mencionaram apenas o Grupo pela VIDDA/ES[Vitória]. De igual modo, não encontramos registros posteriores a 1988 que tratassem da continuidade do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

⁵³⁸ MALVERDES, André. **Patrimônio fotográfico**: catálogo do acervo pessoal do ex-governador Max Freitas Mauro. Vitória: AARQUES, 2019. p. 104.

⁵³⁹ Boletim ABIA. Rio de Janeiro: **ABIA**, n. 4, set. 1988.

⁵⁴⁰ Boletim ABIA. Rio de Janeiro: **ABIA**, jul. 1992. Edição Especial, 2.

⁵⁴¹ GALVÃO, Jane. As respostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS. In: PARKER, Richard (org.). **Política, instituições e AIDS** – enfrentando a epidemia no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, p. 69-108, 1997. p. 82. Boletim ABIA. Rio de Janeiro: **ABIA**, n. 22, dez. 1993. p. 6.

As entrevistas conduzidas com Tina Moreira, Edson Ferreira e Claudino de Jesus tiveram perguntas direcionadas sobre a epidemia e o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana. Todos os três contam que participaram de algumas das reuniões e acompanharam os feitos da entidade. Quando questionada qual a reação dos homossexuais quanto ao surgimento do primeiro caso de HIV/Aids no Espírito Santo em 1985, Tina Moreira respondeu: “Medo. Todo mundo tinha medo. Aí foi ver que a Aids foi colocada como se fosse uma doença do homossexual”⁵⁴². A primeira frase de Tina Moreira sobre a doença reforça como os discursos que colocavam a Aids como uma doença de homossexuais penetrou na cabeça das pessoas — tanto que, ao reviver essa memória, Tina Moreira destaca um sentimento traumático: “medo”.

Edson Ferreira, ao ser questionado a respeito dos primeiros casos de Aids e o estigma de “peste gay”, relembra: “Lógico que assustou, né? Porque a gente perdeu muita gente. A doença veio e foi tipo essa gripe que está acontecendo. Naquela época foi muito difícil”⁵⁴³. De imediato, Edson Ferreira associou os tempos de Aids com a pandemia de COVID-19, que estava em seu primeiro pico no momento da entrevista. Por conhecer muitas pessoas que contraíram o vírus da Aids, o sentimento de impotência contra a morte por uma doença que não se tem cura ou vacina se repetia durante os primeiros meses de COVID-19, sentimento este que só alguém que tinha em seu círculo de amizade pessoas que contraíram HIV/Aids poderia sentir. Essa é uma memória coletiva compartilhada por parcela significativa da comunidade LGBTQIA+ que vivenciou a década de 1980; essa também é a memória pessoal de quem presenciou amigos e amigas padecerem para a doença.

Claudino de Jesus, ao ser questionado a respeito de como a mídia capixaba tratava a questão da Aids, rememorou que

No início não tratava. Amylton que forçou a barra e conseguiu colocar. Depois passou a tratar na Coluna de Saúde. Pelo que me lembro Amylton conseguiu pautar o tema. Quando ele cria o Triângulo Rosa, ele repercutiu no Caderno Dois as ações do Triângulo Rosa⁵⁴⁴.

⁵⁴² MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 9.

⁵⁴³ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 8.

⁵⁴⁴ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 6.

Como vimos nos tópicos anteriores, desde a notícia do primeiro caso de Aids no Espírito Santo no final de 1984 até fevereiro de 1987, apenas dois casos de HIV/Aids haviam sido identificados localmente. Por mais que as notícias acerca da doença a nível nacional circulassem constantemente na mídia local, o tema não era pautado como um problema de Saúde Pública no Espírito Santo. Assim, é a partir do momento em que Amylton de Almeida e Waldo Motta questionam o conteúdo ideológico na Campanha no Espírito Santo — o que corrobora com a assertiva de Claudino de Jesus, que aponta que “Amylton que forçou a barra e conseguiu colocar [o tema em pauta]” — que o tema passou a ser minimamente tratado na mídia.

Ao ser questionada a respeito das publicações do/sobre o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana no jornal *A Gazeta*, Tina Moreira salienta que:

Amylton sempre foi um grande formador de opinião. Um jornalista muito respeitado. Então por ser um jornalista respeitado, ele utilizou o canal, o jornal, a mídia impressa, exatamente para levar informação. Para as pessoas não caírem nessa do preconceito: não vou conversar com ele porque ele é gay; não vou conservar com aquela porque é homossexual; se eu tiver junto eu posso pegar Aids.

Tina Moreira reforça a assertiva de que os membros da entidade utilizavam de sua influência para acessar determinados espaços e levar informações acerca da doença. Edson Ferreira também afirma que membros e amigos jornalistas utilizaram o jornal para tentar combater discursos estigmatizantes e ideológicos: “Amylton ajudou muito a gente, colaborou muito. O *A Gazeta* também colaborou muito”⁵⁴⁵.

Questionada sobre as pessoas que participavam e auxiliavam o TRpDH, Tina Moreira destaca que: “Tanto que o Triângulo Rosa não eram só homossexuais e só lésbicas. Tinha héteros também. Um grupo de amigos realmente para conscientizar. Tinha médicos, para conscientizar a questão da segurança, usar o preservativo”⁵⁴⁶. Edson Ferreira sustenta: “Então, era muita gente. Eles convidavam a gente e a gente levava pessoas para participar. A gente sempre levava uma pessoa diferente. Mas eles eram os cabeças: Waldo Motta, Amylton de Almeida, Teo Mendes, [nome] Coelho, Vitorino Gonçalves”. Claudino de Jesus destaca a respeito da primeira reunião pública: “Essa do lançamento teve umas 40

⁵⁴⁵ FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 9.

⁵⁴⁶ MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 10.

a 50 pessoas, entre médicos, homossexuais, artistas, mulheres engajadas na luta contra a misoginia. Depois tinha um pouco menos nas reuniões do cotidiano”⁵⁴⁷.

Claudino de Jesus, ao ser questionado sobre o tempo de existência da entidade, afirma que “Estava pensando exatamente nisso. Passou de um ano, mas não sei se dois ou três. Mas de um ano passou”⁵⁴⁸. Ao saber que não encontramos menções ao grupo no *A Gazeta* na segunda metade de 1987, Claudino de Jesus responde:

A entidade durou mesmo depois de desaparecerem as citações. O que ocorreu foi o seguinte: Passado um tempo, deixou de ser novidade, deixou de ser notícia. Transformou-se em algo natural. E Amylton falava de vez em quando no tema para chamar atenção na época. Acabou sendo assimilado e não virou notícia mais. Mas durou mais que isso⁵⁴⁹.

Tanto a literatura quanto a memória dos entrevistados sobre o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana reforçam algumas das questões investigadas aqui: tempo de duração da entidade, organização, estrutura, método de ativismo, propostas, membros e participantes.

3.9 “o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana não surgiu como uma resposta a epidemia de HIV/Aids em si, mas como uma resposta à Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo” – *Randas Freitas*

Como vimos nos tópicos anteriores a partir de reportagens do jornal *A Gazeta*, o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana não surgiu em resposta à epidemia de HIV/Aids em si, mas em resposta à Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo. Perceber essa diferença é fundamental para localizar geograficamente e temporalmente o surgimento da entidade. Entender a emergência de um movimento de homossexuais organizado pós-Ditadura Militar no Espírito Santo passa por compreender alguns aspectos: por mais que fosse possível encontrar gays, lésbicas, bissexuais e travestis conversando/debatendo nas mesas acadêmicas e nas mesas de bares a questão da sexualidade e a violência do Estado, não houve um pontapé inicial que fosse capaz de reuni-los(as) para fins de militância organizada.

⁵⁴⁷ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 7.

⁵⁴⁸ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 7.

⁵⁴⁹ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 7.

Amylton de Almeida, de forma irônica, chegou a classificar os novos frequentadores do Britz bar em 1980 como a “ala discreta do movimento guei”⁵⁵⁰. Essa insinuação nos permite pensar que o debate existia já nos altos de 1980, mas que a característica “discreta” alude a um grupo de pessoas reunidas (diferente de organizadas) que colocavam as suas questões e insatisfações no bate-papo de uma mesa de bar e, em alguns momentos, na “arena pública” — deixando implícito, desse modo, que não houve uma “necessidade” ou vontade de organização naquela conjuntura, seja por conta do recém período de abertura política, ou pelo fato de os sujeitos em questão não enxergarem naquele momento, a nível estadual, algo contra o qual fosse necessário lutar diretamente.

É nesse contexto que entra a questão: por que no início da década de 1980 não se formou um grupo no Espírito Santo, visto que era possível encontrar grupos de ativismo nos estados circunvizinhos? Para não cairmos na ideia de que um grupo de ativismo é o nível mais alto de militância e a única maneira possível de se questionar as normas vigentes — e, implicitamente, construirmos uma narrativa que silencia experiências que não foram “organizadas” — pensamos em outra questão: quais as movimentações que antecederam o movimento organizado?

Vimos que em Colatina, na década de 1960, havia um circuito de homossexuais e travestis com cerca de trinta pessoas. A turma de Colatina produziu uma rede de interações que englobava jornais da imprensa homossexual, bonecas, bofes e travestis que sociabilizavam em espaços públicos e privados na cidade, pessoas que viajavam para outros centros urbanos para o carnaval, para comprar perucas, “turistar”, assistir a concursos de misses e, em alguns casos, criar seus próprios concursos, como os ocorridos nas ruas do carnaval de Vitória.

Observamos como na Grande Vitória o circuito de homossexuais e travestis produzia uma “nova cidade”, sem se restringir às suas fronteiras políticas e administrativas, englobando bairros como São Sebastião, em Serra; Barra do Jucu, Centro e Praia da Costa, em Vila Velha; Campo Grande, em Cariacica; Camburi, São Pedro, Centro e Jucutuquara, em Vitória. Essa rede de movimentações envolvia boates, bares, saunas, praças, becos, casas e ruas que produziam uma heterotopia — um espaço possível — para se viver e socializar,

⁵⁵⁰ ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020. p. 10.

sendo “permitido” fugir por um determinado espaço-tempo das normas de gênero e sexualidade.

Constamos a formação dos primeiros concursos de travestis e transformistas realizados no Espírito Santo e como estes eram um afronte à “sociedade capixaba”: “a cidade [Linhares] não evoluiu o bastante para ser palco de um concurso de gays” ou “a polícia não sabia que nós éramos travesti. Não sei o que aconteceu, um coronel chamou a Polícia Federal e levou todo mundo preso”. A organização do concurso Miss Gay Espírito Santo se solidificou e conquistou diversos títulos no concurso nacional, o Miss Brasil Gay que era realizado em Juiz de Fora.

Comentamos a respeito da produção de literatura e teatro no Espírito Santo e de como artistas e intelectuais homossexuais tematizavam a sexualidade em algumas de suas obras. Salientamos, ainda, que mesmo os que não o fizeram, não chegaram a “esconder” sua sexualidade. Os que buscaram contestar as opressões eram alvo da censura ou dos aparelhos de vigilância da Ditadura Militar. Enquanto o teatro, já nos altos do final da década de 1960, “afrontava” as normas de gênero e sexualidade, a literatura começou a tematizar essas questões no decorrer da década de 1970 e especialmente na década de 1980, quando iniciou o período da “abertura política”.

Analisamos como o Estado brasileiro, por meio de órgãos do governo e instituições, promovia uma censura política-moral contra artistas e intelectuais assumidos ou quando algum trabalho tematizava as experiências lésbicas, gays, bissexuais e travestis. Além da censura, o Estado também utilizava seu aparato de controle para reprimir homossexuais e travestis em praças, bares e boates. Esse sistema de controle atuava dentro de uma política sexual que buscava construir e promover a manutenção do *status quo* de uma nação que se pretendia heterossexual, cisgênero, burguesa, branca, cristã e capitalista.

Averiguamos como se deu a inserção do Espírito Santo e de capixabas no emergente Movimento Homossexual Brasileiro através de grupos e da imprensa homossexual, destacando ainda como foi realizado o debate sobre as subjetividades gays, lésbicas, bissexuais e travestis no estado. Intelectuais e jornalistas utilizaram da influência que tinham no cenário local para inserir no debate público temas relacionados ao controle e à repressão da sociedade e do Estado contra homossexuais e travestis. Mesmo em diálogo, contato e presença nas movimentações do MHB nos estados circunvizinhos, nessa

conjuntura não se formou nenhum grupo capixaba organizado. Essa situação continuou com a chegada da “Aids antes da Aids” no Brasil e no Espírito Santo.

Quando a epidemia de HIV/Aids explode a nível mundial, o Brasil, desde 1982, já consumia imagens e representações da doença como “peste gay” e, logo em seguida, os primeiros casos de sarcoma de Kaposi foram identificados em território nacional. Apesar dos jornais sensacionalistas utilizarem da imagem de homossexuais acamados e no leito de morte, ainda assim não emergiu um movimento homossexual capixaba. Quando o primeiro caso é identificado no Espírito Santo em 1984, com confirmação apenas em 1985, os próximos casos foram identificados dois anos depois, isto é, em 1987. Isso demonstra que a Campanha iniciada pelo Estado de São Paulo — posteriormente apropriada pelo Ministério da Saúde e levada a outros estados com números de casos expressivos — não fez com que emergisse um grupo organizado no Espírito Santo.

Quando, formalmente, a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo teve início, com sua primeira palestra pública que contava com a participação de representantes das igrejas evangélicas, representantes da Secretaria de Saúde e divulgação da mídia local, é que houve um embate entre homossexuais capixabas e os discursos proferidos por “autoridades” sobre a Aids. Vinte e quatro dias após o início da Campanha, formou-se o Triângulo Rosa pela Dignidade Humana.

Isso não indica que gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas só começaram a se preocupar com a epidemia quando... Permitam-me utilizar a expressão popular: “enquanto a água não bate no joelho, ninguém aprende a nadar”. Ou seja, os capixabas só começaram a nadar (militar) quando a água (discurso de associação da Aids como doença de homossexuais) bateu no joelho (os atingiu). Não! Ao contrário do que apregoa essa visão, gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas já sabiam nadar e participavam dos banhos coletivos de outros estados, mas a distância geográfica atuava como uma barreira contra o que eles deveriam lutar. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Goiás, Ceará, Sergipe, entre diversos outros estados, a repressão acontecia cada uma a sua maneira, em destaque para os Estados com maior densidade demográfica em que os casos de repressão eram mais frequentes e mais divulgados.

Quando surge a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo é que ocorre um *boom* de homossexuais e travestis denunciando a violência que os assolava há anos. Contudo, com a epidemia de HIV/Aids e a forma com que o Estado do Espírito Santo a

tratava, houve um aumento do preconceito e da violência que viviam no dia a dia. A redemocratização também teve influência no aumento da denúncia. Era um momento de emergência de discursos e interpretações que combatiam o caráter repressivo do Estado e de como este deveria tratar a sua população. Durante as reportagens sobre a violência contra homossexuais e travestis no ano de 1987 e início de 1988, “choviam” reportagens sobre a redemocratização e Constituição de 1988, ou “Constituição Cidadã”, como foi apelidada.

A conjuntura de início da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo e o debate dos constituintes sobre a Constituição de 1988 auxiliaram na emergência do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana e atuaram diretamente na forma de ação do grupo: subindo em palanques, visitando e acolhendo, promovendo debates e palestras sobre a profilaxia, combatendo o discurso da campanha, publicando artigos-denúncias no jornais locais, enviando suas reivindicações aos Constituintes, entrando em contato com autoridades locais e promovendo uma rede de suporte e apoio às pessoas vítimas das violências, fobias e repressões intensificadas pelos discurso da Aids como “peste gay”.

É por defendermos que o surgimento do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana deve ser analisado a partir de uma perspectiva geograficamente e temporalmente localizada que também pensamos ser necessário analisarmos as movimentações de gays, lésbicas, bissexuais e travestis de forma deslocada de um ponto de vista “evolutivo”, onde o surgimento da entidade atua como o indicativo do “fim de uma ausência de ativismo”. Pelo contrário, acreditamos que a fundação do Triângulo Rosa pela Dignidade Humana é uma parte das movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2020, quando o projeto desta pesquisa passou pelo Seminário de Pesquisa de Mestrado, acreditávamos que, a partir do primeiro caso de HIV/Aids identificado no Espírito Santo em 1985, houve um deslocamento nos meios de ativismo dos capixabas: antes da epidemia o ativismo estava estruturado em críticas políticas e sociais no âmbito da cultura — como literatura, caderno de cultura, imprensa alternativa e homossexual, teatro e universidade — e, após o início dos casos no Espírito Santo, o ativismo mudou para uma forma de controle social onde sujeitos munidos de acesso a determinados espaços de *poder* passaram a fiscalizar o Governo do Estado quanto ao combate à epidemia de HIV/Aids e ao estigma colocado sobre homossexuais e travestis.

Verificamos, no decorrer do primeiro e segundo capítulo desta dissertação, que durante as décadas de 1960 e 1970 existiu uma movimentação de lésbicas, gays, bissexuais e travestis na capital, em suas cidades circunvizinhas, e em cidades do interior. Destacamos como as movimentações do interior para a cidade e da cidade para o interior — bem como os deslocamentos interestaduais — permitiram trocas culturais entre esses sujeitos, propiciando assim a emergência de circuitos de homossexuais e travestis. Através do jornal *O Snob* foi possível identificar essa movimentação tanto na cidade de Colatina como na capital Vitória. Essa fonte nos permitiu perceber como as representações identitárias a respeito dos sujeitos não conseguiam dar conta de suas subjetividades. Também captamos que essa circularidade, acionada através do contato com homossexuais e travestis de outras cidades e estados, permitia que se (re)produzissem meios de socialização e interação entre eles, bem como de apropriação do território.

Além d’*O Snob*, colunas de roteiro gay presentes no *Lampião da Esquina* e no *Jornal do Gay* nos permitiram mapear na Grande Vitória os possíveis locais de frequência de homossexuais, bissexuais e travestis. Esse mapeamento foi de suma importância para entendermos os processos de subjetivações presentes na relação entre sujeito e ambiente. Se num primeiro momento esse circuito de homossexuais e travestis no Espírito Santo se deu em espaços públicos e privados, que no decorrer do dia se enquadravam na cisheteronormatividade, num segundo momento foram produzidos “redutos gays”: Bangalô, sauna Fleur, concurso Miss Gay Espírito Santo, praças, parques, ruas e vielas, espaços privados como casas de amigos que se tornaram ponto de encontro desses sujeitos.

Como vimos, nem todos os sujeitos categorizados como homossexuais conseguiam se apropriar do espaço urbano da mesma maneira. Travestis tinham de se montar escondidas porque era arriscado sair de casa “de mulher”; travestis não eram bem-vindas em determinados horários em cinemas porque alguns gays que frequentavam não permitiam; mulheres lésbicas e bissexuais se restringiam a frequentar alguns espaços com medo de assédio e estupro corretivo. A forma com que os “iguais”, ditos homossexuais — termo genérico que englobava travestis, lésbicas, bissexuais e gays —, apropriavam-se do espaço da cidade era diferente. Além do consumo da cidade por parte destes, havia a forma com que o Estado os tratava: travestis negras eram as primeiras a sofrerem batidas da polícia; travestis eram jogadas no “lixão” de São Pedro ou na Beira Mar — isso quando não passavam a noite na chefatura para limpar a delegacia.

Por outro lado, alguns(as) gays, lésbicas e bissexuais de classe média ou ligados ao teatro ou à intelectualidade capixaba conseguiam acessar alguns espaços de poder e colocavam questões relativas à sexualidade em debate. A “aceitação” desses sujeitos por parte da sociedade capixaba se dava por diversos motivos, sendo um deles sugerido por Claudino de Jesus: de que primeiro a sociedade capixaba conhecia a arte e depois o artista: “é viado, mas é culto”⁵⁵¹. Esse tipo de expressão traduz muito o que Claudino de Jesus chama de acomodação da sociedade capixaba burguesa, ou seja, estavam dispostos a ignorar ou deixar de lado a sexualidade do artista ou intelectual se ele(a) estivesse produzindo cultura. Vera Viana por meio do teatro; Amylton por meio da literatura, jornalismo, teatro; Milson Henriques através do teatro, das caricaturas, da literatura, da TV e rádio; Claudino de Jesus por meio da militância estudantil e do movimento cineclubista; Renato Saudino pela literatura; Carmélia Maria de Souza através da literatura e do jornalismo; Waldo Motta por meio da literatura, entre muitos outros e outras ousaram viver sua sexualidade e adentrar os meios culturais capixabas.

Nem todos fizeram de suas vidas uma militância relacionada à sexualidade, mas também não deixaram de falar sobre ela e pontuar questões em suas produções. A ditadura, por sua vez, buscou de diversos modos — por meio de seus aparelhos de controle e censura — calar esses sujeitos. Apesar da censura e do controle promovido dentro dos meios intelectuais e jornalísticos e da repressão presente nos ambientes de socialização, na transição da década de 1970 e início da década de 1980 não se formaram grupos de

⁵⁵¹ JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 4.

ativismo homossexual no Espírito Santo, diferente do que aconteceu nos estados circunvizinhos.

As fontes e a literatura produzida nos levam a pensar que um dos possíveis motivos pode estar atrelado às repressões nas ruas e às formas por meio das quais a censura e controle na mídia atingiam esses sujeitos de maneira individual. Isso porque naquela conjuntura, por mais que conversassem entre si, não chegou a haver um senso de coletividade quanto a forma com que o Estado e a sociedade tratavam homossexuais e travestis. Algo que muda com a emergência da Aids, especialmente com o início da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo, a qual acreditava que o termo “homossexual” daria conta de englobar travestis, bissexuais, lésbicas e gays, e que apregou a Aids como uma doença de homossexuais — ainda que ela atingisse a todos.

Contudo, diferente da primeira hipótese que defendemos no Projeto de Pesquisa de Mestrado — hipótese essa que carregava a crença de que foi a emergência do primeiro caso de HIV/Aids no Espírito Santo que movimentou o senso coletivo que deu origem ao Triângulo Rosa pela Dignidade Humana —, percebemos ao analisar as fontes do jornal *A Gazeta*, que a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo atuou como estopim para a formação do primeiro grupo capixaba voltado para defender a dignidade e cidadania de homossexuais e travestis. Entender a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo como ponto de inflexão para a formação do TRpDH mostra que a entidade não surgiu por causa da chegada da Aids no Brasil, e sim que o início da Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo intensificou a forma com que o Estado, a mídia, as igrejas — e, conseqüentemente, as pessoas no dia a dia — tratavam os homossexuais e travestis.

Se antes os preconceitos presentes no dia a dia reproduziam preceitos historicamente estabelecidos, o *dispositivo da Aids* permitiu que além dessas concepções outras fobias fossem associadas aos homossexuais e às travestis, tais como o medo de contaminação biológica e social. Uma contaminação biológica que se daria “pelo contato com um homossexual” — senso comum à época —, e uma contaminação social, na qual estar na presença de uma travesti ou de um homossexual era estar em contato com um(a) “aidético”.

Apesar de chegarmos a uma conclusão, nada aqui está concluído. É apenas o começo. Para as próximas pesquisas e futuras gerações, deixo alguns caminhos e algumas

questões: Levantar os jornais locais de Colatina que circularam no ano de 1966 para verificar a assertiva de Babette: “Existe um certo colatinense que escreve as suas colunas para jornal de Colatina. Deu agora na telha do bofético incluir o que as bonecas fazem na cidade”⁵⁵².

Levantar reportagens do jornal *A Gazeta* sobre a homossexualidade antes e depois da chegada de Amylton de Almeida e Milson Henriques, verificar se houve mudanças no discurso do jornal quanto à temática que versavam a respeito de gays, lésbicas, bissexuais e travestis. Levantar reportagens do jornal *A Tribuna* e analisar como a redação do jornal tratava homossexuais e travestis em suas reportagens. Levantar documentos da Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo sobre a Campanha Nacional contra a Aids no Espírito Santo. Levantar boletins de ocorrência e documentos da Polícia Civil e Militar do Espírito Santo sobre crimes que envolvessem homossexuais e travestis. Levantar documentos na Câmara de Vereadores de Vitória sobre Atharé de Castro. Levantar o Arquivo Criminal no Tribunal de Justiça do Espírito Santo os documentos sobre Professor Irênio (Irênio Carneiro Lisboa).

Produzir entrevistas com gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transformistas, transgêneros que militaram em partidos, movimento secundarista, universitário, sindical, cultural, feminista, negro, de profissionais do sexo, entre outros. Produzir biografias sobre lésbicas, bissexuais, travestis, transformistas capixabas, sem silenciar ou apagar a sexualidade e gênero destes sujeitos. Produzir artigos, dissertações e teses sobre sexualidade e gênero no Espírito Santo, no campo das ideias, dos discursos, das subjetividades em variados tempos históricos, localizações, grupos e culturas.

Ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Revisar o acervo DOPS/ES sob o viés da sexualidade, categorizar e classificar os documentos; produzir um acervo sobre a memória e história LGBTQIA+ do Espírito Santo e o Brasil; levantar acervos de Valeska Franklin, Edson Ferreira, Vera Viana, Amylton de Almeida, Milson Henriques, Claudino de Jesus, Renato Saudino, entre outros; recolher acervos das entidades e membros de antigos grupos de ativismo LGBTQIA+ e temas correlacionados no Espírito Santo; se preocupar em montar acervos que relacionem movimento LGBTQIA+, negro, feminista, indígena, sindical, estudantil; cobrar o Estado do Espírito Santo e os jornais *A Gazeta* e

⁵⁵² BABETTE. Colatina em Hi-Fi. *O Snob*, Rio de Janeiro, p. s/n, s/d jun. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas. p. 12.

A *Tribuna* de disponibilizarem acervo digital gratuito, especialmente sobre o período da Ditadura Militar, um dos temas mais pesquisados no Brasil contemporâneo; promover fomento a pesquisas sobre o Espírito Santo e produzir junto a Ufes, Ifes e IES, comunidades tradicionais e movimentos sociais, mais acervos que valorizem a pluralidade étnica e cultural do Espírito Santo, se atentando para não silenciar ou inviabilizar questões de raça, gênero, sexualidade e classe social.

À próxima geração de historiadores: investigar o processo de subjetivação das travestis no Espírito Santo, analisando o Centro de Vitória e a política higienista na década de 1960, concursos e shows em São Sebastião e Canoa Velha, a fundação da Associação de Damas da Noite — esta última, que teve Jovanna Baby como uma das fundadoras e foi vice-presidente em 1979, registrado em seu livro: *Bajubá odara: resumo histórico do nascimento do movimento de travestis no Brasil*. Investigar as interseções de raça, gênero e sexualidade em Carmélia Maria de Souza e Vera Viana. Investigar os circuitos lésbicos e a rede de interações entre mulheres lésbicas e bissexuais. Investigar as interações entre o emergente movimento homossexual capixaba na década de 1980 e 1990 e os movimentos feministas e negros. Investigar o carnaval e a produção de subjetividades de gays, lésbicas, bissexuais e travestis capixabas.

REFERÊNCIAS

FONTES

Orais

FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 207-221. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 222-231. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 232-247. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

MOROTHIN, Frederico. **Frederico Morothin**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 10 jun. 2017. p. 248-264. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

A Gazeta

A escravidão vista pelos poetas. **A Gazeta**, Vitória, 13 mai. 1988.

Aids faz crescer discriminação contra prostitutas e travestis. **A Gazeta**, Vitória, 02 abr. 1987, p. 5.

Esse livro oferece a consciência para o marginal brasileiro: o homossexual. **A Gazeta**, Vitória, 01 fev. 1976, Caderno Dois.

Fatos locais e a estreia de um espetáculo “Gay”. **A Gazeta**, Vitória, 06 dez. 1981.

Homossexuais denunciam o aumento do preconceito. **A Gazeta**, Vitória, 22 fev. 1987, p. 8.

Medo e violência. É a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 12 abr. 1987. p. 5.

No ciclo de debates, hoje, o assunto é homossexualismo. **A Gazeta**, Vitória, 26 ago. 1981, Caderno Dois.

O Teatro está de volta. **A Gazeta**, Vitória, 26 mai. 1976.

Os novos judeus e a Aids. **A Gazeta**, Vitória, 17 fev. 1987, p. 6.

Reagan, o macartismo e o cinema nacional. **A Gazeta**, Vitória, 07 nov. 1980, Caderno Dois.

Travestis brigam com time de futebol. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988, p. 13.

Travestis lutam contra time de futebol na areia. **A Gazeta**, Vitória, 20 fev. 1988.

Uma reunião de descontentes, hoje. **A Gazeta**, Vitória, 12 mar. 1987, Caderno de Saúde.

A Tribuna

Homossexuais: em defesa da liberdade sexual e política. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 17 out. 1982.

Lésbica que vivia com Tereza Tesch não foi encontrada. **Tribuna de Vitória**, Vitória, 15 out. 1982.

Linhares elegerá Miss Gay amanhã. **A Tribuna**, Vitória, 08 out. 1982.

Promotor insatisfeito com inquérito Tereza Teich. **A Tribuna**, Vitória, 17 out. 1982.

Rogéria em Gay Girls. **A Tribuna**, Vitória, 13 ago. 1982.

Lampião da Esquina

TREVISAN, João Silvério. Encontros e brigas de vários graus. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021.

ALMEIDA, Amylton. Escolha seu roteiro: Vitória. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mai. 1980. Disponível em: <[https://www.grupodignidade.org.br/wp-](https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf)

<content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

O Snob

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 5-6, 30 nov. 1965. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 15-16, 25 dez. 1965. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 mar. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, s/d jun. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, 03 dez. 1966. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 fev. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, capa, 08 jul. 1967. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

BABETTE. Colatina em Hi-Fi. **O Snob**, Rio de Janeiro, p. s/n, s.d jan. 1968. Acervo: TURMA OK. Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas.

Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

Boletim ABIA. Rio de Janeiro: ABIA, n. 4, set. 1988.

Boletim ABIA. Rio de Janeiro: ABIA, jul. 1992. Edição Especial, 2.

Boletim ABIA. Rio de Janeiro: ABIA, n. 22, dez. 1993.

Outros jornais

A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay. **A Tarde**, Salvador, 14 jan. 1985.

Carnaval 2020: prefeitura de Vitória anuncia mudança nas interdições e eventos no Centro. **Folha Vitória**, Vitória, 15 jan. 2020. Disponível em:< <https://www.folhavitória.com.br/geral/noticia/01/2020/carnaval-2020-prefeitura-de-vitoria-anuncia-mudancas-nas-interdicoes-e-eventos-no-centro>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

Entrevista: Milson Henriques. **Jornal da Cidade**, Vitória, 14 e 15 fev. 1975.

Grupo Gay denuncia assassinatos. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 20 mar. 1987.

Lei Áurea homossexual: proibido discriminar por orientação sexual. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, Salvador, p. 18, nov. 1992. Disponível em:<<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2018/02/2-boletim-do-ggb.pdf>>.

Acesso em: 29 set. 2020.

Mantenha Salvador limpa: mate uma bicha todo dia. **A Tarde**, Salvador, 15 nov. 1988.

Matar veados não é homicídio, é caçada... . **A Tarde**, Salvador, 01 abr. 1985.

Povo de Sidnei caça os gays por temor ao[sic] Aids . **O Dia**, Rio de Janeiro, 20 nov. 1984.

Resolução nº 570. **Diário da Manhã**, Vitória, 10 abr. 1928. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/docreader/572748/28980>>. Acesso em: 13 set. 2021.

Edital. **Diário da Manhã**, Vitória, 18 mai. 1929. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=572748&pagfis=31729>>.

Acesso em: 21 jun. 2021.

Amor com endereço trocado. **Folha do Povo**, Vitória, 21 mar. 1953. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/docreader/101800/1621>>. Acesso em: 29 set. 2020.

Estão matando os travestis a tiro. **O Dia**, Rio de Janeiro, 19 nov. 1984.

Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo

Lampião da Esquina. Posição, Vitória, p. 4, jun. 1979. In: **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. Fundo: Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo. BR_ESAPEES_DES_0_COLT_EXEJ_9. 60f. p. 32.

Milson Henriques. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. Fundo: Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo. Sd. BR_ESAPEES_DES_0_IRA_9. 87f. p. 1.

Milson Henriques

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo: **Milson Henriques**. Caixa 6, 1973-1977. BRESAPEES. MH.31.

Arquivo Nacional

Atividade da “Plenária Nacional Pró-constituente”. **Arquivo Nacional**. Fundo: Serviço Nacional de Informações. 17 mar. 1987. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_87014519. 7f.

Informação biográfica. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Saúde. Sd. [1985-1986]. BR_DFANBSB_IS_INF_PGE_0001. 199f. p. 99.

Levantamento de dados do Município de Vitória/ES e área circunvizinha para a visita do Exmº Sr. Presidente da República ao Estado do Espírito Santo. **Arquivo Nacional**. Fundo: Serviço Nacional de Informações. 11 jan. 1977. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_83008224. 55f. p. 42.

Peças de teatro e filmes não liberados pela censura no período de 1971 a 1976. **Arquivo Nacional**. Fundo: Serviço Nacional de Informações. 31 ago. 1976. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_76101417. 99f. p. 70.

Quadro de pessoal da Fundação Cultural do Espírito Santo. **Arquivo Nacional**. Fundo: Não localizado, 30 ago. 1976. Não localizado. 6f. p. 5.

Roteiro Gay de Vitória Espírito Santo. **Jornal do Gay**, São Paulo, p. 03, 1979. Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 11 out. 1979. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.AVU.300. 121f. p. 40.

Situação atual da Aids no Brasil. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Saúde. 11 fev. 1987. BR_DFANBSB_IS_INF_ECE_0017. 229f.

TV Espírito Santo – Ataque a censura. **Arquivo Nacional**. Fundo: Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça, 05 mai. 1977. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_PRO_0789. 31f. p. 5.

Sites diversos

1º Concurso de Miss Gay ES, em 1976, no Clube Saldanha da Gama [recortada]. **Facebook**. Disponível em:<<https://www.facebook.com/Forum.LGBT.ES/photos/gm.206105683443609/1783646768340992/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ARGENTINA. **Direcho electoral de los electores**. Disponível em:<<http://www.saij.gob.ar/LPB0005109>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei N° 1.077, de 26 de Janeiro de 1970**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1077.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. **Regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15250.htm>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. **Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública**. Disponível em:<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20493-24-janeiro-1946-329043-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

Eleição 1976: Vereadores eleitos. **Tribunal Regional Eleitoral do Espírito Santo**. 15 nov. 1976. Disponível em:<<https://www.tre-es.jus.br/eleicoes/eleicoes-antteriores/eleicoes-2006-e-antteriores/tre-es-eleicao-1976-vereadores-eleitose>>. Acesso em: 23 set. 2021.

Glamour, luxo e beleza: O Concurso Miss Gay. Sergio Herzog. **Youtube**. Associação Gold. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=N4kKbEP9QYs>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Peça de Vera Viana no palco do Teatro Galpão neste final de semana. **Prefeitura de Vitória**, Vitória, 19 ago. 2009. Disponível em:<<https://m.vitoria.es.gov.br/noticias/noticia-1413>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

Salas de cinema do ES: Os Filmes. Disponível em:<<https://www.cinememoria.com.br/p/generos.html>>. Acesso em: 24 set. 2021.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Amylton de. **My funny Valentine e A noite das longas facas, segunda parte**. Vitória: CJES, 1985.
- ALMEIDA, Amylton de; HENRIQUES, Milson; ALENCAR, Marcos. **Tem xiririca na bixanxa**. Vitória: SBAT, 1982.
- BARROS, Andréa Kelmer de. **A organização homossexual em Juiz de Fora**: estudo sobre a trajetória do concurso Miss Brasil Gay em Juiz de Fora desde 1977 até a formação do MGM em 2000. 2016. 231f. Tese (Doutorado em Política Social) - Programa de Pós-graduação em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERGER, William. **Dossiê identidades capixabas**: elementos para uma reflexão sobre as práticas e a política cultural. Vitória: independente, 2008.
- BILICH, Jeanne Figueiredo. **As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida**: política e poder no jornalismo cultural do Espírito Santo: o cinema como mundo, a arte como universo (1980-1989). 2005. 254 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.
- BRAGANÇA, Lucas. **Desaquendendo a História Drag**: no Mundo, no Brasil e no Espírito Santo. Vitória: Edição Independente, 2018.
- BRAGANÇA, Lucas; CAROLINA, Maria. **Movimento LGBT+ Capixaba**: fragmentos de uma história de luta por afirmação, direito e dignidade. Vitória: Edição Independente, 2020.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leitura**, n. 78, p. 1-16, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARTER, David. **Stonewall**: The riots that sparked the gay revolution. New York: St. Martin's Press, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Florianópolis: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

CID, Duílio Henrique Kuster. **Revolução de caranguejos**: políticas para o teatro no Espírito Santo durante a Ditadura Militar. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

CORDÃO, Vinicius Ferreira Ribeiro. **Imprensa homossexual brasileira e construções de subjetividades (1960-1980)**. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

COSTA, Rogério da Silva Martins. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: Relatos do jornal O Snob. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

DANIEL, Hebert; PARKER, Richard. Aids a terceira epidemia – ensaios e tentativas. Parker e Daniel. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018a.

DANIEL, Herbert. AIDS no Brasil: a falência dos modelos. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018b.

DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar**: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1965 e 1978. 2007. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ELTON, Elmo. **Tipos populares de Vitória**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985.

ESPÍRITO SANTO. **Relatório da Comissão Estadual da Memória e Verdade Orlando Bonfim**. Vitória: Secretaria de Direitos Humanos, 2016.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003.

FAGUNDES, Pedro; DE ANGELO, Vitor. Grandes projetos, grandes esquecimentos: o Espírito Santo entre modernização conservadora e a repressão política. In: FAGUNDES, Pedro; OLIVEIRA, Ueber José de. ANGELO, Vitor Amorim de (Orgs). **O estado do Espírito Santo e a ditadura (1964-1985)**. Vitória: GM Editora, 2014.

FERNANDES, Maria. CAETANO, Marcio. GREEN, James. QUINALHA, Renan. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. vol. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. vol. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREITAS, Randas. “O dia do enterro de Judy Garland” por Amylton de Almeida: narrativa e discurso sobre o movimento homossexual pós-Stonewall. In: MERLO, Patrícia M.S.; FAGUNDES, Pedro E.; BATISTA, Ariel C.; JUNIOR, Fernando S.C.V.; SCHEINER, Livia M.; SOARES, Maria Angela R (Orgs.). **Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-ES: negacionismo, verdade e fazer histórico**. v. 2. Vitória: Milfontes, 2021.

FREITAS, Randas. Homossexualidades e travestilidades na literatura capixaba na década de 1980: discursos e representações. In: **Anais do XII Encontro Nacional de História da UFAL: Genocídios na História: passados, presentes, futuros**. Maceió: UFAL, p. 669-677, 2021.

PRECIADO, Paul. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FREITAS, Randas.; RIBEIRO, Luiz Cláudio M.; LEMOS, Carlos Eugênio S. de. Princesinha do Norte por Babette: identidades e homossociabilidades em Colatina nos anos 60. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v. 3, n. 9, p. 54-83, 2020.

GALVÃO, Jane. As respostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS. In: PARKER, Richard (org.). **Política, instituições e AIDS – enfrentando a epidemia no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, p. 69-108, 1997.

GREEN, James N. **Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Hebert Daniel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

HENRIQUES, Milson. **Entregando os veados de Vitória**. Vitória: Edição independente, 1990.

LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do gênero”. In. HOLLANDA, Heloisa. (Org.). **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LYRIO, Sebastião. **Tigres de papel**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Unicamp, 1990.

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20, p. 13-38, 2017.

MALVERDES, André. **Patrimônio fotográfico**: catálogo do acervo pessoal do ex-governador Max Freitas Mauro. Vitória: AARQUES, 2019.

MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **História, ciências, saúde**, Manguinhos, v. 9, p. 41-65, 2002.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume, 2013

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. 1995. 148 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

MORGANTE, Mirela; SILVEIRA, Luciana. Entre o imaginário social e o sujeito: a história de vida de uma ex-prostituta de São Sebastiao (1960-1980). In: 13º Mundo de Mulher & Fazendo Gênero 11, 2017, Florianópolis. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis: UFSC, p. 1-10, 2017.

MOTT, Luiz. A homossexualidade: uma variável esquecida na demografia histórica - os sodomitas no Brasil colonial. In: **Anais do III Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Vitória, v. 3, p. 459-460, 1982.

NADER, Maria Beatriz. Industrialização, aumento populacional e a diversificação do mercado de trabalho: Vitória em dados 1970-2000. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 12, p. 1-23, 2007.

NOGUEIRA, Nádía. **Invenções de si em histórias de amor**: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop. 2005. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

PACHECO, Renato. **Os dias antigos**. Vitória: EDUFES, 1998.

PERLONGHER, Néstor O. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Nestor. Aids disciplinar os poros e as paixões. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 2, n. 3, p. 35-37, 1985.

PERLONGHER, Nestor. **O que é aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. p. 25.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RAJCHMAN, John. **Eros e verdade**: Lacan, Foucault e a questão da ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **A Literatura do Espírito Santo**: uma marginalidade periférica. Vitória: Nema, 1996.

RIBEIRO, Lacy. **Avenida República**: (diário na madrugada). Rio de Janeiro: Liv. Ed. Catedra, 1987.

RIBEIRO, Luiz Cláudio Moisés. **O casamento das elétricas capixabas**: um estudo da história da ESCELSA Espírito Santo Centrais Elétricas S/A 1951-1968. 2003. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET-Filosofia**, v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “Economia Política” do sexo. **Tradução de Christine Rufino Dabat**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Uma epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SOUZA, Bruno Quintão de. **Interações entre o movimento LGBTI e o governo do Estado do Espírito Santo**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

TAKARA, Samilo; BASTOS, Vinicius. Tem lugar para as bichas? – discurso acerca das Sexualidades dissidentes e práticas heterotópica. **Revista Debates Insubmissos**, v. 3, n. 9, p. 96-124, 2020.

TATAGIBA, Fernando. **O sol no céu da boca**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1980.

TATAGIBA, Luiz Fernando. **Rua**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1986.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERAS, Elias Ferreira. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Appris, 2019.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in) visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, 2014.

WITTIG, Monique. O pensamento hétero. **Ensaio**, 1980.

ANEXO I – EDSON FERREIRA

FERREIRA, Edson. **Edson Ferreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 21 jul. 2020. p. 207-221. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

Randas Freitas: Em qual cidade você nasceu?

Edson Ferreira: São Matheus. Nasci no povoado de Água Limpa, na cidade de São Matheus.

Randas Freitas: Você nasceu em qual ano?

Edson Ferreira: Nasci em 1957.

Randas Freitas: Quando você estudou o primário e ginásio que tipo de aluno você era? Bagunceiro? Quietinho?

Edson Ferreira: Na época em que eu estudava era duas vezes por semana. Era no quilombo. Não era no colégio. Era no quilombo, não era assim no colégio. Eu fui estudar no colégio quando eu fiz 11 anos de idade. Eu vim pro Amâncio Pereira na cidade de São Matheus. No grupo escolar Amâncio Pereira em São Matheus. No colégio que estudei no quilombo, você estudava três vezes por semana. A professora saía da cidade e ia para lá. Quando eu vim, eu vim já para o colégio. Eu não tive... Naquela época você não podia... Eu era mais quieto e tal. Não era aquele menino... aquele gay avançado não. Era um gay mais enrustido na época. Não era aquele... Entendeu? Quando eu fui estudar aqui em Vitória, no Estadual, no Instituto de Educação que eu fui mais badalado. Mas antes não.

Randas Freitas: Quais disciplinas você gostava na escola?

Edson Ferreira: Ah eu gostava mais... Em São Matheus você está dizendo? Eu gostava mais de jogar. Eu jogava bola. Gostava muito de bola. Gostava muito de jogar bola. Gostava muito do professor de educação, tanto no Estadual, tanto no Instituto de Educação. No Irmã Maria Horta eu estudei. Quando cheguei de São Matheus, o primeiro

colégio foi o Irmã Maria Horta. Quando terminei, aí eu fui para o Estadual. Depois fui transferido pro Instituto de Educação.

Randas Freitas: Com o que que seus pais trabalhavam?

Edson Ferreira: Meu pai era da roça mesmo. Meu pai trabalhava na roça. E, com 6 anos de idade eu já ajudava meu pai na roça. Depois meu pai foi trabalhar em uma grande fábrica de madeira. A gente morava próximo, era muita terra, uma região que tinha muita madeira. Meu pai trabalhava nessa empresa. Eu fui ajudar meus avós a trabalhar na lavoura. Meu pai foi se ocupar nessa grande serralheria mais próximo de onde a gente morava. E, eu fui trabalhar com meus avós. O que o meu pai fazia, eu já fazia com 6 a 7 anos de idade, eu já carregava lenha. Já fazia um monte de coisa. Trabalhei muito, entendeu? Fazia renda, entendeu? Naquela época você tinha que trabalhar de tudo. Carregava carvão, trabalhava com osso, entendeu? Para exportar para São Paulo. Entendeu? Eu fui um menino... Eu trabalhei muito. Dos seis aos onze anos eu trabalhei muito.

Randas Freitas: Você lembra em qual ano se mudou para Vitória?

Edson Ferreira: A primeira vez que eu vim a Vitória foi em 1969 e, me mudei para Vitória em 1970.

Randas Freitas: Quando você chegou aqui em Vitória em 1970, você tinha 13 anos. Na sua adolescência, entre 15 a 17 anos, ambientes que homossexuais frequentavam?

Edson Ferreira: Não, não. Com 13 anos, eu cheguei aqui no mês de junho. Naquela época o Centro de Vitória tinha muitas escolas de samba. Nas escolas de samba eles não gostavam muito de gays, dessas coisas. Eu fiz amizade com uma menina, com nome de Raquel. Ela falou assim: “você tem altura, você tem jogo de cintura, você podia sambar comigo na escola de samba”. Na época eu falei assim: “como é que é?”. Eu sabia dançar, só que não tinha escola de samba. [Raquel:] “nós vamos em duas escolas de samba. Se eles gostarem de você, pode falar comigo”. Eu tinha 13 anos, era garoto. Nessa época, ela me levou para a Piedade e para Santa Lúcia. Duas escolas de samba grande na época. Eram as mais famosas: Santa Lucia, Gurigica e a Piedade. E nessa eu comecei. Com 13 anos de idade ela me levou e eu fiquei naquela aflição toda. Todo mundo gostou. Eu me entrosei, mas não diretamente como gay porque minha família não aceitava. Minha família nunca aceitou. Eu ser gay, não aceitavam, naquela época não podia. Eu ia com a

Raquel. Ela era menina e todo achava que era um namoro. A gente curtia muito nos ensaios. Com 16 anos, a Santa Lúcia me chamou para um evento. Era o *Levante de Queimado*. Houve uma briga com o carnavalesco que não queria mais fazer o enredo para a escola. E me chamou para outra escola que era a Gurigica. Nessa época que eu me transformei mais. Que eu fui destaque na escola representando o *Levante*. Nessa época eu me lembro bem, eu já tinha 16 anos. Aí eu tive que sair de casa. Minha família ficou chateada porque eu fiz sobancelha, fiz um monte de coisa, uma loucura. Comecei a tomar hormônio.

Randas Freitas: Você começou a tomar hormônio com quantos anos?

Edson Ferreira: 16 anos.

Randas Freitas: Você via muitos homossexuais ou travestis participando da confecção de fantasia?

Edson Ferreira: Naquela época não podia ser qualquer um. Eles escolhiam as pessoas para fazer o trabalho. Não era qualquer pessoa. Entendeu? Geralmente, quando cheguei eu conheci o Atharé de Castro. Eu não sei se você já ouviu falar de Atharé de Castro? Um vereador conhecido de Vitória. E eu me entrosei com Atharé de Castro, Amylton de Almeida, que na época, com 14 anos, eu já ia para a reunião do Triângulo Rosa. Era Vitorino Gonçalves, Amylton de Almeida, que era jornalista. Eram várias pessoas da cultura que faziam as reuniões e convidavam a gente para ir. Naquela época eu já estava tomando hormônio e me transformando. Eu ia ser destaque no carnaval, estava me preparando. Já tinha saído de casa. Uma tia minha me apoiou, eu ficava na casa dela. Mas eu trabalhava e depois que eu fiquei muito conhecido, fui para a pista também. Trabalhava e ia para a pista.

Randas Freitas: Você chegou a desfilar em alguma escola de samba?

Edson Ferreira: Aqui em Vitória? Desfilo até hoje. Desde meus 13 ou 14 anos eu desfilo. Hoje não é mais como destaque, não é nada. Hoje eu sou diretor de escola de samba. Não é mais como destaque. Já desfilei muito em Vitória na Piedade, Novo Império, Gurigica e Santa Lúcia. Essas escolas foram as preferidas minhas.

Randas Freitas: Nos anos 1970 começaram a diferenciar travesti de transformista. Travesti como uma categoria e transformista outra. Você viveu esse momento?

Edson Ferreira: Não foi bem nos anos 1970, não. O transformista veio mais na década de 1980. Entendeu? O travesti, tinha que ser travesti mesmo. Você tinha que saber subir no salto e andar. Quando chegou na década de 1980, que veio o transformista. Aí veio a era dos grandes transformistas no Brasil todo. De dia e de noite se transformava na boate. Inclusive, trabalhei com várias pessoas aqui em Vitória, Juiz de Fora, no Rio [de Janeiro], com Erika Barreto, Joane de Castro, várias pessoas. Entendeu? Rogéria veio aqui várias vezes num evento. Nos anos 1970 não tinha [incompreensível] essas coisas não. Nos anos 1980 que foi bem forte. Mas naquela época era travesti mesmo. Hoje não tem esses travestis que fazem show. Hoje é mais o transformista mesmo. Naquela época era travesti mesmo. Naquela época você tinha que se dedicar muito. Porque tinha muita gente boa que ficava conosco. Tinha muito jornalista, Gleice Coutinho, da cultura. Naquela época você se entrosava com esse pessoal para se dar bem. Senão não aparecia, entendeu? Não podia ir em qualquer lugar. Naquela época também tinha Maria Nilce [dos Santos Magalhães], que era jornalista e que gostava muito da gente. Todos os eventos que tinha ela convidava. Ela trouxe Clodovil duas vezes aqui. Eu participei do evento dela com Clodovil. Ela fez vários eventos aqui em Vitória, naquela época. Ela frequentava o mesmo bar que a gente, que era o Britz Bar. Não sei se você conheceu o Britz Bar? Era um bar muito famoso e não era qualquer travesti que ia. Eram poucos. Era eu, Waleska, [Nome]. Era os travestis que tinham aquela vivência com Amylton de Almeida, Atharé de Castro. Não era qualquer um. O Britz Bar não era qualquer pessoa que entrava. Era um bar de boemia, mas eles escolhiam as pessoas. Geralmente, era muito difícil qualquer travesti ficar no Britz Bar. Era um bar muito famoso na rua Sete com a Gama Rosa, onde a gente convivia com aquele pessoal. A gente era muito respeitado naquela época.

Randas Freitas: Teve algum momento que houve uma diferenciação do travesti que se prostituía e o travesti que fazia shows?

Edson Ferreira: Não, não. Eu fiquei na pista muito tempo e fazia show. Não tinha essa rivalidade não. Nos anos 1970, nós éramos muito brigão. Não levávamos desaforo pra casa. Se tivesse que bater, batia. Dava porrada na polícia, ia preso. Fui preso 19 vezes. Eu era terrível. Não era fácil. Era ditadura, né? Era olho por olho, temos que se defender. Se deixar eles vão tomar conta da gente. Naquela época não era fácil. Ditadura era coisa séria. Jogavam a gente na Beira Mar, jogavam a gente no lixão de São Pedro. Não sei se você conheceu o lixão de São Pedro? Já ouviu falar? Inclusive teve um documentário do Amylton de Almeida, não sei se você já viu? *Lugar de toda pobreza?* Isso! Amylton de

Almeida era muito amigo nosso. Eu participei de várias curtas com Amylton e Markus Konká. Eu fiz Jerônimo Monteiro, eu fiz Costa Pereira. Eu fiz várias coisas com eles, de curta aqui em Vitória. Eu era travesti, sempre convidaram eu, Mauricéia, Waleska, Paloma, Fernanda. Nós tínhamos um grupo bom de travesti em Vitória. Hoje tem poucos. Morreram muitos. Muitos morreram naquela leva da doença, a Aids. Morreram muitos travestis. Ficamos carentes de vários talentos, foram embora. Simone de Castro que foi Miss aqui, entendeu? Morreu também. Naquela época foi difícil pra gente. Hoje tem poucos travestis da minha época.

Randas Freitas: Quando surgiu o concurso Miss Gay Espírito Santo e Miss Gay Brasil, você chegou a frequentar nessa época? 1976, 1977...

Edson Ferreira: O primeiro Miss Gay foi no Canoa Velha. Ali na Barra do Jucu, na Barra do Jucu não, onde é a Terra Vermelha. Era sítio ali. O primeiro Miss Gay foi ali. Eu participei. Era uma festa muito bonita. Quem fez a festa foi Michel com Joana Darc e Alfredo. Eram as mais badaladas de São Sebastião. São Sebastião era um putero, não sei se já ouviu falar? O primeiro desfile Miss Gay foi lá no Canoa Velha. Era um sítio bacana, legal. Ali também era um putero, só que um putero mais fino, de gente que tinha dinheiro. Era um lugar bem afastado. Depois teve o Miss Gay no Caxias. Não sei se já ouviu falar no Caxias Futebol Clube? Que era da Polícia Militar ali em Maruípe. Michel fez o evento junto com João Corda. João Corda está vivo hoje, poderia até falar sobre isso. Aí pediu ajuda a Polícia Militar. A Polícia Militar não sabia o que era travesti. Achou que era um desfile de mulher, né? Aí fomos pra lá, todo mundo transformado, Badu, Simone, eu, Teco. Tinha lotado de gente, muita gente da polícia, gente graúda. Muita gente sabia, mas a polícia não sabia que nós éramos travesti. Não sei o que aconteceu, um coronel chamou a Polícia Federal e levou todo mundo preso. E o presídio naquela época era ali em Bento Ferreira. Já ouviu falar no presídio que tinha ali em Bento Ferreira? Ficamos preso a madrugada toda. Naquela época era ditadura, você tinha que depor, um por um.

Randas Freitas: A prisão foi truculenta? Vocês apanharam?

Edson Ferreira: Alguns apanharam, né? Ali tomamos uma surra. Você tinha que apanhar mesmo. Nós fomos todo mundo preso. Fomos, acho, que em 36 pessoas.

Randas Freitas: Você lembra o ano que aconteceu essa prisão?

Edson Ferreira: Deve ter sido em 1979, por aí. Depois em 1980, no Alvares Cabral. Depois teve dois em Vila Velha. Depois teve no Clube Vitória. Todo mundo aceitava. No Duque de Caxias todo mundo foi preso. Foi uma loucura. Alguns tomaram uma surrinha antes porque não queriam falar. Teve que apanhar pra mentir para família. Teve até filho de delegado que estava montado em travesti. Foi uma loucura. Ficamos o dia todo preso. Naquela época era pederastia, né. A gente ia preso por pederastia.

Randas Freitas: Pederastia passiva e pederastia ativa eles colocavam nos relatórios da ditadura.

Edson Ferreira: Sabe o que a gente fazia? Geralmente, naquela época a gente pegava roupa de mulher e levava na bolsa pra se montar no meio da rua. Porque nos bairros, as pessoas já deduraram a gente: “aquele menino é isso, isso e isso”. O que a gente fazia? A gente já levava e chegava no Forte São João, tinha aqueles matos, a gente se arrumava ali. Escondia a roupa e saía. Depois quando terminava... ficávamos em três lugares: na avenida Vitória tinha uma mata muito bacana, perto do Atacadão São Paulo, tinha uma mata. A gente se montava tudo ali, guardava a roupa no mato e saía. Se a polícia viesse a gente conseguia correr e se trocar e eles não iam perceber nada. Naquela época a gente fazia muito esse truque com a polícia. A polícia não encontrava, só via um homem passando, não via mais aquele travesti. Então naquela época a gente era terrível. A gente trocava roupa no Forte São João e na avenida Vitória. E, quando a gente ia em São Sebastião, era proibido travesti por causa das putas. Aí você tinha que se entrosar com algumas putas para a putas não dedurar a gente. Se falassem que a gente era travesti... porque a gente se arrumava muito bem... Se vissem que a gente era travesti a gente apanhava, tomava surra, ia preso. Loucura naquela época.

Randas Freitas: No Miss Brasil Gay quem tomava hormônio e usava silicone não podia competir no concurso. Aqui no Espírito Santo funcionava da mesma forma?

Edson Ferreira: O Miss Brasil era o mais famoso. Não podia ter peito. Naquela época não podia e até hoje não pode. Então, geralmente a gente indicava. Nós que indicávamos as pessoas daqui de Vitória: “aquele menino tem o perfil para ir!”. A gente indicava. A gente juntava umas 20 pessoas e indicava aquele rapaz que era o perfil da gente. Geralmente, quando você vai pro Miss Gay Brasil, você precisa ter uma grande torcida. Então, o que a gente fazia? Como a gente conhecia várias pessoas de salão, a gente corria atrás de patrocínio para botar essas meninas para concorrer. Jamais o Miss de Juiz de Fora

poderia ser um travesti. Não existe. Era sempre um rapaz que se transforma, que seja bonito, tinha patrocínio e um monte de coisa. Até hoje não pode ser travesti. Para o travesti tem o desfile de travesti, normal. O desfile de travesti normal era na Bahia. E o desfile de gay era em Juiz de Fora. Não pode ter silicone. Era muito rígido. Apesar de muito bonito, não pode ter não.

Randas Freitas: Aqui em Vitória você teve contato com homossexuais de outros estados vindo para o Carnaval?

Edson Ferreira: Sim, sim! Tivemos vários aqui. Erick Barreto você não deve ter conhecido. Era um transformista que veio várias vezes aqui a convite de Chica Chiclete. Rosana Strass também você não deve ter conhecido. Veio várias vezes, era do Rio. Veio pra Vitória. Nossa, muita gente. Geralmente, assim, Milton Cunha vem sempre. Rogéria já veio. A falecida Rogéria veio várias vezes a Vitória. Francisco Sabiá. Tinha muita gente conhecida.

Randas Freitas: Roberta Close veio aqui?

Edson Ferreira: Roberta Close veio três vezes. A primeira vez que ela veio, ela apanhou de um grupo de travesti, porque ela desfez de uma amiga nossa. Essa surra que ela levou foi no *box* do Saldanha da Gama. Era um grande desfile. Ela brigou e discutiu com Jorginho Vantares. Procura saber quem é Jorginho Vantares que você vai saber quem é. Jorginho Vantares não gostou. Tinha aquela divisão de camarim no Saldanha. Eu estava no último camarim. Parece que minha apresentação ia ser a última. Eu estava de africano. Não sei o que aconteceu. Ai eu só me apresento na última. E Waleska e Jorginho ficaram no camarim do meio. Roberta Close ficou no mais bonito. Deu uma confusão. Aí eles foram no meu camarim, porque tinha uma tesoura e eles cortaram o cabelo de Roberta Close e bateram muito na Roberta Close. Depois ela veio em dois eventos. Ela veio em Linhares, que eu participei e em Colatina. Não voltou mais, coitada. Mas ela é gente boa. Mas Jorginho bateu nela, Viviane bateu e Waleska.

Randas Gabriel: Quando Amylton de Almeida, Milson Henriques e o pessoal do teatro começaram a produzir peças, você chegou a assistir alguma com personagem homossexual?

Edson Ferreira: Primeiro lugar, o Amylton de Almeida era meu amigo pessoal. Sou amigo da família de Amylton de Almeida toda. Tudo que Amylton fazia eu estava na casa

dele, na casa da irmã dele em Jardim Camburi. O irmão dele mora em Jacaraípe, meu amigo. E a mãe dele mora em Nova Iguaçu. Eles são de Santo Antônio. E tudo que Amylton fazia... porque naquela época da ditadura todas as reuniões que tinham eram proibidas. Não podia ser no Teatro Carlos Gomes. Eles faziam as reuniões e chamavam nos para participar. Era o Triângulo Rosa, a primeira ONG que ajudava, colaborava com a gente. Vitorino Gonçalves, jornalista da *A Tribuna* na época. Amylton de Almeida. Tinha um jornalista do *A Gazeta*, muito bacana. Milson Henriques ajudou muito, um cara que colabora muito com a gente. Todas as reuniões que faziam no Teatro [Carlos Gomes] convidavam a gente pra ir. Depois que vieram os outros. O Índia de Campo Grande, já falecido. Índia de Campo Grande. Era transformista também, muito bacana. Era índio mesmo, uma pessoa muito bacana, já falecido. Era amigo de Vitorino Gonçalves, jornalista do *A Tribuna*.

Randas Freitas: Tinham mulheres que participavam do Triângulo Rosa?

Edson Ferreira: Tinha Vitorino Gonçalves. Glecy Coutinho sempre participava. Orientava a gente como é que fazia. Tinha várias mulheres. Vera Ció, também que ajudou muito. Hoje ela está com 70 e tantos anos, mora em Santo Antônio.

Randas Freitas: Eram mulheres lésbicas?

Edson Ferreira: Não. A Ció é casada, tem filhos. Vera Ció foi uma grande passista de [incompreensível] Sarjantele. Sarjantele era do Rio de Janeiro. Vera Ció se tornou a mulata, na época se chamava mulata, hoje não pode falar mais. Era uma das negras aqui do estado de Conceição da Barra que veio para Vitória e foi muito bem-sucedida no samba. E foi pro Rio trabalhou muito tempo com Sarjantele. Viajava o mundo inteiro. E hoje mora aqui. Tem casa em Conceição da Barra e tem casa aqui em Vitória. É muito minha amiga. Ela participou de várias reuniões também. Casa, tem filho, tem neto. Ela é amiga da gente até hoje. Me liga todo dia. Glecy Coutinho eu não sei se ela está na secretaria de Fundão. Alguma coisa assim. Ela mora em Fundão, Glecy Coutinho. Casada também, muito bem. Ajudou a gente aqui em Vitória. Uma pessoa muito bacana.

Randas Gabriel: Você lembra de alguma lésbica que participou do Triângulo Rosa?

Edson Ferreira: Carmélia de Souza. Ela era maravilhosa. Conheci muito a Carmélia. Ela participava. Bebia muito. Era muito louca. Ela era uma pessoa muito bacana a Carmélia. Não só ela, tinha outras pessoas. Outra pessoa que ajudou muito... não sei se você

conheceu... A Nice [Avanza] de Linhares. Ela ajudou muito em Vitória aqui também, na época com Amylton de Almeida. Entendeu? Hoje ela é falecida, era pintora. Uma artista plástica muito famosa. Ela... Entendeu? Naquela época era um grupo de gente muito bacana que se reunia para ajudar aqueles grupos de travesti que sofreu muito na ditadura. A gente levava essas questões para eles.

Randas Freitas: O Cine Santa Cecília era bem conhecido pela frequência de homossexuais em determinados horários para assistir pornochanchada ou fazer pegações.

Edson Ferreira: Vou te falar uma coisa: “eu naquela época gostava muito do "Vitorinha" [Cine Vitória] que passava filme bom”. Naquela época todos travesti frequentava cinema. Aqui em Vitória tinha o "Vitorinha" e o Jangada que tinha filme bom. O Cine Santa Cecília a gente não curti muito. Porque era mais pra gay. Travesti não podia entrar. Naquela época não podia entrar não. Se entrasse era maior confusão. Entendeu? A gente frequentava mais os cinemas de pegação do Rio de Janeiro, que era na Praça Tiradentes. Tinha o São José. Mas aqui em Vitória não podia entrar travesti no Santa Cecília. Era muita confusão. Eles brigavam, era mais gay naquela época. Porque os gays daquela época não aceitavam travesti no Santa Cecília. Era contado no dedo se você encontrava travesti lá dentro. Não iam, eles não iam, sabiam que não iriam ser bem aceitos lá dentro. Não era esse glamour que o pessoal fala. Eu lembro que Simone ia, ela ia porque tinha gente que a protegia lá dentro. Não era muito bem recebida. Em alguns lugares assim os travestis não eram muito bem aceitos. No Rio não, no Rio tem um lugar legal para você ir na época de travesti. Eu ia muito na Lapa, na Praça Tiradentes. Agora acabou. Aqui em Vitória, geralmente, o Santa Cecília era pegação mesmo. Era um lugar legal pra caramba, era grande, era muito falado, então muitos travesti não podiam ir. Não tinha esse negócio de travesti lá não. Só gay. Os gays no meio-dia o pau comia até nove horas da noite. Ali era só deles.

Randas Gabriel: Existia mais repressão da polícia nos bares ou na rua?

Edson Ferreira: Eu vou te falar uma coisa: a repressão policial naquela época, na ditadura, se você tivesse num bar, as primeiras pessoas que eles abordavam eram os negros. Geralmente, o travesti bonito, branco, jamais era encostado pela polícia. Só encostava mais na gente por ser negro. Entendeu? Ai na época eu quebrava o pau. Eram três negros que estavam ali no meio. Éramos bem aceitos nos bares. Na rua a mesma coisa: os três negros mais agredidos era eu, Manuela e [nome]. A gente quebrava o pau.

Tirava o salto que era de madeira e quebrava o pau. Naquela época a polícia era mais baixa, a polícia civil. Então a gente ia preso e tudo, mas a gente falava: “bati mesmo, não tem esse negócio mesmo”. Pra você ter ideia, foi muito engraçado, na Superintendência da Polícia Civil eu fui preso no dia da inauguração e eles estavam precisando de uma faxineira. Eu bati muito no policial. Pra não ficar preso eu tive que limpar a chefatura quase toda. Você sabe o que é a chefatura na Reta da Penha? Eu limpei. Ai depois de uns 10 anos ou 20 anos, eu fui homenageado pelos Direitos Humanos, pelo negócio de saúde que eu participei. A festa foi lá, eu nem sabia que lá tinha um auditório. Eles construíram um auditório. Me ligaram da polícia me convidando para ser homenageado. Perguntei: “onde é o evento?” Ele disse que iria passar o endereço. Eu perguntei: “é na Reta da Penha?” Ele: “sim! Sim!” Eu disse: “eu fui preso aí”. Eles começaram a rir. Foi tão engraçado. O cara que estava convidando as pessoas era um delegado. Ele disse: “o que?” Ele ficou meu amigo. O delegado ficou meu amigo. Ele disse: “nunca vi um cara tão sincero quanto você”. Até hoje ele me vê e grita: “E aí Edson, tudo bom?” Ele até hoje fala: “Cara, eu liguei para o cara e o cara falou que não precisa dar o endereço não porque eu já fui preso aí”. Ele até hoje ri. Esse delegado ele já aposentou. A mãe dele gosta de mim. Ele contou essa história para todo mundo. Eu fiquei preso uns três dias limpando pro governador inaugurar aquela porra daquela delegacia. Não sei se você conhece Nina dos Direitos Humanos? Uma pessoa maravilhosa.

Randas Gabriel: Como era o olhar das pessoas na rua para as travestis?

Edson Ferreira: A discriminação era muito forte. Isso sem dúvida. Isso não tem como falar: “não era discriminado não”. Entendeu? Como eu te falei, a polícia discriminava, se estava um grupo de travesti e tivesse um negro, o primeiro a apanhar era o negro. Na minha época quando eu era travesti, agora não sou mais travesti, tirei um pouco o peito, fiz cirurgia. Mas quando eu era travesti, eles olhavam com um pouco de medo, porque eu era grandão. Eu tomava hormônio, geralmente o hormônio me deixava um pouco agressivo. Mas eu tratava todo mundo bem. Era bem respeitado e tudo. Geralmente eles respeitavam porque tinha medo da gente porque a gente era muito conhecido. As pessoas te respeitavam. Tanto na rua quanto na escola de samba. E tanto na época que você era convidado para evento. Geralmente as pessoas te respeitavam. Mas no geral o preconceito era direto: “é travesti! Tem que ter cuidado”. Isso aí sempre teve. Discriminação sempre teve.

Randas Freitas: Quando você tinha mais ou menos 23 anos de idade você soube do surgimento de um movimento homossexual no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Minas Gerais? Chegou essa notícia aqui?

Edson Ferreira: Sim! Sim! Chegou. Foi um burburinho. Isso era normal. Todo mundo tinha que se reunir. Porque aqui também a gente fazia reunião, a gente fazia esses encontros. Você quer dizer o que? Que eles estavam se reunindo pra que? Foi muito bem aceito. Aqui também tinha essa organização. Naquela época, com o Triângulo Rosa de Amylton de Almeida, nós éramos muito organizados. Tinha um grupo que ajudava o outro. Não tinha uma discriminação do gay e do travesti. A gente se respeitava muito, a gente se gostava muito. Dentro do nosso grupo naquela época, a violência era muito pequena por causa da ditadura. Quando veio o governo Sarney, que já estava mais tranquilo, veio outra ONG, a ASTRA de São Matheus, que foi a Liliane que trouxe. Nós nos juntamos também a esse grupo. O Ronaldo de São Matheus, a Tetéia de Nova Venécia, a Moa. Você conhece Moacyr [Célia Filho], a Moa? Foi deputado, foi presidente da Câmara [de Nova Venécia]. Foi muito bacana. Não teve esse levante. Tanto que nós conseguimos colocar Atharé de Castro como Vereador. Ele era gay. Foi vereador por muito tempo aqui em Vitória. Até a campanha dele era "vai de frente, vai de ré, vote em Atharé" [De frente ou de ré, vote em Atharé!]. Procura saber. Atharé de Castro. Era uma pessoa muito conceituada dentro de Jucutuquara. Ele era muito amigo nosso. Era um gay, vereador e assumido. Ele era muito bacana. Teve uma morte muito violenta. Em quase todos os estados teve esse levante de gays. Mas aqui em Vitória já tinha também.

Randas Freitas: Na década de 1980 com a chegada da Aids e o estigma de “peste gay”. Como que as pessoas falavam da Aids naquele momento que ela chegou?

Edson Ferreira: Lógico que assustou, né? Porque a gente perdeu muita gente. A doença veio e foi tipo essa gripe que está acontecendo. Naquela época foi muito difícil. O que a gente fez? A gente se uniu com a Igreja Católica, onde você teve ajuda da Regina Scardon e de dona Marília, a igreja de São Pedro, igreja da Praia do Suá, igreja de Santa Rita. A gente se reuniu toda semana para ajudar as pessoas que estavam com a doença. Não foi só travesti que pereceu, foi homem, foi gay, foi criança, meninas. Naquela época o baile funk era muito famoso. Eu frequentava muito baile funk. Tinha muitas meninas que descobriam que eram soropositivos. Naquela época não tinha hospital para colocar as pessoas. Ficavam em casa. Nós ficamos visitando essas pessoas. Fizemos um trabalho

brilhante. Não só eu, como Waleska, Mauricéia, Fernanda, Serralto, era muita gente. Sérgio que mora nos Estados Unidos. Aroldo o Coronel que mora na Argentina. Dentro da capital foi uma loucura. Conheci grandes pessoas como Deni Junior do Rio de Janeiro que trabalhou muito no Hospital de [incompreensível]. Eu participei de vários eventos do Hospital [incompreensível]. Martinho que era costureiro de Minas, que morreu vítima da Aids, entendeu? Clodovil fez um grande trabalho também ajudando as pessoas. No Rio de Janeiro várias pessoas como Deni Junior, aquela turma toda se uniu para ajudar. Era muita loucura. A gente perdeu muita menina nova, muito rapaz novo. Muita gente. Naquela época era tipo hoje quando a gente vê muita gente morrendo, pai, mãe, filho, irmão, amigo morrendo, entendeu? Foi muito difícil para a gente aqui. A gente perdeu muita gente.

Randas Freitas: Em meados de 1987, Amylton de Almeida começou a publicar uma série de reportagens para conscientizar as pessoas sobre a o vírus HIV e a doença aids. Existiam também reportagens de estigma?

Edson Ferreira: Amylton acompanhou muito a gente. Eles viam muitas coisas triste nessa época, muitos amigos nossos estavam sofrendo. Como esse jornalista Milton Banhas de Linhares que faleceu também. O mais famoso foi o Milton Banhas de Linhares que era jornalista também. Ele era hemofílico e aconteceu dele contrair o vírus da Aids também. Tivemos muita gente que pegou essa situação e sofreu muito. Amylton de Almeida fez um brilhante trabalho, ajudou muito a gente. Amylton era uma pessoa que ajudou muito. Teo Mendes, também era jornalista e faleceu também. Não lembro das pessoas. Nossa muita gente. Tem alguns que a gente não pode nem falar o nome, que são pessoas muito conhecidas. Pessoas que a família está aí e não gosta que fale. Amylton ajudou muito a gente, colaborou muito. O *A Gazeta* também colaborou muito. A gente sempre fazia pedidos como fraldas, sopão. Tinha muita gente que colaborava. Tudo que Amylton fazia para a gente era louvável. O irmão dele até hoje faz trabalho para a gente, o Augusto de Almeida. De vez em quando a gente faz algum trabalho com o Conselho de Saúde e o Augusto pergunta se precisa de alguma coisa. A gente estava precisando e ele ajudando e colaborando com a gente. Ele é aposentado e está sempre dando um “alô” pra gente.

Randas Freitas: Quando o Triângulo Rosa foi formado em 1987 tinha muitos membros ou eram poucos?

Edson Ferreira: Eram poucos. Eram mais ou menos umas 10 pessoas. Era Vovó Bina [Milton Neves]. Ele fazia a Vovó Bina na televisão. Hoje ele já é aposentado e mora ali no Parque Moscoso. Era Amylton de Almeida, Teo Mendes, [nome] Coelho. Waldo Motta maravilhoso, é de São Matheus. Esta aí, legal pra caramba, mal humorado, mas está aí. Waldo Motta acompanhou muito a gente. Waldo Motta é uma pessoa incrível. Hoje as pessoas não dão muito valor a ele. Ele é um pouco, rançoso, não gosta de falar, de dar entrevista. Mas é uma pessoa bacana. Então, era muita gente. Eles convidavam a gente e a gente levava pessoas para participar. A gente sempre levava uma pessoa diferente. Mas eles eram os cabeças: Waldo Motta, Amylton de Almeida, Teo Mendes, [nome] Coelho, Vitorino Gonçalves.

Randas Freitas: Nos anos 1990 quando surgiram as paradas LGBT como foi visto pessoas?

Edson Ferreira: A primeira Parada Gay de São Paulo eu participei. Eu fui para participar e foi muito bacana. Fui como convidado. Depois fui na segunda com a Prefeitura Municipal de Vitória junto com [incompreensível]. Eu posso falar mais do Rio de Janeiro que eu participei mais porque eu tinha mais amigos no Rio. E a primeira parada de Vitória eu fui um dos coordenadores junto com o pessoal da Universidade Federal do Espírito Santo. Era um grupo grande do Plural. Era um grupo muito bacana que tinha na Ufes. Eu, Anderson Pestana, [nome], Toninho. Era um grupo grande que trabalhou para a 1ª Parada de Vitória. Eu gostei muito da primeira parada e da segunda. Eu participei das duas. Depois eu não participei mais, porque eu não tinha tempo. Eu participava na ONG como presidente da Unegro – União de Negros do Estado do Espírito Santo. Não dava mais para eu participar. Não dava para eu participar da reunião do Fórum, mas sempre que tinha eu ia, mas não para ajudar, eu ia mais para curtir mesmo. Mas da primeira eu participei com um grupo grande da Universidade Federal do Espírito Santo, pessoal do Fórum e as duas ONGs: AGES e ASTRANS. Trabalhou muito na parada. Eu gostava muito da parada. Hoje não gosto mais, não vou mais. Porque eu faço parte de tantas coisas e não da conta. Faço parte da velha guarda. Então sou convidado para ir e nem vou, porque não dou conta mais de parada. E foi muito bom a parada, tanto a de São Paulo eu gostei, do Rio de Janeiro gostei muito porque os meninos são tudo meus amigos. Pra mim a parada mais diferente que tem e a mais verdadeira era a do Rio de Janeiro. A mais bonita. Hoje não ta mais, porque está um pouco com problema de política. Mas eu gostei muito da parada daqui, do Rio, de São Paulo.

Randas Gabriel: Quando você começou a participar do Fórum LGBTQ+ do Espírito Santo, quais eram as dificuldades e as pautas naquele momento?

Edson Ferreira: Naquela época o Fórum não teve muita dificuldade não, porque naquela época a Secretaria de Cidadania que formou o Fórum. Tinha um grupo da Ufes, um grupo representando a raça negra, tinha um grupo da saúde. Era muito bom, a discussão era muito boa. Não tinha essas coisas de briga não. A discussão era muito boa. Tinha um grupo de mães, a Dona Regina, maravilhosa. A fundadora foi Dona Regina, que trabalhou muito com a gente. Mônica Sales que mora em Jardim da Penha, trabalhou muito com a gente. Hoje mesmo tive com a Mônica Sales. Naquela época era muito bacana. O que eu gostava daquela época do Fórum, é porque se você era discriminado no supermercado, uma pessoa te maltratou, a pessoa que te maltratou tinha que ir pro Fórum fazer um trabalho com a gente. Aprender como é que se fala com o negro, com o LGBTQ, como é que fala com lésbica. Era tudo separado. Eu gostava muito daquela época. Só que depois o Fórum ficou muito político e o pessoal foi saindo. Eu também saí. Mas eu continuei no Conselho Municipal de Saúde e hoje faço parte do Conselho Municipal do Museu do Negro. Do Fórum eu me afastei um pouco, porque ficou muito politizado e não dá para mim. Mas sou amigo de muitos meninos, sempre me ligam e pedem para eu falar alguma coisa. Pedem para eu ir e eu vou. Sou amigo da Débora Sabarah. Não sei se você conhece a Débora? Muita minha amiga.

Randas Gabriel: Como você enxerga as conquistas do casamento homoafetivo, nome social e criminalização da LGBTQfobia?

Edson Ferreira: Eu já tenho 63 anos, então, eu jamais me casaria com um homem. Mas eu tenho muitos amigos que casaram e se deram muito bem com a pessoa. Como Roberto e Mauro que estão a mais de 30 anos muito bem. Antes de ter essa lei de casados, eles já moravam juntos muito tempo. Tem amigas minhas que moram juntos e hoje estão muito bem-sucedidas. Mas eu mesmo não teria coragem de morar com outro cara. Não tenho paciência mais. Acho que a idade não permite mais ter uma pessoa 24 horas. Eu me aposentei. Acho que se você quer ter uma vida com outra pessoa, tudo bem. Achei bacana. Eu trabalhei muito para lutar para chegar. Eles estão muito bem, as meninas e os meninos. Batalhamos muito por isso. Hoje está acontecendo tudo isso porque nós dos Direitos Humanos lutamos muito por isso. A gente contava com um grupo grande na época. Anderson Pestana, Débora Sabarah trabalhou muito. Vanessa Di Pigalle, Beto, entendeu?

Todas essas pessoas batiam para termos essa conquista hoje. Eu e Beto moramos sozinhos, Débora não, Débora... As pessoas que batalharam muito moram sozinhas: “a não! Casar eu não quero me casar, entendeu?”. Lucas [Bragança] também é meu amigo, tem uma pessoa que mora com ele. Ele fez até um livro, falando um pouquinho de mim. Eu conheço muita gente legal que vive muito bem. Eu acho muito legal isso. Quer viver? Vai viver! Mas na minha época, acho que minha família não aceitava ainda se eu pegar um cara para morar comigo. Minha família ainda hoje não aceitaria não. Sei lá, não teria coragem de falar: “a vou morar com um cara, vou casar-me com um cara”. Isso eu não posso falar. Eu sou muito sincero. Minha família não aceita isso não. Minha família mesmo não mudou nada.

ANEXO II – ANTÔNIO CLAUDINO DE JESUS

JESUS, Antônio Claudino de. **Claudino de Jesus**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 13 out. 2021. p. 222-231. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

Randas Freitas: Em qual cidade você nasceu?

Claudino de Jesus: Barra de São Francisco.

Randas Freitas: Que tipo de aluno você era no primário e no ginásio?

Claudino de Jesus: Eu era um aluno bastante razoável com certos destaques.

Randas Freitas: Você gostava de quais disciplinas na escola?

Claudino de Jesus: É mais fácil eu te dizer quais eu não gostava.

Randas Freitas: Quais você não gostava?

Claudino de Jesus: Eu não gostava muito de geografia no início, mas no final eu acabei gostando. E a aula de francês. Francês, latim e inglês, no ginásio em Barra de São Francisco no final da década de 1950.

Randas Freitas: Você chegou a estudar em Colatina?

Claudino de Jesus: Estudei em Colatina no idos de 1966 e 1967, por aí.

Randas Freitas: Com o que os seus pais trabalhavam?

Claudino de Jesus: Meu pai era farmacêutico de práxis. Na verdade, quando ele foi para [Barra de] São Francisco, ainda era uma vila. A região inteira não tinha médico e ele gerenciava uma farmácia em Itarana e em Itapina, em Colatina. Trabalhava como farmacêutico formado porque ele aprendeu muita coisa. Manipulava remédios, fazia pequenas cirurgias, então ele se transformou em um médico da região até que chegou um médico. Meu pai acabou fazendo contabilidade junto com o filho mais velho, com mais

de 50 anos de idade. Minha mãe tinha o primário - na época era o primário, primeiro ciclo do ensino fundamental - incompleto. Mas ela era tão inteligente, gostava muito de ler, aprendeu a trabalhar junto com papai e ela nos orientava. Mas ela era doméstica.

Randas Freitas: Como você se identifica no âmbito da sexualidade?

Claudino de Jesus: Olha eu me identifico como pluri, poli, multi sexualidade. Não sou hetero, não sou homo, não sou bi. Eu não gosto das pessoas pelo sexo. Eu não olho as pessoas quando eu conheço ou ao longo da vida, de baixo para cima. Eu olho de cima para baixo. Eu preciso me encantar primeiro. E depois me [incompreensível].

Randas Freitas: Quando que você começou a perceber que você que gosta de pessoas, sem critérios de sexo.

Claudino de Jesus: Foi tarde. Eu fui abusado aos 7 anos de idade. Isso retardou meu desenvolvimento sexual. Eu não sabia nem o que que era órgão sexual. Fui ter minhas primeiras relações sexuais depois dos 15 anos de idade. Primeiramente com homens, depois com mulheres, depois com [incompreensível].

Randas Freitas: Durante a sua juventude próximo aos 16 e 17 anos, você teve contato com ambientes destinados a homossexuais?

Claudino de Jesus: Tive contato basicamente já com 18 anos de idade. Foi quando eu tive mais contato com isso. Na aldeia que eu vivia não permitia pessoas que fossem... reprimidas em si mesmo. Colatina já conhecia um mundo mais liberal, mais liberado e aí conheci várias pessoas que se assumiram.

Randas Freitas: Durante os anos 1970 e 1980 você teve contato com livros, textos, que debatiam a homossexualidade?

Claudino de Jesus: Sim. Sempre fui muito curioso. Para você ter uma ideia eu li *O Capital* com 14 anos de idade. Entrei na clandestinidade com o Partido Comunista com 16 anos de idade. Eu sempre lia muito Oscar Wilde. Na época não havia tanta literatura sobre o tema. Os ditadores sufocavam a questão da sexualidade.

Randas Freitas: E no Espírito Santo, você teve contato com escritores assumidamente homossexuais?

Claudino de Jesus: Notadamente o Milson Henriques e o Amylton de Almeida. [Incompreensível]. Conheci também um capixaba, o Atharé [de Castro] foi vereador. Campanha dele era engraçada com o slogan: “deitado ou em pé vote em Atharé, não... De frente ou de ré vote em Atharé”.

Randas Freitas: Nessa eleição do Atharé de Castro, você lembra se os homossexuais se organizaram para poder eleger ele?

Claudino de Jesus: Não me lembro se teve um movimento. Acredito que não tenha havido senão teria ficado na memória.

Randas Freitas: Você já foi levado a chefatura por atividades ligadas a esquerda e ao Partido Comunista no Espírito Santo. Nessas idas, eles tocavam no assunto da sexualidade?

Claudino de Jesus: Sempre com escarnio. Sempre: “viadinho, mariquinha...”. Nunca objetivamente e nem seriamente. Sempre com escarnio e abuso. Como tudo que eles faziam. Não ficava longe do jargão da ditadura não. Tem um relato de uma pessoa que já faleceu, o Doris Wilson Ferreira, que era lá de Barra de São Francisco. Iniciou no Partido Comunista e foi preso ainda em 1968 em Barra de São de Francisco e eles fizeram várias [servícias?] com ele como tortura, o DOPS. Se você der uma pequisadinha você encontra por ele.

Randas Freitas: Como era a relação do PCB do Espírito Santo, os militantes e a questão da sexualidade.

Claudino de Jesus: Até a década de 1970, quando me estabeleci em Vitória essa coisa não rolava. Ninguém questionava ou tocava nesse assunto. Depois na década de 1970, veio que meio semiclandestino porque os movimentos culturais, os comunistas atuaram sempre, essas pautas identitárias hoje, já eram pautas da gente na época, mas a questão sexual não. Tinha ali um certo [incompreensível]. Mas na década de 1970, eu comecei a trabalhar aqui em Vitória, já na universidade, a partir de 1973. Eu encarei em alguns momentos certos preconceitos enviesados, tanto pela questão sexual ou [incompreensível]. Com o tempo, eu e alguns outros fomos nos impondo no partido como grandes expressões culturais e grandes expressões políticas e isso foi caindo, até que desapareceu completamente. Tanto que no final da década de 1970 isso já não existia mais.

Randas Freitas: Com o surgimento de um ativismo homossexual no Rio de Janeiro e São Paulo, ligados a movimento de esquerda no final dos anos 1970, como era a recepção desse evento naquela época?

Claudino de Jesus: Tivemos contato aqui no Espírito Santo muito através de certas revistas, certos "Pasquim's". Revistas da área e tal. Mas de uma forma muito distante, muito pouco pautável. No final da década de 1970 e início de 1980, Amylton [de Almeida] ganha uma notoriedade e cria o Triângulo Rosa na década de 1980 em cima da questão da Aids.

Randas Freitas: Na Universidade Federal do Espírito Santo você chegou a presenciar debates sobre sexualidade?

Claudino de Jesus: Sim. Na verdade, o Cineclube foi o primeiro elemento cultural da Ufes que se estabeleceu, que eu coordenava. Com o Cineclube, os movimentos culturais (teatro, música, artes plásticas e literatura) se juntaram em volta. E aí apareceu Waldo Motta, no teatro apareceu Renato Saudino e assim foi a entrada, por meio das manifestações culturais. Essas pessoas ganharam notoriedade no âmbito cultural antes de conhecerem suas opções sexuais. De forma que elas acabaram... A sociedade do Espírito Santo, burguesa: "é viado, mas é culto". Meio que uma coisa ainda não de aceitação ou de conhecimento, mas de acomodação. Mesma coisa em relação ao racismo e a misoginia. Através dos estudos foram criadas outras coordenações. Tem uma pessoa muito importante nisso: Reitor Comunitário, Augusto [incompreensível] e o Reitor Manoel Ceciliano Abel de Almeida, que faleceu recentemente. Inclusive, apesar de terem sido nomeados na Ditadura, eram democratas convictos. Nos abriram caminhos na universidade e nos protegeram nesse período. Aí foram criadas coordenações de cultura, folclore, música, artes cênicas. Foram criados depois a Mostra de Teatro Capixaba, a Semana de Literatura Capixaba. [Incompreensível]. Colocavam uma mesa que tratava de uma questão não acolhida pela sociedade. Tinha mesa que tratava da questão da misoginia, da sociedade patriarcal e da questão da homossexualidade, ou da pluralidade sexual. Lembro de uma Semana de Literatura [Literatura e Marginalidade]. Inclusive eu tenho uma apostila com o resultado dos debates. Teve uma semana muito importante, se eu não me engano em 1977 [1981] em que Bernadette Lyra trabalhou a questão da misoginia. Era Deny Gomes quem coordenava. Tinha um espetáculo e tudo. Eu montei um espetáculo. O evento manteve um espetáculo. Tinha textos de mulheres, de

homossexuais, textos jornalísticos, textos de Amylton, textos de Bernadette. Aí esse debate [homossexualidade] se estabelece com um pouco mais de liberdade. A Heloisa Buarque de Holanda estava nesse.

Randas Freitas: Na questão teatral você dirigiu a peça *A noite das longas facas* em 1985...

Claudino de Jesus: Correto. Foi o último espetáculo que eu fiz antes de um acidente grave em 1985. Voltei a vida normal em 1987. Nesse período passei de cadeira de rodas e muleta. Fui proibido de dançar. Eu dançava, era bailarino. E existiam grandes espetáculos que eu não podia fazer. Não podia fazer grandes exercícios, pegar peso. Então, esse foi o último espetáculo que eu tenha feito.

Randas Freitas: Existiram outros espetáculos com uma temática parecida do *A noite das longas facas*?

Claudino de Jesus: Nessa época não. Até a década de 1980 não. Muitas vezes a gente pegava espetáculos que não tratavam de uma temática e a gente dava um tratamento. E a temática iria passando. Por exemplo, eu montei em 1976, se não me engano, *As interferências* de Maria Clara Machado. Abriu a Primeira Mostra de Teatro. Tinha censura prévia do DOPS. Antes da apresentação tinha que fazer um ensaio geral para eles. Então aquele texto estava aprovado. Era uma mão com açúcar. Só que a gente pegou o texto, cortou e remontou e transformou o texto num protesto. Um protesto de pessoas que estavam sendo perseguidas, isoladas do contato com o mundo. O terror de estabelece, o terror da ditadura. Tem o elemento que a gente tentou colocar da sexualidade, que era um ator chamado Luciano Cola, que era um ator impossível. Nenhum diretor o queria. Fazia o que ele queria no palco. Daí coloquei o personagem dele numa cadeira de rodas para ser segurado na cadeira. Foi aplaudido de pé. O público entendeu que aquilo não fazia parte do espetáculo: o cadeirante levanta e saiu correndo o palco inteiro "bem bicha".

Randas Freitas: Em 1985 começou uma Campanha Estadual contra a Aids aqui foi comandada pela sanitarista Iandecy Zanol. Como as pessoas reagiram a Campanha contra a Aids.

Claudino de Jesus: Olha, na verdade, a Iandecy era uma pessoa extremamente respeitada. Então, era de uma família da sociedade, digamos assim. Mas uma moça extremamente cabeça aberta, uma moça muito respeitada. Então não teve uma reação

muito negativa. Evidente que nas ruas existiam fortes preconceitos. Me lembro quando Tião Sá que foi o primeiro caso que eu conheci pessoalmente. Um grande amigo um irmão que eu conheci. O pessoal achava que a gente era casado. E Tião Sá fez uma viagem pela Europa com [nome] e [nome] voltou e ele ficou na França. Aí ele adoece na França. Ficou internado num hospital francês e o contato dele era comigo. Eles fizeram contato comigo. Naquela altura eu já era formado.

Randas Freitas: Tião Sá foi o primeiro caso no Espírito Santo?

Claudino de Jesus: Nessa altura a [entidade] que era um grupo da Secretaria de Saúde do Município e eu era representante da universidade. Na época a gente ainda não tinha noção do que era aquilo. Tanto que o Tião em Paris foi diagnosticado com uma doença tropical. Ele volta, aí já começa a questão da Aids no mundo, faz o teste e dá positivo. Então, ele foi o primeiro caso formalmente positivado no Espírito Santo. Mas o sistema de saúde informa por que fica lá registrado e é público. Aí eu tive contato com ele e Amylton a essa altura, a partir da Iandecy com Amylton apoiando, criam o Triângulo Rosa. Aí vem um braço de orientação social para mobilizar. E mobilizou todos que eram contra o preconceito que gerou a "doença do viado".

Randas Freitas: Você lembra como que a mídia capixaba tratava a questão da Aids?

Claudino de Jesus: No início não tratava. Amylton que forçou a barra e conseguiu colocar. Depois passou a tratar na Coluna de Saúde. Pelo que me lembro Amylton conseguiu pautar o tema. Quando ele cria o Triângulo Rosa, ele repercute no Caderno Dois as ações do Triângulo Rosa. A essa altura a gente tinha a Casa da Cultura Capixaba que era em frente à Casa Porto. Onde hoje é um estacionamento e onde era o antigo restaurante universitário que a gente ocupou quando construiu o RU de Goiabeiras. A gente ficava na Casa da Cultura Capixaba, que era a sede de todas as entidades culturais: Federação Capixaba, Federação de Cineclubes, Associação de Música, Sindicato da ETEC, todos lá com auditório, sala de cinema e oficinas. Se montou o QG do Triângulo Rosa.

Randas Freitas: Você então frequentou algumas reuniões do Triângulo Rosa?

Claudino de Jesus: Claro. Eu e Amylton sempre brigávamos pela imprensa e nos amávamos pessoalmente. É engraçado, ele ligava para mim falando assim: "Aqui querido, amanhã estou falando mal de você para ver se você rebate porque eu preciso de vida

inteligente. Não aguento mais esse povo". As pessoas achavam que ficava com ódio dele, mas ele já tinha me avisado que ele ia me desdenhar para ver o que eu ia falar.

Randas Freitas: Como era a estrutura do Triângulo Rosa? As reuniões aconteciam nessa Casa do Cidadão? As reuniões tinham palestrantes?

Claudino de Jesus: Casa da Cultura Capixaba. Foi lançado no auditório do Banco Banestes, que era perto da Casa da Cultura que era do outro lado da Avenida Princesa Isabel. Um prédio que tem ali. A gente tinha alguma coisa, Banestes Seguros. O auditório cedeu. Aí Amylton de Almeida fez a o grande lançamento lá e depois se dava mais na Casa da Cultura.

Randas Freitas: Qual era o quantitativo de gente que você poderia citar de uma reunião que frequentou?

Claudino de Jesus: Essa do lançamento teve umas 40 a 50 pessoas, entre médicos, homossexuais, artistas, mulheres engajadas na luta contra a misógina. Depois tinha um pouco menos nas reuniões do cotidiano. Quem conhece movimentos sociais sabe que no dia a dia são 10 ou 6 e nos grandes momentos 50 a 100.

Randas Freitas: Nessas reuniões tinham palestras?

Claudino de Jesus: Sim. Levavam urologistas, profissionais da área de saúde, profissionais do direito, escritores que tratavam do tema. Sempre tinha alguma palestra esclarecedora e aprofundadora do tema.

Randas Freitas: Você sabe por quanto tempo o Triângulo Rosa chegou a existir?

Claudino de Jesus: Estava pensando exatamente nisso. Passou de um ano, mas não sei de dois ou três. Mas de um ano passou.

Randas Freitas: Eu não consegui identificar mais menções ao Triângulo Rosa nas reportagens do *A Gazeta* a partir da segunda metade de 1987.

Claudino de Jesus: A entidade durou mesmo depois de desaparecerem as citações. O que ocorreu foi o seguinte: Passado um tempo, deixou de ser novidade, deixou de ser notícia. Transformou-se em algo natural. E Amylton falava de vez em quando no tema para chamar atenção na época. Acabou sendo assimilado e não virou notícia mais. Mas durou mais que isso.

Randas Freitas: Você sabe se o Triângulo Rosa virou uma outra entidade posteriormente, uma entidade voltada para a Aids em si?

Claudino de Jesus: Ele simplesmente parou.

Randas Freitas: Você gostaria de destacar algum evento?

Claudino de Jesus: Havia um núcleo grande de homossexuais no final da década de 1970. Em 1981 na Jornada Nacional de Cineclubes em Campo Grande no Mato Grosso do Sul eu era presidente do Conselho Nacional de Cineclubes. Eu havia sido eleito em 1980 na jornada em Brasília. Mas em 1981, foi dentro da universidade e o auditório da assembleia geral final com capacidade para 500 pessoas, estava hiper-megalotado. E na mesa comigo estava reitores, representantes dos estados, representante da Embrafilme e eu presidindo a mesa. Quando na leitura das moções, levanta um grupo grande [incompreensível] sobe, me entrega na mesa e faz um manifesto dos homossexuais presentes na Jornada Nacional de Cineclubes, no Mato Grosso do Sul. Existe esse manifesto. Foi lido e publicado em 1981. Não tinha caído a ditadura. E eu fui surpreendido por meus melhores amigos: Magno Godoy, não sei se já ouviu falar. Homossexual. Em 1976, ele já se assumia. Estudava aqui na universidade e cobrava essa postura de respeito a opção sexual dos outros. Foi talvez o artista mais completo que o Espírito Santo teve na contemporaneidade. Ele era artista plástico, músico, bailarino, ator, diretor, autor, compositor, cantos, figurinista, cenógrafo, iluminador. Eu fiz iluminação de um espetáculo dele, falei: Magno você quer iluminar aqui então? Em 1981 capitaneou esse manifesto nacional dos homossexuais cineclubistas do país inteiro e leu esse manifesto. Eu lembro de uma frase ótima: Por um Conselho Nacional de Cineclubes que [incompreensível]. Um grande setor da resistência fundamental do debate público aqui foi o movimento de teatro. Renato Saudino é uma pessoa fundamental. Além de Renato Saudino tinha Vera Viana também homossexual, Margarete Schwambach. Tinha vários, havia um volume dentro do teatro maior.

Randas Gabriel: Como que você tem enxergado essa questão do governo Bolsonaro, a esquerda brasileira e a questão da sexualidade nos últimos anos.

Claudino de Jesus: Eu vou chegar aí no Bolsomorte. Mas eu quero voltar lá quando falei para você do manifesto. Eu quero dizer que um grande inspetor da resistência, e da

colocação da coisa como fundamental do debate público aqui foi o movimento do teatro. E aí, Renato Saudino, ele é uma pessoa fundamental. Ele coordenou a mostra de teatro.

Randas Freitas: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Claudino de Jesus: Um ponto que merece ser destacado foi esse manifesto dos homossexuais na Jornada Nacional de Cineclube e o Movimento de Teatro.

Claudino de Jesus: Eu gostaria de falar do momento atual. Confesso que ao longo da minha história e da minha trajetória, eu nunca imaginei que a gente poderia chegar aonde chegou. Que esse país um dia chegaria aonde chegou. Mas a realidade é que a gente se negou em lembrar que existe uma porcentagem da população brasileira, que é essencialmente escravocrata, misógina, reacionária, preconceituosa em todos os níveis. E a gente não olhou esses campos aí. E simplesmente se tornaram um campo. E agora com o Bolsonaro eles saem do armário. Bolsonaro é causa, Bolsonaro é consequência da existência deles. E que a gente permitiu que chegasse com a estupidez em 2017 [2016] com o golpe. Foi o que levou a gente a esse buraco agora. Confesso que nem durante a ditadura militar, o clima de perseguição individuais, perseguição aos direitos individuais, direitos civis, direitos humanos, estabeleceu com tanto horror e com tanta indignidade.

Claudino de Jesus: Estamos vivendo o inferno astral absoluto. Pior do que tá, baseado no Bolsonaro, pode ficar. Porque pra mim nada pode explorar [incompreensível]. Mas quanto aos direitos, o respeito a cidadania, o respeito e o amor ao próximo, a compaixão, e todos os sentimento dignos do ser humano estão no fundo do poço com o que se estabeleceu aí. Bolsonaro apenas representa, mas ele não é o cerne.

Randas Freitas: É exatamente isso. A gente pensa que está num período democrático e que os poderes têm suas independências, mas quando a gente vê cada poder abaixando o rabo para o Bolsonaro, a gente fala: “o que aconteceu com esse país? O que que virou as instituições democráticas? Como esse cara conseguiu persuadir tanto?”.

Claudino de Jesus: A minha geração inclusive e houve uma geração depois da minha que trabalhou muito comigo no Cineclube. Depois quando virou [incompreensível] universitário, ele criou o Metrópolis. A gente estava falando isso: “toda a luta, prisões, pancadas, perseguições, tudo aquilo foi pra nada? apenas para uma democracia formal? Que inclusive é tão formal que permite que o ovo da serpente germine?”. Eu fico... [silêncio] [riso] nessa revolta.

Randas Freitas: É esse sentimento que a gente tem. Eu não vivi, mas como eu estudo o período da Ditadura Militar, a gente vê como que esse ovo da serpente se chocou durante anos, anos e anos, e virou isso que não é um movimento que se restringe ao Bolsonaro, é um movimento que é bem mais amplo que ele. Essa direita reacionária que vem nos afligindo. É tenso.

Claudino de Jesus: Infelizmente querido. E a mim, o que mais me aflige, é olha para vocês. Essas novas gerações. É olhar para os meus filhos, eu tenho dois filhos, um rapaz de 19 e uma menina de 14. Eu olhar os dois e pensar: “vai haver um país que eu tão deixando para eles? Eu lutei tanto para deixar um circo?”

Randas Freitas: É tenso. É lutar agora para que a gente consiga eleger uma via à esquerda ou no mínimo uma via progressista... Tentar à esquerda é o objetivo, mas do jeito que está...

Claudino de Jesus: Uma direita civilizada. Uma [incompreensível] ou Fernando Henrique Cardoso, que recebiam críticas, uma direita civilizada, minimamente.

Randas Freitas: Gostaria de agradecer por nossa conversa, nossa entrevista. Gostaria de te agradecer por colaborar com essa pesquisa. É muito bom ter uma pessoa com seu nome, sua história, seu trabalho acrescentando na pesquisa. Agradecer pelo que sua geração fez pela nossa geração. A luta de vocês foi muito importante. Enquanto historiador e enquanto cidadão, sempre bom reconhecer que teve alguém que lutou por a gente, que lutou por democracia, que lutou por direitos civis, direitos políticos e consome um pouco disso hoje. Apesar do Bolsonaro e apesar do Bolsonarismo e dessa direita reacionária que foi eleita. Muito obrigado.

Claudino de Jesus: Eu que tenho que agradecer a você, que agradecer as novas gerações, que ainda se preocupam. Agora existem muitos "nem, nem" que já nem querem saber de nada. Isso me apavora no sentido de que existe um desencanto com o que resultou esse país. Então, quando vejo uns olhos engajados de hoje, querendo buscar e caracterizar a verdade, mandar para a frente. Eu fico feliz, eu que agradeço.

ANEXO III – CRISTINA MOREIRA

MOREIRA, Cristina. **Cristina Moreira**: Entrevista. 2020. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 24 jul. 2020. p. 232-247. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

Randas Freitas: Em qual cidade você nasceu?

Tina Moreira: Eu nasci na cidade de Vitória. Porque, quando eu nasci em 1964, o município de Cariacica não tinha maternidade. Então, todos nós que morávamos no município de Cariacica nós íamos para a cidade de Vitória. Mas eu sou do município de Cariacica.

Randas Freitas: Quando você fez o ginásio e o primário, você era que tipo de aluna?

Tina Moreira: Eu nunca fui uma aluna quietinha. Sempre fui muito agitada. Não era quietinha. Mas era uma aluna que conseguia e me relacionava bem com todo mundo. Era sempre mais pra frente, a mais falante. Adorava meus professores, minhas professoras. De vez em quando sonhava com as professoras.

Randas Freitas: Quais disciplinas você mais gostava na escola?

Tina Moreira: Eu gostava muito de matemática. Adorava matemática, fazer cálculos. Português, eu também gostava muito. Literatura. Geografia. Mas assim, sempre fui muito fascinada com a matemática. E isso, eu na área da comunicação, mas eu gosto da matemática. Faz parte.

Randas Freitas: Com o que seus pais trabalhavam na sua infância?

Tina Moreira: Olha só, meu pai é metalúrgico. Ele foi mestre de laminação na Companhia Ferro e Aço. Que hoje é uma empresa com a ArcelorMittal. Que é aqui mesmo em Jardim América. Tanto que quando eles vieram do estado de Minas Gerais, meu pai veio para ser mestre de laminação. Minha mãe era do lar, mas minha mãe pinta. Pinta quadros, pano de prato, fez curso de culinária, bolo, salgados para aniversário e

casamentos. Também fez o curso de esteticista. Por um bom tempo ela trabalhou como esteticista.

Randas Freitas: Com quantos anos você começou a ter relações com mulheres?

Tina Moreira: 15 anos. Eu estava fazendo meu cursinho, no Colégio Nacional em Vitória. Eu era bolsista. Jogava basquete também. Era jogadora de basquete. Foi quando eu conheci o bar Vitorinha, ao lado daquele prédio da Bimbo onde hoje é uma restaurante. Restaurante Senna. Só que tinha uma rampa, que é interessante, ali tinha um porão. Tinha uma rampa que você descia e o bar era exatamente como se fosse um porão. Ali era o Vitorinha. Pra gente entrar ali era assim, tinha que entrar escondido, ninguém podia te ver. Eu lembro quando eu entrei no bar, foi quando eu tive minha primeira experiência com uma mulher. Eu fui ao banheiro, a mulher veio atrás e foi aquela loucura. Rolou o beijo e aí eu fui... com 15 anos de idade. Foi quando eu também me abri com minha mãe. Falei na época. A nossa criação, do nosso período de 1964... nossa criação, da minha família, da minha mãe, meu pai... um cara muito durão... e minha mãe era mais maleável e mais... tipo assim... 8 horas da noite a gente tinha que estar em casa. Você nunca podia chegar 10 horas da noite. Nossa, uma mulher? jamais! Com 15 anos? E nesse dia eu cheguei era 21:30 horas. Era mais ou menos entre 9 e 10 horas, minha família já estava toda reunida. Não sabiam o que estava acontecendo. E eu pude conversar pessoalmente com minha mãe, só nos duas. E foi o que eu falei com ela: estava sim ficando com mulheres e que ela não precisava se preocupar com essa questão de gravidez. E foi quando ela falou pra mim, Randas, que ela já sabia. Você já sabia? Alguém te contou? Ela virou, olhou pra mim e falou bem assim: quem é a mãe que não conhece o seu filho? Então eu ouvi isso. Ela virou para mim e falou bem assim: não tenho nada contra. Você tem que saber o que você faz da sua vida. Mas se prepara, para que você não sofra. Para que você não tenha sofrimentos. Ela já sabia dessa questão do preconceito, de tudo isso. Mas eu consegui conversar com ela e ela me deu um abraço e falou isso: qual é a mãe que não conhece o filho? Então foi assim... foi muito interessante.

Randas Freitas: Quais eram as palavras que usavam para falar sobre lésbicas?

Tina Moreira: O nome que eu nem gosto muito de falar é o tal do "sapatão", "mulher-homem", "mulher-macho". Sapatão era o mais, usavam muito esse termo. O [termo] "lésbica" era pouco utilizado. Não se usava o nome lésbica. Se usava era: "sapatão", "mulher-macho", tanto que o Chacrinha fez uma música: "Maria sapatão, sapatão,

sapatão, de dia é Maria, de noite é João”. Essas palavras ficaram mais utilizadas. Então, "mona" era muito utilizado. Os homossexuais masculinos utilizam muito essa palavra, né Randas? Utilizava muito. Eu lembro que eu fazia parte do grupo Ataque Cardíaco de teatro e o diretor [nome] brincava muito comigo, ele falava: “não! essa é a Tina, mas o nome de batalha dela é Marcelo”. Me apelidavam de Marcelo. Eu não esqueço disso. A gente brincava muito. Eles falavam assim: “Você é a travesti operada”. Falavam assim. Porque naquele período era GLS - Gays, Lésbicas e simpatizantes, né? Hoje é L G B T Q I +. Hoje incluiu travestis, incluiu trans. Só que era GLS, e por incrível que pareça, Randas, naquele período existia o preconceito, mas não era o preconceito como é hoje. Naquele período nós achávamos assim que daqui uns 20-30 anos, tudo vai estar diferente, vai estar melhor. Mas o contrário, hoje as pessoas mostram mais os seus preconceitos. A violência é maior, não tinha tanta violência, antes com o homossexual. No Centro de Vitória existia um conjunto de pessoas que você tinha... artistas. Ninguém identificava eles por serem homossexual, mas sim por ser uma pessoa, por ser artista, atrizes, atores, artistas plásticos, você tinha cantores e não tinha esse rotulo de ser homossexual. É tudo artista, é tudo louco, essas coisas assim. Diferente de hoje, em que as pessoas te cobram para se assumir, pra você sair do armário. Acho que não precisa ter essa necessidade. As pessoas que têm que fazer, se assumir, sair do armário por consciência própria. Muitas famílias estão botando seus filhos para fora de casa por serem homossexual. Não é que lá atrás isso não acontecia, mas não acontecida tanto quanto acontece hoje. Vitória teve uma vida artística na época bem efervescente porque tinha um meado do Teatro Carlos Gomes. Ali tinha um barzinho onde todos os artistas se encontravam, na Rua Sete. Ali fervilhava, né? Tinha o Britz Bar, tinha o Garrucha, tinha o Mangueiras. Ali as pessoas se encontravam. Então não tinha essas diferenças: “ali são homossexuais”. Não! Ali são artistas, tem os homossexuais. Era um pouco mais reservado, hoje as coisas estão mais soltas. Por isso eu acho que o hoje o preconceito é maior. Antigamente o preconceito era velado. As pessoas tinham, mas não falavam. Mas hoje não. Hoje as pessoas agridem, como você vê que recentemente os moradores do bairro Jardim Camburi colocaram fogo nos pertences de uma travesti em situação de rua. Eles não a aceitavam estar ali. Então quer dizer, a violência está muito grande. Temos casos no Brasil que adolescentes de 15 anos assassinaram o rapaz por ser homossexual por causa da maneira que ele olhava para eles. Essa violência as pessoas estão colocando para fora realmente. O seu preconceito, o seu ódio, não só pelos homossexuais, mas pelo negro, pelas mulheres. Tudo que eles acham que é diferente, as pessoas tão colocando esse ódio pra fora.

Randas Freitas: Como uma lésbica identificava outra lésbica em um ambiente de bar ou boate?

Tina Moreira: Existiam vestimentas. Naquela época as lésbicas se vestiam diferente quando era sapatão, que era mais masculinizada. Tinha aquelas que realmente, mulheres. Por ser homossexual você não precisa se masculinizar. Tem essas coisas, mas aí é a cabeça de cada um. Como se identificavam? Se identificavam através de uma amiga, já apresentava. E nos próprios guetos, nos próprios bares que tinha o Vitorinha, tinha a boate Eros. Então ali você sabia que eram mulheres lésbicas que estavam ali, que eram homens gays que estavam ali. Então já se identificava. Mas eu sempre usava uma coisa que uso até hoje, o "olho mágico": "você olha e você já sabe". Sempre tem os trejeitos, tem alguma coisa que você fala assim: "ela é do babado, aquele é do babado". Não tem jeito. Você olha, percebe, os trejeitos e maneiras. Umas podem não ser, mas até tem alguns trejeitos que a gente pode identificar.

Randas Freitas: Como funcionava o Garrucha 44?

Tina Moreira: O Garrucha 44 eram mais mulheres em geral. Não eram mulheres lésbicas. Tinha de tudo. No Garrucha 44 frequentavam de tudo. Mas a maioria não eram mulheres lésbicas. As mulheres lésbicas frequentavam mais o Vitorinha, o Mangueiras também, o Britz Bar. As mulheres lésbicas e os homossexuais da época frequentavam muito o Britz Bar, que também era frequentado por artistas, jornalistas, muito bem frequentado. O Garrucha era assim.

Randas Freitas: Você se recorda se travestis e transformistas frequentavam o Britz Bar também?

Tina Moreira: Frequentavam. Frequentavam sim. Frequentavam de tudo que você pode imaginar. As travestis frequentavam também. Os homossexuais com certeza.

Randas Freitas: Como era a presença de homossexuais nas Escolas de Samba?

Tina Moreira: Sempre existiu. Principalmente gays e travestis, participando de alas. Até assim mais travestis do que lésbicas dentro das escolas de samba. Tinham muitas, mas iam para curtir ensaio da escola de samba. Nesse período, de 1987, eu já estava na Rádio Tropical fazendo coberturas jornalísticas sobre as escolas de samba. Eu frequentava os barracões fazendo entrevistas. Frequentava as quadras e os ensaios. O travesti e o

homossexual masculino, a presença deles dentro das escolas de samba era bem maior do que lésbicas. Hoje não, é diferente. Muitas lésbicas estão dentro das escolas de samba. Não só nas alas participando de barracão, na confecção de carros alegóricos, mas também participando da bateria. Participando das baterias das escolas de samba. Era muita legal também.

Randas Freitas: Você pulava carnaval de rua?

Tina Moreira: Sim, não só carnaval de rua como carnaval de Clube. Na minha época era carnaval de Clube. A coisa mais engraçada é que as minhas fantasias nunca eram femininas. Eram sempre masculinas. Eu sempre gostava de ir de árabe. Difícil era ir ao banheiro, que achavam que eu era menino: “não era menino não, sou mulher”. Achavam que eu era menino. Os meninos não se fantasiavam de mulher? Então, eu também poderia me fantasiar de menino. Eu lembro que tinha o Clube Desportiva e tinha o carnaval de salão. Tinha o clube Rio Branco ali na Ilha de Santa Maria, também a gente ia. O Baile Vermelho e Preto, o Náutico Brasil. Era o que mais frequentávamos. Eu ia muito no baile Vermelho e Preto. O meu amigo, já falecido, Sérgio Caseira, morava quase em frente ao Náutico. Nós nos encontrávamos ali, antes da gente ir pro pagode que tinha no barzinho da [nome] e depois nós íamos pro Baile Vermelho e Preto. A gente ficava sempre na casa de Sergio Caseiro. Era Sergio Caseiro, Celio Firmino, era Amylton de Almeida. Ele não ia muito na noite, não gostava muito dessa coisa da noite, mas sempre participava também. Tinha Renato Saudino que era diretor de teatro. Izau. Tinha o nosso grupo de teatro na época que era o Ataque Cardíaco que eu fazia parte. O Alexandre Gomes que também, já partiu. Tinha Aline Moreira, Mônica Bitti, Altair Caetano. Muitas pessoas. Nós íamos para o Baile do Vermelho e Preto. Então era assim, as travestis iam todas para o Baile de Vermelho e Preto. Iam montadas, lindas, maravilhosas, cheias de brilho e não tinha problema. Ninguém atacava ali no baile, porque era baile de carnaval. Como também no carnaval de rua. Enquanto locutora eu fiz por 25 a narração do carnaval de Vitória. Eu ficava no palco da Praça Costa Pereira, que só tocava pagode, e depois eu fui pro palco da Praça Oito que era só machinha. E comandava os desfiles de blocos. Quando os blocos estavam passando eu ia comandando. Uma coisa muito deliciosa. Eu gosto do carnaval, eu gosto do samba, só que hoje está diferente esse carnaval de rua. As pessoas foram acabando com aquela tradição de desfile do bloco e concurso de blocos. Por exemplo, eu sou do município de Cariacica e moro em Jardim América. Tinha um bloco chamado Despiroca por mais de 20 anos. Tem dois anos que o bloco não desfila. Aí vem

a questão da violência. As pessoas não vão mais pra brincar, para se divertir, alguns. Lembro que quando o Despiroca começou. Foi com o nome de Bloco das Piranhas, que eram homens que se vestiam de mulheres e mulheres que se vestiam de homens. A imprensa não podia anunciar "Bloco das Piranhas". Não podia falar Piranha. Aí foi sendo estudado até que: "Despiroca, todo mundo despirocado mesmo". E foi um nome de sucesso. Só que a gente vê que muitos blocos ficaram para trás, foram esquecidos. Não tem esse carnaval de clube, não tem mais você ir para um clube e ouvir marchinhas e ouvir samba. Não temos mais isso. Mas seu sempre gostei de carnaval de rua, de clube, das escolas de samba. Muito legal.

Randas Freitas: Na sua juventude teve contato com grupos de mulheres lésbicas que se reuniam em apartamento/casa para sociabilizar entre si?

Tina Moreira: Sim. Como nós tínhamos um grupo de teatro, participávamos de um grupo de teatro, a gente tinha as nossas amizades. [Parte cortada]⁵⁵³. Tem muitas que já faleceram, outras continuam vivas. Mas tem sim, muitas amigas que a gente frequentava a casa uma da outra. Fazíamos as famosas festinhas, sabe? Na minha casa mesmo a gente fazia muitas festinhas. Era só meu pai viajar que rapidinho tinha festinha. Era eu, Paula⁵⁵⁴, Maria⁵⁵⁵, Fabiana⁵⁵⁶, aqui do município, a Sarah⁵⁵⁷ que hoje está casada. Ela se casou. Mas nesse período ela teve uma parte, um relacionamento homossexual. Resolveu casar-se. É de cada um né? Foi aquela coisa, você passa um período e depois as vezes vê que não é aquilo mesmo, ou é bissexual né? E continua o caminho. Tomávamos vinho, tomávamos cerveja, brincávamos daquela brincadeirinha de pêra, uva e maçã? Lembra disso? Pêra, uva e maçã você tapa o olhinho e falava: "é essa? não! é essa? não! é essa? não! é essa? é! Pêra, uva e maçã?". Era aperto de mão, abraço e beijo. Maçã era beijo. Às vezes você já marcava. Dizia: "quando for a figura lá você me conta". Muitas vezes não dava em nada. Cutucava e era outra. Tinha que dar beijo. Era essa a brincadeira que a gente fazia, uma coisa sadia para descontrair. Mas não eram só mulheres lésbicas também. Tinha as lésbicas e tinha também os amigos gays. E por incrível que pareça, até hoje, eu tenho muitos amigos e amigas que não são homossexuais, entende? Muitos falam assim: "Tina eu não vejo você como homossexual". Eu vejo você um ser humano, uma pessoa

⁵⁵³ Parte recortada para preservar o direito a privacidade de terceiros.

⁵⁵⁴ Nome fictício.

⁵⁵⁵ Nome fictício.

⁵⁵⁶ Nome fictício.

⁵⁵⁷ Nome fictício.

amiga, uma pessoa alegre que a gente gosta de estar ao lado. Então, eu tenho muitos amigos que são héteros, coisa mais incrível. E muitas vezes eu, dependendo do lugar que estiver eu prefiro estar com amigos héteros. Porque a gente fala sempre: “muita gente junta, independentemente de ser homossexual ou não, sempre tem confusão”. E hoje eu gosto assim, eu vou ao lugar, me encontro com os amigos e volto pra casa sozinha. Entendeu, Randas? Até pela questão da violência. Muitas vezes você está conhecendo uma pessoa ali, que se mostra uma pessoa maravilhosa, isso e aquilo e quando vai ver não é aquilo. Então, é uma questão de segurança.

Randas Freitas: A partir de 1972 quando Amylton de Almeida inaugura uma literatura homossexual no Espírito Santo com *Blissful Agony*, começaram a surgir diversas publicações do Sergio Blank⁵⁵⁸, Waldo Motta, Bernadette Lira, Lacy Ribeiro. Você chegou a ter contato com essas literaturas? Peças de Teatro que tinha pessoas homossexuais como personagens?

Tina Moreira: Eu tive depois. Porque em 1972 eu estava com 8 anos. Mais à frente que eu tive contato com eles. Tanto que eu participei do espetáculo do Amylton de Almeida, *As noites de longas facas*. Fui convidada para interpretar o travesti que ele fez homenagem a Waleska Franklin. Vivíssima⁵⁵⁹. Esse personagem que ele criou, ele criou para homenagear a Waleska. Tanto que na estreia ela assistiu na primeira fila. Ela estava ansiosa para ver como ela ia aparecer, como eu iria desenvolver esse personagem em homenagem a ela. E exatamente eu fazia um travesti. Vindo de espetáculos infantis. Tanto que falaram assim: “nossa, ela só fez espetáculo infantil até hoje, como ela vai conseguir fazer isso?” E a gente foi desenvolvendo os ensaios. O diretor era Claudino de Jesus e Amylton. A nossa produtora era a Margarete Schwambach, de Domingos Martins. A nossa saudosa, Vera Viana, era diretora junto com Claudino. Trabalhou muito na direção e trabalhou no elenco. Ela fez parte do elenco também, a Vera Viana⁵⁶⁰. Tinha Vera Viana, Eliza Lucinda, Altair Caetano, Bope, o Bom Junior Brandião, o Tião Sá. Foi o primeiro espetáculo a ser produzido profissionalmente dentro do estado do Espírito Santo. Pagaram cachê, os ensaios, passagem, tinha toda uma infraestrutura. Margarete Schwambach que era a produtora do espetáculo na época. Foi um sucesso o espetáculo. Foi através do espetáculo que eu tive bem mais contato com Amylton de Almeida. Foi aí

⁵⁵⁸ Faleceu um dia após a entrevista.

⁵⁵⁹ Faleceu em novembro de 2020.

⁵⁶⁰ Faleceu em março de 2020.

que a gente teve contato bem mais próximo. Eu passei a frequentar a casa dele, o apartamento dele, que ele morava ali no Parque Moscoso. Eu ia para o cinema com ele. Ele como crítico de cinema me levava ao cinema para assistir os filmes com ele. Eu entrava junto com ele e não precisava pagar. Por esse ser crítico, ele tinha que assistir os filmes para fazer as críticas dos filmes para o jornal *A Gazeta*. Foi aí que eu tive bem mais contato com ele. Porque eu conheci o Amylton na Casa da Cultura em Vitória. A Casa da Cultura tinha um espaço para ensaio, eram muitos artistas, e muitos homossexuais e muitas lésbicas ali. Foi quando eu tive aproximação com Amylton de Almeida, porque tinha o espetáculo que também tinha o Antário Filho que era o dono da Rádio Tropical. Foi quando me convidou para participar, quando a rádio entrou no ar, em outubro 1982, em fase experimental. Então ali eu tive contato com Antário Filho, Amylton de Almeida, tinha o Eleazar Pessoa, que também era do teatro. Aí veio o Renato Saudino que tinha os espetáculos. Ali era um reduto também. Próximo a capitania dos portos e antigo RU, antigo Restaurante Universitário da Ufes. Ali também era um reduto de homossexuais, de artistas, mas a maioria dos artistas, né? são homossexuais. A coisa mais interessante, ver que nos artistas plásticos tem homossexual, no teatro tinha homossexual, na dança tem homossexual, tem lésbica, não tem jeito. Por quê? Ser homossexual e ser lésbica, a gente nasce. Você não fala hoje vou virar lésbica? Não! Virar homossexual, não! Você nasce! Traz na alma, o pensamento, o sentimento. Entendeu, Randas?

Randas Freitas: Amylton de Almeida publicou um Roteiro que o Cine Santa Cecília era um reduto de homossexuais. Como era?

Tina Moreira: A gente ia para assistir os filmes. Aí tinha um intervalo, a gente tinha um companheiro... Tinha aquela pegação também quando apagava as luzes, antes de começar o filme. O Santa Cecília era o cinema que ele mais frequentava e mais assistia filmes. Onde ele fazia as suas críticas, pois escrevia para o jornal *A Gazeta*, o Caderno Dois na época. Realmente, era uma época em que se divulgava a cultura no estado, o fazer cultural do estado. Uma época em que o teatro bombava, o teatro local bombava. Não só os nacionais, você tinha público que gostava do seu trabalho. Infelizmente isso foi se perdendo. Essa questão do cinema, acho que até hoje há essa pegação no cinema: “apagou as luzes, ai meu deus!”. Aproveita para o namorado beijar a namorada e assim vai.

Randas Freitas: Durante a Ditadura Militar você chegou a presenciar algum tipo de repressão policial contra homossexuais ou travestis?

Tina Moreira: Olha, eu não presenciei não. Presenciar não. Mas fiquei sabendo, mesmo no Centro de Vitória teve momentos de repressão, sim. Muitas vezes travesti tinha que sair correndo da polícia. Entendeu, Randas? Eram levadas para a chefatura, aquela coisa toda, via a vida toda e eram liberadas. Pros travestis era mais difícil. Sempre foi muito mais difícil do que para a lésbicas. Nós mulheres lésbicas éramos um pouco mais reservadas. Claro que tinha aquela machão que queria brigar, sair na porrada com homem. Mas eu presenciar esse momento de repressão por causa da ditadura, da política, eu mesma não presenciei. Porque também eu tinha hora pra chegar em casa. Muitas vezes o último ônibus era 23 horas, se perder esse, só meia noite, uma hora da manhã, duas horas da manhã. Muitas vezes a gente ficava mais para o lado de [incompreensível]. Mas já vi muito, não só questão da polícia, mas de outras pessoas. Está lá o travesti, a mulher lésbica com sua namorada e ouvem gracinhas, piadinhas. Mas a agressão de fato eu não presenciei.

Randas Freitas: Rolava muito essas gracinhas com mulheres lésbicas?

Tina Moreira: Rolava, aquela questão: “a eu vou pegar, isso é falta de homem”. Por isso a gente era mais reservada. Dava muito medo de sofrer um estupro, que eles chamam de estupro corretivo. Pra dizer que ela precisa de um homem. Tenho uma amiga que ela ficou grávida, porque tomou umas cervejas e um rapaz, um amigo, colocou o remedinho na bebida, ela bebeu. Ele transou com ela e ela ficou grávida. Ela contava para a gente que tentava sair, mas não conseguia. Ela só sentia o corpo totalmente mole, não tinha reação.

Randas Freitas: Na repressão policial tinha uma diferenciação de raça no tipo de repressão?

Tina Moreira: Nós negros sempre sofremos mais essa repressão. Eu lembro uma vez que eu estava com meus amigos, quase todos negros, nós estamos indo para [incompreensível]. Nós fomos de carro e fomos parados. Nós estávamos chegando e a viatura veio atrás e nos parou. Tirou a gente do carro e revistou o carro todo, nos revistou para ver se tínhamos drogas. Porque éramos todos negros. Passamos um constrangimento, porque todo mundo estava olhando e você se indignava. Isso aconteceu comigo, com a gente. Por sermos negros. Eu falo sempre: ‘ser mulher, negra e homossexual não é pra qualquer um. Não é fácil’. Porque a gente sofre preconceito por ser mulher. Negra. Ser homossexual? O preconceito aumenta mais ainda. Eu sinto esse preconceito. Muitas vezes no meu próprio trabalho tem aquelas pessoas que riem, brincam com você, aí chega

uma hora e falam assim: “eae, Tinão!”. Oi? Não, não é assim. Não é porque eu sou lésbica que eu sou Tinão. É Tina. Também não é Tininha não, é Tina. Mas aí brinca, faz essas brincadeirinhas. Mas a gente vai caminhando. A gente vai caminhando, não pode parar.

Randas Freitas: Quando você tinha cerca de 16 anos, em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, começaram a surgir grupos organizados de homossexuais. Essa notícia chegou no Espírito Santo?

Tina Moreira: Chegou sim. Tanto que foram formando os grupos né. O Triângulo Rosa, por exemplo, era Waldo Motta, Amylton de Almeida... quem mais que fazia parte? Foi formado mesmo por Waldo e Amylton de Almeida. Tanto quando que quando Amylton escreveu *A noite das longas facas*, que era uma adaptação do diário de Annie Frank. Então criou-se aqueles personagens muito fictícios, mas muitos personagens verdadeiros ali. Porque tinha a mulher que sofria violência do marido. Tinha a travesti, tinha o poeta. Quem fazia esse poeta era Eliza Lucinda na época. Ela veio exatamente para fazer esse espetáculo. Então foi aí que foram se formando os grupos aqui. O Triangulo Rosa é o mais antigo deles. Hoje temos aí vários grupos como o Santa Sapataria, temos a GOLD, temos vários grupos. Grupo Arco-íris, então, foram se formando. O grupo de lésbicas era exatamente a Santa Sapataria, que tem a Carolina, que eu conheci. Depois que eu assumi a Coordenação de Diversidade Sexual do Município de Cariacica que eu tive muito mais contato. Antes de eu assumir a coordenação, Randas, o meu grupo homossexual era o meu. Não tinha essa questão de trabalhar com políticas públicas, porque militar mesmo eu milito dentro da cultura, como atriz, como comentadora, locutora de rádio. Então, eu não tinha muita essa questão. Quando eu assumi a Coordenação de Diversidade Sexual, aí sim que eu comecei a participar muito mais junto com esses grupos, que foi em seminários, conferências. Então, a gente foi se aproximando mais, porque a minha praia mesmo é a cultura e a comunicação. Como o prefeito me fez esse pedido, eu assumi a coordenação para poder caminhar. Agora eu falo, porque a gente recebe mais críticas do que elogios. Isso dos próprios LGBT. Então, é muito louco. O mundo de você ser lésbica não é fácil, até com as próprias lésbicas, os próprios homossexuais. Existe também o preconceito de uma lésbica para outra, de um gay para o outro. Tipo assim: “bicha gorda”. Isso é um preconceito. Isso é uma ação de preconceito. Eu falo muito: “se nós lutamos contra o preconceito, contra a homofobia, como que nós vamos ser preconceituosos com o outro? que também é homossexual. Não podemos”. Isso ocorre muito. Não é pouco. Um homossexual, uma mulher lésbica ser preconceituosa com a outra. Isso forma aqueles

guetos, aqueles guetinhos: “aqui só tem as riquinhas, as bonitinhas, as branquinhas. A negra ali não entra. Aqui estão só as negras, as da periferia, aqui estão aquelas que lutam mais, aqui aquelas que lutam menos”. Então é muito complicado também. Muito difícil.

Randas Freitas: No final dos anos 1970 e início dos anos 1980 começaram a surgir alguns jornais direcionados ao público homossexual. Você chegou a ter contato com algum jornal da época direcionado ao público homossexual?

Tina Moreira: Não! Não cheguei a ter. Na época tinha circulação, mas não era muita circulação. Era mais direcionado. Porque também era o teatro, faculdade, era muita coisa envolvida.

Randas Freitas: Quando a Aids virou um assunto mundial e teve o primeiro caso no Espírito Santo. Como foi a reação dos homossexuais sobre a questão da aids?

Tina Moreira: Medo. Todo mundo tinha medo. Aí foi-se ver que a Aids foi colocada como se fosse uma doença do homossexual. Na realidade não é. Qualquer um pode ter a Aids. Mas por que ela foi tachada como doença do homossexual? Porque muitas vezes o homossexual masculino ela é mais promíscua do que a mulher lésbica. O gay ele faz a famosa pegação. Ele conhece uma pessoa ali e já leva para a casa. Ele já transa, muitas vezes sem o uso da camisinha. Mas só que também muitas mulheres lésbicas pegaram Aids de outras mulheres, por causa do sexo oral. Só que o medo, todo mundo tinha medo. Tivemos um amigo nosso que ficou muito tempo nos Estados Unidos, o Tião Sá, ele era ator, trabalhava com a parte de ... ele era ambientalista. Tanto que tem o prêmio Tião Sá, prêmio ambiental. Quando ele voltou dos Estados Unidos, ele voltou com o vírus HIV. Na época ele fez uma cirurgia de hemorroida e começou a desenvolver a Aids nele aqui. Então foi assim: “o preconceito, o medo de chegar perto de uma pessoa HIV positivo não podia porque você tinha medo de pegar. Se você sentar aqui você vai pegar”. Esses mitos. Quantas vezes fui visitar Tião. Chegou um período que ele não queria mais receber visitas. Perdi outros amigos também com HIV. E hoje, até hoje, a pessoa portadora, a pessoa positiva com o vírus HIV, ela se esconde. Porque ela sofre preconceito. Eu vejo isso no Centro de Referência do Município de Cariacica. Ele está num local, que não pode ter placa identificando que ali é um centro de referência IST/Aids. Eles vão, tem que manter o anonimato. Você não pode dizer quem são esses pacientes com a gripe [o vírus]. Só que as pessoas não entendem que muitos dos pacientes que estão indo no Centro de Referência, não só porque são portadores do vírus do HIV. Tem aqueles que estão em

tratamento da sífilis. São Doenças Sexualmente Transmissíveis. Até mais, o vírus HIV, quem é portador positivo ainda sofre muito preconceito. Mas é só tomar os cuidados: “usar camisinha, tomar os antivirais. Ela não tem cura, mas tem tratamento”. E aqui no Brasil a Aids foi muito divulgada por causa do Cazuza. Porque o Cazuza foi soropositivo. O Cazuza era o que? Bissexual, então muitas pessoas com que ele se relacionou, pegaram o vírus. Mas ficou muito famoso a Aids, porque uma pessoa famosa teve a Aids. Então, ficou essa coisa: a Aids é uma doença do homossexual. Não é, temos mulheres que pegaram dos seus maridos que tiveram relacionamento extraconjugal e não usou camisinha. Tem aqueles homens que saem com travestis, mesmo casados. Eles saem com as travestis e muitas vezes não usam camisinha. Mas não é porque é travesti que ele contraiu, mas é porque ele não se cuidou. Ele pode também ter um relacionamento extraconjugal com outra mulher e a mulher estar infectada. E leva para a esposa, porque não usa camisinha. Mas a questão na época foi medo, pavor. A Aids não tem cura, uma doença que não tem cura. Não tinha tratamento. Os tratamentos eram caríssimos. Não tinha SUS. As pessoas adoeciam mesmo, porque a imunidade ia caindo, ficavam suscetível a uma pneumonia. Atingia a questão respiratória. Na época a questão foi de muito medo.

Randas Freitas: Como que a mídia capixaba, *A Gazeta* e *A Tribuna*, tratou o assunto da Aids?

Tina Moreira: Exatamente assim. Mostrando que não tem cura, essa questão do medo. Na época não se podia se falar em Aids. Que as pessoas já tinham medo. Medo de contrair. Tem que usar camisinha. E as mulheres como faz? Nessa época não tinha a camisinha feminina, o preservativo feminino. Hoje você já tem o preservativo feminino. Era pudor falar da Aids. Havia divulgação sim. Até questão de campanha para as pessoas se protegerem, tomarem cuidado. Usarem preservativo... [Videochamada travou].

Randas Freitas: Quando fundaram o Triângulo Rosa em 1987 existem relatos que existiam cerca de 10 participantes entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais. No *A Gazeta* teve uma serie de publicações na tentativa de conscientizar as pessoas. Você via esse tipo de mobilização?

Tina Moreira: Sim. Amylton sempre foi um grande formador de opinião. Um jornalista muito respeitado. Então por ser um jornalista respeitado, ele utilizou o canal, o jornal, a mídia impressa, exatamente para levar informação. Para as pessoas não caírem nessas do

preconceito: “não vou conversar com ele porque ele é gay”; “não vou conservar com aquela porque é homossexual”; “se eu tiver junto eu posso pegar Aids”. Então, essa questão da conscientização. Amylton de Almeida sempre foi a frente do tempo dele. Uma pessoa muito inteligente, muito crítico. Ele também não gostava de um homossexual ter preconceituoso com outro. Então exatamente essa conscientização. Ele utilizou muito, todos os canais que ele podia, para divulgar essa questão do respeito ao próximo. Independe, de você ser homossexual de você não ser homossexual, a questão do respeito. Tanto que o Triângulo Rosa não eram só homossexuais e só lésbicas. Tinha héteros também. Um grupo de amigos realmente para conscientizar. Tinha médicos, para conscientizar a questão da segurança, usar o preservativo. Qual a nossa maior segurança hoje? O preservativo não é só pra não engravidar: “uso camisinha para não ter filho”. Exatamente para evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis. A hepatite, a sífilis, gonorreia, várias e várias. Então, Amylton foi uma pessoa importantíssima dentro do jornalismo, como nessa questão do respeito ao ser humano, independente se é homossexual ou se é hétero. Amylton foi uma pessoa maravilhosa, tanto que Amylton mostrou o outro lado da cidade com aquele documentário dele, *O lugar de toda pobreza*. As pessoas só viam Vitória, o que? O Centro de Vitória, a capital, a parte bonita da Praia do Canto, Jardim da Penha, Jardim Camburi ainda iniciando. O outro lado da ilha que eles conheciam era totalmente ao contrário. Santo Antônio, Inhanguetá, onde veio São Pedro, onde tinha um lixão. E Amylton conseguiu ganhar prêmios com esse documentário. Mostrou o outro lado da cidade. O lado do ser humano que não tinha nada, que vivia do lixo, que comia do lixo. O que a Casa Grande jogava fora, pra senzala poder comer. Exatamente isso. Então ele viveu sempre a frente do tempo dele.

Randas Freitas: Você lembra de alguma mulher lésbica que participava do Triângulo Rosa?

Tina Moreira: Quem eu vou lembrar, deixa eu lembrar aqui, Randas. Acho que Margarete participava. Tinha Cristina Valadão. Tem muito tempo que não a vejo. Cristina Valadão ela também trabalhava com teatro. Nessa época teve o caso com Vera Viana. Mas todo mundo sabia. Ela fez parte também.

Randas Freitas: Nos anos 1990 quando surgiram as Paradas LGBT no Brasil. Como foi sua reação na época sobre esses eventos?

Tina Moreira: Foi interessante né? Nossa que maravilha, Paradas gays. Aí depois veio para o Espírito Santo. O ano que começou as Paradas Gays aqui... em 1995 para 1996, se eu não me engano. Foi de 95 para 96, que era feita... tinha em Campo Grande. Era feita em Campo Grande. Quem organizava na época era a Glorinha. Glorinha era presidente do Sindicato das Damas da Noite. Mas aí ela acolhia os gays, as lésbicas, as travestis... e quem fazia junto com ela era o Weyden, que era a Miss Linda. Foi por aí, 95 que começou. Era feito na avenida Expedito Garcia. Bombava, eu lembro. Eu fazia locução na época. Eu fazia locução do trio até o palco. Aí no palco eu entregava para as transformistas. Tinha a Miss Linda, tinha várias pessoas, Chica Chiclete, todo mundo participava. Então foi assim, foi muito interessante. E lotava! Só que depois foi perdendo o objetivo da Parada, que era o que? Divulgar a existência dos homossexuais. Divulgar que os homossexuais são pessoas normais, que respeitam o outro. Então começou aquela coisa tipo assim: “as pegações”. Pessoas fazendo sexo na frente de outras. Começou a esfriar. Ano passado nós tivemos em Vitória, que retornou, que saía da Vila Rubim e foi até o Sambão do Povo, na realidade, na Passarela do Samba. Então, o que começou a acontecer, Randas? O fundamentalismo religioso começou a atacar o homossexual. Começaram esse ataque ao homossexual, a mulher, ao negro. Principalmente a pessoa homossexual, a lésbica, dizendo que é do diabo, que não é de Deus. Ora, se não fosse de Deus não tínhamos nascidos. Tanto que Deus disse: “Amais uns aos outros, como eu vos amei”. Eu vejo assim, eu sou espiritualista, sou espírita, mas Deus é único. Então, foi uma coisa muito louco, você vê as paradas de São Paulo e Rio de Janeiro eram maiores. Mas viam cenas que não tinha necessidade também, de aquelas pessoas que estavam participando, de fazer aquelas cenas. Não tinha necessidade né? A gente pode fazer a crítica, mas a gente também tem que ter responsabilidade nessa crítica, que devem ser feitas. Porque se eu não souber fazer a crítica, ao invés de nos ajudar, vamos ser alvos de críticas piores. Exatamente desses fundamentalistas religiosos. Muitas vezes uma travesti é assassinada, não é porque o cara é homofóbico, porque ele é fundamentalista religioso. Foi colocado na cabeça dele que aquilo é pecado, tem que matar, e o cara vai lá matar em nome de Deus? Então, as paradas eram maravilhosas. Muita diversão.

Randas Freitas: Como você enxerga as conquistas do casamento igualitário, o nome social e a criminalização da LGBTfobia?

Tina Moreira: Nossa, isso foi uma vitória, uma vitória da classe. Você poder se casar, você poder oficializar. Logo no início dessa discussão eu pensava assim:

[incompreensível]. Oficializar no cartório, você entrar de noiva. Sim, vai lá de noiva no tabelião, vai celebrar. Dentro da espiritualidade, na umbanda tanto no candomblé, são feitos vários casamentos de pessoas do mesmo sexo. O importante é a sua religiosidade, o seu respeito. Foi uma vitória muito grande. Foi uma vitória maravilhosa, né? Nunca podia imaginar que fosse chegar esse dia. Eu como sou solteira, mas se um dia aparecer um grande amor para se casar, eu vou lá, vou oficializar. Quero fazer uma cerimônia também, com todo mundo. Foi em 2000 e... estamos em 2020, foi na gestão do senhor... Foi no primeiro mandato do Luciano Resende, logo no início, foi feito um casamento coletivo. Foi feito em um cerimonial em Jardim Camburi. Participou quem é hoje a secretária de Direitos Humanos do estado, era antes a secretária de Direitos Humanos de Vitória. Então, foi feito esse casamento coletivo. Foi muito legal. Tinha um tabelião, que estava lá para officiar, você saia com sua certidão, todo mundo casadinho. E a coisa mais louca, muito legal, é que as famílias estavam apoiando, todo mundo. Não tinham só homossexuais, foi um casamento coletivo LGBT, tinha os héteros. As famílias, os amigos, autoridades da Defensoria Pública. O prefeito mandou representantes, através da secretária de Direitos Humanos. Então, Randas, isso foi uma conquista. E que tem que continuar. A gente não pode deixar retroceder. A gente está vendo aí, que o fundamentalismo religioso, as pessoas estão tentando tirar. Com esse governo aí, esse governo genocida, nós estamos perdendo espaço, estamos perdendo muitos direitos que a gente tinha. Para você ver que lá no Ministério da Mulher, lá daquela louca da Damares, do Jesus na goiabeira. Muitas coisas, muitos projetos, você não pode colocar nem LGBT, senão você não consegue aprovar um projeto. Várias ONGs que trabalham com políticas públicas LGBT estão com esses problemas. Nós não podemos perder o que nós conquistamos. Temos que alcançar mais ainda. Mas foi uma conquista sim.

Randas Freitas: Como você enxerga o projeto político do Bolsonaro? A vitória nas eleições e esses dois anos de governo que vai se completar no final do ano?

Tina Moreira: Olha só, para mim Bolsonaro é *fake* desde a fachada. Então, nada avançou em nosso país. As políticas públicas pararam. Primeira coisa que eles fizeram foi destituir o Conselho Nacional de Diversidade Sexual de políticas públicas para LGBT. Que era um ganho. Esse ano de 2020 já era para ter acontecido a Conferência Nacional de Políticas Públicas LGBT, não tivemos. Não foi por causa da pandemia. Era para ter acontecido em dezembro de 2019. Não tivemos. O estado fez a Conferência Estadual, nós dos municípios fizemos a municipal, seguindo todas as regras da campanha municipal de políticas

públicas contra a LGBTfobia. E, esse governo não disse para que veio ainda, disse sim, veio pra matar. Porque nós estamos perdendo nossos direitos. A gente fala: “eles destituíram o Conselho Nacional de Diversidade Sexual”. Então, ele fazendo isso vem enfraquecendo os estados. Aí o estado do Espírito Santo, desde antes que tem o Conselho Estadual de Diversidade. Em Cariacica, nós já temos o Conselho de Diversidade desde 2013. Nós fomos o primeiro município do estado do Espírito Santo a instituir o Conselho de Diversidade Sexual. E olha que Cariacica, nós temos um município, em que a Câmara totalmente preconceituosa, homofóbica. O prefeito Juninho sofreu muito para instituir o Conselho de Diversidade Sexual. Tem 2 anos que tem o estadual. Se enfraquecido o nacional, com certeza nós viemos enfraquecendo. As políticas para LGBT vêm enfraquecendo agora. Com certeza elas estão enfraquecidas. Como que eu vou lá brigar se não tem Conselho Nacional mais? Eles estão querendo mais. Hoje é muito mais luta do que antes. Como eu te falei no início, quando eu tinha meus 18 ou 19 anos — na minha juventude, na minha puberdade, aquela coisa — nós pensávamos que em 20 a 30 anos depois seria diferente. Mas não, apesar de alguns ganhos, nós sofremos retrocessos. Ainda mais agora com esse governo louco. E o pior, Randas, foram homossexuais e lésbicas que votaram nele. Votaram num candidato que dizia rasgado que não gostava de gays, não gostava de lésbicas. Como que você se apoia a um candidato desse? Campanhas feitas através de mentiras e as pessoas acreditavam. Mamadeira de piroca, essas coisas, kit gay, que nunca existiu. Como eu coloquei para você: “você sofre preconceito dentro do seu grupo LGBT”. E aí você tem aquele LGBT que você está lutando pelos direitos dele, e ele não está nem aí. Ele vota no cara que vai fazer totalmente ao contrário de todas as lutas de anos, que a gente vem aí para conquistar os direitos. Teve as conquistas, mas estamos tendo retrocessos. Estamos saindo, muitas coisas estão sendo desfeitas com a senhora Damares, que é a ministra né, mulher. Nós já não temos mais um setor específico para as Políticas Públicas LGBT. Então a coisa está ficando um pouco mais difícil.

ANEXO IV – FREDERICO MOROTHIN

MOROTHIN, Frederico. **Frederico Morothin**: entrevista. Entrevista concedida a Randas Gabriel Aguiar Freitas, Vitória, 10 jun. 2017. p. 248-264. In: FREITAS, Randas. “Tem xiririca na bixanxa”: movimentações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Espírito Santo entre 1960 e 1989. 2022. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

Randas Gabriel: Me fala em qual cidade você nasceu?

Frederico Morothin⁵⁶¹: Alegre, Espírito Santo.

Randas Gabriel: Me fala um pouco sobre sua família lá em Alegre. Como que era a sua infância lá?

Frederico Morothin: A minha família era uma família, digamos assim, e... classe média baixa [risos] todos seriam classe média. Meu pai era comerciante, minha mãe ajudava no comércio. Eu estudei em escola particular no fundamental, depois estudei o ginásio em escola pública, até quarta série, que seria hoje equivalente. Estudei em escola particular, depois em escola pública. E era uma vida agradável, porque alegre é uma cidade que era movimentada, tinha sempre alguma coisa, um artista, era sempre uma cidade animada [risos]. Era uma vida boa, eu achava legal, tranquilo, apesar de tudo, depois quando foi passando o tempo, você vai chegando na pré-adolescência, digamos assim, aí você vai ficando meio cansado, de lá. Até porque depois houve aquela mudança, acredito que depois do golpe militar, houve aquela mudança econômica, na economia toda, a cidade também foi afetada por política econômica, ela [incompreensível] produzia café, aí houve a erradicação dos cafezais, aquela coisa toda. Ai a atividade econômica cessou e a cidade parou no tempo. Então, foi todo mundo indo embora da cidade, aí meus amigos foram mudando da cidade, todo mundo assim. Meus irmãos, vindo para Vitória, estudar, foi ficando tudo muito monótono lá.

Randas Gabriel: Me fala um pouco sobre você no primário e ginásio, sua educação e você na escola.

⁵⁶¹ Nome fictício, pois o entrevistado solicitou anonimato.

Frederico Morothin: Assim, bom na escola, assim, vamos dizer, eu tive uma vida aparentemente normal. 'Eu vivia na escola, eu e meus amigos, a gente brincava, corria atrás das meninas, enfim, jogava bola, fazia coisas normais, de uma pessoa assim. Está claro que assim, a minha vida era com algumas pessoas da família que moravam mais no centro da cidade, não morava assim numa periferia, morava mais no centro da cidade. Então, eu vivia ali, aquela vida aparentemente normal de uma família tradicional e tudo.

Randas Gabriel: Você tinha alguma matéria preferida no ensino

Frederico Morothin: Ah, sim, eu sempre gostei de artes, gostava de desenhar e tudo. Até meu pai chegou a me levar uma vez no médico, porque eu comecei a desenhar. Eu gostava muito de moda, aí eu acho que minha família talvez tenha começado a achar estranho, eu ficar desenhando muito coisa de moda, gostava de moda. Queria desenhar roupas, essas coisas assim [riso].

Randas Gabriel: Você se mudou para Vitória em 1972, ne?

Frederico Morothin: Por aí, foi por essa época, agora eu não me recordo direito.

Randas Gabriel: Você fez ensino tecnológico?

Frederico Morothin: Não eu fiz ensino, eu fiz ginásial, que depois foi fundido, né? O ginásial virou 7º, 8º, era 6ª, 7ª e 8ª. Não, acho que era 5ª, 6ª. Não era 6ª, 7ª e 8ª. Eu acho que era isso, que eram três anos de, não, quatro anos de curso ginásial, ou era três? Científico que chamava três aqui, e igual hoje assim, eu sei que eram 1º, 2º, 3º e 4º ano e ainda fiz 5º ano que era admissão, depois 1ª do ginásial, 2ª série, 3ª série e 4ª série do ginásial. Olha quanto tempo eu estudava. Depois que eu passei para o curso de científico que era mais três anos de curso científico.

Randas Gabriel: Como foi o curso científico aqui em Vitória? Seus primeiros contatos.

Frederico Morothin: Ah, sim! Eu passei no Colégio Estadual, fui estudar no colégio estadual e comecei a estudar lá. Ai lá eu conheci... eu não tive muitos amigos, não andava muito e tal. Eu conheci um amigo, ele era artista, já trabalhava com teatro. Ele me mostrou a cidade, eu conheci pessoas, que depois que eu fui saber que essas pessoas eram importantes, tipo assim, a Carmélia Maria de Souza. [Imitando o amigo] você sabe quem é a Carmélia? E me mostrou a Carmélia, num barzinho. Depois de muito tempo que fui saber a importância que tinha a Carmélia, que ele me falou ali que ela era jornalista,

colunista, escritora, que ela era uma figura folclórica de Vitória. Folclórica, não, digamos, uma intelectual, assim, importante. Depois que fui saber da importância que ela teve, como escritora, cronista e tudo. Mas era assim, eu tinha um amigo, que era engraçado. Ele morava na Praia do Conto. Ele era de uma família bem tradicional. Uma família, assim, que tinha bem maior poder aquisitivo que a minha. Morava em uma casa linda, na Praia do Canto, eles gostavam de música, compravam discos, discos, discos... E a gente adorava. Eu adorava ir para a casa dele, a gente conversava de música e ouvia música o tempo todo. Então, assim, era muito engraçado, eu sempre pensava que ter muitos amigos, esse menino deve ser muito sociável, eu sempre tive um amigo que era mais meu amigo assim [risos]. Então, foi assim, sabe, até que então chegou num ponto que eu comecei a trabalhar, não ter um emprego, eu fazia algumas coisas, trabalhava com minha família mesmo, fui estudar a noite no 3º ano. Ai depois eu fiz o vestibular para entrar na UFES.

Randas Gabriel: Você fez vestibular em qual ano?

Frederico Morothin: Ah, foi em 1976.

Randas Gabriel: Você passou na UFES em...

Frederico Morothin: Comunicação.

Randas Gabriel: Você pode falar um pouquinho sobre esse seu primeiro ano na UFES?

Frederico Morothin: Meu primeiro ano na UFES, olha... Era legal e tal, era o primeiro curso de Jornalismo, primeiro ano, foi na inauguração do curso de jornalismo. Era um curso que ainda estava sendo estruturado, então era tudo meio bagunçado, um dia o professor vinha, outro dia não vinha, porque o professor vinha de fora. Mas assim, era interessante, porque tinha pessoas legais. No curso tinha muitos jornalistas e tudo. Mas eu como estava muito comprometido, me envolvi com muita coisa de arte, aí eu fiquei muito dividido, eu pensava assim: Aí eu vou me dar bem e tentar o meio artístico, não quero ser jornalista não [risos]. Eu não quero escrever sobre Artes, eu quero fazer Arte. Aí fiquei meio dividido. Ai não dei muita importância para curso, deixei o curso meio para lá. Fui relaxando com ele. Fui fazendo aos poucos e nem cheguei depois a me formar. Depois eu passei para outro curso. Fui estudar Artes.

Randas Gabriel: Você passou em Artes em qual ano?

Frederico Morothin: Aí, já... quando eu já tinha deixado Comunicação, que eu estava nessas de tentar uma carreira artística, eu percebendo que Vitória que não era uma cidade que comportava uma vida artística e teria que sair daqui, como a maioria das pessoas. Quem quiser uma carreira artística tem que ir para um grande centro. Vitória ainda era muito provinciana. Então, eu vou voltar, fiz outro vestibular, foi em 1981 e 1982...

Randas Gabriel: Você entrou em Artes, aí você entrou no Bacharelado?

Frederico Morothin: Bacharelado.

Randas Gabriel: Em 1981 e 1982, Ney Mato Grosso estava fazendo sucesso na conjuntura nacional. Você já tinha ouvido falar sobre ele?

Frederico Morothin: Ney Matogrosso? Já, desde Secos e Molhados.

Randas Gabriel: Você pode falar sobre? Como foi sua percepção da figura de Ney Matogrosso.

Frederico Morothin: Ah sim, eu achei Ney Matogrosso no Secos e Molhados super extrovertido. Foi uma grande transformação, uma coisa que chocou todo mundo. Eu achei aquilo muito legal e tudo, a apresentação, dele e do grupo, todo mundo maquiado. O modo de dançar, as músicas eram legais também. Acho que mesmo que fosse a inovação, da performance de palco. O negócio de Secos e Molhados, o que fez Ney Matogrosso aparecer também, e porque as músicas eram muito legais. Aquela época, aquele momento aquelas músicas marcaram muito, tinha músicas muito bonitas. Mas assim, para falar a verdade, depois eu nem curti muito o Ney Matogrosso, curti eu vou dizer que curti, mas não me agradava muito o outro caminho que ele tomou, de intérprete assim, deixou o grupo Secos e Molhados, eu não acompanhei muito a carreira. Não me foi um artista que passou a me interessar muito. Mas eu curti muito na época dos Secos e Molhados. Eu não sei se estava ainda em Alegre na época quando ele apareceu e se cantou no Festival da Canção, não me lembro. Eu achei muito legal, porque foi uma ruptura, naquela forma de se apresentar e tudo. As músicas eram lindas. Rosa de Hiroshima, que gozava de Vinicius de Moraes [risos]. Muito legal.

Randas Gabriel: Você teve contato com o jornal *Lampião da Esquina*? Já ouviu falar sobre ele?

Frederico Morothin: Hum, não. Eu ouvi falar do jornal *Lampião*, eu ouvi falar, algumas pessoas falavam muito. Talvez eu tenha lido algumas coisas, vagamente. Mas eu ouvi falar sim. Eu acho que li alguma coisa, alguém me mostrou. Eu cheguei a ler, mas agora, o que exatamente não me vem a memória o que foi.

Randas Gabriel: Ele era um jornal em que o Amylton de Almeida também colaborava. Nessa época, você conhecia o Amylton?

Frederico Morothin: Eu não conhecia o Amylton de Almeida. Tinha algumas pessoas e alguns amigos, frequentaram muito ele. Inclusive eu estava com um amigo agora, que chegou até a morar por um tempo na casa do Amylton. Esse outro meu amigo também, até morou um tempo com Amylton. Esse que eu andava com ele que me mostrou a Carmelia. Aqui em Vitória quem mexia com teatro era artista plástico também, ainda é artista plástico que mora na Inglaterra. Mas eu não tinha muita relação próxima com Amylton. Só conhecia ele de vista. Igual estava no barzinho ele chegava, mas encontrava muito com ele em cinemas. Eu adorava cinema, via muito filme. Você assistia no Centro e Amylton estava lá porque ele era crítico, então ele tinha que falar de todos os filmes. Então as vezes eu saía do filme e ia para o outro, porque os cinemas eram todos pertos. Eu ia para a Cidade e chegava assim: Assistia um filme as 14 horas, acabava as 16 horas, agora as 17 horas. As 17 horas ia para outro cinema, assistir outro filme lá. E o Amylton ia fazer essas coisas. Mas assim, eu o via lá, sentado. Mas a gente não teve muito envolvimento não. Mas eu acompanhava o que ele escrevia como crítico de Cinema. Tinha uma diferença de idade. Eu não tinha convivência com ele.

Randas Gabriel: Quais locais os homossexuais aqui de Vitória frequentavam?

Frederico Morothin: Olha, lugares que homossexuais frequentavam... eu nunca fui muito... Vitória tinha os bares que todo mundo frequentava, vida boemia. Vamos dizer, no Centro da cidade era o Britz bar, aonde todo mundo ia. Quem estava no armário [risos] ia todo mundo ali. Os intelectuais iam. Depois apareceu um bar chamado Vitorinha que era um bar, onde hoje, não sei se onde é o Bimbo, ou se era naquela padaria Tordelod. Acho que era onde era o Bimbo por ali. Ali era um bar que tinha música, tinha um Pub. Aí ali virou um reduto, meio que um reduto gay.

Randas Gabriel: [Mostrei uma imagem da década de 1970 do Britz Bar].

Randas Gabriel: O público que frequentava nele era só de homossexuais? Pessoas alternativas ou era variado?

Frederico Morothin: Tudo variado, médicos, dentistas, porque era um lugar de todo mundo. Ia desde classe média alta, considerada a alta sociedade de Vitória, até pessoas jovens. Era um "mix" de tudo ali. Não era exclusivamente de...

Randas Gabriel: Como se deu a sua relação com sua sexualidade durante a Universidade?

Frederico Morothin: Durante a Universidade... olha para dizer a verdade, eu nessa época da universidade eu acho que era tão doido na época. Que eu acho que eu nem me importava com a minha sexualidade. Nem era aquela coisa assim que eu me importasse. De ser isso, ser aquilo, de gostar de alguém. Eu acho que eu tinha perdido um pouco as ilusões. Eu estava mais preocupado com as questões da vida, da política, da arte. Eu já trabalhava no governo. Já tinha feito concurso. Então eu trabalhava e estudava. Então eu não tinha nem tempo para minha vida. Por isso eu não participava muito da vida boemia. Eu trabalhando e estudando tinha uma vida puxada. Fim de semana eu podia sair, para um lugar e tal. Mas eu mesmo frequentava lugares que era frequentado por heterossexuais. Existiam os bares, por exemplo. Claro que existiam os bares frequentados por homossexuais, mas que também iam os heterossexuais. Tinha barzinhos, ali na Praça Costa Pereira, que era um bar meio barra pesada. Ficava ali, onde é hoje uma loja de artesanato, Artesanato Brasil. Ali eu nem entrava, pois eu achava aquele barzinho muito barra pesada. Mas era um bar que frequentava, vamos supor, a marginalidade. Tipo um travesti, um gay mais ousado, frequentavam lugares mais sórdidos, mais reservados. Agora, o Britz era democrático, todo mundo frequentava o Britz. Depois que apareceu esse bar, Vitorinha. Na rua Sete de Setembro, por exemplo, tinha muitas lanchonetes, tinha muito caldo de cana. Tinha um bar, na Duque de Caxias, era um bar, se não me engano... como era o nome? Marrocos?

Randas Gabriel: Marrocos!

Frederico Morothin: Era um bar, mas eu também nunca cheguei... [risos] eu não sei se eu era, acho que eu era um puritano [risos]. Eu nunca fui muito... fui muito tímido, reservado. Então, era um bar muito agitado. Muita gente ia lá. Eu tinha amigos que

falavam: Ah, eu fui para o Marrocos. Bebiam, e não sei o que lá. Eu, Deus me livre, nem pensava em ir ao Marrocos.

Randas Gabriel: Você comentou sobre Travestis e marginalidades. Em algumas das leituras que eu fiz, existia uma associação entre homossexual e, no caso de travestis, a criminalidade. Você percebia isso?

Frederico Morothin: Não sei se a criminalidade. Era mais assim, porque, talvez as pessoas mesmo que fossem travestis, eu não me lembro bem se existia mesmo o travesti. Existiam os homossexuais que andavam com o cabelo, mais arrumado. Passava um lápis no olho, entendeu? Fazia um *make-up*, essas coisas assim. Até depois também, por exemplo, teve pessoas que eram homossexuais, não vou nem colocar esse termo, porque senão a gente fica muito preso a janelas de sexualidade. Eu tinha um amigo, ele foi para os Estados Unidos. Amigo não, ele nem era muito meu amigo, ele era amigo de outras pessoas. Eu cheguei a conviver com ele um pouquíssimo. Ele foi para os Estados Unidos e voltou Alice Cooper. Era um artista de uma banda rock, que fazia muito sucesso. Naquela época Glam Rock, que era um rock bem desbundado. Os artistas eram mais andróginos, digamos assim. Nem tanto, era uma androginia, tipo David Bowie. Aí chegou, usava botas de cano alto, salto alto, cabelo e roupas assim, tata, tata. Esse pessoal que frequentava a Costa Pereira, rodava por ali, porque ali talvez tivesse um público, que era interessada em sexo. Eu não sei qual a origem disso daí, teria que fazer um estudo, mais detalhado. O que eu presenciava e isso, que ali existiam algumas pessoas que passavam por ali que faziam pegação, digamos assim.

Randas Gabriel: Você já viu em algum desses bares ou já escutou de algum amigo seu algum relato de prisão policial a pessoas dentro desses bares?

Frederico Morothin: Dentro desses bares? Olha que eu me lembre assim, mas eu acho que já ouvi falar de pessoas serem presas. Porque na época da ditadura as pessoas eram presas por qualquer motivo, por qualquer banalidade. Às vezes não faziam nada e queriam te acusar de alguma coisa e podiam te acusar e te prender. Mas que eu me lembre assim, não.

Randas Gabriel: Você já ouviu falar do termo "gueto" de homossexuais?

Frederico Morothin: Não. Gueto de homossexuais, não. Naquela época não. E porque eu acho assim, naquela época pelo menos assim, no período em que convivi muito em

Vitoria no Centro da cidade e depois eu até parei de frequentar um pouco. Isso aí existia e não se fazia tanta distinção. Se tinha tanto moralismo em relação a isso. E uma coisa em que as pessoas, até assim, claro, deveria ter pessoas que não passaram nem perto dali porque ali naquela praça [Praça Costa Pereira] tem homossexuais passando, travesti, sei lá. Mas assim, eu vejo tanto em relação a preconceito, a rejeição. Eu não percebia, só se fosse muito velado ou alguma coisa assim. Possa existir hoje, embora hoje as pessoas... eu outro dia estava num lugar, talvez você vai me perguntar isso, eu não sei. Eu estava em um local que o casal, ah eu estava numa padaria. Aí tinha duas meninas e dois rapazes, aí os dois rapazes estavam sentados, um com a mão na coxa do outro, fazendo carinho. Assim, eu não via isso. Isso a gente não via, porque ninguém tinha coragem de fazer isso em público. Então eu acho assim, que a sexualidade talvez ela fosse assim, muito mais... eu acho que uma pessoa por ser chamada hétero ela era muito mais fácil de talvez transar com um homossexual, porque o desejo que imperava. Eu acho que as pessoas queriam dar vasão ao desejo. Então, você podia encontrar uma pessoa e ir com ela para a cama. Chegar lá e ela... E você aí eu sou homossexual, esse aqui é um heterossexual, e chegar lá e a pessoa te surpreender. E ela também se mostrar. Não pelo fato dela estar transando com você sendo homossexual, mas ela também querer, provar a sua sexualidade por completo.

Randas Gabriel: Você comentou que costumava acompanhar um pouco da política. Quando o general Ernesto Geisel propôs abertura política lenta e gradual. Como foi a sua visão na época sobre essa proposta?

Frederico Morothin: Abertura lenta e gradual, né? Olha, a gente já vivia a tanto tempo... O Brasil estava tão... Era uma época difícil porque existia um período... Que os Híppies chamavam de época do sonho. E acho que algumas pessoas buscaram uma alternativa de vida, ou alternativa para a Sociedade. Mas também tinha essa coisa da realidade política, da vida política. Eu acho que o Brasil já estava tão desgastado que essa coisa... eu achei péssimo, eu achava péssimo, porque a gente teria que esperar mais e mais para ter uma abertura política, para a gente voltar a eleger presidente, governador e tudo mais. Porque então, quer dizer, a gente acabava tendo que aceitar. Eu achava péssimo por causa da demora. Vai ter abertura? Não, vai ser lenta, gradual e irrestrita [risos].

Randas Gabriel: Voltando a questão da UFES, você foi representante estudantil, certo?

Frederico Morothin: É, mas aí eu acho que já foi no período de democratização. Foi no final dos anos 1980. Já num período assim, a política já estava um pouco... porque eu acho assim, que a questão da abertura depois, esse negócio da anistia e tudo mais. Na verdade, e igual o que está acontecendo agora. Houve um desmanche da política. A questão da política passou a não ser algo interessante para as pessoas. Passou... as pessoas deixaram a questão da política. Ah falar de política passou a ser algo démodé. Começavam a pensar em outra coisa. Talvez fosse alienação mesmo. Então assim, quando eu fui representante estudantil lá na UFES. E claro, existe todo um conservadorismo, porque uma Escola de Arte, embora fosse Escola de Arte, era uma escola toda conservadora. Ela era focada numa arte tradicional. Digamos, arte imitativa. Embora tivesse assim alguns professores que eram modernistas e tal. Mas ela era ainda uma escola arcaica na forma. Embora existisse um ou outro professor, que era mais aberto com as coisas contemporâneas e tudo. Mas a estrutura, ainda mais no departamento onde eu fui representante estudantil, ali era história da arte. Ali estava um nicho de conservadorismo, de mentalidade conservadora, mentalidade fechada. Enfim, de nenhuma abertura para inovações, mudanças, dentro do Centro de Artes da Universidade.

Randas Gabriel: Durante o final da década de 1970 e início de 1980, o Paulo Hartung, nosso atual governador, ele foi representante da UFES. Você ouvia falar sobre ele?

Frederico Morothin: Eu ouvia falar. Eu estava fazendo Comunicação. Eu ouvia falar dele sim. Até o via, sabia que era diretor do DCE. Mas assim ele sempre me pareceu uma pessoa, assim, ele ia para a universidade numa moto possante, de casaco de couro e óculos Ray-ban. Então ele para mim estava assim, a imagem dele, já dizia um pouco. Ele parecia mais um playboy, meio playboy, mas podia ser um rebelde. Tipo James Dean. A gestão que eles fizeram no DCE teve uma coisa bacana, que era promoção de coisas culturais. Shows no ginásio da UFES. Teve esse lado assim que foi bacana, positivo. Pode ser também que eles tenham participado da luta de redemocratização política, mas eu não via muito isso não. Então o que eu me lembro é isso aí. Até um amigo meu fez uma peça que debochava um pouco do DCE. Achando que o DCE era meio que uma turminha alienada. O próprio presidente do DCE chegava de moto. Um cara de família de classe média alta. Talvez se sermos ou não sermos ditadura, talvez não importasse para ele. Enfim, mas eu não convivi muito, não participava. A minha vida na universidade era muito limitada. Eu não tinha muito tempo. Porque eu ia para lá para estudar, fazia alguma outra coisa. Eu

tinha meu trabalho, o tempo que tinha livre era trabalho. Ia para lá trabalhava, era outro mundo, outra vida, outra coisa.

Randas Gabriel: O Paulo Hartung fazia parte do PCB na UFES, um movimento de esquerda. Você lembra quais eram as propostas desse movimento?

Frederico Morothin: Eu acredito que as propostas eram estas. Tinha a proposta de redemocratização, de volta das eleições para os cargos de governador. Mais por essa abertura política. Eu creio que existia essa proposta.

Randas Gabriel: Essa política de esquerda desse movimento estudantil da UFES, eles comentavam alguma coisa ou você via homossexuais participando desse movimento de esquerda na UFES?

Frederico Morothin: Sim, acredito que sim. Inclusive...

Randas Gabriel: Você lembra de alguém?

Frederico Morothin: O Antônio Claudino. Alguém já te falou dele? Claudino de Jesus. Eu acho que ele era do PCB, era o Partidão. O Partidão, era o PCB. Que eu me lembre da pessoa, era o Claudino.

Randas Gabriel: Claudino era bem ativo? Como você via a participação dele?

Frederico Morothin: Eu não me lembro muito da participação dele. Como eu te disse, eu não sei nem se ele participava do grupo do Paulo Hartung. Da equipe do Paulo Hartung, na época não, não me lembro. Que ele tenha participado desse grupo não. Então não posso falar muita coisa.

Randas Gabriel: Nas rodas de conversa com seus amigos vocês conversavam sobre política?

Frederico Morothin: Você diz na universidade?

Randas Gabriel: Nas rodas de conversas com seus amigos que eram homossexuais...

Frederico Morothin: Ah, sim. Sempre conversávamos sobre política. Porque o pessoal ligado ao movimento artístico, sempre se falava sobre política.

Randas Gabriel: Quais eram os assuntos que vocês conversavam?

Frederico Morothin: Ah, sim. Sempre se colocava a questão da ditadura, não só da imposição de você não ter liberdade de escolher. Mas também na questão do arrocho econômico, da falta de oportunidades. Sempre foi presente a falta de possibilidades, de mercado de trabalho. De melhoria da vida das pessoas. De as pessoas terem acesso não só aos serviços de boa qualidade. A gente sempre falava disso. Dessas dificuldades toda, passar por tudo isso, como continua hoje. Você vai num ônibus, você vê, poxa, um trabalhador submetido, ne? Você fica ali esperando o ônibus, pega um ônibus lotado, as vezes tem que ir em pé. Passar por um monte de coisa, aquela situação toda. A gente sempre discutia isso. A condição de que o povo de modo geral vive uma situação ruim, que a política deveria fazer algo para melhorar essas condições. Logico, que a gente se incluía como parte. Então a gente falava muito sobre isso.

Randas Gabriel: Você viu alguma peça teatral sendo censurada?

Frederico Morothin: Peça teatral censura? Ah, sim! Algumas. Tudo, todas as peças, até espetáculo musical era submetido a uma censura previa. Tanto para a classificação de uma faixa etária, a censura, chamavam de censura livre, ou censura 14 anos. Para ver se tinha alguma coisa que precisava ser cortada. Um absurdo isso! [Riso]. Mas assim, que eu me lembre, que eu ouvi falar, que tenha presenciado foi uma peça sobre o Fernando Pessoa. Que eu me lembre era isso, da peça de teatro. Agora eu tenho que me lembrar o nome da peça, mas era sobre o texto de Fernando Pessoa.

Randas Gabriel: Na década de 1980 surgiu o assunto AIDS na conjuntura nacional, você lembra como foi esse assunto?

Frederico Morothin: O surgimento da AIDS foi terrível né? Porque... não só, porque todo mundo vivia em função do desejo. Como eu falei, na expectativa do desejo. Se você saísse em um barzinho, chegava lá, você poderia encontrar um cara. O cara e um heterossexual e você um homossexual, a sua chance de você sair com aquela pessoa e vocês se gostarem e terem um renascimento, ou até serem amigos e se sentarem num bar e tomar uma cerveja, era uma coisa mais possível do que depois do surgimento da AIDS. Criou-se um preconceito muito grande. Quem fosse homossexual, que era mais explicito sua sexualidade passou a sofrer muito. E os próprios homossexuais começaram a ter paranoia, medo. Como ficou muito associado a doença a condição sexual, foi um banho de água fria. Acabou com essa coisa do desejo que todo mundo vivia, que era uma coisa libertação sexual que houve nos anos 1960 e 1970. Os anos 1980 acabou, o sonho acabou.

O sonho de um mundo igual aquele ideal do movimento Hippie. Essa coisa do desejo que todo mundo voltou muito para esse lado do desejo. Talvez a falta de perspectiva política tenha deixado as pessoas muito voltadas para o desejo sexual. Teve também o lance das drogas, que talvez tivesse ligado as drogas a uma alienação, mas as vezes também não. Não é o fato de você usar uma droga que você fosse alienado. As vezes pelo contrário, você pode ser altamente conscientizado, político. Mas eu vi assim, que foi um momento terrível.

Randas Gabriel: Você viu por parte do governo alguma política pública em relação a AIDS?

Frederico Morothin: Sim. A política da prevenção.

Randas Gabriel: Você lembra mais ou menos quando começou a ser propagado?

Frederico Morothin: Propagado você fala fazer a campanha?

Randas Gabriel: A campanha de prevenção.

Frederico Morothin: Foram os órgãos de saúde, todo mundo falando. Aí todo mundo começou a tomar as devidas precauções. Mas também houve essa quebra, um corte, no desejo. Os homossexuais passaram a se prevenir. Mas quem tinha uma cartela social sexual, uma pessoa que saia com uma mulher, ou transava com um gay, essas pessoas ficaram mais com medo, do grupo chamado homossexual. A partir daí surgiu um preconceito maior. Como você falou, essa questão de "gueto". A partir daí houve uma grande mudança nas relações humanas, como você se relacionaria sexualmente com uma pessoa. Antes tinha aquela ideia de amor livre, você sai, você transa com todo mundo, pega um ali outro lá [riso] isso tudo passou. Mesmo sabendo que já existiam outras doenças sexualmente transmissível, como sífilis e gonorreia. Acho que foi um divisor de águas mesmo. As campanhas sempre existiram, de conscientização.

Randas Gabriel: Em 1984 como você viu as eleições que Tancredo Neves ganhou e Sarney assumiu?

Frederico Morothin: Aí, eu achei que foi mais um golpe [riso]. Mataram Tancredo para botar o Sarney. Foi outro golpe que eles estão dando. Porque a própria questão da anistia... eu pensava assim, poxa, quem que estava errado? Quem são as pessoas que fizeram errado? Quem estava certo? Ah, todo mundo estava errado, então não vamos punir

ninguém? Não. Houve uma ruptura institucional e quem foi o responsável que deveria que pagar. Eram os militares. Então eles tinham que ter sido julgados e não os estudantes que se envolveram com luta armada. Eu pensava desse modo. Acho que foi a derrota total, a questão da anistia de anistiar todo mundo. Que anistiou os torturadores, os criminosos, os golpistas, anistiou todo mundo. Porque até hoje as pessoas ficam achando que quem livrou os amigos da prisão e da tortura sequestrando o embaixador, eram bandidos igual torturador. Assassino que matava as pessoas e jogavam no mar.

Randas Gabriel: Você viu o episódio em que o MR-8 e o ALN sequestraram o embaixador?

Frederico Morothin: Eu vi na TV, nos jornais. De qualquer forma saia essa notícia. Mas sempre assim "os subversivos". Era tudo subversivo. Quem fazia isso eram os subversivos.

Randas Gabriel: Eles chamavam homossexuais de subversivos?

Frederico Morothin: Que eu me lembre não. Mesmo na época da ditadura, o homossexual, mesmo que ele fosse muito extrovertido, muito aberto, muito explicito, ele era talvez mais respeitado. Respeitado não sei, ele era mais aceito, mesmo de forma jocosa. Questão do tratamento. Teve muitas pessoas que faziam decoração para a alta sociedade, faziam cabelo de mulheres da alta sociedade. Então eles até conviviam nesse meio, eles eram conhecidos. Então eles não eram marginalizados. Eles frequentavam aquele meio, que era um meio do poder, do dinheiro. Então tinha até um certo respeito na cidade, um certo status. Não via muito como marginalizado. Talvez um "homossexualzinho" pobre. Tinha um cara muito engraçado, ele era uma figura gente fina, engraçadíssimo. O nome dele era Zé, ele andava nos ônibus. Ele se sentava lá traz. Não se se era Zé Galinha, esqueci o nome dele, era um personagem ótimo. Era um gayzinho bem afeminado. Ele andava sempre no ônibus. Eu não sei se ele pegava o ônibus da noite, bem tarde, sentava-se lá trás, eu não sei se ele fazia pregação ou se ele ia para o ponto final dos trocadores. Para fazer uma pregação com o pessoal do ônibus. Quando eu andava de taxi, eu estudava a noite, eu encontrava com ele. Ele sempre estava a noite, circulando no ônibus. Pode ser que ele tenha sofrido algum ato de violência, sofrido alguma agressão. Eu lembro de alguns amigos, falarem de relatos de terem sido agredidos nos anos 1980. Alguns amigos meus me relataram caso de agressão por outras pessoas.

Randas Gabriel: Esses seus amigos que relataram essas agressões eram da classe média, classe baixa?

Frederico Morothin: Eles eram estudantes que moravam em república. Eles estavam no meio de uma classe média baixa. Moravam na Vila Rubim ou bairro de Fatima. Eles que relataram para mim: Sofri agressão, um dia estava andando na rua aí fui rendido pelos caras, fui assaltado. Agora esses outros amigos sofreram agressão mesmo, foram perseguidos no meio da rua e agredidos.

Randas Gabriel: Você via alguma relação de estigma entre os gays da classe média e os gays da classe baixa?

Frederico Morothin: Isso que eu queria falar. Claro que sim. O gay da classe alta era mais respeitado, tinha um status. Talvez alguém até pensasse duas vezes antes de mexer. Ah, não vou mexer com esse cara, quem sabe ele e poderoso, tem dinheiro, vai arrumar um advogado, consegue me prender. O gay da classe mais baixa ele era marginalizado. Ele era... faziam brincadeira jocosas, não uma coisa de brincadeira, de molestar mesmo. Talvez pelo fato de a pessoa não ser só mais humilde, mas também por ser muitas vezes extrovertida, ser muito afeminado, ser fora de um padrão. Além da homossexualidade ainda ser muito extrovertido, ser diferente, usar roupas diferentes, usar cabelo diferente, se comportar de modo diferente.

Randas Gabriel: Como as gays da classe média se vestiam?

Frederico Morothin: Nessa época, dos anos 1970 e 1980, não tinha uma moda específica para gay, ou diferente para o homossexual e para o heterossexual. Nisso aí eu não percebia muita diferença. Tinha aquela coisa que eu te falei, eu vi uma pessoa, um gay de classe média que viajou para os estados Unidos e voltou. Trouxe roupas americanas, bota de couro de cobra, boate bluma, cabelo *Black Power*. Ai, andava na rua e ficava todo mundo olhando aquilo, uma coisa bem americana. Padrão de moda americano. Mas em geral, as pessoas não eram tão diferenciadas pela roupa. No meio para o final dos anos 1970, tinha aquela coisa do movimento Hippie, talvez algumas pessoas usassem uma roupinha mais assim... Bata indiana..., mas todo mundo usava, até os rapazes usavam batinha indiana, calça larga, cabelo cumprido. Então eu não via muita distinção.

Randas Gabriel: Você percebeu alguma relação por parte das pessoas que apoiavam a ditadura comparando homossexuais ao comunismo?

Frederico Morothin: Não. Eu acho que não, que eu me lembre assim. Eu sei que era meio raro nesse lado da esquerda aparecer homossexuais. Era um ou outro que estavam envolvidos nesses partidos de esquerda. Eles eram um pouco fechados em relação a isso. Não posso afirmar porque não vivi no meio desses partidos. Eu não era filiado a partido político. Nunca me filiei a partido político. Então nunca vivi no centro disso, apesar de conviver com várias pessoas que fossem ligadas a partido.

Randas Gabriel: Existia alguma associação da homossexualidade a criminalidade?

Frederico Morothin: Não. Acredito que não. Eu acho assim, que todo mundo vivia, queria viver dentro de um padrão social de normalidade. Todo mundo quer parecer normal. As pessoas querem constituir família, casar-se, ter emprego, ter casa e carro, para dizer: Olha, eu sou uma pessoa normal, eu consegui. É claro que a pessoa naquela época, no período da ditadura, uma pessoa que era travesti ou mesmo homossexual, mesmo que fosse um cabelereiro. Essas pessoas andavam de algum modo, vestidos, alguns usavam... você perguntou de roupa, eu me lembrei agora, os homossexuais que explicitavam mais a sua sexualidade usavam roupas, tipo batas, calças mais largas, colares, alguma coisa na cabeça. Eu acho que qualquer pessoa queria parecer ser normal. Queriam arrumar um emprego. Deveria ser difícil ser homossexual abertamente e arrumar um emprego. Seria meio difícil. Isso eu nunca percebi muito. Muitos homossexuais, conseguiram ser professores. Foram para esse lado. Nunca para outras profissões, tipo bancário. Então, você vai ser professor universitário ou professor de escola. Eu acho que existe um medo, medo de ser rejeitado. Enfrentar a sociedade com seu posicionamento sexual ou político e difícil. Você contrariar a maioria.

Randas Gabriel: Você chegou a se assomar alguma vez? No emprego ou só para algumas pessoas?

Frederico Morothin: Não. Assumir que eu sou homossexual, não. Eu falo da minha experiência. Quando eu era pequeno, jovem, quando estava estudando o primário, eu vivia normalmente com meus amigos. Corríamos atrás das meninas, queria namorar as meninas. Eu não tinha percebido, mas já tinha visto, que existia relação entre homens. Garotos da minha idade que se relacionavam sexualmente. Não ia dizer: Ah, ele é gay ou é homossexual. Até porque depois eu fui encontrá-los e eles tinham casado. La naquela época você transava. Eu estou falando da minha experiência. Acho que sexualidade é uma coisa que você tem que estudar muito. Até um tempo da minha vida, eu achei que seria

uma pessoa normal. Que fosse casar e ter filhos. Embora, eu tivesse tido uma relação homossexual na infância. Depois, talvez por causa de toda essa época que a gente viveu, muito repressiva e pela própria condição. Pois era tudo muito difícil, você se colocar no meio da sociedade. Por alguma razão eu fui me voltando um pouco para minha homossexualidade de forma bem discreta. Eu nunca achei que deveria: Olha, eu assumi, eu sou gay. Porque eu achava que existia a possibilidade de eu casar com uma mulher, ter filhos. Acho que eu deveria ser um ser, de gostar de um homem, mas eu também poderia me apaixonar e gostar de uma mulher. Então eu nunca senti essa necessidade de me afirmar e assumir. E muito complicado. Eu estou falando da minha experiência. Não quer dizer que outras pessoas se sintam diferentes, ou se posicionem de modo diferentes.

Randas Gabriel: Você chegou a conhecer alguém que era ativista da causa homossexual? Que cobravam você de assumir?

Frederico Morothin: Existia. As pessoas falavam que você tem que se assumir [riso]. Tinha pessoas que eram homossexuais e a pessoa até brincava. Tinha pessoas que eram casadas, tinham filhos, viviam normal, mas de repente encontrava algum ou tinha desejo por alguém e ia lá e transava. [Imitando alguém]: “fulano tinha que assumir que ele é homossexual. Mas de repente ele pode ser bissexual. Ele pode gostar de uma mulher, ter desejo por mulher e pode ter desejo por um homem”. Cada pessoa tem um universo. Acho que a gente vive numa sociedade... poder ser até defeito da própria ciência, querem caracterizar tudo. Você é gay, você é bi, você é hétero, você tem que ser assim, tem que ser assado. Por que a pessoa tem que se assumir? Por que todo gay tem que ser afeminado? Por que todo gay tem de fechar? Antigamente a gente falava assim "fechar" [imitando alguém] Ah, fulano era uma fechação. Eu via muito isso no meio dos homossexuais [imitando alguém] Era maior fechação, chegou lá, fez e aprontou. Então tinha muitas essas coisas assim. Você imagina se um cara vai ser professor, entrar na universidade, vai ser difícil até para as pessoas... Claro que existiam no meio, essas pessoas que queriam que todo mundo... Ela se assumiu desse jeito, achava que isso era o certo a se fazer e queria que todo mundo fizesse igual a ela. [Imitando alguém]: você tem que ser assim, tem que ser como eu sou, como eu fiz. Então eu penso que é assim.

Randas Gabriel: Você já foi em alguma parada LGBT?

Frederico Morothin: Fui sim. Fui para ver, olhar.

Randas Gabriel: Em 1990 houve a despatologização da homossexualidade, ou seja, a homossexualidade deixou de ser considerada doença para OMS. Você lembra desse evento? Como que foi as pessoas falando?

Frederico Morothin: Me lembro disso daí sim. Mas o que que isso mudou na verdade eu não sei. Se mudou no comportamento das pessoas e tudo. Eu acho que no Brasil é uma sociedade muito preconceituosa, principalmente preconceito social. É claro que o gay de classe média alta, vai ser muito mais aceito e passar por tudo de uma forma muito mais fácil, do que um gay de uma classe mais baixa. A gente vive numa sociedade estratificada economicamente. A gente não conseguiu nem atingir aquele patamar de uma classe média... o trabalhador de ser um trabalhador de classe média. Só quem conseguiu isso é uma minoria.

Randas Gabriel: Como foi a década de 1990?

Frederico Morothin: Eu nem vi passar [riso]. Eu acho que os anos 1980 foram péssimos, pelo sentido de depois de um período de ditadura, se esperava que as coisas fossem melhorar, não se melhorou. Continuou-se as impossibilidades das coisas. Veio a questão da AIDS, que foi que aumentou ainda mais a repressão. E a gente passou a sofrer outro tipo de repressão. Havia-se a possibilidade política, mas também havia a econômica. A economia ficou muito pior nesse período dos anos 1980. E nos anos 1990 acho que foi uma década meio vazia. Vazia de destituída de tudo. Chega uma hora, o poder da mídia, o poder dominante, conseguem dominar tudo. Conseguem fazer com que as pessoas se desinteressem pela política. O que está acontecendo agora. Aí você pensa que todos os políticos são corruptos ou aparece um maluco aí se dizendo moralista que vai consertar tudo. Um salvador da pátria doido. Eles constroem toda classe política e você cria aquele vazio. Então os anos 1990 foram anos muito difíceis. Os anos 1980, apesar de toda essa coisa, ainda existia um pouco de alegria. Mesmo com a AIDS, até a metade nos anos de 1985, existiam mais esperança, as pessoas sonhavam. Aí começou a cair um pouco naquele vazio. As ideologias foram se perdendo. Veio aquele discurso de que a história tinha acabado. Caiu o muro de Berlim. Então se esvaziou tudo. Não há mais esperança, então o que é vida? Você ter dinheiro, consumir e pronto. Se você não tem então coitado, você está fodido. Eu achei os anos 1990 péssimo. Os anos 1980 ainda tinha uma alegriazinha, meio fim de festa. Vamos dançar, cantar, beber [riso] fim de festa. Ai os anos 1990 foi meio uma ressaca [risos].